

LIVRO UM
AS CRÔNICAS
dos
IRMÃOS CELESTIAIS

A QUEDA DE LÚCIFER

UM ROMANCE ÉPICO DE
WENDY ALEC





Wendy Alec

**AS CRÔNICAS IRMÃOS CELESTIAIS 01
A QUEDA DE LÚCIFER**

Tradução Marcelo Borges

JANGADA
2013

Dedico este livro a "Doe" Koefman, meu amado pai terreno, em seu nonagésimo segundo ano de vida.

Dedico-o também a Jeová, meu amado pai celeste, para quem este livro foi escrito a fim de contar Sua história.

Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da manhã!

SUMÁRIO

Prólogo
Consequências - 2028
O Primeiro Céu - Cem milênios antes
A Consagração
Os portais
O Éden
Matinas
O revelador
O homem
Traição
A Câmara de Esgrima
Sementes de revolta
Ébano
Indisposição
Glória
Pedra de Fogo .
Torre dos Ventos
Guerra no céu
À leste do Éden
Gabriel
Os documentos de propriedade
Estrada para Perdição
Prisão
Um invasor no reino
Coroação
A semente do demônio
O veredicto
A Arca
Julgamento
O Tártaro
Dois a dois
As Fontes das Profundezas ...
Babilônia
A ação
A Montanha Sagrada de Deus
Os cofres
Ex nihilo
Tentação
A nova estrela
Mul Bar Bar
Conselho Sombrio
Reunião
Epílogo

PRÓLOGO

PETRA - 2017: TEMENOS INFERIOR - O GRANDE TEMPLO

A figura alta e frágil, o peso todo escorado na velha bengala de prata, coxeou lentamente pela penumbra, sob os blocos brancos de concreto hexagonal, passando por colunatas triplas, até se deter à entrada do sítio mais recente de escavação do Temenos Inferior em Petra, na Jordânia. Seguindo-o, a uns três metros de distância, havia um garoto árabe que não poderia ter mais que dez anos.

- Apresse-se. - O tom educado do homem era suave, embora convincente. - Apresse-se!

As ordens para os escavadores tornaram-se mais intensas. Ele observou os cinco trabalhadores jordanianos com impaciência mal disfarçada, depois fez um gesto para Waseem, que agilmente atou um arnês com uma corda ao redor da cintura.

Largando a bengala, o inglês passou a descer pelo poço principal. Então, cerrou os dentes em reação à súbita e intensa onda de dor.

- Malik...! - gritou Waseem.

O garoto árabe inclinou-se sobre o poço, agarrando, horrorizado, o paletó de linho do inglês.

Naquela fração de segundo, as luzes fracas da escavação piscaram, o rosto do inglês foi iluminado de súbito. Nick De Vere era jovem - extraordinariamente jovem; não tinha mais que 26 anos - e seria um homem bonito, caso as belas feições angulosas não fossem tão frágeis. Suspirou e afastou a franja loira da testa, revelando olhos sérios e cinzentos, com longos cílios negros. Franziu o cenho para o menino.

- Waseem - sussurrou -, você por acaso é minha mãe?

O rosto do garoto se fechou em uma expressão irritada, e ele afrouxou a pressão no paletó de Nick.

- Você está doente, Malik. Não devia estar fazendo esse tipo de coisa. Um sorriso cansado esboçou-se na boca de Nick. Deu as costas ao garoto e, de um segundo para o outro, passou a tremer com violência. O suor lhe escorria das têmporas. Apalpou o bolso à procura da caixa prateada de comprimidos e, com os dedos inquietos, tentou abri-la.

- Waseem... - murmurou, a voz quase inaudível.

Waseem tomou a caixa da mão de Nick quando os olhos cinzentos começaram a revirar. Nick agora pendia da corda no centro do poço, semi-consciente, como um peso morto.

O garoto árabe puxou a corda, resgatando Nick de volta para a caverna. Abriu a caixa de comprimidos e jogou quatro cápsulas gelatinosas no fundo da boca de Nick.

- Engole, Malik... engole.

Nick engoliu, e o corpo dele rolou pela terra, a cabeça apoiada no colo do garoto árabe. Waseem lhe entoou um canto suave... como o de uma mãe.

* * *

Muito depois, Nick foi descendo... descendo... dois metros, depois quatro metros pelas laterais guarneçadas do poço leste. Waseem o seguiu, descendo... descendo... descendo também, até ficarem diante do segundo grupo de escavadores jordanianos, em um local mais profundo do que qualquer equipe de escavação já chegara na história de Petra. Os olhos de Nick se concentraram na pequena faixa de metal dourado que reluzia sob as cinzas.

Zahid, o fiel chefe de escavação, um velho beduíno, voltou-se para ele, os olhos ancestrais inflamados pela imaginação.

- Os dois homens de fogo, Malik... - Zahid exclamou com seu sotaque entrecortado e carregado. - Talvez digam a verdade.

A respiração de Nick ficou mais rápida.

Zahid fez um gesto para que os escavadores se mantivessem em silêncio. Recuaram ao mesmo tempo, como se fossem um só. Ele colocou a mão envelhecida, cor de nozes, sobre a de Nick, guiando-a sobre a areia que cobria o metal dourado.

- Talvez, Zahid... - murmurou Nick entre dentes. - Talvez. Passou a afastar a areia com certa impaciência. Waseem uniu-se a ele, as mãos voando sobre a faixa de ouro.

- A escova, Zahid - Nick pediu em tom brusco.

Zahid pôs uma escova de cerdas na palma de sua mão. Gentilmente, Nick escovou a areia que cobria a superfície do metal com pequenos e ágeis movimentos, até o centro ficar completamente limpo, revelando um entalhe perfeito, do tamanho de um prato de jantar.

Nick esticou a mão.

- Waseem... - sussurrou.

Waseem passou-lhe um rolo de papel amarelado. Nick tirou-o de sua mão e, trêmulo, estirou-o sobre o metal ao lado do entalhe.

- Homens de fogo, Malik? - As mãos do velho beduíno também tremiam. - Dizem a verdade?

Nick pôs os óculos e se inclinou sobre o metal dourado, enquanto Zahid e Waseem o observavam, ambos com a respiração curta. Devagar, Nick ergueu os olhos, o rosto inflamado pelo êxtase.

- Zahid! - Ele beijou com fervor as duas faces do velho. - Faça os homens cavarem!

* * *

MAIS TARDE

Já era mais de uma da manhã quando a caixa ficou plenamente visível, e outras duas horas já haviam se passado quando a caixa repousou entre as paredes da pedra branca e hexagonal do Temenos Inferior. Tinha um metro e vinte de largura e sessenta centímetros de profundidade, confeccionada com um ouro quase translúcido e adornada com uma grande variedade de raras pedras preciosas. Parecia-se muito com a antiga relíquia sagrada dos hebreus, a Arca da Aliança, com seus querubins e serafins, exceto por ser menor e, bem no centro, ter uma insígnia grande, muito bem entalhada, com três entalhes menores logo abaixo do maior. Nick deslizou a mão sobre eles.

- O brasão real, Zahid - murmurou. - Da Casa de Jeová.

Waseem apontou para os três entalhes menores. O olhar se voltou, intrigado, para Nick, os olhos arregalados pela curiosidade.

- O selo dos três maiores príncipes. - Nick observava Zahid, que ia de um lado para o outro. - Os grandes homens de fogo... três arcanjos.

Os olhos de Zahid se abriram ainda mais em apreensão. Nick continuava a estudar os entalhes, os olhos cravados na caixa. Acompanhou o brasão de armas suavemente com a ponta do dedo.

- Valor e justiça - murmurou. - O grande Príncipe Mikhail.

Waseem apontou excitado para o terceiro selo.

- Jibril! Jibril! - gritou.

Nick fez que sim.

- Gabriel... - sussurrou. - O revelador.

Zahid olhou estático e trêmulo para o terceiro selo. Pouco maior que os outros dois, possuía um magnífico rubi carmim-escuro como peça central. Os meneios do corpo se agitaram um pouco mais.

Nick deslizou o dedo com gentileza pelo rubi.

- E eu o expulso, ó Querubim Guardião - sussurrou -, do seio das Pedras de Fogo.

Nick e Zahid trocaram um longo olhar, apreensivos. Nick respirou fundo.

- E, agora, aquilo pelo que viemos...

Com a ajuda de um macaco mecânico, Zahid levantou a pedra que revestia a caixa, o suficiente para enfiar duas longas vigas de madeira na abertura. Mais um esforço do macaco e a pedra se espatifou em duas sobre o chão de cinzas. Nick observou os outros escavadores, encolhidos todos juntos, os olhos petrificados fitando a pedra. Saíram correndo como animais assustados, deixando os três sozinhos na penumbra.

Nick assentiu com a cabeça. Os três se agacharam e, devagar, ergueram a tampa pesada. De imediato, a caverna se encheu de uma luz deslumbrante e iridescente, que se ergueu com sete colunas de uma incandescente chama branca, reluzindo em toda a câmara.

Zahid e Waseem prostraram-se sobre as cinzas.

- Allah Akbar! Allah Akbar! - gritaram em uníssono.

Nick caiu de joelhos, o braço protegendo os olhos do calor causticante. Lentamente, as colunas foram se assentando, e, quando a névoa branca esmaeceu, dois enormes códices encadernados em ouro tornaram-se visíveis no compartimento superior da caixa.

Com muito cuidado, Nick estendeu as mãos e retirou o códice da parte superior.

- Os textos angelicais... - murmurou, deslumbrado.

Abriu devagar o códice, movendo os dedos ao longo das linhas de uma estranha escrita dourada. Enquanto fazia isso, os textos angelicais pareceram assumir vida própria, reluzindo e dançando em meio aos feixes de luz que emanavam deles.

- O mais antigo dos antigos textos angelicais - sussurrou para Zahid, que ainda se encontrava prostrado no chão, o rosto junto à terra.

Mansamente, o velho beduíno ergueu o rosto e se deparou com os códices, estupefato diante do palpitante texto angelical, agora em árabe. Nick deslizou o dedo sobre o título, e as reluzentes letras árabes transformaram-se de imediato em inglês.

- Anais Secretos do Primeiro Céu... A Queda de Lúcifer. - A voz tornou-se um fraco murmúrio. - Tal como registrado por Gabriel... o revelador.

CONSEQUÊNCIAS

2028

Lúcifer estava em pé, uma figura imperial. O monstruoso carro preto de guerra, montado sobre relâmpagos, as imensas rodas de prata dotadas de afiadíssimas lâminas de combate, era puxado por oito dos melhores garanhões de asas escuras, as crinas adornadas com platina, ajaezados para a guerra e resplandecentes em um negro tão escuro quanto a noite.

Por um breve instante, os raios do sol irromperam, as nuvens se dissiparam, e Gabriel pôde ver os lábios de Lúcifer moverem-se em palavras incoerentes com os encantamentos do condenado. Gabriel não se virou em sua direção, mas avistou a sombra dos cavalos sobre as nuvens quando o carro de guerra passou por ele, o emblema carmim da chama infernal balançando orgulhoso na bandeira do mundo inferior.

Passou tão perto que a égua branca de Gabriel estremeceu e resfolegou ao sentir o odor pútrido da magia satânica. Gabriel virou a cabeça para o lado oposto ao da presença nociva.

As feições disformes e cobertas de cicatrizes estavam agora mascaradas pelo elmo de combate, com seus imperiosos e cruéis olhos azul-safira e a pose majestosa. Ele ergueu a cabeça de longos cabelos negros reluzentes, entremeados de platina de relâmpagos, e o punho brandiu o chicote de nove pontas ameaçadoramente.

Lúcifer encontrava-se glorioso e temível ao estudar o vale que se estendia à frente. Uma espessa névoa vermelha de sangue humano misturava-se ao odor de carne humana queimada, que se erguia sem cessar do vale de carnificina. Milhões de soldados massacrados - chineses, europeus, americanos, árabes, israelenses - flutuavam ao lado de cavalos afogados, tanques e outros veículos blindados semi submersos, em um vasto pântano sanguinolento e lamacento com mais de trezentos quilômetros de extensão - tudo que restara após o ataque do maciço exército de duzentos milhões de soldados.

Centenas de milhares de abutres, as asas se alongando por quase três metros, escureciam o céu escarlate, circulando em voo os campos de extermínio, enquanto imensos bandos de rapinantes deliciavam-se com carne humana. Nos arredores do Vale de Jezreel, em terreno mais elevado, corpos, membros dilacerados e cabeças decapitadas jaziam em amontoados aleatórios.

Um holocausto.

O silêncio assustador espalhava-se como um manto pesado sobre o vale. Nada o quebrava, exceto os gritos lancinantes dos abutres. Lúcifer vagava pelo pântano sangrento, que alcançava a rédeas dos cavalos negros, em busca de terreno mais elevado. Um sorriso de aprovação estampou-se na boca carmim. Então, sentindo uma presença, virou o carro de guerra naquela direção.

Muito distante dali, na extremidade do vale, de frente para Lúcifer, uma figura majestosa, montada em um esplêndido garanhão árabe, inspecionava o lugar.

Miguel tirou o elmo dourado, e os longos cabelos cor de milho caíram-lhe sobre os ombros largos. Os olhos verdes irradiavam nobreza. Ergueu a Espada da Justiça com os dentes cerrados - único indício de sua fúria inflamada.

Um sorriso irônico brincou nas feições de Lúcifer. Ele o saudou com deboche.

- Guarde a espada, meu irmão! - A voz de Lúcifer estilhaçou o silêncio lúgubre. - Ainda não é hora.

- O Julgamento vem célere, Lúcifer! - O nobre tom da voz de Miguel ecoou pelo vale.

Lúcifer ergueu a viseira do elmo com um movimento brusco. Puxou as rédeas dos cavalos, mal contendo a impaciência.

- Nem Miguel pode reverter o que está escrito.

Do outro lado do vale, Miguel aguardava, feroz, silente.

Montado em pelo na égua branca, Gabriel surgiu atrás de Miguel no horizonte, os longos cachos platinados caindo sobre os ombros, face e cabeça descobertas, o arco prateado pendendo ao lado do corpo.

Uma vulnerabilidade fugaz atravessou o semblante de Lúcifer.

- Gabriel... - sussurrou com suavidade. Em seguida, um estranho sorriso maligno brilhou em seu rosto. - Uno por toda a Eternidade! - gritou.

Gabriel respirou fundo e abaixou a cabeça.

- Irmãos! - ecoou o grito de Lúcifer... atormentado. Os olhos negros brilhavam enquanto brandia o chicote de nove pontas em ameaça. - Vou aniquilar toda a raça dos homens antes do fim.

Lançou violentamente as caudas de pantera cobertas com aço afiado sobre o lombo do principal cavalo da tropa, fazendo-o sangrar. Os olhos do cavalo se inflamaram e ele resfolegou de dor, chamas e fumaça sulfúrea saindo-lhe pelas ventas.

- Terei minha vingança! - berrou Lúcifer.

Ele e os garanhões mefistofélicos lançaram-se sobre a crista ardente e branca dos furacões negros e cavalgaram sobre relâmpagos, desaparecendo no céu vermelho-escuro.

Lúcifer, meu atormentado irmão, você devolveu minhas cartas sem abri-las.

A ponta da pena perolada de Gabriel arranhava incessantemente o grosso papel de linho encimado pelo timbre do príncipe regente.

Todo um milênio se passou, mas você se manteve em silêncio. Nosso Pai Eterno lamenta profundamente por você, assim como Miguel e eu. Exortamo-lo a se arrepender.

Sei que você ainda pensa em mim, pois neste mesmo anoitecer recente seu semblante torturado assombrou minhas horas de sono e vigília. Cavalguei neste amanhecer pelos luxuriantes campos dourados das planícies orientais do Éden, que você amava com tanto ardor, e me lembrei dos dias cálidos do Primeiro Céu, quando passávamos as luas brincando e praticando esgrima, e também de nossa tríade de fraternidade.

Gabriel largou a pena e afastou os longos cabelos dourados da testa. Um sofrimento terrível lhe entristeceu as feições.

- E me lembrei daquela época em que as sombras ainda não haviam se abatido sobre nosso mundo. - A voz era pouco mais que um sussurro. - Quando éramos apenas irmãos.

CAPÍTULO I

O PRIMEIRO CÉU CEM MILÊNIOS ANTES

O reflexo azul-pálido das doze luas reluzia no horizonte alaranjado do Primeiro Céu. Estrelas cadentes e relâmpagos cruzavam o mar de cristal prateado, e a areia branca perolada da praia celestial dava a impressão de brilhar até o infinito. A cada onda, punhados de diamantes luminosos, do tamanho de romãs, chegavam às areias cintilantes. No horizonte oriental, quase invisível sobre a orla marítima, ficava o Éden, com seus magníficos e ricos jardins suspensos e cascatas de ametistas.

A alguns quilômetros dali, cavalcando em pelo sobre as cristas das espumas prateadas das ondas, um vulto musculoso e familiar passou correndo por Gabriel, cuja égua branca se inclinou para frente. Miguel, o peito nu, ria exuberante enquanto passava, a nobre cabeça erguida, os cabelos trigueiros esvoaçantes.

- Gabriel, o palácio! - gritou com excitação, ao cavalgar célere pela espuma das ondas.

A égua branca de Gabriel se apressou pela parte rasa, até ficar pescoço a pescoço com Miguel, galopando sobre os íngremes e acobreados Penhascos de Zamar.

A distância, na ala oeste do Palácio dos Arcanjos com suas colunas douradas, bem acima do muro ocidental, uma solitária figura imperial observava a corrida dos irmãos. Encontrava-se no enorme balcão adornado por pérolas dos aposentos palacianos, com uma magnífica pantera-negra inquieta a seu lado, usando no pescoço um pesado colar de ouro cravejado de rubis. As feições de seu rosto, esculpidas em alabastro, exibiam magnífica beleza. A ampla testa lisa como mármore, maçãs do rosto proeminentes, nariz reto como o dos patrícios, e uma boca passional e de lábios grossos eram emoldurados por cabelos longos e brilhantes, preto-azulados, que lhe caíam sobre os ombros, pousando sobre as vestes alvas e reluzentes. Uma cinta dourada envolvia sua cintura, e os pés tinham calçados de ouro. A capa de veludo carmim-escuro flutuava atrás dele ao sabor da brisa, e a espada dourada, com lâmina larga cravejada de rubis, pendia a seu lado. A cabeça era coroada por uma luz translúcida, que parecia dançar sob os zéfiros angelicais.

Lúcifer observava com atenção a corrida dos irmãos pelas margens orientais, os imperiosos olhos cor de safira emanando um azul

fervilhante, o olhar cravado sobre os dois cavalos que galopavam sobre a areia.

Miguel atravessava a praia em velocidade, Gabriel a um corpo de distância dele, e ambos passaram pelos maciços portões de pérolas de sessenta metros de altura. A entrada do Primeiro Céu.

As montarias marcaram com o tropel de trovões os grandes e reluzentes diamantes, pavimento da sinuosa avenida que conduzia ao senhorial Palácio dos Arcanjos com suas colunas douradas. Quando os cavalos se aproximaram, as portas do palácio se abriram como subordem de uma força invisível.

Lúcifer deu um tapa na coxa e abriu um sorriso divertido quando Miguel, em uma explosão final de energia, freou o cavalo dois corpos adiante de Gabriel.

- Estratégia, Gabriel... Estratégia de Miguel! - comentou.

Miguel e Gabriel galoparam pelas fileiras de grandes colunas brancas, passando pelos vastos jardins de inverno, e se detiveram diante da ala oriental do palácio. Os aposentos de Miguel ficavam atrás dos amplos salões. Lá, ele nadava todas as tardes, ao cair do sol, nas fundas e cálidas fontes que fluíam pelos cômodos do palácio.

Miguel apeou com agilidade e subiu os degraus dourados. Titubeou um segundo do lado de fora das pesadas portas de ouro gravadas com o emblema da Casa Real e, sorridente, saudou Lúcifer no terraço. Lúcifer ergueu a mão em resposta, os olhos azuis iluminados pela satisfação, e depois voltou a seus aposentos palacianos.

O teto arqueado de seu santuário interior erguia-se a mais de trinta metros. Fora decorado com afrescos maravilhosamente pintados - tons de azul-celeste, índigo, heliotrópio, ameixa e ametista fundiam-se em magenta e escarlate. Paisagens espetaculares cobriam os elaborados tetos esculpidos dos aposentos. A Capela Sistina de Michelangelo, ainda a ser criada, seria apenas uma réplica esmaecida dos majestosos efeitos de ilusão de óptica criados por Lúcifer.

As enormes janelas do palácio, da cor de rubis, escancaravam-se, e os sons de orações angelicais no Monte da Assembleia ecoavam pelo recinto.

Ao pé das imensas paredes, bem no centro do quarto, havia uma grande harpa eólia dourada. Espalhados pelo lugar, instrumentos musicais de todos os tipos: liras, alaúdes, saltérios, dulcimeros, órgão de tubos, uma coleção de flautas, pífanos, pandeiros, tubas, sinos e sinetas.

Lúcifer agachou-se e pegou uma viola e seu arco, que ficavam em lugar de honra, ao lado da harpa. Dedilhou as cordas do instrumento

enquanto se dirigia de novo à sacada. Com dedos ágeis e adornados por joias, fez correr o arco sobre o cavalete, os olhos fechados em êxtase ao tocar, mestre supremo de seu instrumento, em adoração a Jeová.

De súbito, uma luz estonteante e pulsante iluminou-o, cegando-o e cobrindo por completo o terraço perolado. Caiu de joelhos, a viola jogada sobre o chão de mármore, protegendo, com o antebraço, os olhos da claridade ofuscante.

Um êxtase genuíno animou-lhe o semblante. Esquecendo-se dos irmãos, afastou aos poucos o braço do rosto, os olhos acostumando-se gradualmente à radiância alvíssima que descia em cascatas sobre ele em feixes flamejantes e iridescentes. Ergueu o olhar, meneando a cabeça de um lado para o outro, banhando as feições nos prismas de fogo branco, embebendo-se à vontade de brilho intenso. Voltando o rosto para o panorama cintilante à frente, curvou a cabeça, erguendo os braços para o céu, as fortes mãos viris espalmadas em reverência.

- Nosso Pai...

A luz se intensificou drasticamente.

- Criador... Preservador...

A luminosidade decuplicou, irradiando-se das profundezas da vasta cadeia de Montanhas Douradas.

Do lado de fora do palácio, o brilho externo da radiância emanava de milhares de formas angelicais translúcidas e águias brancas, que cobriam a vasta cadeia dourada de montanhas e o Palácio de Cristal transparente, a milhares de quilômetros, além da névoa branca e ondulante.

Ao redor do perímetro do palácio, havia uma imensa e alta parede de jaspe, com mais de trinta metros de largura e cento e vinte de altura, adornada com uma profusão de diamantes, esmeraldas, jacintos, ametistas, jades e lápis-lazúlis, todas exsudando a própria luminosidade encantadora. Além da parede norte, quase obscurecidas por completo pela montanha, espalhavam-se as infinitas planícies de ônix do Monte do Norte, o Monte da Assembleia Angelical, onde cem milhões da hoste dos anjos reuniam-se em legiões, servindo sob três grandes regentes: os três arcanjos; os príncipes-chefes; o trio de poderosos guerreiros e comandantes de Jeová: Miguel, Gabriel e Lúcifer.

Erigindo-se sobre a parede ocidental, encontrava-se o esplêndido Palácio dos Arcanjos, no qual os três irmãos moravam em harmonia e companheirismo - uma tríade fraternal. Miguel, príncipe-chefe e sagrado comandante das hostes angelicais de Jeová, instituído de

valor, honra e poder. Miguel, o guerreiro. Gabriel, o revelador - o príncipe mais jovem, repleto de sabedoria e de justiça, e prestes a ser consagrado. E o mais velho dos três irmãos, o mais adorado do céu, Lúcifer, o portador da luz, príncipe regente e vice-rei de Jeová. Seu trono perdia apenas para o trono real do próprio Jeová. Lúcifer, repleto de sabedoria e magnânimo em sua beleza. O que brilha.

Nos dias em que Lúcifer subia até o mais elevado mirante dos balcões perolados, conseguia divisar o translúcido Palácio de Cristal, escavado em um único e imenso diamante e alçado sobre a montanha onde viviam os Vinte e Quatro Anciões - monarcas angelicais, velhos governadores do céu e intendentess dos mistérios sagrados de Jeová. Os Anciões sagrados, com cabelos brancos como seda fina caindo ao chão, usavam coroas douradas na cabeça, sendo executores dos propósitos sagrados de Jeová.

No ápice do palácio, três imponentes domos de cristal, os portais, cercavam uma imensa torre dourada encimada por sete cúspides, que desapareciam nuvens acima. Os portais davam a impressão de não ter teto, estendendo-se até as galáxias, das quais estrelas anãs vibrantes e luas irradiavam-se sem cessar sobre cada portal - quase como uma extensão dos milhares de sistemas solares que brilhavam sobre o palácio.

Voando em torno das sete cúspides, próximas do cume, havia uma miríade de águias brancas, com envergadura de mais de seis metros. Pés e bicos pareciam imersos em ouro puro - as mensageiras de Jeová.

A leste das cúspides existia uma vasta torre, as ameias completamente expostas ao céu: a Torre dos Ventos. No centro, encontrava-se uma grande mesa dourada cercada por oito tronos de ouro, nos quais os zéfiros angelicais da Sabedoria e da Revelação circulavam em ciclones eternos, soprando sabedoria sobre os Anciões quando estes se reuniam nos conselhos celestes. Cem corujas brancas enormes empoleiravam-se nas ameias.

Trovões e relâmpagos azulados emanavam da vasta torre dourada, ela própria cercada por magníficos jardins que pareciam pender do infinito, milhares de quilômetros acima da montanha, como se suspensos por uma força invisível - os Jardins Orientais do Éden, onde Jeová caminhava no frescor do dia.

As monumentais Cachoeiras de Néctar trovejavam a mais de quinhentos quilômetros abaixo dali, refletindo os matizes mutáveis do arco-íris do horizonte do Éden. Emoldurados por grandes e velhos salgueiros, os rios fluíam para norte, sul, leste e oeste, além dos

luxuriantes jardins celestes, banhando o Primeiro Céu. Unicórnios e órix pastavam nos campos do Éden, e botos e ouriços-do-mar se divertiam nas lagoas profundas sob as cachoeiras. Aves do paraíso, flamingos de tonalidades do arco-íris e grifos azuis planavam em fontes termais. Gigantescos cisnes azuis e seus filhotes flutuavam correnteza abaixo, rumo ao mar de cristal.

Na extremidade mais remota dos jardins suspensos, erguiam-se duas árvores maciças, os frutos lançando reflexos dourados e quase totalmente envoltos em uma névoa esbranquiçada e ondulante. Ao norte das duas árvores havia uma porta dourada colossal, incrustada em rubis e cintilante, embutida nas paredes de jacinto da torre - a entrada para a Sala do Trono.

Era ali que a luz e o trovão pareciam ter se originado. E era ali onde morava o Uno, que era a própria luz e do qual toda luz se originava. O Uno diante do qual todos os céus e galáxias fugiam. O Uno diante do qual todo céu se prostrava, como se estivesse morto, pela própria majestade e encanto Dele. O Uno cujos cabelos e cabeça eram brancos como a neve devido à radiância de Sua glória, cujos olhos relampejavam como chamas de fogo em vida, com o brilho de Sua profusão de discernimentos e Suas grandes e infinitamente ternas compaixões. O Uno diante de quem todos os príncipes e reis angelicais lançavam coroas douradas em reverência, maravilhados.

Sua beleza era indescritível, e os poucos que chegavam a ver Seu rosto não podiam deixar de ouvir Seu nome sem chorar. As faces ficavam radiantes e cálidas, e choravam sem cessar, fascinados e extasiados, pois Suas ternas graça e piedade eram insondáveis.

E assim, como Uno, Ele habitava a Sala do Trono.

E como Tríade.

Pois eram indivisíveis.

E indissolúveis.

Vivendo como um grande e sagrado Mistério.

E, desses grandes e maravilhosos segredos, os Vinte e Quatro Anciões, os idosos monarcas angélicos, eram guardiões.

Lúcifer respirou fundo. Uma paz profunda e palpável lhe iluminou as feições.

- Jeová - disse.

Com sua grande força, Miguel abriu as maciças portas de ouro dos aposentos de Lúcifer. Caminhou sobre o luzidio piso de safira, lançando a capa sobre um dos imensos tronos de ouro, e depois percorreu as colunas adornadas com joias até chegar às portas do terraço. Curvou-se bastante em reverência ao irmão.

- Grande Príncipe Lúcifer, repleto de sabedoria e magnânimo em sua beleza.

Lúcifer ergueu lentamente a cabeça para Miguel. Um sorriso maravilhoso iluminou seu semblante.

- Miguel, meu irmão...

Miguel enroscou com um dos braços o pescoço de Lúcifer.

- Creio que o jovem Gabriel foi vítima de sua tática mais sutil!

Abraçaram-se com grande afeto e depois se curvaram em profunda reverência mútua.

Gabriel surgiu no terraço. Os olhos cinzentos brilhavam com a excitação da corrida. Curvou-se em reverência a Lúcifer e, depois, com certa ironia para Miguel.

Os três majestosos príncipes angelicais estavam juntos: figuras deslumbrantes, estonteantes, com dois metros e setenta de altura, musculosos e bronzeados sob as vestes brancas. Os olhos verdes, intensos e inteligentes de Miguel destacavam-se na nobre face lapidada, suavizada apenas pelas incongruentes covinhas que acompanhavam suas raras, mas contagiantes, risadas. Os límpidos cabelos claros estavam amarrados com esmeraldas e ouro em uma única trança farta. Gabriel, o mais jovem, estava a seu lado, o semblante leve e harmonioso. As feições eram impecáveis, quase femininas: maçãs do rosto perfeitamente esculpidas; longos e finos cachos platinados; semblante nobre e rosto em forma de coração. As asas dos irmãos eram uma mescla de matéria corporal e etérea, visíveis apenas sob certos ângulos, dando a impressão de milhões de átomos irradiando-se à velocidade da luz.

- Gabriel. - Lúcifer aproximou-se dele, beijando-lhe as duas faces. - Amado Gabriel, um grande dia desponta para você. - Recuou um passo e o observou, o orgulho de irmão mais velho brilhando nos fulgurantes olhos cor de safira. - Daqui a poucas luas, você vai se juntar a seu irmão e a mim no serviço ao nosso Pai. É uma grande honra. Está preparado para assumir essa responsabilidade?

Gabriel contemplou os olhos verde-claros de Miguel e depois os generosos olhos safira de Lúcifer.

- Gabriel - sussurrou Lúcifer com paixão, tomando o rosto do irmão entre as mãos -, a responsabilidade... um terço das hostes angelicais, totalmente sob seu comando. Está pronto para dominar o manto do poder, o peso das prestações de contas? - Ele envolveu o ombro de Gabriel, como que o protegendo.

Gabriel olhou fixamente para o irmão mais velho, sem nenhum resquício de medo ou maldade.

- Estou - respondeu com suavidade.
- É a vontade Dele que você deve sempre servir, não a sua. É a vontade Dele que deve ser feita. Seu reino se sobrepõe - disse Miguel, e acrescentou em tom solene: - Ele deve ser reverenciado e adorado inequivocamente, ser sempre obedecido.

Lúcifer concordou com um aceno de cabeça.

- A humildade será sua salvação, Gabriel. A humildade e o serviço a Ele, que é digno de toda adoração. - Lúcifer enxugou uma lágrima solitária, que lhe brotou do olho, com o dorso da mão bronzeada. - Digno de toda honra, de toda adoração. - Ofertou um sorriso brilhante a Gabriel e bateu palmas, apontando com um gesto um enorme objeto coberto com um pano dourado, perto da porta. - Tenho um presente para meu amado irmão.

Gabriel desembrulhou avidamente a musselina dourada da grande moldura.

- Para comemorar sua consagração - disse Lúcifer.

Quando a musselina caiu sobre o piso de mármore, Gabriel emitiu uma exclamação de espanto. Diante dele, havia uma extraordinária pintura mostrando-o diante do Assento dos Reis em sua consagração.

- Ah, meu querido irmão aprova meu presente! - Os olhos de Lúcifer se acenderam de satisfação.

Gabriel virou-se para ele.

- Mas é verdadeiramente excepcional, Lúcifer! - exclamou. - Com certeza, você é o mais generoso dos irmãos!

Lúcifer apontou o teto a trinta metros deles, com seus elaborados afrescos magnificamente pintados.

- Em breve sua coleção vai rivalizar com a minha.
- Muito generoso. - Miguel deu um forte tapa nas costas de Lúcifer.
- Tudo que *eu* recebi foi o discurso de um irmão mais velho!

Lúcifer soltou uma risada.

- Você, meu querido e pragmático Miguel, não mostrou absolutamente *nenhum* apreço pelos mais finos aspectos estéticos da vida. Ao contrário do nosso Gabriel. - Lúcifer meneou a cabeça, convidando Gabriel a se aproximar dele. Sua voz ganhou uma nota de divertimento.
- Encontrei a última pintura que lhe dei, e que era magnífica, devo acrescentar, cem luas depois, atrás da porta fechada de Gerir, com o resto de sua... - voltou-se para Miguel com um olhar afetuosos - ... coleção.

- Você é um criador de casos, Lúcifer! - Miguel fingiu enxugar lágrimas falsas.

Um anjo alto de semblante gentil e cabelos negros amarrados em uma trança com fios de prata adentrou o aposento, curvando-se profundamente diante dos irmãos. Depois, voltou-se e curvou-se mais uma vez para Lúcifer. Este meneou a cabeça e sorriu.

- Asmodeus.

Lúcifer percebeu uma carta em pergaminho lacrada com o selo dourado de Jeová na mão de Asmodeus, e estendeu a mão de imediato.

Asmodeus fez mais uma reverência. Depois, falou com respeito e descrição:

- Carta para Vossa Excelência, príncipe-chefe Lúcifer, o portador da luz. De Jeová, Grande Rei dos Universos.

Lúcifer abriu a missiva com a lâmina de sua adaga larga e estudou o conteúdo.

- Ele me convoca... - Sua boca se moveu em silêncio para completar a frase.

Asmodeus curvou-se de novo.

- Seu cavalo está preparado, Vossa Excelência.

Lúcifer atravessou os vastos campos dourados da planície oriental do Éden montado em seu magnífico garanhão preto, a crina escura esvoaçante ao sabor dos zéfiros, sua figura imperial suavizada pela genuína magnanimidade dos horizontes ondulantes, da cor do arco-íris acima dele.

Cada vez que adentrava o Éden, era como se fosse a primeira para ele.

Correu pelos juncais dourados e atravessou a exuberante floresta tropical, o aroma marcante de folhas e terra, como um elixir, inebriando-o enquanto a percorria. Jogou a cabeça para trás, em um gesto de puro deleite.

Dois enormes portões de pérolas erguiam-se a distância - a entrada para os Jardins Suspensos do Éden de Jeová. A uns oitocentos metros além dos portões, as grandes Águas do Éden caíam, trovejantes, por mais de mil e quinhentos metros rumo às Fontes Eternas. Lúcifer puxou as rédeas do cavalo, os olhos fixos na incrível vista diante dele.

Cortinas maciças de feixes de luz tremulante literalmente dançavam no horizonte, todos os tons do arco-íris reunidos como uma imensa e ondulante aurora celeste. Lúcifer observou fascinado a luminosidade passando do lilás para tons de azul, e então para o carmim. Com um puxão seco nas rédeas, fez o garanhão saltar. Ergueram-se trezentos

metros rumo ao céu, desafiando a gravidade, e mergulharam no centro do vórtice da aurora.

Seus sentidos viram-se inteiramente consumidos pela colossal e ruidosa parede de luzes e sons, que pareciam lhe invadir cada fibra do corpo. A cada feixe lancinante, tinha a impressão de que cada átomo de seu ser era revigorado, enquanto a pureza luminosa percorria-lhe o corpo.

De modo instantâneo, viu-se do outro lado, na entrada do Éden. Lúcifer olhou para baixo e se encantou com os portões dos jardins suspensos e a incrível profundidade do despenhadeiro sob ele.

Dois querubins de três metros de altura, envoltos em chamas e relâmpagos, curvaram-se respeitosamente diante dele, as quatro asas estiradas se tocando.

- Príncipe regente Lúcifer da Casa Real de Jeová, o portador da luz. O Grande Rei do Céu o aguarda - falaram em uníssono.

Um dos querubins segurou as rédeas do cavalo de Lúcifer, e o outro o conduziu por um segundo portão de pérolas bem menor, rumo a espessas e espiraladas brumas brancas.

Um incrível aroma floral permeou-lhe os sentidos ao passarem por gladiólos e plumérias, além de flores de uma tonalidade pálida de azul, semelhantes a tulipas, exceto pelos longos estames de cristal no centro. Percorreram todos os matizes de rosa imagináveis. Pelo caminho ainda havia pérgulas, e bancos de pérola e cristal ricamente esculpidos.

Chegaram a outro portão, diferente dos anteriores. Este era mais alto, com três metros e meio de altura e um de largura, feito em ouro sólido e incrustado com esmeraldas e diamantes, sobre uma vasta parede de jacinto que cercava a entrada para o santuário interior do Éden.

Assim que Lúcifer se aproximou do portão, pôs-se de joelhos. Dois majestosos serafins de seis asas estavam à frente do portão, os rostos inflamados em chamas vibrantes e ardentes. Curvaram-se diante de Lúcifer. Duas asas ocultaram o rosto dos serafins, mais duas esconderam seus pés.

Lúcifer se levantou, o rosto incandescente sob o brilho transcendental. Seis magníficas asas brancas e iridescentes, com dois metros e quarenta cada, que antes não podiam ser notadas nele, tornaram-se plenamente visíveis. Flutuou no ar, suspenso graças a duas das imensas asas.

- Eu, Lúcifer, filho da manhã, declaro-me servo do Deus Altíssimo - prostrou-se, cobrindo os pés com as duas asas.

- Nós o saudamos, príncipe-chefe Lúcifer, mais elevado dos serafins, o portador da luz! - As vozes dos serafins pareciam entremeadas por delicados sinetes e instrumentos musicais, que produziam melodias enquanto falavam. - Nosso Rei aguarda sua presença. - Os serafins fizeram nova reverência em sinal de obediência, depois se afastaram para o lado.

Lúcifer se levantou, a mão trêmula pousando sobre a grande maçaneta dourada. Logo, a palma da mão se viu embebida por uma substância semelhante à mirra, que lhe escorria pelo antebraço. Com a respiração acelerada, empurrou a porta e entrou.

No canto mais distante do jardim, sob duas árvores com seus frutos dourados, de costas para Lúcifer e quase invisível em meio à névoa, havia uma figura alta trajando vestes brancas. Os cabelos brilhantes pareciam escuros, quase negros, e caíam sobre Suas costas, mas, quando a bruma se esvaiu, pareceram mudar de tom, indo do castanho a um tom dourado.

A figura se voltou lentamente.

Lúcifer caiu de joelhos. Protegeu o rosto da forte luz cintilante que emanava das chamas que recobriam o semblante da figura.

Christos caminhou em direção a Lúcifer e se deteve diante dele. Aos poucos, as névoas brancas se desfizeram. Lúcifer contemplou em transe Seus pés. Brilhavam como bronze brunido ao fogo. O olhar de Lúcifer subiu da barra de Seu traje branco de seda até a faixa dourada em torno do tórax.

Lúcifer foi erguendo a cabeça. A face de Christos irradiava uma luz tão intensa que agora a cabeça e os cabelos pareciam brancos como a neve. Porém, quando os raios de brilho fulgurante se esvaíram, ficou evidente que os cabelos e a barba Dele eram de um castanho-escuro com mechas avermelhadas. Sobre Sua cabeça havia uma coroa dourada, adornada por três grandes rubis, que representavam a aliança indissolúvel da Mente de Deus. Cada olhar de Christos para Lúcifer era tão hipnótico quanto o fora da primeira vez.

Lúcifer observou estático o forte semblante imperial, as maçãs do rosto altas e bronzeadas, os olhos claros e luminosos, cujos tons iam do azul e do esmeralda ao marrom, como chamas de fogo alimentado pelo brilho da Sua profusão de discernimentos e ternas compaixões. O Grande Rei do Céu. De uma beleza que transcendia descrições.

- Christos - disse Lúcifer, extasiado.

- Lúcifer - murmurou Christos. - Amado filho da manhã.

Christos inclinou-se e tomou o rosto de Lúcifer entre as mãos fortes, depois fechou Seus olhos e beijou com ternura os cabelos negros, como se Lúcifer fosse uma criança.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Lúcifer, molhando as mãos de Christos.

- Não sou digno.

- Só o Uno é digno.

A voz de Christos era muito suave, e Seus olhos brilharam em adoração quando se virou para contemplar a porta de rubi da Sala do Trono situada bem acima deles.

Lúcifer se pôs em pé e contemplou Christos em genuína devoção.

- Hoje, vamos percorrer o caminho - disse Christos.

Ele conduziu Lúcifer em meio às árvores douradas e por uma estreita pérgula perolada, recoberta por romãzeiras com seus frutos exuberantes, e em meio ao perfume intenso das magníficas flores do Jardim das Fragrâncias, que exalavam aromas de olíbano e nardo. Enquanto caminhavam, Lúcifer protegia os olhos dos intensos feixes de luz carmim que irradiavam de algum ponto distante. Christos ia à frente, avançando pelo vale, Seu rosto radiante, até chegarem a uma discreta gruta na extremidade dos Penhascos do Éden, cercada por oito oliveiras antigas.

- Seu jardim - sussurrou Lúcifer.

Christos sorriu e abriu a humilde porta de madeira. Devagar, a claridade se atenuou, revelando, a trinta metros deles e após um imenso despenhadeiro, a colossal porta de rubi, radiante de luminosidade, encravada nas paredes de jacinto da torre. A entrada para a Sala do Trono. Entre a encosta do despenhadeiro e a entrada da Sala do Trono havia um declive pelo qual as fontes da vida fluíam do trono de Jeová, vertendo ao longo de milhares de quilômetros, até as Águas do Éden, e depois se espalhando por norte, sul, leste e oeste, para banhar o Primeiro Céu. Não havia nenhuma ponte sobre a profunda fenda.

Christos conduziu-o a um banco simples no centro da gruta, feito de oliveira. Observou Lúcifer contemplar a Sala do Trono, a fisionomia enlevada.

- O grande mistério - Lúcifer divagava, encantado. - Você é tríade, mas Você é uno. - Dirigiu lentamente o olhar para Christos. - Somos três em nossa tríade fraterna.

Christos sorriu.

- Contudo, você é tríade.

Lúcifer assentiu.

- Sim - respondeu Christos mansamente. - É um grande e incomparável mistério, algo que deve ser ponderado por toda a eternidade.

Fez um gesto para que Lúcifer se aproximasse. Mantiveram-se sentados juntos em silêncio e observaram por um longo tempo o reluzente arco-íris que se erguia como uma abóboda sobre o Palácio de Cristal.

Enfim, Christos se manifestou:

- Há uma nova galáxia que Nós criamos, Lúcifer.

Lúcifer contemplou-o, fascinado.

- As criações de Jeová são incomparáveis. - Os olhos dele cintilaram de júbilo.

- Talvez você a considere insignificante pelos padrões angelicais - prosseguiu Christos. - Ela fica próxima de Nosso novo universo, Tertus. Lúcifer refletiu.

- Tenho andado tão ocupado cuidando das bases de Tertus. Devo ter passado por ela em minhas diversas viagens às galáxias.

Christos sorriu.

- Atualmente, ela não tem muita coisa para se destacar. Não teria mesmo chamado sua atenção. - A voz era suave. - Há muitas luas, comentamos com você sobre Nosso desejo de criar uma nova raça.

Lúcifer assentiu, procurando se recordar.

- Mais uma? - O sorriso se alargou. - Cada nova raça é como uma maravilha para mim.

Christos deteve o olhar sobre Lúcifer durante um longo momento.

- Uma raça que não é angelical.

Lúcifer O olhou intrigado.

Christos se levantou, os braços estendidos para a Sala do Trono. Lentamente, a colossal porta de rubi se abriu, e com isso relâmpagos e trovões foram aumentando. Um vento tempestuoso soprou, e raios iluminaram o céu. Lúcifer lançou-se ao chão, prostrado.

Então, em meio a trovões e rumores, foi ouvida uma voz como a de milhares de fontes de água vertendo - uma voz infinitamente mais bela que a imaginação angelical ou humana teria capacidade de conceber. Era a voz que lançava em órbita milhões de sóis flamejantes; que confeccionava dez mil vezes dez mil galáxias; que estabelecia os limites do firmamento de mil universos; a voz que traçava a rota de milhões e milhões de luas e criava o relâmpago, as tempestades e o granizo. A voz do Soberano de todos os soberanos: autoritária, nobre e valente, mas com raras graça e ternura. Era uma voz, mas como se fosse três. E eram três vozes, mas como se fossem uma.

- Lúcifer, filho da manhã - reverberou a voz. - Você que observou quando assentei as pedras angulares do universo; você que Me viu fundir as correntes das Plêiades e afrouxar as cordas de Órion; que Me observou ao preparar um canal para as torrentes da chuva e um caminho para o relâmpago. Lúcifer, portador da luz: Nós criaremos uma raça à Nossa imagem... e à Nossa semelhança.

Fez-se silêncio. O relâmpago brilhou, e o trovão aumentou de intensidade. Enfim, a voz bradou novamente:

- ... a Raça dos Homens...

De repente, a porta de rubi se fechou. Imediatamente, os trovões e os raios ficaram mais brandos, e o vento se reduziu a uma suave brisa cálida. Christos observou Lúcifer com atenção, enquanto ele se levantava.

- Uma raça... à semelhança Dele? - Ele passou os dedos pelas tranças fartas, estranhamente intrigado.

Christos assentiu.

- Nós, a hoste angelical, não somos os amados Dele?

Lúcifer deu um passo à frente, aproximando-se de Christos, que lhe sorriu, compassivo.

- Portador da luz, o reluzente, o adorado do céu.

Os serafins se materializaram, e cada um deles se postou a um lado de Lúcifer, a fim de conduzi-lo para fora do Éden.

Lúcifer se apoiou sobre um dos joelhos, tomando a mão de Christos, uma nota de desespero em sua voz.

- Antes de sair, unja-me novamente.

Com gentileza, Christos pôs as mãos no alto da cabeça de Lúcifer. Um linimento dourado, espesso e de aroma adocicado escorreu das palmas das mãos de Christos, banhando a testa de Lúcifer e se misturando às lágrimas dele. Lúcifer embebeu-se da unção com fervor e enlevo. Depois, a cabeça lhe pendeu sobre o peito. Christos esperou. Silente. Lentamente, Lúcifer se pôs em pé. Inclinou-se e beijou Christos com ternura, primeiro na face direita, depois na esquerda. Em seguida, levou a mão direita à própria face. Sobre os dedos, havia um líquido carmim misturado ao linimento. Ele ergueu os olhos para Christos, perplexo.

Christos observou o líquido e fitou Lúcifer de novo, uma tristeza insondável e terrível no olhar. Manteve silêncio durante um longo momento.

- Filho da manhã, daqui a muitas luas, quando muitos mundos tiverem surgido e desaparecido, haverá outro jardim... - a voz de Christos mal se fazia ouvir - ... outro beijo...

Lúcifer fez menção de protestar, mas Christos ergueu Sua mão, e Lúcifer se viu do lado de fora do portão que levava ao santuário interior.

Observou mais uma vez a mancha do líquido carmim sobre os dedos, estranhamente distraído. Depois, montou em seu cavalo e cavalgou como o próprio vento rumo ao Palácio dos Arcanjos, situado além dos campos.

O entardecer se aproximava. Sete pálidas luas lilases reluziam suavemente no horizonte ocidental, através das grandes janelas do quarto de Lúcifer. Ele se encontrava sentado diante da ornamentada mesa em mármore negro, movendo a pena intensamente sobre as folhas de linho do diário, a caligrafia inclinada cobrindo a superfície. Sua coroa dourada estava a seu lado, sobre a mesa. Os cabelos negros encontravam-se desvencilhados das tranças fartas, fluindo soltos e brilhantes sobre os ombros largos, caindo sobre o manto de linho branco. A esguia pantera Ébano dormia pacatamente aos pés de seu mestre, a respiração regular.

Uma batida suave ecoou pelo quarto. Lúcifer franziu o cenho e olhou para a entrada.

Em pé, no átrio, estava Gabriel, vestindo apenas o manto interno, a cabeça descoberta.

- Precisava vê-lo, Lúcifer - falou, a voz hesitante -, para falar de um problema.

Preocupado, Lúcifer levantou-se.

- Entre, meu irmão. Aproxime-se, companheiro. - Lúcifer virou-se e despejou em duas taças um espesso elixir prateado. - Diga-me o que o aflige. - Dissimulou um sorriso.

O rosto de Gabriel se franziu.

- Não tenho sido eu mesmo nos últimos dias, é fato.

- Tome um pouco deste suco de romã. Ele deve acalmá-lo. - Os olhos cor de safira de Lúcifer mostraram-se animados. - O amanhã vai chegar, quer você seja corajoso, quer receoso, caro Gabriel.

Lúcifer segurou o braço do irmão. Conduziu-o através das altas portas, até a reluzente praia de areia branca diante do Palácio dos Arcanjos. Caminharam descalços e em silêncio por alguns quilômetros, os pés afundando nas brilhantes areias peroladas. Uma tropa de vinte cavalos alados passou correndo por eles e alçou voo até o Armamento, indo além das doze luas de um azul-pálido que agora se elevavam do horizonte oriental. Lúcifer contemplou-as, encantado. Os dois irmãos

observaram os matizes mutáveis do firmamento, o lilás transformado em ametista e depois em um intenso violeta resplandecente.

- Lembro-me do entardecer antes de minha consagração. - Lúcifer olhou com compaixão para os graves olhos cinzentos de Gabriel. - Estava tão pálido e sem cores quanto você!

Gabriel fitou o irmão mais velho, incrédulo.

- Só Gerir sabia do meu segredo. - Lúcifer soltou uma gargalhada.

- Ter a responsabilidade sobre um terço das hostes angelicais de Jeová... Confesso: no entardecer do dia anterior estava me sentindo oprimido!

- A expressão de Lúcifer se suavizou. Aproximou sua cabeça da de Gabriel, encarando-o de frente. - Você tem um grande dom, jovem Gabriel. O dom da profecia angelical, do revelador. Vai conduzir seu terço da hoste angelical com sabedoria e honra. - Ele apoiou as mãos sobre os ombros do irmão com ternura.

Gabriel ajoelhou-se sobre a areia, recolhendo punhados de pérolas recém-surgidas na palma da mão.

- Eu O amarei como você O ama, Lúcifer - sussurrou.

- Ele é minha própria essência, Gabriel. Sem Ele, não tenho existência. Ele é o ar que respiro.

Gabriel curvou a cabeça, observando as pérolas deslizarem entre os dedos e caírem na areia.

- E... e se eu não corresponder ao que Ele espera, Luci? - sussurrou.

- Por Sua escolha, Jeová dotou de livre-arbítrio a raça angelical. - A voz de Lúcifer tornou-se mansa. - A cada pôr do sol, somos testados quanto a servir nossa vontade e desejos pessoais, ou aos de Jeová. A maior alegria que Jeová tem no universo é escolhermos servi-Lo por vontade própria, pois Ele nos criou com essa possibilidade. Faça escolhas sábias todos os dias, Gabriel, e você nunca O desapontará. O maior presente que você pode Lhe dar é escolher livremente servi-Lo em obediência, o que é, por sua vez, manifestação de verdadeiro amor.

- E você, Luci? - Gabriel fitou Lúcifer, observando seu semblante com firmeza. - Você já se viu tentado a decepcioná-Lo, escolhendo a si mesmo?

O olhar de Lúcifer em resposta foi franco e penetrante.

- Houve alguns momentos... - Sua voz ficou mais baixa. - Mas foram tão fugazes... - Ele se calou, e os longos cabelos negros ondularam sob a brisa cálida. - Não, Gabriel, não sei o que significa não servir a Jeová. - Passou a fazer o caminho de volta pela areia. - As brisas da aurora sopram da margem oriental. Vamos voltar.

- E Miguel? - perguntou Gabriel. Olhou para Lúcifer enquanto caminhavam, os passos fortes e em sintonia.
 - Miguel? Ele também é dedicado. Você sabe que sim.
 - Temo que seja dedicado a me repreender.
 - É verdade. - Lúcifer sorriu. - Mas ele também bateu à minha porta no entardecer que antecedeu sua consagração. Ele tem muitos segredos, e eu conheço todos!
- Refizeram os passos, percorrendo as pérgulas e alcançando os aposentos de Lúcifer. Este fechou as grandes portas e tocou uma sineta de ouro que pendia das cortinas de veludo.
- De imediato, um velho e enrugado mordomo angélico entrou pela porta e fez uma reverência.
- Ephaniah - avisou Lúcifer desejo me recolher.
- Ephaniah curvou-se respeitosamente e passou para um cômodo adjacente.
- Lúcifer - chamou Gabriel tem mais uma coisa. - Hesitou. - É fato que sou um revelador. Recentemente, tenho me sentido atormentado por alguns sonhos... - Gabriel fitou Lúcifer, a franqueza emanando de seu olhar. - Eu o tenho visto muito em meus sonhos mais recentes, Lúcifer. Estou abalado. Você nunca vai nos abandonar, não é?
 - Que loucura é essa de que está falando? - Lúcifer franziu o cenho
- Deu as costas para Gabriel quando Ephaniah voltou. O velho mordomo desfez o laço do traje de Lúcifer e colocou um pesado manto de seda sobre seus ombros. -Tenho amado e servido vocês por toda a minha vida. - Lúcifer virou-se e ficou de frente para Gabriel. - Em toda a minha vida, o coração e a alma de meus irmãos vieram antes de mim mesmo. Não é verdade, Ephaniah? - Lúcifer sorriu com afeto para o velho mordomo, que dispunha cuidadosamente o vasto edredom de seda cor de ametista na cama de platina. As feições suaves de Ephaniah se iluminaram com satisfação.
- Você é a alegria de meu mestre, senhor Gabriel.
- Gabriel sorriu e se dirigiu para a porta.
- Sei que sim. Não importa, meu irmão. - Gabriel tomou a mão de Lúcifer em sinal de despedida. - Perdoe minha tola imaginação. Boa noite, querido Lúcifer. - Gabriel apertou o rosto de Lúcifer contra o seu.
- Ephaniah fechou as imensas cortinas de veludo e apagou as dezenas de incensos de olíbano que queimavam sobre a escrivaninha de Lúcifer. O recinto ficou escuro.
- Boa noite, Gabriel.

CAPÍTULO 2

A CONSAGRAÇÃO

Centenas de milhares de legiões angelicais estavam reunidas para preparar a cerimônia. Gabriel aguardava, solene e calado, sob os intrincados entalhes de querubins e serafins no átrio do Palácio de Cristal. As feições impecáveis refletiam-se nas paredes translúcidas de diamante. Ele usava uma túnica branca simples, a vestimenta tradicional para consagrações. As pálidas tranças loiras encontravam-se adornadas com platina e relâmpagos; o maxilar, cerrado. Ele se inclinou para colocar a nova adaga na bainha amarrada ao tornozelo, os dedos trêmulos.

Miguel observava do outro lado da nave, mal contendo um sorriso. Após estudar o irmão mais novo, podia jurar que o semblante de Gabriel havia amadurecido quase da noite para o dia. A bela fisionomia transmitia uma força e uma sabedoria que pareciam novas para Miguel. Esfregou o queixo, intrigado. *Gabriel, profeta angelical - o revelador -, amadureceu.*

Logo atrás dele, uma pequena porta oculta na parede, magnificamente adornada por um afresco, abriu-se devagar. Dela surgiu uma figura de aspecto venerável, um ancião de cabelos brancos, a volumosa cauda dourada das vestes levada cautelosamente por um anjo robusto e de rosto jovem, semelhante a um querubim. Aquele era Gerir, guerreiro imperial e governante dos Vinte e Quatro monarcas do céu - os Anciões, guardiões dos mistérios sagrados de Jeová.

A barba branca e retorcida de Gerir quase chegava ao chão. Sobre a cabeça, levava uma coroa dourada adornada com jacintos, e em seu ombro empoleirava-se uma enorme coruja branca com olhos castanhos astutos e ternos.

- O jovem príncipe parece um pouco nervoso, Vossa Excelência. - Os olhos idosos de Gerir piscaram com um ar travesso.

Miguel franziu o cenho.

- Gerir? - Ele se virou, a expressão ainda tomada por encanto, e se abraçaram com afeto. - Parece que faz muitas luas, velho amigo. - Miguel curvou-se com rapidez para a coruja. - Ora, honorável Jogli, tenho sentido falta de sua instrução!

Gerir afagou Jogli e sorriu.

- Temos andado atarefados com os preparativos. - Gerir fez um gesto em direção a Gabriel. - A preparação da mente, da alma e do espírito dele.

Miguel assentiu.

- Ele amadureceu.

Gerir hesitou, cofiando a barba, reflexivo.

- Ah, sim, meu nobre Miguel, lembro-me de outra consagração e de outro jovem discípulo, muitas luas atrás. - Fitou Miguel profunda e significativamente sob as sobancelhas imensas. - De alguém que se meteu numa luta com espadas naquela mesma madrugada. - Os olhos cinzentos piscaram.

- Aceito a repreensão, venerável Gerir. Meu irmão mais novo saiu-se muito bem. Melhor do que eu. - Miguel soltou uma risada. - Nos últimos tempos, porém, meu temperamento melhorou bastante!

Gerir deu uma piscadela para Miguel e tossiu um segundo depois, contendo o riso, o semblante deliberadamente sério.

- Obrigado, Obadiah. Pode preparar meu trono.

Ruborizado, Obadiah curvou-se e, em seguida, tornou a fazê-lo, com tanta solenidade que quase tropeçou na cauda do traje de Gerir. Os olhos de Gerir brilharam, e ele se divertiu vendo o querubim sair correndo na direção errada. Virou a cabeça e encarou a coruja.

Jogli, pressinto que o jovem precisará de sua assistência.

Jogli abriu as vastas asas brancas e, com uma única e certa investida, tomou o ainda trôpego Obadiah nas garras, virou-se e voou com ele pelo vasto átrio de cristal, rumo ao altar.

- Aprendizes, aprendizes... - Gerir contemplou com firmeza o rosto nobre. - Você se saiu bem, meu valente e belicoso Miguel. Tenho acompanhado seu progresso com avidez do meu santuário oculto. - Os olhos de Gerir brilharam de orgulho e afeto. - Príncipe-chefe Miguel, comandante dos arcanjos guerreiros, cujo espírito enverga honra, nobreza e valor - professou. Notou que Jogli ajustava com cuidado a capa de Gabriel. - E agora, neste dia, Gabriel, o revelador, não estará mais sob meus cuidados... - refletiu. Soltou um suspiro profundo. - Servi tanto ao Poderoso Jeová e a vocês, com cada resquício do poder que me foi concedido. Vocês três, cada um, são como filhos para mim. Miguel encarou o rosto imperial e enrugado de Gerir.

- É verdade o que diz, meu velho amigo. Nosso Pai considerou que seria adequado confiar-lhe nossa educação através dos séculos, aprendendo os caminhos do guerreiro e os caminhos do Ancião dos Dias.

Gerir fechou os olhos, o rosto banhado pelo leite.

- Só Ele é digno de nosso pleito imortal - sussurrou. - Só Ele é digno de toda veneração, adoração, poder e domínio. - Gerir acolheu as mãos fortes e elegantes de Miguel nas próprias, envelhecidas e enrugadas. - Eu vi, Miguel... vi os mistérios e os encantos do lugar sagrado. O novo universo, Miguel... e o homem. - Gerir fitou longa e

profundamente os olhos de Miguel. O olhar era luminoso e penetrante, quase como se atingisse o interior da alma e do espírito de Miguel. - Leio sua alma, Miguel. - A voz de Gerir era suave. - Quer contemplar essa nova raça?

Os olhos de Miguel inflamaram-se de expectativa.

As palavras de Gerir foram se esvaindo enquanto ele voltava o olhar para cima, para o ponto de onde o trono de Jeová iria descer. Miguel acompanhou o olhar do Ancião, deparando-se com o lugar onde Lúcifer se sentava, acima dos preparativos, resplandecente nos trajes pesados de veludo púrpura, coroado por raios de luz translúcida, radiante em sua beleza. Os intensos olhos cor de safira mostravam o poder de sua apaixonada adoração. Estava calado no elaborado púlpito esculpido em marfim e mármore, que pendia de um ponto alto no centro do domo de cristal, observando a imensa câmara, pronto para levar as miríades do céu em sua adoração ao Deus das hostes. Segurava o cetro dourado com o qual conduziria as hostes do céu - o mestre de capela da grande sinfonia de adoradores angelicais.

Miguel meneou a cabeça em admiração.

- Meu irmão, o mais adorado do céu.

- Repleto de sabedoria e magnânimo em sua beleza. - As palavras sussurradas por Gerir foram tão baixas que Miguel mal conseguiu ouvi-las. - Lúcifer, o que brilha. - Gerir desviou o olhar da visão resplandecente de Lúcifer. - E, agora, devo passar meus dias no conselho.

- Juntou a palma das mãos. - E em súplicas.

Percorreu o entorno com o olhar em busca de Obadiah, envolvido em uma profunda conversa com outros cinco jovens que discutiam a arte do arco e flecha, mirando numa pérola colocada a cinquenta passos deles.

Aprendizes! Nunca estão aqui quando são realmente necessários!

- Gerir recolheu a longa cauda de seda nos braços. - Agora, vou me dirigir ao jovem príncipe Gabriel. Parece-me que ele está precisando de um certo apoio moral.

Miguel acompanhou Gerir com o olhar, pois ele se afastava com rapidez. Obadiah saiu correndo atrás dele, quase escorregando no reluzente piso de mármore em seu afã para tomar de novo a cauda do traje de seu mestre Gerir.

- Gabriel! - exclamou Miguel. Seguiu apressadamente atrás de Gerir.

Lúcifer encontrava-se nas alturas, os braços entregues à adoração a Jeová, o rosto banhado na luz ofuscante e ardente.

Voltou-se para os milhões da hoste angelical prostrada e ergueu seu cetro, os trajes de veludo púrpura ondulando ao vento. Uma oração brotou de seus lábios, e o som era como o de gaitas, flautas e clarinetes celestes, e o de todos os instrumentos de ar já ouvidos no universo. Em resposta, uma canção de adoração e veneração irrompeu da hoste celeste.

- Que todos saúdem Jeová! - A voz de Lúcifer sobrepujou a das hostes angelicais.

Toda a assembleia se ergueu, cabeças abaixadas, braços estendidos. De imediato, todo o recinto reverberou ao som das vozes angelicais:

- Que todos saúdem Jeová!

Um grande rumor trovejante brotou do trono, em meio à névoa: o rugir de mil águas.

De uma só vez, foi como se éon atrás de éon das galáxias descesse pelo domo aberto quando os pés de Jeová passaram por ele. E, com a descida, um grande e terrível ruído invadiu a câmara. Foi como se sóis, luas e estrelas de milhões e milhões de galáxias fossem tecidas em uma tapeçaria viva e pulsante do universo que envolvia Seu ser. De cada lua e planeta, e dos milhões de estrelas que brilhavam na capa translúcida de Sua radiância, ecoavam ondas luminosas que oscilavam por universos e universos - um tsunami de sons.

O Ancião dos Dias desceu à câmara em meio a trovões e relâmpagos, e, enquanto o fazia, a forte luz alva do lugar foi substituída por uma encantadora luz ametista, que depois se tornou esmeralda e adquiriu tons de safira - o espectro da luz refletido no manto de Jeová. Quando Ele desceu, um arco-íris se precipitou junto, parecendo espalhar-se pelo universo, cercando Sua presença. Milhões de anjos rodearam Seus pés, cantando louvores e hinos de adoração.

Diante de Seus pés, sete tochas ardentes queimavam como sete colunas de fogo branco, e no meio de cada tocha havia as brasas incandescentes do Espírito de Jeová. O trono de Sua glória desceu com Ele. Enquanto isso acontecia, o piso da Sala do Trono tornou-se como mercúrio, depois passou do metal fluido para um mar que era como uma safira em vida, que respirava. Era transparente, e não havia uma ondulação sequer de imperfeição nele.

Sons ensurdecadores de trovão abalaram a tal ponto o recinto que os próprios átomos das paredes pulsaram. E, quando a trovoada amainou, relâmpagos azuis, envolvidos em fogo branco, percorreram a capa do

Ancião dos Dias, iluminando o universo ao redor. Seu entorno assemelhava-se aos orbes de mil sóis brilhantes.

Quando o trono e o Uno que se sentava nele desceram, os altos portões de pérola translúcida do Palácio de Cristal começaram a se abrir. Enquanto o faziam, um arauto angelical tocou o chofar.

- Anuncio o sagrado Conselho dos Anciões - proclamou -, guardiões dos mistérios sagrados de Jeová.

Lentamente, as ofuscantes brumas brancas se desfizeram, revelando os Vinte e Quatro Anciões, os Vinte e Quatro Antigos Reis do Céu, os Anciões de Jeová, envergando trajes brancos cintilantes com coroas de ouro sobre a cabeça. Caminharam majestosamente portões de pérola adentro, avançando pela nave. Detiveram-se diante dos vinte e quatro tronos de ouro, atrás do imenso altar de ouro esculpido.

À frente deles estava jether, chefe mais velho dos Anciões. Ele ergueu seu cetro de ouro diante da hoste angelical, e todos se curvaram juntos. Em seguida, sentou-se no trono central, e os demais vinte e três reis ocuparam seus devidos lugares.

Mais uma vez, o arauto tocou o chofar.

- Gabriel, o revelador, príncipe dos arcanjos - proclamou -, que seu reinado seja longo, com sabedoria e justiça.

O refrão da hoste angelical reverberou pelo recinto, e Gabriel, grave e resoluto, seguiu os reis pelos portões até o átrio do palácio, com Miguel a seu lado, uma figura régia em seu traje imperial carmim, levando a Espada do Estado.

- Miguel, o valente - anunciou o arauto -, príncipe-chefe dos arcanjos.

- Que seu reinado seja longo, com justiça e valor - proclamou a hoste angelical.

Miguel e Gabriel caminharam juntos pela nave do domo em direção ao Assento dos Reis, o trono diante do imenso altar de ônix. Os cavaleiros os seguiam, portando solenemente as bandeiras da Casa Real de Jeová.

Quando os irmãos chegaram ao Assento dos Reis, a câmara silenciou.

- Lúcifer, o portador da luz, príncipe-chefe dos arcanjos.

- Que o seu reinado seja longo, querubim ungido e protetor - ecoou o coro angelical pelas câmaras quando Lúcifer desceu cerimoniosamente do trono elevado, juntando-se aos irmãos.

Como se fossem um só, os três arcanjos se curvaram e se ajoelharam na névoa ardente que saía do trono, como fumaça, diante do altar.

Lúcifer prostrou-se diante do trono de Jeová. Seu rosto brilhava tanto que parecia flamejar.

- Contempla, ó Deus nosso defensor, a face de Teus príncipes-chefes, pois um dia em Tuas cortes é melhor do que mil em qualquer outro lugar. - Ficou em silêncio, o rosto abaixado, durante um longo momento. Depois, erguendo devagar a cabeça, dirigiu-se à hoste angelical que se encontrava, solene, em pé na câmara. - Meus irmãos angelicais, apresento-lhes Gabriel, servo jurado do Altíssimo, príncipe ungido da Casa Real de Jeová! - Virou-se para Gabriel, o olhar de safira em chamas. - Você, Gabriel, jura prestar sua justa homenagem e serviço, e se comprometer com estes que compõem sua hoste angelical deste dia em diante?

O olhar de Gabriel era firme.

- Juro.

- Você promete, até a extensão de seu poder, fazer com que a lei e a justiça, com misericórdia, sejam aplicadas em todos os seus julgamentos?

Gabriel assentiu.

- Prometo solenemente fazê-lo.

Miguel deu um passo à frente.

- Jura servir, honrar e glorificar Jeová, o Deus Todo-Poderoso, Criador, Preservador, Ancião dos Dias, executando *para sempre* apenas a Sua vontade, servindo-O e venerando para sempre apenas Sua pessoa, por toda a eternidade?

Gabriel voltou-se para o trono de Jeová. Seu rosto cintilava.

- Juro-o solenemente a Jeová.

Compenetrado, Miguel entregou a Gabriel a Espada da Revelação. Um trovão brotou do trono e ecoou pela névoa: o rugir de mil águas.

- Este é Gabriel - professou Miguel. - Nosso amado. Nós o nomeamos o revelador.

Zadkiel, príncipe dos Sagrados Vigilantes e principal assistente de Lúcifer, desceu do trono. Sua poderosa presença era gentil, mas imponente. As feições eram quase tão belas quanto as de Lúcifer, e emanavam quase tanta luz quanto ele.

- Em nome do Ancião dos Dias - anunciou Zadkiel -, e como guardiões de Sua pessoa sagrada, nós, os Sagrados Vigilantes, recebemos sua homenagem e seu juramento.

Gerir levantou-se do trono e caminhou para o altar. Um cavaleiro colocou um frasco redondo de ouro em suas mãos, que refletia a glória do trono. Quatro cavaleiros assistentes seguraram um pesado pálio de fino ouro sobre a cabeça de Gabriel.

- Em nome do Ancião dos Dias, como Seus Anciões e guardiões de Seus mistérios sagrados, nós, o Conselho dos Anciões, recebemos sua

homenagem e seu juramento. - Gerir despejou o óleo sagrado do frasco sobre uma colher de ouro e ungiu a palma das mãos de Gabriel. - Que tuas mãos sejam ungidas com óleo sagrado. - Despejou o óleo sobre o peito nu de Gabriel. - Que teu peito seja ungido com óleo sagrado. - Despejou o óleo restante sobre o alto da cabeça nua de Gabriel e ergueu os braços. - Pela unção sagrada Dele, que desça sobre sua cabeça e coração a bênção do Ancião dos Dias; que, pela assistência de Sua graça celestial, você possa governar e preservar um terço da hoste celeste de Jeová, que deste dia em diante fica sob seus cuidados.

Miguel e Lúcifer posicionaram-se diante de seu terço correspondente de hoste angelical: o de Miguel à direita, o de Lúcifer no centro. Gabriel foi ao último terço, do lado esquerdo da câmara.

- E agora ordeno solenemente - gritou Gerir para a assembleia - que ergamos nossa voz em uníssono e repitamos o juramento de obediência e devoção a Sua Excelência, Gabriel.

Gabriel ajoelhou-se diante das hostes angelicais do céu, enquanto Lúcifer segurava a Espada do Estado sobre sua cabeça.

- Nós, as hostes do céu - declarou Lúcifer -, tornamo-nos súditos e servidores seus para sempre, e na fé e na verdade iremos acompanhá-lo pela eternidade das eternidades. Que assim seja, Jeová.

Gabriel, ainda ajoelhado, contemplou a hoste angelical, ergueu-se e assumiu o trono à esquerda dos Vinte e Quatro Anciões.

Lúcifer dirigiu-se às legiões angelicais:

- Que seja longo o reinado de Gabriel! - proclamou.

- Que seja longo o reinado de Gabriel! - O grito das hostes ressoou pelos salões do palácio.

- Que todos saúdem Jeová!

Toda a assembleia angelical ficou em pé. O som trovejante e uníssono de centenas de dez mil vezes dez mil guerreiros angelicais ergueu-se num crescendo:

- Que todos saúdem Jeová!

- Que todos saúdem Jeová!

O som das manifestações de júbilo do Monte da Assembleia ecoou sobre o mar de cristal, chegando à magnífica pérgula nas areias peroladas.

Miguel apeou e se dirigiu aos degraus dourados da pérgula. Viu Gabriel apoiado contra uma das imensas colunas de mármore branco,

hipnotizado pelas magníficas exposições de raios e relâmpagos sobre o mar. Ficaram juntos em silêncio, contemplando os golfinhos com as cores do arco-íris que brincavam nas ondas prateadas do Mar de Zamar.

- Bem, Gabriel - disse Miguel -, agora você é realmente um de nós! - E deu um forte tapa nas costas de Gabriel.

- Mais respeito, Miguel! Lembre-se: você é meu súdito e servidor para sempre!

- É isso mesmo! - repetiu Lúcifer.

Ele estava em pé na entrada da pérgula com sua presença imponente, observando os irmãos, a pantera Ébano sentada a seu lado.

Gabriel voltou-se, o rosto ainda revelando a excitação dos eventos do dia. Sachi, assistente de Lúcifer, curvou-se e removeu-lhe o pesado manto imperial de veludo. Ele então se dirigiu a Gabriel e o beijou afetuosamente em ambas as faces. Ébano caminhou pelo exuberante jardim tropical suspenso e se deteve, ronronando, perto de seu mestre. Lúcifer afagou a grande pantera com carinho e pegou um pedaço de doce de uma bandeja dourada.

- Ébano, minha doçura.

Estendeu a mão para o esguio felino, que devorou o doce com voracidade e lambeu ternamente os dedos de Lúcifer com a língua áspera. Depois, Lúcifer se dirigiu a um ponto em que as lagoas douradas e de cor turquesa reluziam sob as pálidas luas azuis, afrouxando as vestes enquanto caminhava. Miguel virou-se para o mordomo angelical real.

- A'albiel, gostaria de celebrar com meus irmãos!

A'albiel despejou um espesso elixir dourado de um frasco de prata em três cálices adornados com granadas postos sobre uma mesa de mármore. Entregou um cálice do elixir a Miguel e outro a Gabriel. Miguel gesticulou com suavidade.

- Obrigado, A'albiel. Pode nos deixar a sós agora.

A'albiel fez uma profunda reverência e partiu.

- Você sumiu, Lúcifer! - provocou Gabriel. - Miguel e eu ficamos esperando por você no salão de jantar até o final da festa de comemoração.

- Perdoem-me - respondeu Lúcifer em um tom de voz abafado. - Tenho andado preocupado. Fiquei indo e voltando de Tertus. - Sentou-se, reflexivo, banhando as pernas musculosas nas fontes mornas.

Gabriel franziu o cenho.

- Hoje você não tem sido você mesmo, Lúcifer.

- Ele pensa muito! - Miguel se aproximou do irmão mais velho para lhe oferecer o cálice de elixir. - Está *Sempre* pensando! - Os olhos verdes de Miguel adquiriram um brilho malicioso. - Mas, *o que* ele pensa, nunca diz. Quem sabe...

A voz dele sumiu ao perceber uma estranha mancha carmim na palma da mão direita de Lúcifer, quando este pegou o elixir. Miguel fitou o irmão mais velho, intrigado. Este fechou a mão com rapidez em torno do cálice, sorvendo dele um gole longo e vigoroso, olhando enigmaticamente para Miguel.

Gabriel dirigiu-se com enlevo a Lúcifer.

- Diga-nos: Tertus é tão belo quanto dizem? Certamente não pode ser comparado ao Primeiro Céu.

Lúcifer fechou os olhos, maravilhado.

- É magnífico, Gabriel. É a mais fina criação de nosso Pai.

Gabriel e Miguel curvaram cabeça em reverência.

- Ele é digno - as palavras de ambos ecoaram em uníssono.

Asmodeus passou pela porta e curvou-se profundamente diante de Lúcifer. Este assentiu com a cabeça e sorriu.

- Asmodeus. - Observou que o recém-chegado tinha outra missiva lacrada com o selo dourado de Jeová. Prontamente, estendeu a mão para pegá-la. Asmodeus fez uma reverência para Lúcifer.

- Vossa Majestade, a missiva é para Sua Excelência, o príncipe-chefe Miguel.

Lúcifer franziu o rosto e estudou Miguel e Gabriel. Depois, fez um aceno gracioso. Asmodeus se dirigiu com agilidade a Miguel e se curvou outra vez, entregando-lhe a missiva.

Lúcifer se afastou das águas, dirigindo-se aos grandes candelabros suspensos no centro do recinto. Moveu a palma da mão de modo quase imperceptível, e duzentos pavios dourados se acenderam com a cor do cobre.

- Ah, olíbano! - Lúcifer respirou fundo, aparentemente alheio à presença de Miguel.

Miguel abriu a missiva com a adaga dourada e analisou o conteúdo.

Lúcifer voltou-se para Gabriel.

- Vamos caminhar.

Deu o braço a Gabriel, e ambos atravessaram os vastos e extensos corredores dos grandes salões da pérgula, Ébano movendo-se com graça ao lado de Lúcifer. Prosseguiram pelo amplo átrio e chegaram a um enorme observatório de cristal no telhado da pérgula.

Sistemas solares e galáxias de incontáveis universos tornaram-se visíveis através do imenso domo de cristal do observatório. Lúcifer

ergueu a mão e, no mesmo instante, o domo de cristal se retraiu, deixando-os quase no centro do vasto panorama celeste.

Então, apontou para um planeta magenta cercado de anéis de gelo e de uma miríade de sóis e luas.

- Contemple a beleza de Tertus, Gabriel: trezentos sóis, trinta luas... cores além da imaginação... a quarenta mil anos-luz de distância. - Um arco azulado saltou de sua mão. Instantaneamente, o planeta ampliou-se cem vezes. Os irmãos contemplaram o cosmo com admiração.

A voz de Lúcifer se tornou um sussurro.

- Ele é incomparável. O grande Rei do universo. - Curvaram a cabeça ao mesmo tempo, mantendo-se em silêncio por alguns instantes.

- Seus discernimentos são sagrados e insondáveis - falou Miguel, apoiado à soleira e os observando com indulgência.

Ele trazia a missiva na mão direita, animado. Ao se aproximar dos irmãos, moveu a palma através do firmamento. Uma massa disforme surgiu, apenas com um sol e uma lua.

- A nova galáxia de nosso Pai. Feita da matéria.

Lúcifer contemplou a galáxia com desdém.

- Uma massa fútil de lama, vapor e gases. Parei rapidamente para observá-la ao voltar de Tertus. - Sorriu com ironia, acariciando uma uva azulada nos dedos. - É a fatia mais básica e insignificante do universo de nosso Pai. - Lenta e deliberadamente, olhou para o planeta Terra e o cobriu com a uva, até excluir o orbe de sua visão. Colocou a uva na boca e a engoliu. - Não entendi muito bem seu propósito. - Olhou desinteressado para a massa disforme.

Miguel dirigiu-se a ele, implacável.

- Mas Jeová *sempre* tem um propósito, Lúcifer. - Ele mostrou a missiva ao irmão. - Ele quer que visitemos a nova galáxia, você e eu, juntos. Ele nos nomeou.

Lúcifer o fitou com irritação, ignorando de propósito a missiva e acariciando o pescoço sedoso de Ébano. A pantera ronronou alto.

Miguel olhou perplexo para o irmão.

- É Sua vontade expressa.

Gabriel se esparramara sobre um trono dourado, as mãos atrás da cabeça, contemplando a massa disforme.

- Somos seres espirituais, Lúcifer - disse o irmão mais novo. - Não podemos compreender tudo aquilo que nosso Pai cria. Este universo sem forma será matéria. - Deu de ombros. - Nós, entretanto, nascemos para esta dimensão.

Pôs-se em pé, tomou a espada de Lúcifer e cortou com destreza a parte de cima de um punhado de flores prateadas e azuis, parecidas com rosas. De imediato, elas voltaram à perfeição.

- Somos espíritos celestes - voltou a falar. - À base de silício. Comemos alimentos astrais; nosso sangue é astral. - Gabriel olhou encantado para as galáxias. - Sabe, ouvi dizer pelos zéfiros, meu querido Luci, que a nova raça de nosso Pai não é de natureza angelical nem celeste, mas será feita à *Sua própria semelhança*. Dizem que Ele anseia por companhia - divagou, reflexivo. Pegou uma fatia de succulenta romã prateada; de imediato, ela voltou à perfeição original.

Os olhos de Lúcifer se estreitaram. Cortou agilmente em pedaços uma fruta azul brilhante com uma pequena faca com cabo de marfim.

- Não me interessam os sussurros de seus zéfiros, meu irmão Gabriel.

- Agarrou com força a faca. - Essa sua conversa me entedia. Nós *somos* a companhia Dele. O que você diz é perfídia.

Gabriel olhou intrigado para Lúcifer.

- Não, meu irmão - retrucou Miguel, encarando Lúcifer com firmeza.

- Ele está falando do *homem*.

A palavra ficou suspensa no ar entre eles.

Lúcifer voltou-se para Miguel, a respiração curta. Arrancou a carta das mãos do irmão e a estudou, o rosto parecendo esculpido em pedra.

- Sou guardião de milhares de magníficos universos nas galáxias de nosso Pai. Estou despreparado para perder meu tempo com essas não entidades.

Então, com um movimento brusco e ágil, tomou a espada, lançou a capa sobre os ombros e caminhou pelos grandes salões até a praia, com Ébano em seu encalço. Gabriel e Miguel seguiram-no, alguns passos atrás.

Lúcifer encontrava-se imóvel como uma esfinge sobre as areias peroladas, contemplando as margens do horizonte oriental. Miguel observou o queixo de Lúcifer, uma linha firme e determinada. O único detalhe adicional que revelava o desconforto do irmão era seu punho, tão cerrado ao redor da espada que os nós dos dedos estavam brancos. Depois, como um raio, seu humor mudou. Voltou-se para Miguel e lhe abriu um sorriso encantador.

- Chega dos zéfiros sussurrantes do jovem Gabriel! - Agarrou o irmão caçula pelo ombro. - Nosso Pai aguarda seus príncipes-chefes. Soltou Gabriel e tomou a mão esquerda de Miguel. Os três puseram a mão direita sobre o tórax.

- Irmãos! - O tom estridente de Lúcifer ecoou pelo mar de cristal.

- Irmãos! - ecoaram as três vozes em uníssono. - Irmãos por toda a eternidade!

Nosso riso se fez ouvir sobre o mar, ecoando além dos horizontes de coral do Primeiro Céu.

Gabriel mergulhou a pena na tinta sépia e continuou a escrever.

E pareceu que, naquele momento, lá nas câmaras celestiais, a vida e a harmonia entre nós três e nosso Pai eram perfeitas.

Se apenas soubéssemos que sombras espreitavam nosso horizonte perfeito...

Sombras que prenunciariam a derrocada do universo...

CAPÍTULO 3 OS PORTAIS

Os portais científicos eram descomunais. O que se exibia no alto do imenso domo de cristal era a galáxia da Via Láctea, que parecia se estender por bilhões de anos-luz, chegando às galáxias reais bem acima da Torre dos Ventos. Milhares de milhões de sóis recém-criados, reunidos em massas em espiral, irradiavam-se do alto do portal central de cristal, enquanto estrelas anãs recém-nascidas pendiam sobre os infinitos milhares de fileiras e fileiras de reluzentes profusões de galáxias.

Xacheriel, curador de ciências e de universos do Ancião dos Dias, era um dos Vinte e Quatro Reis Anciões sob a liderança de Gerir. Ele e seus sábios eram executores dedicados das impronunciáveis maravilhas de Jeová, governadores dos três grandes portais e fiéis depositários dos cofres sagrados dos flamejantes querubins e serafins. Esses cofres abrigavam incontáveis bilhões de planos de DNA, códigos genéticos e linhas divisórias de inumeráveis galáxias, oceanos e universos de Jeová.

Mas, naquele dia, Xacheriel havia suspendido as atividades acadêmicas e deixado o portal central para dar aulas ao novo grupo de aprendizes. Tratava-se de uma antiga raça angelical com as características da juventude eterna, detentora de notável curiosidade, cujos jovens haviam sido destinados expressamente para auxiliar os Anciões a fim de guardar as inúmeras novas galáxias de Jeová.

Xacheriel percorreu as fileiras do laboratório dos jovens, a grande escola dos universos. Raios de um azul intenso brilhavam sobre sua

coroa dourada, lampejando perigosamente próximos da inabalável coruja branca sobre seu ombro direito. Um aprendiz ofegante corria atrás dele, mantendo sua capa longe do chão com grande dificuldade.

Jovens entre seis e quinze anos distribuíam-se pelo portal científico, atarefados em experimentos, medições e cálculos. Ensaíavam as múltiplas disciplinas da cosmologia, da genética celular e molecular, e da geomorfologia - parte do rigoroso manual de treinamento de Xacheriel para os estudos da raça concebida recentemente. Seu projeto atual era a replicação exata do universo e dos sistemas solares recém-criados, executados com detalhes precisos e meticulosos segundo os projetos de Jeová.

Xacheriel estacou de repente ao lado de um aprendiz rechonchudo de seis anos, os cabelos cor de cenoura e o rosto coberto de sardas. Espiou sobre o ombro do aprendiz e estudou a tela de pulsar.

- Não, não... *não*, Dimnah! - Bateu no peito em um gesto dramático. - Quantas vezes preciso lhe dizer que não deve usar hipóteses? É matemática. O que importa é a precisão. Uma coordenada fora do lugar, e um universo inteiro pode perecer!

Os olhos de Xacheriel iluminaram-se intensamente. Curvou-se sobre Dimnah, os dedos ágeis ajustando os cálculos ao longo do processo.

- Aprendizes, aprendizes... - murmurou entre dentes, irritado.

- Mas de que outro modo aprenderão os grandes mistérios das ciências de Jeová, meu velho amigo?

Xacheriel se virou tão depressa que seu monóculo se soltou e ficou pendurado no cordão.

- Gerir! - Xacheriel o envolveu em um abraço forte e virou-se logo em seguida para observar o lânguido Dimnah. - Reconfigure, Dimnah. A capacidade deve ser exatamente a do meu cálculo.

Xacheriel apontou um dos protótipos em miniatura de Sol para a Terra, brilhando acima da cabeça de Dimnah.

- A perda de massa dos núcleos de hidrogênio é exatamente quatro milhões de toneladas por segundo, o que vai manter esse sol isolado brilhando no mínimo por... - Hesitou, coçando a cabeça sob a coroa.

- ... seis bilhões de anos. - E virou-se triunfante para Jether.

Jether ofereceu-lhe um grande lenço. Xacheriel olhou para baixo, observando as estranhas manchas azuladas em sua barba, depois esfregou-as com o pano. Jether fitou com estranheza os raios que ainda circulavam em torno da cabeça de Xacheriel. Este tentou afastá-los, mas sem sucesso.

- Minha cabeça ficou presa há duas luas... enquanto me banhava...

- gritou para Jether ao atravessar o portal do laboratório. - No catodo de fissão eletromagnética. Um experimento pessoal com voltagem. Vai passar.

Uma grande explosão de eletricidade quase derrubou Xacheriel. Ele se voltou para Lamech, o aprendiz que lhe segurava a capa. Lamech oscilou, estonteado, a eletricidade flutuando como um halo sobre os cachos castanhos.

Xacheriel dirigiu-se com impaciência ao aprendiz.

- *Absorva*, Lamech. - Meneou a cabeça para o atônito jovem, enquanto os arcos azuis desapareciam nos cachos finos. - Quantas vezes preciso lhe dizer? *Absorva* os campos eletromagnéticos!

Jether cobriu a boca com um lenço, abafando um enorme e divertido sorriso, enquanto continuavam a caminhar pelas intermináveis fileiras de aprendizes que realizavam experimentos.

- Não, *não*, Jatir - exclamou Xacheriel. - Éter demais!

- Pelo que vejo, você os educa segundo os padrões impossíveis que considera normais! - disse Jether, os olhos brilhando.

Xacheriel se deteve, o semblante sério.

- Eles precisam ser *rigorosos* nas aplicações, Jether. A troposfera e a estratosfera do sistema solar da Terra precisam ser calculadas *meticulosamente* para que a nova raça possa existir. - Voltou-se para Jether. - Enfrentamos os desafios da matéria a cada passo.

Caminharam juntos até o observatório, onde trabalhavam os aprendizes mais velhos, cada fibra de seu ser concentrada nas criações. Xacheriel apontou para um dos nove planetas no recém-criado sistema solar, que flutuava sobre a cabeça de Rakkon.

- Rakkon! As leituras da sonda exploratória - exigiu.

Rakkon curvou-se profundamente.

- Meu senhor Xacheriel - saudou-o -, a temperatura da superfície do sol solitário é de 5.500 graus Celsius. A massa do planeta solitário é de mais de seis sextilhões de toneladas, girando a 149,6 milhões de quilômetros do sol.

Um segundo aprendiz curvou-se profundamente, quase batendo a cabeça no chão de tanto entusiasmo. Os olhos de Xacheriel se reviraram nas órbitas.

- Sim, sim, Otniel... o que *foi*? - Ele enxugou a testa com o lenço de jether.

- Meu senhor Xacheriel, as descobertas revelam que a atual atmosfera de mil quilômetros é tênue demais para que a nova forma de vida possa existir. Aumentei o escudo para dois mil quilômetros, senhor, para manter uma constante...

Xacheriel resmungou e repôs o monóculo sobre o olho esquerdo.

- Bom, Otniel... - Hesitou. - *Muito* bom! - Estudou a tela pulsante de radar que brilhava em pleno ar á frente de Rakkon. - Rakkon, o problema está... - Acertou o ar com o cajado, os olhos brilhando. - Aqui! - Triunfante, Xacheriel pegou um giz de neon brilhante. - Você acabou de matar toda a nova raça. Eles vão sufocar desde o princípio! - Rabiscou uma longa série de cálculos com o neon no ar, próximo a Rakkon, resmungando enquanto escrevia. - Vinte e um por cento de oxigênio; 2,78 por cento de nitrogênio; 0,04 por cento de dióxido de carbono e 0,9 por cento de argônio - acrescentou secamente.

Xacheriel bateu as mãos, e uma grande nuvem de giz de neon luminoso voou até o rosto de Jether. Ele reagiu com um espirro e assoou o nariz em outro lenço, enquanto Rakkon sufocava na nuvem de poeira luminosa.

Xacheriel, contudo, encontrava-se radiante, alheio por completo às reações próximas de si.

- Para igualar as emissões do *Homo sapiens* nos próximos cem milênios - prosseguiu -, inclua o neon e óxidos de nitrogênio e metano. Girou nos calcanhares. Jether ainda enxugava os olhos inchados e vermelhos, e Rakkon, ainda engasgado, exibia um pálido tom esverdeado.

- Ah, e não se esqueça do criptônio! - acrescentou, aproximando o rosto do de Rakkon, que ainda resfolegava. - Rakkon, precisamos antever sempre todas as contingências.

Jether bateu palmas em sinal de reconhecimento. Xacheriel, em resposta, curvou a cabeça em reverência.

- Ele é que é digno de toda reverência e admiração. Ele que é onisciente... onipotente.

Jether fechou os olhos e curvou a cabeça em reverência, depois prosseguiu:

- Vivemos para executar Seus comandos sagrados. Só Ele é digno.

Jether abriu os olhos e viu Miguel em pé, ao lado de Xacheriel, observando paralisado a outra extremidade do portal. Jether trocou um longo e significativo olhar com Xacheriel, que pareceu orgulhoso. Jether fez um aceno de cabeça.

Xacheriel recolheu as volumosas dobras do traje e caminhou pela imensa entrada do segundo portal, adentrando o que parecia ser um longo e sinuoso corredor translúcido. Em seguida, observou compenetrado Jether e Miguel, respirou fundo e passou a correr rapidamente no mesmo lugar, como se arrastasse o piso sob os pés. Instantaneamente, ele se transformou numa reluzente substância

semelhante ao mercúrio, que logo envolveu todo o corredor. O fluido brotou com calor tão intenso que o local começou a girar e a tremer com velocidade estonteante... até parar abruptamente.

Suspensa diante deles, parecendo ir do infinito até o infinito, uma colossal escada luminosa ascendia até a galáxia situada no entorno do portal. Um gigantesco holograma.

Xacheriel, o rosto reluzente de satisfação, pôs o pé no primeiro degrau dessa escada viva e pulsante, depois caminhou por ela e desapareceu em hélices giratórias. Foi seguido de imediato por Jether. Miguel ficou para trás, observando.

A cabeça de Jether reapareceu pela dupla-hélice.

- Miguel! - Arqueou as sobrancelhas, inquisitivo.

Miguel deu um passo hesitante sobre a escada e logo se viu suspenso no ar, girando à velocidade da luz, através do interminável corredor em espiral do holograma.

- A escada da vida! - gritou Xacheriel enquanto a percorriam.

Miguel estendeu a mão para tocar a dupla-hélice pulsante. A seu contato, a escada deteve qualquer tipo de movimento, enquanto imensos depósitos de informação eram descarregados diante de seus olhos.

A voz automática do portal narrou em tons modulados:

- O cérebro físico do homem é composto por mais de cem bilhões de células, cada uma com mais de cinquenta mil conexões neurais com outras células cerebrais. A estrutura recebe mais de cem milhões de sinais separados do corpo humano a cada segundo.

Jether esboçou um sorriso.

- As incríveis maravilhas de Jeová!

Miguel voltou a colocar a mão na espiral. De imediato, um holograma se materializou e girou, exibindo uma ampliação do protótipo.

- Mais de cento e vinte e cinco milhões de cones e bastonetes - prosseguiu a narração -, células especializadas, tão sensíveis que algumas podem detectar um simples punhado de fótons.

Jether ergueu a mão e uma voz distante e indistinguível, com um leve traço de impaciência, ecoou pela escada.

- Xacheriel!

Miguel e Jether apressaram-se pelos infinitos corredores sinuosos por um tempo que lhes pareceu uma eternidade, até pararem diante de um vasto véu vivo, vibrante, que Xacheriel estudava com êxtase absoluto, completamente alheio à chegada dos demais.

- DNA - murmurou Jether, maravilhado. - Os tijolos da vida. Uma complexidade inimaginável... - O véu ficou transparente e bilhões de

intricados e vibrantes códigos seqüenciais tornaram-se visíveis. - Uma seqüência de base de trezentos bilhões! - Os olhos de Xacheriel piscaram de excitação. - Um programa único, perfeitamente adaptado a cada aspecto da nova raça, formando o código genético humano.

Miguel meneou a cabeça, fascinado.

- O conjunto de instruções que vai levar cada membro da nova raça de um óvulo unicelular à idade adulta...

Jether assentiu, extasiado.

- Um número de nucleotídeos com dez vezes 2,4 vezes dez à nona potência seqüências possíveis - prosseguiu Xacheriel -, e todas levam a uma completa ineficiência biológica. - Voltou-se, fascinado, para Miguel. - Exceto por esta aqui.

- Criada à imagem Dele - falou Miguel com suavidade.

- O livro de construção do ser humano, ou, se preferir, um manual de instruções - prosseguiu Xacheriel. - Matéria que criamos com a finalidade específica de ser portadora desse código.

Empolgado, segurou uma fibra de DNA com os dedos.

- Não é menos espantosa; tem a espessura de dois milionésimos de milímetro. - Os olhos reluziram com fervor. - Mas a quantidade de informação contida nela é tão imensa que, no caso do DNA humano, se os filamentos espiralados e compactos contidos em um adulto fossem desenrolados e esticados, cobririam *meio milhão de vezes* a distância entre o planeta recém-criado e sua Lua solitária!

Xacheriel se voltou para Jether e Miguel.

- E, quando enrolado... - Apontou para um pequeno recipiente do tamanho de uma colher de chá. - ... todos os filamentos poderiam caber aqui. Quarenta e seis cromossomos para cada uma das células vivas da nova raça. Os genótipos de todas as células derivados de uma célula específica serão precisamente os mesmos, a menos... - Xacheriel franziu o cenho e os observou por sob as sobrancelhas - ...a menos que ocorra uma mutação - declarou em tom ameaçador.

- O que, naturalmente, é inconcebível - Jether acrescentou com rapidez.

Gritos agudos infiltraram-se pelos corredores da escada.

- Xacheriel... Xacheriel, meu senhor!

Xacheriel soltou um profundo suspiro.

- Aprendizes, aprendizes! - Desapareceu, transportando-se instantaneamente de volta ao portal principal.

Jether moveu a palma da mão na frente dele e de Miguel. Tendo se transportado também, puderam observar então um grupo de aprendizes espalhafatosos e obviamente abalados que entrara na câmara interior,

fazendo, a cada passo, reverências profundas para o impaciente Xacheriel, que os encarava com um olhar zangado. Os trêmulos aprendizes o contemplavam quase em êxtase.

Xacheriel murmurou:

- Quem perturba meus pensamentos desta vez?
- Meu senhor, meu senhor!

O líder do grupo tomou a mão de Xacheriel e agarrou-se com desespero a ela.

- Mil perdões por perturbá-lo, senhor... mil perdões...

Xacheriel conseguiu se desvencilhar com imensa dificuldade.

- O que *foi*?

O menor dos aprendizes se postou à frente.

- A cabeça de Dimnah ficou presa! - O líder acrescentou: - No catodo de eletrofissão!

- E está em chamas! - adiantou-se um segundo aprendiz minúsculo.

Xacheriel bateu o cajado no chão.

- Já chega!
- Com chamas azuis...
- *Chega!* Já chega! Dimnah! - Ele irrompeu apressadamente portal afora, expulsando os aprendizes dali.
- Venha, Miguel - convidou Jether em um tom estranhamente solene. - Há algo que preciso lhe mostrar.

Miguel acompanhou-o até a extremidade do portal. Olhou para cima, em direção ao lugar indicado por Jether, incrédulo. A distância, soprava um vento forte, e do vento se fez uma grande nuvem de fogo. Grandes relâmpagos saíram dela. No centro das chamas ardentes, viam-se quatro criaturas vivas: os poderosos querubins de Jeová. Cada criatura possuía quatro faces e quatro asas. As pernas ficavam em posição vertical, e as solas dos pés eram como as de um bezerro, resplandecentes como bronze brunido. Cada uma tinha a face de um anjo na frente, a face de um leão do lado direito e a face de um boi do lado esquerdo. Curvavam-se em adoração ao Ancião dos Dias.

- Os cofres sagrados - comentou Jether.

Miguel observava com espanto. Curvou a cabeça em reverência.

- As maravilhas de Jeová...
- Os tesouros da neve - sussurrou Jether com admiração. - Os depósitos dos sacramentos dos céus. E também o lugar onde se guarda o maior dom concedido ao homem por Jeová, Miguel. - Deteve se, invadido por uma onda de emoção. - O livre-arbítrio.

Miguel recuou, atônito. Jether fez um gesto para além do serafim.

- Ele fica aqui - sussurrou. - Foi programado no genoma.

- Mas... - começou Miguel.

Jether o olhou mansamente e assentiu devagar.

- ... mas e se eles o utilizarem de maneira errada? - indagou com suavidade, concluindo o pensamento de Miguel.

Miguel assentiu, atordoado.

- Nós, seres angelicais, que vivemos no fogo de Sua presença, fomos dotados de livre-arbítrio, e ainda assim temos de provar que sabemos usá-lo, Jether! - A voz de Miguel se elevou conforme seu entusiasmo. - A cada lua, temos de nos submeter a provas.

- Você quer dizer que teme pelos meros mortais? - Jether lhe sorriu compassivamente. - Teme que eles se tornem renegados?

Miguel fez que sim, o rosto pálido.

- Não dá nem para conceber algo assim - tornou Miguel.

Jether o fitou por um longo momento.

- Ele faria com que O amassem por *vontade própria*, Miguel. Jamais os forçaria.

- É um risco... - respondeu Miguel, incrédulo.

Jether meneou a cabeça.

- De O decepcionarem? - Ele moveu a palma da mão e, no mesmo instante, estavam de volta, em pé no portal central. - Tal é a imensidão de Seu amor - respondeu em voz baixa, uma sensação de encanto transformando-lhe as feições.

- Desculpe... - Alguém pigarreou atrás deles.

Ambos se voltaram.

Charsoc, um dos oito monarcas regentes dos Anciões, encontrava-se na entrada do portal. Majestoso, o nobre semblante envolvido em sabedoria, trajava as amplas vestes reais cor carmim, típicas dos reis celestes. Curvou-se, e os longos cabelos e a vasta barba branca varreram o chão de cristal.

- O conselho está reunido, meu reverenciado Jether. Aguardamos seu relatório com grande expectativa.

- Quando a nova raça estará pronta? - perguntou Miguel.

Os olhos de Jether se acenderam de entusiasmo.

- Muito em breve.

CAPÍTULO 4

O ÉDEN

Miguel ficou um longo tempo na superfície da Terra, contemplando o firmamento, fascinado com a palheta de suas cores: tons de cereja, lilás, safira e âmbar. Envolveu-se em sua capa azul-escura e caminhou

até o carro para continuar a perscrutar o céu à procura de Lúcifer, tal como fizera na hora anterior.

A distância, ouviu-se uma súbita trovada, quando o monstruoso carro dourado de Lúcifer tornou-se visível entre as nuvens, voando sobre feixes de relâmpagos e puxado por oito de seus melhores cavalos alados, as crinas brancas reluzentes trançadas com platina. As enormes rodas prateadas do carro tocaram a terra macia da superfície do planeta, fazendo sulcos nela, até pararem em um movimento brusco. Sobre o carro estava Lúcifer, com sua figura imperial, a capa de arminho esvoaçante, a coroa incrustada de rubis sobre os cabelos negros.

Miguel o fitou com seriedade.

- Eu sei, eu sei. - Lúcifer desceu do carro e se aproximou de Miguel. - Estou atrasado, meu irmão! - Curvou-se e beijou Miguel com afeição. - Perdoe-me. - Lúcifer percorreu o entorno com o olhar, em um gesto teatral. - Então... é sobre isto que o céu está fazendo furor! - Ajoelhou-se e colheu um punhado de terra, deixando a poeira fresca escorrer-lhe pelos dedos. - Como supunha - completou com desdém, inspecionando o terreno marrom e rudimentar da superfície da Terra não tem absolutamente nenhuma característica que a redima. - Ergueu os braços rumo ao céu. - Pense em Gardesia, onde os vulcões expelem ouro derretido. Ou em Seraphia, onde os grãos de areia são pérolas rosadas e mil pálidas luas lilases exsudam sua luz. - Suspirou profundamente ao caminhar sobre folhas recém-brotadas de grama cor de esmeralda. - Pense no Éden, onde os prados têm juncos de tons dourados e as florestas tropicais estão repletas do elixir da vida.

Os olhos de Miguel se estreitaram.

- Não se decepcione com tanta facilidade, Lúcifer. Tenho uma surpresa que vai mudar seu conceito sobre este pequeno mundo novo.

- Miguel, mesmo que fosse um verdadeiro Éden, dificilmente ele ganharia meu interesse. - Lúcifer soltou outro suspiro.

Miguel pôs as mãos sobre os ombros de Lúcifer, o tom sincero ao dizer:

- Sabe, meu querido irmão - encarou Lúcifer com visível animação - é o Éden!

Miguel montou um de seus cavalos e galopou sobre os exuberantes prados verdejantes na porção oriental do planeta Terra, seguido por Lúcifer, que montava um dos cavalos de seu carro. Ao se aproximarem da entrada do Éden da Terra, Miguel puxou as rédeas, observando com enlevo a cena diante deles, o rosto fulgurante.

Lúcifer também deteve a montaria, silencioso, contemplando os dois imensos portões de pérola que se erguiam a distância. Esforçou-se para não pensar na assustadora possibilidade de que além dos portões estaria uma reprodução exata dos Jardins Suspensos do Éden, e que as grandes Águas do Éden seriam despejadas de uma altura de mil e seiscentos metros sobre as Fontes Eternas.

- A Raça dos Homens é verdadeiramente amada por nosso Pai. - Miguel contemplou o panorama com encanto. - Ele duplicou o Éden para eles.

No rosto de Lúcifer surgiu uma expressão de desagrado, e depois olhou com irritação para a frente, incentivando o cavalo a correr. Galopou pelos campos de juncos, percorreu as exuberantes florestas tropicais, com o mesmo solo que exalava os mesmos aromas intensos que no Primeiro Céu o embriagavam ao cavalgar. Então, os olhos se fixaram no inacreditável cenário diante de si.

As monumentais Cachoeiras de Néctar trovejavam a mais de quinhentos quilômetros abaixo dali, refletindo os matizes mutáveis do arco-íris do horizonte do Éden. Emoldurados por grandes e velhos salgueiros, os rios fluíam para norte, sul, leste e oeste, além dos luxuriantes jardins celestes, banhando a Terra. Os mesmos unicórnios e órix que pastavam nos campos do Éden angelical pastavam no Éden da Terra. Lúcifer reconheceu as aves do paraíso, flamingos de tonalidades do arco-íris e grifos azuis, além de outras criações que não lhe eram familiares.

Incrédulo, apeou do cavalo, as mãos trêmulas nas rédeas. Caminhou com rapidez pelos mesmos gladiolos e plumérias, e pelas mesmas pálidas flores azuis que se pareciam com tulipas com longos estames de cristal, que cresciam no Primeiro Céu, perto do segundo portão.

Devagar, Lúcifer abriu o portão. Tinha mais de três metros e meio de altura e sessenta centímetros de espessura, escavado em ouro sólido e incrustado com rubis e diamantes, encravado em uma vasta parede de jacinto que cercava a entrada para o santuário interior do Éden.

Observou estático a extremidade mais distante dos jardins suspensos. Havia duas árvores ali, quase inteiramente envolvidas por névoas brancas que giravam sem cessar, os frutos reluzindo em tons dourados sob a luz. Ao norte das árvores, viu uma estreita alameda de pérolas coberta por trepadeiras e romãzeiras, repletas de belos frutos prateados. Compreendeu, com uma terrível certeza, que, além dos frutos pendentes do Jardim das Fragrâncias, haveria aquela simples porta de madeira.

- Ele ficará com os humanos... - murmurou Lúcifer.

Com lentidão, Miguel dirigiu o olhar para Lúcifer, enquanto contemplavam a gruta na extremidade dos Penhascos do Éden, cercada por oito oliveiras antigas. Um olhar angustiante de intenso sofrimento obscurecia as feições de Lúcifer. Uma lágrima solitária escorria-lhe pelo rosto. Mal pôde ouvir as palavras sussurradas:

- Ele nos abandonou.

CAPÍTULO 5

MATINAS

O conselho dos Vinte e Quatro Reis Anciões de barbas longas sentou-se para as matinas silenciosas em torno de uma mesa de jantar de mogno esculpido, disposta de tal modo que parecia pronta para um lauto banquete. Cada cabeça branca, adornada com uma coroa dourada, estava curvada, imersa em veneração. Havia uma coruja adormecida empoleirada no ombro de cada monarca.

Jether encontrava-se sentado ao lado de Charsoc e de Xacheriel, que roncava forte no ouvido de Charsoc. Este arregalou os olhos, franzindo o cenho no momento em que o monóculo de Xacheriel caiu em sua sopa quente. Xacheriel despertou sobressaltado.

- Maldição, raios! - exclamou.

Charsoc olhou ameaçadoramente para Xacheriel, assim como todos os outros quarenta e quatro olhos se abriram ao mesmo tempo, fitando com irritação o semicego Xacheriel, que buscava o monóculo na sopa, parte da qual lhe respingara na barba. Um relâmpago se espalhou da sopa para a mesa. Jether limpou discretamente a boca com um grande guardanapo branco, enquanto Xacheriel tentava, sem muito sucesso, apagar o fogo com o próprio guardanapo, que também acabou se incendiando.

Rakkon se apressou em acudi-lo, seguido de perto por Dimnah, que despejou com empolgação uma garrafa inteira de elixir sobre o guardanapo ardente e a cabeça de Xacheriel. Jether, por sua vez, abafou uma risada. Xacheriel então se pôs de pé, encharcado e fumegante, e Jether fispou o monóculo de dentro da sopa. Enquanto isso, Dimnah tentava enxugar o furioso Xacheriel com uma toalha, pedindo inúmeras desculpas em meio a diversas reverências.

Os outros vinte e dois Anciões voltaram às matinas particulares, mais uma vez entregues a preces elevadas, e Xacheriel, ainda resmungando, deixou o recinto, seguido pelo fatigado Dimnah.

Jether lançou um olhar de esguelha para Charsoc, cujo rosto estava oculto atrás de um grande guardanapo branco. Os ombros se sacudiam

de modo muito pouco monárquico. Jether começou a rir. Inclinou-se e se aproximou do ouvido de Charsoc, cochichando alguma coisa, e logo os dois Anciões desapareceram.

Reapareceram juntos na Sala Alta da Torre dos Ventos, o retiro dos oito Anciões que formavam o Supremo Conselho do Céu. Cem enormes corujas brancas, empoleiradas nas ameias, guincharam de satisfação quando viram Jogli e Bashkar, a coruja de Charsoc, nos ombros dos dois Anciões.

- Vamos caminhar, meu velho amigo. - Jether deu o braço a Charsoc, e Jogli e Bashkar voaram para se unir às compatriotas.

Caminharam, como condiz com a boa camaradagem, pelos belos jardins, passando por fontes e sebes aparadas, a conversa em voz baixa e tom íntimo. De vez em quando, Charsoc ria sob o lenço, ao se lembrar do incidente com Xacheriel. Descansaram perto das fontes de safira, o líquido vertendo em cascatas, como mercúrio azul reluzente. Jether pegou um cálice para beber elixir.

- Ah - falou, um sorriso de satisfação no rosto amora silvestre e groselha-branca!

Charsoc reteve seu cálice sob o fluxo de elixir. Sorveu-o com delicadeza.

- Campânula e madressilva - murmurou gratificado. Colheu um alimento prateado de uma grande árvore repleta de flores brancas e deliciosos doces. Quebrou-o ao meio, revelando uma mistura branca reluzente com espessa substância semelhante a um creme. Enfiou-o na boca, saboreando-o. - Uma sublime mistura de creme de framboesa e caqui. - Fechou os olhos, enlevado. - Com um toque de coalhada!

Jether se encaminhou ao centro da torre, onde ficava a grande mesa dourada, cercada por oito tronos dourados, nos quais os zéfiros angelicais da sabedoria e da revelação sopravam em ciclones eternos. Sentou-se em um dos oito tronos de jacinto e imediatamente os zéfiros se transformaram em vento suave. Jether respirou os revigorantes aromas de mirra e pluméria que rodopiavam na brisa sobre sua cabeça.

- Fale-me de suas divagações, venerado amigo.

Charsoc sentou-se em seu trono e fechou os olhos em êxtase.

- Reflito sobre os sagrados mistérios de Jeová e minhas viagens aos tesouros dos ventos e da neve - falou Charsoc, inspirando profundamente os zéfiros. - Penso nos cofres sagrados dos querubins. Medito sobre o instante em que testemunhei Jeová abrindo os

firmamentos dos universos como um espelho derretido. Vi onde os ventos tomam seu curso e onde se forma o granizo. - Inalou o aroma de olíbano, cerrando os olhos. - Pondero sobre todas essas maravilhas do universo angelical.

Ficaram sentados em silêncio durante um longo tempo.

- Mas você está inquieto, meu compatriota velho como o tempo - ponderou Jether.

Charsoc abriu os olhos. Tomou a mão envelhecida de Jether na sua.

- Você é um excelente vidente, companheiro que o tempo honrou.

Jether assentiu.

- Percorremos muitos caminhos nestas últimas eras, venerável amigo. Sei que existe algo lhe pesando na alma.

Charsoc se levantou, dirigindo-se à extremidade da Torre dos Ventos, onde os zéfiros sopravam com mais furor. Virou-se para Jether, cabelos e vestes se agitando com violência ao sabor da tempestade.

- A santidade de nosso mundo angelical deve ser protegida a todo custo, Jether. - Expressou as palavras com suavidade, mas também com paixão.

Ele se afastou dos ventos fortes e caminhou até os jardins finamente cuidados. Bashkar voou com agilidade à mão estendida do mestre. Charsoc olhou para Jether por sobre o ombro.

- Não se preocupe comigo, estimado amigo. - E, tendo dito isso, desapareceu em meio às brumas alvas e revoltas.

CAPÍTULO 6

O REVELADOR

Gabriel se revirava sobre os lençóis de seda azul-real, o suor brotando da testa e umedecendo o travesseiro. Sua respiração era curta e espasmódica. Os olhos se encontravam cerrados, os cabelos loiros empapados de suor.

- Rebelião - murmurou.

Miguel estava à porta do quarto dele. Observou Gabriel, o semblante preocupado. Aproximou-se do irmão.

- Gabriel - sussurrou, segurando-lhe os ombros.

Os olhos de Gabriel se reviraram. Miguel o chacoalhou.

- Gabriel!

Lentamente, os olhos do irmão encontraram foco. Ele se sentou, trêmulo.

- Miguel... os sonhos... nos últimos tempos, ficaram insuportáveis. - Soluços agitaram o peito de Gabriel. - Reinos se erguendo... caindo. A raça dos homens... Jeová... traição. - Pôs as mãos sobre o rosto.

Miguel observou o irmão mais novo. Desconsolado.

- Não há perigo em nosso mundo, Gabriel - argumentou. - São apenas sonhos... imaginação.

- Miguel? - A voz de Jether era suave.

Visivelmente abalado, Miguel se voltou para a porta, onde estava Jether.

- Tenho ouvido os gritos dele todas as noites, Jether. Ele sofre tanto. Está ficando intolerável.

Jether foi até a cama, e a luz das luas pálidas do Éden iluminou-lhe o rosto. Sentia-se consumido. Abatido.

- É o preço pelo dom que ele tem, Miguel. - Jether manteve-se em silêncio por um longo momento. - Ele é o revelador, o vidente de Jeová. Todas as noites, os sonhos o levam através das eras, conduzindo-o aos mundos futuros. Ele vê a devastação que ainda irromperá em nosso reino. E carrega essas visões no coração e na mente.

Miguel meneou a cabeça, confuso. Jether lhe ofertou um sorriso complacente.

- Você, meu filho, tem um fardo diferente. Gabriel, o revelador; Miguel, o guerreiro. - Jether cerrou os olhos. - As guerras que ele vê, você ainda irá travar. Seu quinhão será grande nas eras que virão.

- E quanto a Lúcifer?

Jether ficou em silêncio. A testa se franziu.

- Deixe-nos, Miguel. Vou reconfortá-lo.

Miguel curvou-se em sinal de respeito, beijou Jether nas duas faces e deixou o quarto. Jether pôs a mão envelhecida sobre o ombro trêmulo de Gabriel.

- Também sou vidente, Gabriel. Vejo parte daquilo que você vê, meu filho.

Gabriel ergueu lentamente o rosto coberto por lágrimas.

- A ascensão e a queda de mundos e mundos - prosseguiu Jether com ternura. - As traições... as blasfêmias... guerras... devastação.

- Deserção... - murmurou Gabriel. - A raça dos homens. Jeová abandonado!

- Sim, deserção - respondeu Jether. - Você tem visto a verdade, Gabriel. Mas não é isso que assombra seus sonhos.

Gabriel se sentou na cama e se levantou, envolvendo com o manto o corpo trêmulo. Dirigiu-se às imensas janelas do quarto, contemplando

as águas de ametista que lambiam as areias peroladas. Acendeu um grande jarro com mirra.

- Você leu minha alma, Jether. Não é isso que assombra meus sonhos.
- Virou-se para o Ancião. - Não posso falar a respeito. - Grandes soluços lhe sacudiram o corpo. - Ele deve ser advertido! Não pode fazer isso.

Gabriel e Jether se entreolharam por um bom tempo na semiescuridão.

- Vou ter com ele - falou Gabriel.

- O amor que ele tem por você é muito poderoso. - Jether estudou Gabriel, cujo rosto vincava-se pelo sofrimento. - Perde apenas para o amor que ele sente por Jeová. Proteja sua mente. Proteja sua alma. Minhas súplicas serão por você.

Em seguida, Jether partiu.

CAPÍTULO 7

O HOMEM

- Acompanhem-me, Vossas Excelências! - A voz grave de Xacheriel ecoou pelos corredores do portal central enquanto caminhava, todo excitado, em direção ao enorme cofre de aço. Dimnah o seguia de perto, tentando segurar seu manto, em um vão esforço para acompanhar o tutor.

Xacheriel deteve-se bruscamente diante do cofre e se voltou para encarar Miguel, Gabriel e Lúcifer, os olhos brilhantes de entusiasmo.

- Dimnah! - exclamou. - Você está dispensado!

Dimnah curvou-se profundamente e voltou pelo corredor com a maior velocidade que as pernas curtas lhe permitiam. Jether se aproximou deles, alto e majestoso, com Charsoc um passo atrás dele.

- Meus príncipes-chefes - declarou Jether este é mesmo um momento sagrado.

Xacheriel revirou os bolsos de seu traje e resmungou, irritado:

- Maldição, raios!

Jether pigarreou educadamente.

- Hum-hum.

Xacheriel fitou-o, descontente.

- *Hummm-hummm*. - Dessa vez, o som foi mais significativo.

Xacheriel acompanhou o olhar fixo de Jether, que apontava a grande chave do cofre pendurada em seu pescoço. Ruborizado, resmungou e colocou a chave na entrada do cofre. Devagar, a pesada porta de aço se abriu.

Os três irmãos arcanjos e os dois Anciões seguiram Xacheriel pelo cofre externo e, depois, passaram por uma segunda porta, até se encontrarem no centro de um portal interior menor. De súbito, ouviu-se um ruído acima do átrio do portal, e a cúpula de cristal acima do pequeno grupo se abriu, revelando uma vasta câmara de luz cintilante, que começou a descer. Enquanto os anjos observavam, maravilhados, uma figura envolvida em luz brilhante e iridescente tornou-se visível na parte central da luminosidade, suspensa a uns doze quilômetros acima do solo.

Charsoc observou enquanto a luz descia gradualmente, magnetizado pela figura que ela envolvia.

- O homem... - sussurrou com fascínio.

Gabriel contemplou a figura, maravilhado. O protótipo, agora flutuando pouco acima do solo, parecia completamente recoberto por uma fina camada incandescente, semelhante à argila. Gabriel percebeu que ele era, no mínimo, um cúbito mais baixo que os anjos, e parecia não ter asas. As camadas externas eram constituídas de matéria, por isso parecia bem mais opaco do que os translúcidos corpos angelicais. Não pôde ter certeza, mas dava a impressão de que os átomos que se irradiavam continuamente ao redor das hostes angelicais não o cercavam. Porém, ainda assim, era belo. Contemplou-o, incrédulo. Com grande hesitação, desviou o olhar, voltando-se para Miguel.

- As feições dele são impecáveis! - Seu rosto reluziu. - Como os anjos...

- Ele *não* é angelical! - retrucou Lúcifer.

Miguel fitou o irmão com estranheza. Gabriel franziu o cenho.

- Ele *parece* angelical, Lúcifer.

- Você nos *insulta*... - uma fúria sombria e fugaz percorreu o semblante de Lúcifer - ... meu irmão.

Gabriel afastou-se de Lúcifer, perplexo.

- Lúcifer - intercedeu Jether, colocando com gentileza a própria mão sobre o braço do arcanjo acalme-se.

Lúcifer olhou melancólico para a frente, a mão agarrada à balaustrada diante dele.

Jether curvou a cabeça em reverência por um momento. Devagar, abriu os olhos.

- Meus reverenciados príncipes angelicais, tenho sido o mentor de vocês e lhes servido através de eras, mas devo lhes dizer que nunca, nos anais do Primeiro Céu, houve um dia como o de hoje.

- Uma nova raça... - comentou Charsoc, maravilhado criada à semelhança Dele...

- A raça dos homens não foi forjada como nós, os angelicais - esclareceu Xacheriel. - Cada um de nós, da raça angelical, foi criado individualmente por Jeová, de forma ousada e maravilhosamente forjada. Contudo, não temos a capacidade de replicação.

- Jeová dotou a raça dos homens com a capacidade de criar segundo a própria espécie. - Jether voltou-se para Lúcifer. - Como Ele faz.

Lúcifer evitou o olhar de Jether.

- À imagem Dele - sussurrou Charsoc.

Lúcifer, tomado pela inquietação, aproximou-se mais do protótipo. Contemplou as características do homem, estudando detidamente as maçãs do rosto altas, a mandíbula forte, os cabelos castanhos.

- Ele me é estranhamente familiar...

Charsoc fitou-o com firmeza por um longo momento.

- Ainda não adivinhou, não é, Lúcifer?

Lúcifer franziu a testa. Charsoc contemplou o protótipo e depois se voltou para o arcanjo.

- A imagem dele é a de Christos.

Gabriel olhou atônito o protótipo.

Miguel se pôs em exultante adoração, o rosto reluzente. Virou lentamente a cabeça para Lúcifer, que contemplava quase sem enxergar o protótipo, trêmulo, os sentidos abalados por um ciúme terrível, lancinante, violento. E foi então, enquanto Miguel o observava, que Lúcifer levantou os olhos para além do protótipo. O brilho em seu olhar era duro e sombrio, repleto de insatisfação.

Fitava o trono de Jeová através da cúpula de cristal.

E, durante todo esse tempo, Charsoc não desviara os olhos de Lúcifer.

CAPÍTULO 8

TRAIÇÃO

Lúcifer percorreu os imponentes corredores de mármore, a figura imperial envolta em um manto encapuzado carmim que ondulava conforme seus passos. Deteve-se diante das duas enormes portas de ônix da biblioteca do palácio. Oito guardas luciferianos prostraram-se em reverência.

- Zadkiel!

Zadkiel apareceu, como que do nada, e curvou-se profundamente.

- Está com ele? - perguntou Lúcifer.

Zadkiel respondeu com o habitual linguajar refinado:

- Do santuário interior da própria Torre dos Ventos, Vossa Excelência. Lúcifer tomou o braço de Zadkiel, arrastando-o pelos corredores da biblioteca, perto dos magníficos afrescos.

- Você foi discreto? - O olhar de Lúcifer era inquisitivo.

- Os curadores não vão sentir falta dos códices, Vossa Excelência, e, antes da aurora, eles serão devolvidos.

Lúcifer se deteve subitamente. Assentiu.

- É claro... - Hesitou. - Você sabe... que Jeová teria me dado acesso...

Zadkiel acenou positivamente com a cabeça.

- É evidente, senhor. Vossa Excelência é o príncipe mais graduado de Jeová.

- Nada me é ocultado por meu Pai.

- Claro, Vossa Excelência. Seu trono só é superado pelo Dele.

Lúcifer continuou a caminhar pelos corredores sem diminuir o passo.

- É mais rápido desse modo, Zadkiel.

Zadkiel assentiu:

- Sim, Vossa Majestade.

Lúcifer se deteve diante de oito grandes colunas.

- Não deve haver perturbação nem nenhuma interrupção até que eu conclua minhas investigações.

- Os Sagrados Vigilantes vão se assegurar de que não será interrompido até a aurora, Vossa Excelência.

- Muito bem. Reúna o alto-comando, meus mil generais, na Câmara da Assembleia, ao soar de seis sinos.

- Transmitirei suas ordens, Vossa Excelência.

Lúcifer esgueirou-se pelas colunas e passou pelos guerreiros, chegando ao salão da biblioteca. Os guerreiros se curvaram profundamente.

As portas se fecharam com um estrondo.

Milhares de livros e tomos antigos forravam as paredes arredondadas da biblioteca palaciana de Lúcifer: antologias de adorações e glorificações, tratados sobre corpos etéreos e música das diversas esferas. As antigas encadernações eram magnificamente adornadas pelo timbre real de Lúcifer em elaboradas filigranas prateadas e douradas. Empilhados até o teto, nos arquivos do palácio, havia documentos, manuscritos, rolos de pergaminho e códices antigos: os Selos de Jeová, o Testamento Sagrado do Ancião dos Dias, as antigüidades do Primeiro Céu.

Lúcifer tirou o capuz, revelando a coroa dourada cravejada de rubis que repousava sobre os reluzentes cabelos negros. Dirigiu-se à mesa de mármore negro no centro do enorme aposento circular, onde dez grandes códices encadernados em ouro, gravados com antigos textos angelicais, perfilavam-se.

Abriu o primeiro códice sem nenhuma cerimônia, folheando as páginas com rapidez. Impaciente, passou a mão sobre os textos angelicais, e um feixe elétrico azulado, semelhante a um relâmpago, criou um elo entre a palma da mão e as páginas do códice, que começaram a irradiar calor.

Lúcifer riu em triunfo. As emissões fluorescentes tomaram forma gradualmente, metamorfoseando-se em um holograma em tamanho real do protótipo material que ele havia observado horas antes no domo de cristal: o homem. Observou, fascinado, o protótipo executar uma rotação tridimensional de 360 graus, exibindo músculos, tendões e vasos sanguíneos. Uma voz automática fez uma narração científica:

- Cinquenta milhões de unidades vivas, acabamento, células, milhões morrem a cada segundo, substituição imediata. A célula tem, em média, 0,025 milímetro.

Com um gesto de mão de Lúcifer, a narração parou bruscamente.

- Sim, sim - murmurou irritado -, software do *Homo sapiens*.

Fechou o códice com força e exasperação, e passou a palma pela lombada de um segundo códice. Índices virtuais dos conteúdos do holograma apresentaram-se no ar. Lúcifer afastou também esse códice, os olhos irradiando impaciência.

Pegou o terceiro. Deteve a mão sobre a capa, e a voz modulada respondeu:

- Nível sete, engenharia biogenética.

Um leve sorriso esboçou-se no rosto de Lúcifer. Abriu o códice e o folheou cobiçosamente... Estacou. O ar se encheu de milhões de números azulados pulsantes, vibrantes. Contemplou os números, movendo a palma da mão por milhares de cálculos.

A voz modulada explicou:

- Espécie: *Homo sapiens*. Recebeu o protótipo genético 7877772261 9865384750684599364859263748937524267877771199642893647594 03910098177.

Lúcifer titubeou, assombrado. Franziu o cenho.

- Não é o código do DNA angelical.

A palma correu como mercúrio os textos angelicais. Milhares de números virtuais apareceram e piscaram, mas apenas um se manteve piscante. Lúcifer hesitou e repetiu o procedimento, a respiração

ofegante, a boca murmurando sons incoerentes. Com precisão extrema, conferiu e tornou a conferir as leituras. Uma expressão de horror tomou conta de seu rosto. O holograma girou no ar.

- É o código genético Dele!

Virou a página, a mão trêmula. Observou pesaroso o holograma animado, enquanto uma réplica feminina quase exata aparecia sendo *clonada cirurgicamente* do protótipo masculino do *Homo sapiens*. *Compartilhando o mesmo DNA*. O holograma ampliou um óvulo fertilizado. Lúcifer observou incrédulo enquanto a imagem progrediu do óvulo para o feto, e deste para um bebê. Fitou o teto, confuso.

- *Ele vai se replicar!* - murmurou febrilmente. - *Ele vai duplicar os genes Dele... na matéria!* - *Passou os dedos pelos cabelos, sem ter grande consciência do gesto.* - *Eles... eles serão imortais... inteligentes... conscientes.*

Voltou-se para o teto, o rosto retorcido em raiva e repulsa.

- O que Lhe fizemos para que traísse assim a raça angelical? - Afastou a cadeira na qual se sentava e se levantou, as mãos voltadas para a Montanha Sagrada, em desespero. - Nosso amor não Lhe é suficiente? Por todo o Primeiro Céu, nossas preces ecoam em adoração! - A voz tremia, inflamada pela paixão. - Nossa devoção é inequívoca - berrou, indo de um lado para o outro do salão, agitado. - Nosso compromisso está acima de qualquer questão. Nossa veneração é inegável. As hostes angelicais, nós, que Lhe prestamos tributo... - Voltou um olhar febril para cima. - Você tem a mim, o portador da luz, o arcanjo que cobre a Sua presença, para reverenciá-Lo e adorá-Lo. - Esmurrou a mesa. - O que *mais* Você exige?

Gabriel percorreu os intermináveis corredores do palácio de Lúcifer, a fisionomia fechada. Naquela noite, revelaria ao irmão mais velho as agonias e visões que o vinham atormentando nas últimas luas. Ele o advertiria.

Ao avançar, o semblante revelou preocupação. Os corredores estavam desertos, o que era incomum. Onde estariam os guardas de Lúcifer? Avistou uma luminosidade que brotava de sob as enormes portas douradas da biblioteca do irmão. Dirigiu-se para lá.

Com fúria ardente, Lúcifer arrancou a coroa dourada da cabeça e a lançou ao chão, no momento em que as pesadas portas douradas se abriram.

Gabriel deteve-se à soleira, observando a cena. A coroa deslizou pelo chão de ônix, parando por fim a seus pés. Lentamente, Gabriel fechou as portas, agachou-se e tomou a coroa dourada nas mãos. Caminhou até Lúcifer, parando diante dele. O irmão tinha a cabeça voltada para o chão. Então, centímetro a centímetro, ergueu o olhar, para se deparar com o de Gabriel.

- Jeová! - gesticulou para os códices sobre a mesa de mármore. - Ele vai nos substituir como objeto de Sua afeição.

Gabriel se dirigiu com lentidão para a mesa. Observou os códices e, depois, ambos se entreolharam, enfrentando-se. Lúcifer se aproximou mais, a ponto de Gabriel sentir seu hálito quente sobre o rosto.

- O código genético perfeito - sibilou Lúcifer -, envolto em matéria, replicando-se até a eternidade. O universo será consumido por eles!

A voz de Gabriel foi pouco mais alta que um sussurro.

- Você está falando do homem.

- Homem! - Lúcifer praticamente cuspiu a palavra.

Gabriel baixou a cabeça.

- Vim procurá-lo esta noite, Lúcifer, pois tenho tido muitos sonhos nos últimos tempos. Seu rosto tem se destacado em todas as minhas visões. - Titubeou. - Sonho com deserção, meu irmão. Dia e noite, vejo Jeová abandonado diante de mim...

- O plano de Jeová para criar a raça dos homens tem fundamentos ruins. - Lúcifer aproximou-se de Gabriel e lhe agarrou um dos ombros.

- Se realmente O amamos, temos de dissuadi-Lo dessa loucura! - Fitou o irmão com adoração. - Não compreende, Gabriel? Os sonhos lhe foram concedidos para que garanta a preservação da raça angelical. A você, Gabriel, o revelador, foi confiado o conhecimento íntimo da devastação que se abaterá sobre nossos reinos com o advento da raça dos homens. Ele deve *desistir* da loucura de forjar essa nova raça!

Lúcifer caminhou pelo salão, os braços cruzados às costas.

- Será que só o revelador vê e discerne? Eu, serafim, perfeito em sabedoria, sou o intérprete dos seus sonhos. E a interpretação é a seguinte: um grande e ameaçador perigo paira sobre nosso mundo. A raça dos homens suplantará a nossa. O homem é a causa de todo esse sofrimento em seus sonhos... - Lúcifer largou o próprio peso na cadeira.

- O que você vai fazer?

Gabriel falou em um fio de voz:

- Sei de sua intenção, Lúcifer. Não será bom para você fazer o que está em seu coração.
- E quem fez de você o guardião de seu irmão? - vociferou Lúcifer. Gabriel foi até a porta e se deteve, as palavras sendo expressas sem que se virasse:
- Jether vai sentir a falta dos códigos caso não sejam devolvidos. Fechou as portas discretamente, sem se voltar para trás.

Daquele dia em diante, as palavras de Lúcifer perturbaram minha essência. E, quando os sonhos se intensificaram, o mesmo aconteceu com minha inquietação. Não consegui encontrar alívio para minha alma.

E o que ocorreu depois em nada afastou meus temores.

Eles não sabiam que eu os vira brigando naquele dia; que os vira naquela chocante altercação - o início do fim de tudo que conhecíamos como normalidade.

Passaram ao treino de esgrima como de costume, ao ocaso da sexta lua, na torre superior, a mais próxima da ala da Sala do Trono, onde Miguel e Lúcifer treinavam com espadas. Enfrentavam-se com vigor, como sempre se enfrentaram nos treinos, e, como sempre, a força e o talento de ambos eram comparáveis. Faziam aquilo havia eras, na hora do ocaso, mas aquela noite seria diferente...

CAPÍTULO 9

A CÂMARA DE ESGRIMA

Miguel e Lúcifer enfrentavam-se com ardor. O aço afiado das espadas reluzia enquanto atacavam e se esquivavam.

Lúcifer ergueu a máscara de esgrima. Havia um lampejo incomum em seu olhar quando contemplou Miguel. Levantou sua espada.

- Ele está me afastando! - Lúcifer evitou com destreza o golpe de Miguel.

- Você mesmo se afastou, querido irmão.

Os golpes e as investidas ficaram mais intensos; o choque dos metais, mais violento.

- Ele está *preocupado* - falou Lúcifer, hesitando no meio de um golpe. - Recusou-se a me receber três vezes nestas últimas trezentas luas... Miguel ergueu a máscara de esgrima, os olhos verde-claros perplexos.

- Ele não faria isso sem um bom motivo, meu irmão.

Lúcifer curvou-se em deboche.

- Príncipe-chefe Miguel... Golpeou com violência a parte plana da espada no diafragma de Miguel, tirando-lhe o fôlego. Miguel se dobrou

de dor. Uma estranha raiva obscureceu as feições de Lúcifer. - Por favor, esclareça.

Miguel fitou Lúcifer atônito.

- Lúcifer, *controle* seu temperamento!

- Seria por causa da mais recente obsessão Dele? - Lúcifer respirou fundo, quase cuspidando as palavras seguintes. - Por esse... esse... homem?

Investiu maldosamente contra o desguarnecido Miguel, e o fio da lâmina da espada reluzente atravessou o ombro do braço de combate de Miguel. Lúcifer manteve a pressão da lâmina até uma mancha roxa-escura surgir no traje branco de esgrima do irmão. A espada de Miguel foi ao chão.

Lentamente, Miguel removeu a máscara de esgrima com o braço sem ferimentos, os espessos cabelos claros caindo-lhe sobre os ombros. Dor e fúria distorciam suas feições, e se apoiou na parede da Câmara de Esgrima, ainda preso à lâmina de Lúcifer.

- Pare com isso, Lúcifer! Antes de ser consumido pelas suas próprias trevas.

Um lento sorriso de vingança estampou-se no rosto de Lúcifer.

- Agora Ele só ouve você; conte tudo para Jeová. - Impôs sua figura majestosa sobre Miguel. - *Diga* a Ele que não serei tratado com desdém... e que *isto*, meu querido irmão - falou, movimentando a espada e lacerando a ferida ensanguentada de Miguel é apenas um aviso. Lembre-o de que dispensar o filho da manhã pode ser um exercício *muito* perigoso.

Miguel contorceu-se em agonia, envolvendo o ombro. Caiu para trás, deixando uma mancha púrpura de sangue na parede branca.

Lúcifer jogou a espada no chão. A arma caiu com estardalhaço. Uma sombra escura projetou-se na distância entre o vulto dele e Miguel, enquanto ele saía pela porta da torre.

Miguel o observou, trêmulo, os olhos verdes e brilhantes repletos de fúria e de uma profunda sensação de mal-estar.

CAPÍTULO 10

SEMENTES DE REVOLTA

A Guarda de Elite, os dez mil generais angelicais do alto-comando de Lúcifer, envergavam seus trajes mais cerimoniais. Os diamantes negros das barras de condecorações brilhavam, as cabeças erguiam-se, altivas, e os comandantes encarregados de um terço das hostes angelicais tinham o olhar voltado para as enormes portas de ouro e

ônix da Câmara da Assembleia, situadas a distância. Aguardavam o comandante supremo.

Um concerto de chofares soou quando as imensas portas se abriram lentamente. Lúcifer entrou, uma manifestação de genuíno esplendor. A capa carmim arrastava-se atrás dele, a coroa de regente cobrindo os cabelos negros. O semblante imperial emanava seriedade.

A Guarda de Elite ergueu-se e o saudou. Em seguida, a voz de Lúcifer se fez ouvir:

- Que todos saúdem Jeová!

- Que todos saúdem Jeová! - os generais responderam em uníssono. Mantiveram-se apoiados sobre um dos joelhos em adoração.

Lúcifer ergueu a mão e todos se levantaram, as cabeças curvadas em sinal de respeito. O arcanjo ocupou o trono. Os guerreiros tomaram seus lugares em tronos menores, dispostos em um imenso quadrado no entorno da gigantesca câmara.

Lúcifer observou o recinto durante um longo tempo, embebendo-se do espetáculo de seus dez mil guerreiros gloriosos - a verdadeira elite do céu.

- Uma sombra, grande e ameaçadora, projetou-se sobre nosso mundo - iniciou. Estava tão emocionado que o fervor em sua voz era quase palpável. - Meus guerreiros gloriosos, defrontamo-nos com um perigo terrível, imediato. - Fez um gesto para que Charsoc se levantasse, e depois o olhar se perdeu por alguns instantes no piso de mármore.

- Um perigo tão ameaçador - prosseguiu Charsoc, a voz suave -, que ameaça a existência da própria raça angelical. - Estudou a expressão de choque dos presentes diante dele.

Um dos generais de Lúcifer ficou em pé, as nobres feições perplexas.

- Quem poderia pensar em ameaçar nossa existência? Quem poderia tentar uma violência como essa?

Outro se ergueu também.

- Nosso universo é tão glorioso, repleto de bondade. Que mal ou perigo poderia nos afetar?

Lúcifer ficou em pé. Estudou lentamente o salão. Zadkiel, postado ao lado direito dele, ergueu a cabeça, espantado. Uma ruga repentina desalinhou o belo semblante enquanto observava Lúcifer avaliar o recinto, todos os olhares fixos nele.

- É a nova raça que ameaça nossa existência - declarou Lúcifer, erguendo a face em direção ao céu.

Levantou-se e se aproximou dos tronos até ficar muito perto dos generais mais gloriosos - seu alto-comando. Inclinou-se com

benevolência para eles, como uma mãe que acalma o filho ansioso, e adotou um tom íntimo, persuasivo.

- Estudei pessoalmente os códices ontem, ao crepúsculo. A nova raça não tem nosso gene angelical. - Lúcifer levantou os olhos para o imenso domo de cristal situado sobre a câmara. Ficou em silêncio por um longo tempo. - Jeová duplicou o gene Dele na matéria... no *homem*. - Avaliou a incredulidade nas fisionomias diante de si.

Charsoc contornava o quadrado, as mãos magras entrelaçadas às costas, a espinha ereta, os penetrantes e claros olhos azuis cravados em Lúcifer.

- Essa raça não é como nós, angelicais - esclareceu Charsoc. - Somos seres *concebidos unicamente*. Cada um dos angelicais, vocês, eu, todos fomos criados um a um. Mas essa raça dos homens... Jeová dotou-a da capacidade de se *reproduzir*. Eles criam segundo a própria espécie!

- Pensem nisso - murmurou Lúcifer, correndo os dedos pelos cabelos soltos. - O código genético perfeito, encapsulado em matéria, reproduzindo-se pela eternidade... - Deixou a frase pairar no ar por um instante. - "Por quê?", argumentei com Ele. "Lúcifer", Ele me respondeu, "Nós quisemos a companhia de quem foi criado à Nossa imagem."

Os dez mil guerreiros de elite observaram estáticos enquanto Lúcifer, tremendo visivelmente, desabotoou as presilhas da luva. Com os dedos trêmulos, abriu o casaco, desnudando o peito.

- Ele lhes deu o Éden! Quando o homem for criado, não serei mais Seu portador da luz! - Virou-se para os generais. - Não serei mais Sua canção matinal. Não percebem? Eu preferiria arrancar meu coração do peito a ver a hoste angelical suplantada. - Deteve-se. - Pela raça dos *homens*!

Rafael, comandante-chefe de Lúcifer e seu amigo íntimo, levantou-se. Era alto e imperial, as nobres feições bem esculpidas. A esse gesto, mil generais se levantaram também e se curvaram. Rafael foi até Lúcifer, parando diante dele. Curvou-se profundamente e depois se apoiou sobre um dos joelhos.

- Meu estimado e aclamado soberano.

A expressão de Lúcifer se abrandou.

- Rafael - murmurou. - Arcanjo e mais hábil dos guerreiros, meu fiel compatriota. Lúcifer estendeu a mão e Rafael beijou o selo de Jeová, o enorme anel com um rubi vermelho-escuro, quase negro, no dedo anular da mão esquerda. Rafael se levantou e fitou com firmeza os olhos de Lúcifer, que suspirou profundamente. - Vejo que meu discurso o perturba, Rafael.

Rafael curvou a cabeça.

- Confesso que me sinto envergonhado, meu príncipe.

Zadkiel observava-os. Imóvel. Lúcifer, por sua vez, afastou-se de Rafael.

- *Eu também* me sinto envergonhado por Jeová querer suplantar Sua criação primogênita com uma raça inferior!

Rafael se moveu, postando-se diante de Lúcifer e colocando uma das mãos sobre os ombros dele.

- Lúcifer, amigo de longas eras, está falando de uma revolta? Está acusando o Altíssimo? - Rafael contemplou Lúcifer, o semblante inconformado, o olhar sincero e vulnerável. - Imploro a você que, em nome de nossa amizade, retire sua acusação!

Lúcifer afastou com cuidado a mão de Rafael de seus ombros.

- Por que, meu reverenciado Rafael, acha que por definição a sedição conduz à revolta? Não é esse meu desejo! - Lúcifer observou Rafael, um estranho fervor ardente iluminando-lhe o olhar. - Procuro apenas proteger a hoste angelical.

Rafael observou-o, confuso. De súbito, a compreensão estampou-se em seu rosto. Fitou Lúcifer temerosamente, depois dirigiu o olhar para o piso de mármore.

Charsoc ainda caminhava pela câmara, enquanto Lúcifer avaliava o ânimo de sua Guarda de Elite. Rafael ergueu a cabeça, o semblante marcado pela angústia.

- Meu príncipe, Jeová achou adequado criar essa nova raça. Meu dever e minha vocação jurada são servi-Lo e executar Sua vontade de todas as maneiras. - Manteve o olhar fixo em um ponto distante. Impassível. - Inclusive... na questão do homem.

- Esses não são bons prenúncios para a raça angelical, Rafael - disse Charsoc.

Com um gesto curto e seco, Rafael removeu as luvas e lançou-as ao chão, diante de Lúcifer.

- Não tomarei parte em nenhuma de suas intrigas!

Lúcifer, rápido como um relâmpago, desembainhou a adaga de ouro e arrancou as fileiras de medalhas de diamantes do uniforme de Rafael. Este, cabeça erguida, exibia nas feições imperiais grande descontentamento. Virou-se para os generais e sacou a espada.

- Ele corrompeu este santuário com a iniquidade de suas maquinacões! Não vou tolerar isso.

Rafael deixou a câmara, acompanhado pelos mil generais. Charsoc observou com atenção enquanto mais dez, depois centenas, depois milhares dos melhores generais de Lúcifer se levantaram e seguiram

Rafael. As grandes portas de platina da Câmara da Assembleia se fecharam atrás deles.

Um silêncio sombrio se fez sentir. Zadkiel contemplou os generais remanescentes com desconforto. Olhou para Lúcifer e, depois, o olhar se perdeu no chão.

Lúcifer caiu de joelhos, os braços erguidos para o céu.

- Grande e Poderoso Jeová, Você que é adorado e incomparável, imploro-Lhe que, em Sua grande e terrível misericórdia, absolva Seu servo angelical Rafael e seus guerreiros pela dura e insolente insurreição contra Seu servo Lúcifer, Seu portador da luz e filho angelical eleito. Que eles possam se arrepender e ser reintegrados novamente à Sua eterna mercê e glória. Conceda a todos os generais que aqui ficaram Seu valor e Sua força divina para suportar aquilo que nos aguarda na cruzada para preservar nossa raça angelical. - Lúcifer ergueu a cabeça. - E, Grande Jeová, Rei incomparável do universo, conceda-me, ao príncipe regente, ao mais elevado dos serafins e a quem apenas de Seu trono, a sabedoria eterna e o conhecimento para protegê-Lo das maquinações desta nova raça: a dos homens.

Ele envolveu-se com a capa carmim de arminho e caminhou até seu grande trono. Sentou-se com estardalhaço e estendeu a mão. Sachiel, o copeiro, entregou-lhe um cálice adornado com joias e repleto de elixir de romãs. Lúcifer sorveu um grande gole. Reflexivo.

- Contemplem, meus gloriosos generais, este dia. - Um lento e estranho sorriso espalhou-se por todo o seu rosto. - Um dia que indiscutivelmente ainda está por nascer neste notável planeta do céu, com seus extraordinários panoramas - prosseguiu Lúcifer, acariciando a borda do cálice -, com sua beleza insuperável e seus mistérios sem paralelo. Pensem no dia e na hora em que essa nova raça invadir e ocupar nosso santuário angelical, violando tudo o que é puro, santo e sagrado com sua presença inferior. Contemplem bem este dia e esta hora, pois, com certeza, a cada aurora, eles se aproximam, guerreiros gloriosos. Um a um, os membros dessa nova raça vão querer explorar a infinita e terna misericórdia de Jeová, Suas infindáveis paixões.

Lúcifer se pôs de pé e caminhou por um dos corredores da câmara, os olhos escurecidos, mas lampejantes.

- Não vão parar no Éden! Vão se infiltrar até o santuário interior. - A voz tornou-se um silvo. - Crepúsculo após crepúsculo, vão aumentar a lacuna entre nós, a hoste angelical, e Jeová, até o desejo de Jeová pela companhia do homem se tornar tão intenso, que Ele os acabe levando ao lugar onde Ele habita! - Voltou-se para a plateia, o semblante emanando intensa ira. - Aqui no céu, na nossa morada

angelical. Então, *eles* vão tentar ser como Ele é; vão tentar transformar o céu na morada deles. Nosso santuário sagrado será vilipendiado por essas bestas reproduzidas, lamuriantes, inferiores. São pantomimas! Se *realmente* servimos a Jeová, vamos protegê-Lo de Seu esplêndido e avassalador amor por eles.

Lúcifer estacou. Devagar, como se percebesse de repente que era observado, ergueu o olhar. Bem acima dele, mal se fazendo notar no pórtico superior do domo de cristal, havia uma alta figura encapuzada.

- Revele-se! - ordenou Lúcifer.

Charsoc também observava a cena, pálido e trêmulo.

A figura se manteve imóvel, o semblante oculto pelo capuz.

- Revele-se! - o volume da voz de Lúcifer aumentou.

A figura caminhou pelo pórtico, até se alinhar exatamente a Lúcifer.

- Você foi perfeito em seu caminho - disse a figura em tom gracioso e claro - desde o dia em que foi criado, até... - fez uma pausa - ... a iniquidade ser encontrada em você.

As feições de Lúcifer contorceram-se em agonia quando sentiu uma aguda sensação de ardor na palma da mão direita. Tomou esta com a mão esquerda, a respiração ofegante, todo o corpo trêmulo enquanto observava com horror a mancha carmim que aumentava.

- Christos... - murmurou.

CAPÍTULO 11

ÉBANO

Zadkiel, o terno, repleto de honra e justiça, era um espírito amigo e de confiança dos três irmãos, e íntimo, por escolha, de Lúcifer, o que brilha. Ephaniah saiu da antecâmara.

- Meu senhor Zadkiel!

As feições gentis de Zadkiel se iluminaram, e Ephaniah, mordomo de Lúcifer, hesitou.

- Meu senhor Zadkiel... perdoe-me. Posso falar-lhe? Zadkiel sorriu.

- Você tem servido bem e fielmente à Casa de Jeová por muitas eras, Ephaniah. Certamente conquistou o direito de me falar.

- Servi o senhor, mestre Zadkiel, quando era apenas uma criança, assim como servi Sua Excelência, o príncipe Miguel. - Zadkiel assentiu.

- E agora, faz já muitos anos, tenho servido meu mestre Lúcifer. -

Curvou-se profundamente. - O que brilha. - As mãos de Ephaniah tremiam.

- Sabe como sou dedicado a ele, senhor.

Zadkiel franziu a testa e pôs a mão forte sobre a de Ephaniah.

- Sim, Ephaniah, seu amor e sua devoção pelo mestre Lúcifer são inquestionáveis. Não duvidamos de sua dedicação - respondeu, sentindo o desconforto do fiel servidor. Tomou o braço de Ephaniah. - Vamos caminhar.

Passearam juntos pelo salão de mármore, com belas pinturas adornando as paredes e o teto em arco.

- Obrigado, meu senhor - falou Ephaniah, soltando um suspiro. - Como sabe, nestas últimas luas, meu mestre tem estado propenso a crises. - Zadkiel assentiu com gravidade nos olhos cinzentos como o aço. - E, durante esses ataques de raiva, ele acaba fazendo muitas coisas das quais se arrepende depois.

- Estou a par disso. - A voz de Zadkiel era mansa. Lembrou por um momento de como havia levado os códices sagrados a Lúcifer, tirados da Torre dos Ventos. Aquela fora apenas a primeira das recentes atitudes incomuns de Lúcifer.

Ephaniah se aproximou mais de Zadkiel, o rosto exibindo um ar impotente.

- Ele ficou mais violento, Vossa Excelência. Chamou-me aos três sinos da madrugada, como tem feito nestas últimas luas. Encontrei-o soluçando, os braços ao redor do pescoço da pantera. - Ephaniah tremia de horror. - Meu senhor Zadkiel, Ébano estava sem vida. - Zadkiel fitou Ephaniah com um olhar inexpressivo. Ephaniah agarrou-lhe o braço. - Estava sem vida, meu senhor. Aquilo que chamam de *morte* a atacara!

- Morte! - murmurou Zadkiel, incrédulo. Olhou para Ephaniah como se estivesse em transe. Ephaniah engoliu em seco.

- Meu mestre me mostrou os ferimentos. Eram as marcas de duas mãos ao redor do pescoço ainda quente da fera, meu senhor Zadkiel.

- A voz de Ephaniah era apenas um sussurro. - Com as próprias mãos...

O sangue se esvaíra do rosto de Zadkiel, e ele se deteve, um medo terrível oprimindo-lhe a alma. Meneou a cabeça de um lado para o outro com veemência.

- Não, não! *Não pode ser!* - exclamou. - Você está enganado! A morte não pode existir aqui!

Ephaniah curvou a cabeça. Tremia em descontrole devido ao horror que presenciara. Então, o leve badalar de um sino soou pelos corredores e chegou aos pátios externos.

- É o sino dele - tornou Ephaniah, a voz cansada. - Ele toca sem parar, mas sua porta está bloqueada.

Zadkiel agarrou os ombros de Ephaniah.

- Quem sabe disso?

- Ninguém sabe, senhor; ninguém, exceto o senhor e Charsoc.

Zadkiel passou os dedos pelos cabelos escuros.

- Os príncipes-chefes?

Ephaniah meneou a cabeça em negativa.

- Eles são os que *mais* precisam saber disso.

- Os assessores mais próximos de Lúcifer sabem apenas que o mestre está indisposto - respondeu Ephaniah.

Após essas palavras, Zadkiel liberou o fiel e idoso servidor.

- Obrigado, Ephaniah. Vou cuidar imediatamente do príncipe regente.

Ephaniah curvou-se e partiu corredor afora. Zadkiel caminhou a passos ágeis pelo palácio, contornando a área que levava aos aposentos do príncipe regente. Dois membros da Guarda Luciferiana protegiam o portal que conduzia à ala particular de Lúcifer.

Quando Zadkiel se aproximou com a intenção de passar, Charsoc surgiu no corredor, um maço de documentos oficiais com o timbre do príncipe regente nas mãos. Ele abordou Zadkiel.

- Vossa Excelência, príncipe Zadkiel dos Sagrados Vigilantes. Sua Excelência, príncipe regente Lúcifer, ungido querubim e protetor, repleto de sabedoria e magnânimo em beleza, informou expressamente que não deseja ser perturbado. Ele está indisposto.

Zadkiel tentou sondar o olhar inescrutável de Charsoc sob o capuz.

- Ele não me informou desse desejo, Charsoc.

Charsoc moveu-se para bloquear sua passagem.

- Ele está, digamos, adoentado.

- Sim, percebi que ele se isolou nestas últimas luas. Eu o animaria.

A expressão de Charsoc suavizou-se por um momento.

- Seria bom. - Ele acenou para os guarda-costas, e estes recuaram.

Charsoc fitou Zadkiel de um modo que o Santo Vigilante considerou insondável. Zadkiel franziu a testa, apertou a capa contra o corpo e caminhou pelos corredores sinuosos. Enfim, deteve-se diante da entrada dos aposentos de Lúcifer, onde outros dois membros da Guarda Luciferiana montavam vigia diante das maciças portas douradas.

O sino badalava sem cessar. Aparentemente, localizava-se no fundo dos aposentos particulares de Lúcifer. Zadkiel fitou um dos guardas, que tremia.

- Ele toca o sino, meu senhor... - O guarda luciferiano, comumente estoico, encarou Zadkiel como se implorasse por ajuda. - Não para nunca.

Zadkiel fez um gesto para os dois membros da guarda particular de Lúcifer.

- Abram as portas.

O guarda meneou a cabeça.

- Estão travadas por dentro, meu senhor. Não podem ser abertas daqui. Zadkiel encostou a cabeça nas portas. Em meio ao barulho do sino, teve quase certeza de que ouvia o som fraco de um estranho e triste choro. Colocou a boca na porta.

- Lúcifer. Sou eu, Zadkiel. Deixe-me entrar.

Houve um longo silêncio.

- Deixe-me em paz! - gritou uma voz rouquenha.

Zadkiel empaüdeceu. Respirou fundo e voltou-se para os guardas, confusos.

- O mestre de vocês sente-se indisposto - respondeu com suavidade. - Eu, Zadkiel, principal assistente de Lúcifer, filho da manhã, dispenso-os de seus postos. Podem voltar a seus aposentos até serem chamados.

Os guardas curvaram-se profundamente e marcharam como se fossem um só pelos corredores, para longe das enormes portas douradas.

Zadkiel tirou as luvas e se curvou diante do buraco da fechadura, os olhos consternados.

- Lúcifer, é Zadkiel, seu velho e leal amigo. - A voz ainda era gentil. As badaladas cessaram. - Abra a porta, Lúcifer.

Após um silêncio que pareceu ser interminável, ouviu-se um ruído de algo se arrastando, e as portas maciças se abriram.

Zadkiel entrou e fechou as portas com um estrondo. Observou o quarto, horrorizado. As roupas de Lúcifer estavam espalhadas pelo chão do quarto. Ele tinha os braços ao redor da pantera-negra estrangulada; sua língua rosada pendia da boca. O olhar do príncipe-chefe estava perdido em um ponto distante da câmara. As tranças negras, em geral imaculadas, encontravam-se sem brilho e desgrenhadas, cobrindo as feições perfeitas como mármore.

- Zadkiel! - Um alívio se espalhou por seu semblante. Buscou febrilmente a mão do amigo.

Zadkiel observou Lúcifer com horror. Ele estava sujo, trajando apenas o roupão branco, mas envergava ainda a coroa cravejada de pedras.

Exibiu para Zadkiel um de seus sorrisos magníficos, estonteantes, e depois acompanhou seu olhar até a pantera morta. O semblante se fechou subitamente em preocupação.

- Ela está doente - sussurrou.

Zadkiel estudou, horrorizado, a pantera estrangulada.

Lúcifer, um tanto zozzo, ficou em pé com dificuldade. Caminhou pelo quarto até as janelas e abriu as pesadas cortinas de seda com um gesto dramático. Parou bruscamente e pôs as mãos na cabeça, balançando para a frente e para trás, quase como uma criança desesperada.

- Minha cabeça... ela dói muito... - Aproximou-se de Zadkiel e apertou tanto as mãos do amigo, que elas ficaram azuladas, mas mesmo assim não as largou. - Zadkiel! - suplicou. Zadkiel sentiu o hálito quente em seu rosto. - Zadkiel - implorou Lúcifer. - Você, mais do que ninguém, sabe quanto eu amava Ébano. - Virou-se para o animal. - Sinta o corpo frio. Ela está morta... *morta*, Zadkiel.

Lúcifer caiu de joelhos, e soluços sacudiram-lhe o corpo. Zadkiel observou impotente enquanto ele passava os dedos pelos cabelos negros, batendo a cabeça na parede como um animal atormentado.

- Sou o responsável pela morte! - Gritos alucinados ecoaram pelo aposento. Lúcifer tentava arrancar os cabelos. Os ruídos que lhe saíam da boca fizeram o sangue de Zadkiel enregelar.

- Vou chamar Miguel.

Lúcifer o encarou.

- *Nãããão!* - murmurou entredentes. - Miguel não! - Empurrou Zadkiel contra a porta com punhos de aço, o olhar subitamente lícido, a respiração curta. - Você precisa *Jurar!* Jure... jure obediência a *mim*. - Aproximou ainda mais o rosto, um renovado e perturbador brilho selvagem nos olhos. - Nem Miguel... nem Gabriel... - Um estranho sorriso maligno brotou em seu rosto. - Nem Jeová. - O sussurro era quase um silvo.

Zadkiel olhou aterrorizado para Lúcifer. O arcanjo agarrou-lhe pelo pescoço.

- *Jure!* Jure obediência a Lúcifer, o que brilha, príncipe-chefe do céu. *Jure* obediência eterna a mim, acima de todos os outros!

O choque de Zadkiel transformou-se em pavor. Lúcifer observava com atenção aquela mudança de expressão. Apertou ainda mais o pescoço do amigo.

- Você é um homem fiel à sua palavra. Você sempre me serviu. Faça-o novamente, Zadkiel. Jure obediência a mim.

Zadkiel permaneceu em silêncio. Olhou fixamente para Lúcifer enquanto tentava respirar, um conflito terrível estampado nos gentis olhos cinzentos. Era um olhar torturado. Enfim se pronunciou, as palavras pouco audíveis.

- Juro obediência a Lúcifer, ungido querubim e protetor, o que brilha.
- Acima de *todos* os outros - sibilou Lúcifer.

Zadkiel assentiu, depois desviou o olhar.

Lúcifer largou Zadkiel no chão. Em seguida, caiu de joelhos, soluçando em espasmos. A mão se aferrou à mão trêmula do assistente como se fosse uma criança. Seu anel real caiu e rolou pelo chão, e ele tentou pegá-lo como um animal selvagem aos pés de Zadkiel.

- Não sou digno do Selo de Jeová. - Os gritos de Lúcifer aumentaram de intensidade.

- Lúcifer! - Lágrimas escorriam pelo rosto de Zadkiel; sua voz estava rouca pela emoção. - Lúcifer, controle-se!

Lentamente, Lúcifer se pôs de joelhos, agarrando as pernas do amigo e soluçando em descontrole. Depois, ficou em pé, o rosto a um centímetro do de Zadkiel. Este ainda se encontrava imóvel.

- Procure Jether - pediu Lúcifer.

Ele tremia descontroladamente ao se levantar. Depois, com esforço, colocou o pesado anel de ouro em uma corrente ao redor do pescoço de Zadkiel.

- Dê-lhe meu anel de presente e diga-lhe que um mal terrível me acometeu... - O corpo passou a oscilar, sem equilíbrio. - Você precisa procurar Jether...

CAPÍTULO 12

INDISPOSIÇÃO

Os passos de Miguel eram regulares ao percorrer os luzidios corredores de ébano e mármore, passando pelas esculturas douradas eximamente executadas que forravam o caminho até os aposentos privados de Lúcifer.

Hesitou sob um dos imensos candelabros de diamante e rubi, diante de uma nova tela. A mais recente pintura de Lúcifer estendia-se quase até o teto de cristal: um carneiro morto, representado em uma violenta carnificina. Um triunfo cruel e terrível parecia emanar da cena.

Miguel estremeceu. Ia falar com Lúcifer sobre isso. Tinha muito a discutir com ele naquela noite. Puxou o manto cor de safira sobre o ombro ferido e continuou a percorrer os corredores imperiais. Estranhou a ausência dos guardas luciferianos. Em geral, guarneciam

o corredor a intervalos regulares. Agora, os corredores encontravam-se estranhamente desertos, exceto por Zadkiel, que vinha caminhando em sua direção.

Um sorriso brotou no rosto de Miguel, mas Zadkiel o fitou com um olhar sombrio. Apertaram-se as mãos, saudando-se.

- Estimado amigo Zadkiel. - Miguel o aproximou do próprio tórax.

- Vossa Excelência, Celestial Príncipe Miguel, repleto de justiça e de valor. - Zadkiel curvou-se.

- Gostaria de ver meu irmão.

Zadkiel se afastou levemente, o olhar voltado para o chão.

- O desejo expresso de meu mestre é não ser perturbado, Vossa Excelência. Ele está... indisposto.

Miguel o encarou dura e longamente, perplexo. Zadkiel levantou o olhar e encontrou o do príncipe. O brilho em seus olhos revelava uma profunda dor.

- Ele... ele não é mais ele mesmo, Miguel.

Miguel aproximou-se ainda mais, até ambos os rostos quase se tocarem.

- Abra-se comigo, Zadkiel, em nome de nossa amizade.

Zadkiel desviou o olhar.

- Ele me confia segredos, Vossa Excelência. Proibiu-me de falar, mesmo com você...

A confusão de Miguel aumentou.

- Ele está atormentado?

- Não posso falar, caro amigo. Jurei...

Miguel o deteve com o olhar. Em seguida, tirou o manto e o colete, revelando o ombro ensangüentado coberto por curativos. Zadkiel observou com o lábio trêmulo. Miguel então levantou o rosto e o encarou.

- A iniquidade devora a alma dele a cada hora de vigília, Zadkiel. Eu a senti. Mas você *viu*. Você viu o mal que o aflige, a maldade que hoje se tornou seu sustento. Sinto isso. Dentre todas as pessoas, Zadkiel, você é a que *mais* precisa se pronunciar... antes que seja tarde demais.

Os olhos de Zadkiel revelavam um terrível conflito. Sua respiração se acelerou.

- Sim... sim, eu vi, Miguel! - Ele arrancou a corrente de ouro com o anel de Lúcifer e lançou-os ao chão. O anel saltou e ficou girando sobre o piso. Lágrimas lhe escorreram pelo rosto. - Sua alma está *amaldiçoada!*

Receoso, Miguel curvou-se para tomar o anel.

- Você precisa procurar Jeová!

- Jurei obediência... - O olhar se perdeu no chão. - Miguel, jurei obediência...

Miguel pegou a mão de Zadkiel.

- Sua obediência a Jeová supera a obediência a meu irmão.

As pesadas portas douradas dos aposentos de Lúcifer se escancararam. Lúcifer encarou ambos.

- Solte-o! - vociferou. Olhou para Miguel e desembainhou a adaga, percebendo em seguida o anel na mão de Miguel. - Sua amizade com ele perturba o julgamento do meu amigo. Ele é meu!

De repente, Lúcifer levou as mãos à cabeça e seu corpo oscilou de um lado para o outro. Depois fitou Miguel com perplexidade. Um sorriso amável espalhou-se por seu rosto ao identificá-lo.

- Miguel! - Estendeu a mão para o irmão, tal como uma criança confiante faria. A adaga caiu-lhe das mãos e bateu ruidosamente no chão, mas Lúcifer nem se deu conta. O olhar tinha um brilho de preocupação ao fitar o ombro de Miguel. - O que foi, meu irmão? Você se machucou?

Miguel fitou profundamente os olhos de Lúcifer, percebendo que o irmão não se recordava da malfadada luta de espadas. Se pudesse, Miguel teria chorado naquele momento.

- Não foi nada, Lúcifer - murmurou com suavidade. - Um acidente tolo. Lúcifer contemplou-o com adoração.

- Aguardava sua chegada, Miguel. Venha, venha me reconfortar. Vamos falar de quando éramos jovens.

Miguel passou um dos braços pelos ombros de Lúcifer com ternura, como um pai faria com um filho, e atravessou com ele as enormes portas douradas. Elas se fecharam com um estrondo diante de Zadkiel.

CAPÍTULO 13

GLÓRIA

Obadiah passou correndo pelas portas da grande Biblioteca do Salgueiro, onde os oito Anciões mais antigos estavam profundamente imersos em estudos e reflexões. Ficou diante de Jether e se curvou, depois depositou, com um gesto nervoso, um anel monogramado na palma da mão do Ancião. Este o contemplou, fechando o cenho na mesma hora. Levou um dedo aos lábios, advertindo o aprendiz para manter silêncio, e se levantou.

Charsoc abriu os olhos e observou atentamente Jether, seguido por Obadiah, sair pela porta lateral. Do lado de fora, Jether se aproximou do aprendiz.

- Como conseguiu o anel do príncipe regente, Obadiah?
- Sua Excelência, o príncipe-chefe Miguel, meu senhor Jether. - Obadiah olhava fixamente para o mestre, o corpo se contorcendo de nervosismo. - Ele aguarda sua presença nos estábulos dos príncipes, senhor. - Curvou-se, e seus cachos roçaram o chão de mármore.

Jether procurou uma pequena bolsa marrom entre as dobras da pesada túnica de linho e colocou o anel dentro dela. Caminhou pelos tempestuosos corredores de safira da Torre dos Ventos, passando pelo átrio de cristal e pelo Palácio dos Arcanjos, e se apressou pelas vastas pérgulas do palácio, detendo-se brevemente diante de uma pequena porta oculta, coberta por líquen. Então desapareceu, evaporando em pleno ar.

Charsoc manteve-se escondido atrás dos velhos salgueiros, observando com atenção.

Jether chegou aos estábulos quando Ariel, cavaleiro de Miguel, ferrava o magnífico garanhão branco do arcanjo. Este meneou a cabeça em um gesto cúmplice com o Ancião. Parecia abatido.

- Obrigado, Ariel. Isso é tudo.

Ariel curvou-se profundamente e deixou o estábulo. Jether aproximou-se de Miguel, abraçando-o. Depois, estendeu-lhe o pesado anel de ouro com um grande rubi polido incrustado.

- Lúcifer. - As palavras de Jether soaram como uma sentença. Suas sobancelhas espessas se juntaram.

Miguel assentiu, esfregando a testa com cansaço.

- Ele chamou Zadkiel aos três sinos. Zadkiel encontrou-o soluçando, os braços ao redor do pescoço de Ébano. A pantera estava sem vida. Jether olhou com espanto para Miguel, o semblante lívido. Miguel prosseguiu. Abalado.

- A pantera havia passado por aquilo que chamam de *morte*.

Jether desviou o olhar de Miguel com rapidez, a mente invadida pelo terror. Os olhos dele se arregalaram.

- Morte!

- Lúcifer matou a pantera, Jether. Ele a estrangulou com as próprias mãos.

O sangue se esvaiu do rosto de Jether. Ele cerrou os olhos, angustiado.

- Foi quando - prosseguiu o arcanjo mansamente - tudo começou. - Miguel passou as mãos pelos cachos cor de trigo. - Ele está em guerra

consigo mesmo. E não vai parar. Não terá descanso. Ele chama você o tempo todo. - Miguel estremeceu.

Jether segurou e o braço de Miguel.

- Quem sabe disso?

- Ninguém mais, exceto você e eu, Zadkiel e Ephaniah, o mordomo. Sua dedicação está acima de qualquer suspeita. - Miguel cerrou os dentes. - Alguma coisa terrível está ocorrendo, Jether.

Obadiah aproximou-se deles. Curvou-se para Jether.

- Os Anciões aguardam sua presença, meu senhor - falou ele. Jether tirou o próprio anel, um simples anel de ouro, do dedo médio e o colocou na mão espalmada de Miguel. Depois, pegou o anel de Lúcifer e também o devolveu ao arcanjo. Fechou os dedos de Miguel sobre eles.

- Entregue meu presente a Lúcifer com este pedido: ele deve me encontrar na Torre dos Ventos, em minha clausura pessoal, às doze badaladas. Sozinho. Apresse-se, Miguel... é o fogo do livre-arbítrio.

* * *

Jether se apressou pelos corredores da ala de Miguel no Palácio dos Arcanjos. Aqui e ali, grupos de generais angelicais de alto escalão de Lúcifer se reuniam com seus pares do alto-comando angelical de Miguel, conversando em um tom de voz intenso e ríspido. Sempre que Jether se aproximava, os grupos se desfaziam, sumindo nos labirintos inferiores do palácio.

Inquieto, Jether dobrou o corredor que conduzia ao grande salão. Um anjo alto com armadura dourada caminhava diante da imensa entrada dos aposentos de Lúcifer, as feições graves. Era Rafael. Este se deteve diante do Ancião e curvou-se profundamente.

- Meu senhor Jether, gostaria de lhe falar. Jether notou o perturbado olhar cinzento do anjo.

- Pode me falar, Rafael. - Estudou com atenção o nobre semblante.

Rafael pôs-se a andar no mesmo ritmo que Jether, e passaram por outro grupo de soldados que cochichavam. Rafael os fitou de modo sinistro por trás do capacete dourado. Eles o saudaram, um tanto constrangidos.

- É insustentável, meu senhor! - exclamou Rafael.

Jether franziu o cenho.

- Está falando exatamente do que, meu sincero Rafael?

- Dos sussurros e das intrigas que se infiltraram nos sagrados corredores do céu. - Rafael tirou o capacete dourado. Os cabelos

escuros dividiam-se em duas tranças. O queixo era reto, e seus olhos ardiam com um fogo intenso. - Falo de insurreição.

Jether deteve as passadas, a cor se esvaindo do rosto.

- Insurreição?

- De traições no santuário interior do céu! - A voz de Rafael ribombou pelos corredores, ecoando pelas paredes.

Jether segurou-o pelo braço com gentileza.

- Lúcifer?

Rafael assentiu com a cabeça.

- Ele, a quem tanta coisa foi confiada. Mesmo assim... - Rafael hesitou. - É terrível falar sobre isso.

- Mas é preciso falar, Rafael. É seu dever sagrado.

O olhar de Rafael permanecia perdido no piso de mármore.

- Ele acusa Jeová de loucura, meu senhor.

- Loucura?

- Ele diz que Jeová quer suplantar Sua criação primogênita com a de uma raça inferior - esclareceu, ainda sem olhar para Jether. - Diz que a hoste angelical enfrenta um perigo terrível e imediato, tão ameaçador que põe em risco a própria existência de nossa raça angelical.

- A raça dos homens - murmurou Jether. Seus olhos não desgrudaram de Rafael. - Quem tem ouvido as discórdias de Lúcifer?

- Seu alto-comando. Recusei-me a participar dessas intrigas, e cinco mil de seus generais me acompanharam. Não queremos participar de nenhuma insurreição.

- Mas o alto-comando de Lúcifer tem mais de dez mil - murmurou Jether atônito. O Ancião sentiu uma onda de náusea na boca do estômago. Rafael assentiu. - É pior do que eu imaginava. - Levou a mão à têmpora. - Diga-me, fiel Rafael, que recompensa Lúcifer anda oferecendo à hoste angelical para fazer com que abandonem Jeová?

- Ele lhes oferece a perspectiva de serem membros de uma raça magistral, meu senhor, sem a mácula do homem. Oferece-lhes governo e poder, a oportunidade de serem mestres do próprio destino angelical. Jether cofiou a barba.

- Ele lhes oferece... *glória*. Agora, eles buscam a própria glória em detrimento da de Jeová. É o pecado do orgulho.

- Haverá represálias! - exclamou Rafael. - Christos estava lá, enquanto Lúcifer discursava, quero dizer.

- Christos?

- Christos apareceu no pórtico superior. Dizem que Ele estivera lá o tempo todo, escutando.

Jether encarou Rafael.

- Você tem estado com Ele há tanto tempo, Rafael, e mesmo assim não compreende? - perguntou gentilmente. - Jeová deu o livre-arbítrio à raça angelical, e o livre-arbítrio precisa ser testado pelo fogo da tentação. Enquanto falamos, há uma grande filtragem nos corredores do céu; uma filtragem de motivos e lealdades, de corações e almas da raça angelical. O fogo do livre-arbítrio arde no céu, Rafael. E Jeová permite que ele o faça. Se Ele agir, se Ele provocar as represálias de que você fala, estará tirando o mesmo livre-arbítrio que Ele concedeu como maior presente aos seres angelicais.

Rafael tentou assimilar as palavras de Jether.

- Mas Lúcifer...

- Não, Rafael, não haverá represálias. - Os olhos de Jether continham uma tristeza profunda. - O presente que Ele nos deu não nos será retirado porque está sendo mal utilizado, mesmo que seja mal utilizado por aqueles que Ele ama com maior ternura.

- Não compreendo muito bem - tornou Rafael em voz baixa -, mas, como sempre, curvo-me diante de à Sua sabedoria infinita.

Jether percebeu Obadiah se aproximando.

- Enviei um presente a Lúcifer, Rafael. Ele me encontrará às doze badaladas. Preciso ir.

Abraçaram-se.

- Que Jeová esteja com você - sussurrou Rafael.

Jether apressou-se na direção de Obadiah e desapareceu jardins adentro, rumo aos tormentosos corredores de safira da Torre dos Ventos.

CAPÍTULO 14

PEDRA DE FOGO

Miguel galopou pelos vastos juncais dourados e se deteve diante das grandes colunas brancas - a entrada para os Jardins Orientais do Éden, o refúgio predileto de Lúcifer. Apeou sem esforço e um assistente de Lúcifer, Sachiel, tomou as rédeas de seu cavalo branco.

- Meu irmão está no jardim?

Sachiel acenou positivamente. Parecia abalado. Miguel entregou a capa a ele e fez menção de tirar a espada, mas hesitou e a manteve à cintura. Sachiel o observava com atenção.

- Isso é tudo, Sachiel.

Devagar, Miguel subiu pelos degraus dourados. Observou encantado o Éden.

Um bando de aves azuis parecidas com grifos, com bicos e garras de platina, voava sobre ele. As maciças florestas de velhos salgueiros

erguiam-se sobre cedros e mangues. Gazelas corriam pelos campos abertos. Jacarandás se curvavam sobre leitos de cicadas, lupinos e dedaleiras sob o peso dos lilases, enquanto papagaios do mar, poupas e aves-do-paraíso, com matizes vibrantes, voavam pelos jardins. Unicórnios pastavam em campos de prímulas. Tigres dentes de sabre e criaturas semelhantes a leões dormiam ao lado de cordeiros. Vinhas e trepadeiras exuberantes floresciam, repletas de uvas azuis luminosas e romãs prateadas. Rouxinóis, pintarroxos e rolinhas cantavam como a hoste angelical.

Uma bruma branca e intensa, quase ofuscante, erguia-se do recôndito mais distante do jardim. Três magníficos tronos dourados ficavam sob as cascatas de néctar dourado de mais de trinta metros de altura, emolduradas por velhos salgueiros. Cada trono era esculpido em ouro puro, mas confeccionado individualmente e incrustado com sárdios, topázios, diamantes, berilos, ônix, jaspes, safiras, carbúnculos e esmeraldas.

Esparramado no primeiro trono, com a coroa de rubis posta displicentemente sobre os cabelos revoltos, estava Lúcifer. Segurava uma romã prateada com ar indolente. À sua esquerda, via-se a forma sem vida da pantera-negra. Lúcifer dirigiu um sorriso encantador a Miguel.

- Meu amado irmão, venha repartir a fraternidade com Ébano e comigo!

Acompanhou o olhar de Miguel até a pantera morta. De súbito, as feições do arcanjo se cobriram de preocupação. Lançou um olhar franco para Miguel durante alguns instantes, depois inclinou a cabeça para o lado e suspirou profundamente.

- Você anda zangado comigo nos últimos tempos, Miguel. Senti isso. Está irritado?

Miguel meneou a cabeça e sorriu com ternura para Lúcifer. Com o coração quase partido, tirou a capa e se sentou perto do irmão mais velho, aquele que por tantos anos fora seu mentor, seu protetor.

Lúcifer se levantou de repente, correndo a toda velocidade pela clara campina dourada, o rosto reluzente, atraindo Miguel. Correram ambos até ficarem juntos, silenciosos, na extremidade da alta e perolada face do penhasco. A luz das pálidas luas orientais do Éden iluminou a interminável areia branca. Além da praia, tinha-se a impressão de que o oceano de ametista se estendia ao infinito. Lúcifer ficou contemplando o cenário, pensativo.

- Lembra-se de quando éramos jovens e costumávamos cavalgar relâmpagos sem selas no oceano?

Miguel assentiu com suavidade.

- Lembro-me bem, caro irmão.

Lúcifer sorriu.

- E como Zadkiel, o correto, ficava nos criticando durante semanas por causa disso?

Miguel tentou conter o sorriso.

- É verdade, querido Luci. Ele queria que aprendêssemos a ser mais discretos.

Miguel mergulhou nos belos olhos cor de safira de Lúcifer. O irmão o contemplou amigavelmente.

- Miguel, veja! - gritou, o rosto iluminando-se de excitação.

Miguel acompanhou a direção indicada pelo forte braço bronzeado de Lúcifer. Ele observava as encostas ocidentais da Montanha Sagrada, com suas sete cúspides envolvidas em brumas e relâmpagos.

- A Montanha Sagrada - sussurrou Lúcifer, enlevado.

- A Montanha Sagrada - repetiu Miguel.

Lúcifer desfez habilmente os laços do roupão e tirou a pesada corrente de prata. Na palma de sua mão, pendendo da corrente, havia um pequeno amuleto de prata. Ele o abriu com lentidão. No mesmo instante, o céu foi tomado por uma cegante luz cor de safira. Os dois cobriram o rosto com o antebraço, e Lúcifer riu, satisfeito. Aos poucos, os olhos de Miguel foram se acostumando ao clarão radiante.

- Lúcifer! - exclamou. - Não! - Mas Lúcifer ria, exultante. Miguel olhou para a peça com admiração. - Uma Pedra de Fogo; a pedra de safira dos cofres dos querubins!

O rosto de Lúcifer banhou-se de brilho, a boca movendo-se com veneração.

- Da Sexta Cúspide - sussurrou.

- De quando estive lá com Jether?

Lúcifer assentiu.

- Fui há umas sete luas, quando caminhei pelas Pedras de Fogo. Não suportei ficar longe Dele nem por um instante desde então. - Lúcifer contemplou com fascínio a Pedra. - É a presença Dele.

Ele tornou a fechar o amuleto. A luminosidade desapareceu de imediato. Sentou-se e pôs a cabeça entre as mãos, balançando para a frente e para trás, de modo inconsolável.

- Minha cabeça dói muito, Miguel... - Distraidamente, Lúcifer passou a mão pelos cabelos negros e emaranhados. - Ele me abandonou por esse... *homem*.

Soluços altos e espasmódicos agitaram a figura imperial de Lúcifer. Miguel observou-o, visivelmente abalado. Lúcifer tomou a mão do irmão e lhe lançou um olhar de súplica.

- Você e eu, juntos. Sempre estivemos juntos. Não me deixe fazer isto sozinho. - O olhar desorientado se perdeu em algum ponto da Montanha Sagrada. - Você me acompanhou por toda a parte, Miguel, como um aprendiz. Fui seu protetor... guardião. - Virou-se de modo dramático para ele, os olhos piscando. - Acompanhe-me *agora*, Miguel.

- Diminuiu o volume de sua voz, até ela se tornar um sussurro perturbador. - Um terço das forças angelicais jurou obediência a mim. - Olhou com firmeza para Miguel, um ar de excitação insana estampado no rosto. - Com o seu terço ao lado do meu... - Lúcifer lançou um olhar apaixonado a Miguel, sem desviar do rosto dele nem por um segundo.

- Irmãos... por toda a eternidade!

Mansamente, Miguel afastou da sua a mão do irmão mais velho, atônito. Imergiu no olhar de Lúcifer, buscando algum resquício do mentor que antes fora tão zeloso em sua busca pela verdade e pela justiça, que amava a Jeová e até Miguel com grande fervor.

- Você trairia Jeová? - perguntou Miguel, a voz pouco mais alta que um sussurro.

- Jeová! - Lúcifer sibilou. - Argumentei com Ele. "Você tem toda a hoste angelical sob Seu comando, servindo-O dia e noite", mas Ele ainda queria mais. "O homem vai abandoná-Lo", adverti. "Ele será Seu maior arrependimento." Então, Ele se dirigiu a mim: "Lúcifer, Lúcifer", falou com suavidade, "anseio pela companhia daquele que é criado à Minha imagem".

Miguel observou Lúcifer indo de um lado para o outro na exuberante grama azulada, os olhos relampejando, ardentes e delirantes.

- Foi quando brotou uma fúria profunda e sombria em minha alma. Pois Ele, com Sua própria boca, havia admitido aquilo! Eu, o que brilha, a estrela diurna, segundo em Seu trono, não Lhe era suficiente. Mesmo que eu passasse minha eternidade amando-O, jamais poderia ser como esse *homem*!

Miguel fitou Lúcifer, e um mal-estar terrível o envolveu. Percebeu que aquele que havia sido tão amado e adorado pelo céu tinha ido embora, e em seu lugar ficara uma presença malévola e ardilosa, que fez Miguel ansiar pela volta do irmão que tanto amava. Lágrimas escorreram-lhe livremente pelo rosto.

- Meu irmão, não posso.

Lúcifer afastou-se dele.

- Não somos suficientes para Ele! - Sua face se contorceu, parecendo uma máscara horrenda. - Você não foi suficiente para Ele, Miguel!

Os pensamentos de Miguel se misturavam. Lutou para controlar as emoções. - Seu tolo! - vociferou Lúcifer. - Quando Ele tiver esse homem, vai se cansar de você! - Dirigiu-se à beira do penhasco e contemplou o brilho ofuscante da Montanha Sagrada. - Ele nos abandonou! - lamentou-se.

Enquanto Miguel observava, a sombra que se abatera sobre as feições de Lúcifer desvaneceu-se, e de repente ele ficou lúcido. Olhou para o irmão, uma expressão de desespero.

- Miguel... *ajude-me!* - Agarrou o rosto de Miguel entre as mãos belas e fortes, depois desmoronou como uma criança nos braços do irmão.

Miguel apertou Lúcifer contra o peito. Seus dedos acariciaram suavemente os emaranhados cachos de cabelos negros, quase azulados. Tirou o anel de Jether de uma bolsa e o colocou com gentileza na palma da mão de Lúcifer, fechando os dedos cobertos de jóias sobre ele.

- Jether quer encontrá-lo nos aposentos particulares dele às doze badaladas. Lúcifer murmurou alguma coisa, caminhando de um lado para o outro, inconsolável. Então, devagar, acariciou o anel.

- Jether? - murmurou.

Miguel olhou por sobre o ombro do irmão mais velho e ficou paralisado, incrédulo diante do que via: assim que a sombra de Lúcifer se projetou sobre os radiantes lupinos azul-celeste atrás dele, cada uma das plantas apodreceu, caindo sem vida ao chão.

- Sim - concordou Lúcifer -, irei ao encontro de Jether.

CAPÍTULO 15

TORRE DOS VENTOS

*Você foi perfeito em seu caminho
desde o dia em que foi criado,
até a iniquidade ser encontrada em você.*

Lúcifer mantinha-se à janela da torre de clausura monástica de Jether, uma figura alta e imperial observando a tempestade soprar as doze luas pálidas pelo céu da meia-noite.

- Você tinha meu profundo reconhecimento, Jether.

Afastou-se da janela, os longos cabelos negros adornando o belo rosto de alabastro. O velho jazia sobre a mesa de madeira esculpida. Sangue púrpura-escuro vertia de um ferimento em sua cabeça.

- Você foi como um pai para mim...

Com cuidado Lúcifer limpou no manto a adaga cravejada de diamantes, recolocando-a na bainha. Sorriu para Jether com seu ardente olhar cor de safira.

O Ancião tinha os olhos vidrados, revelando profunda dor.

- Você vai perder, Lúcifer - sussurrou em tom áspero. - Não pode esperar vencer...

- Não vou desistir jamais! Você é como o resto deles... nunca percebeu meu potencial. Sou o príncipe regente, nascido para *governar* - fitou Jether com um brilho maldoso no olhar. - Mais do que qualquer um, você conhecia minha genialidade. Você, mais que qualquer outro, me *traiu*. - Lúcifer abriu as altas janelas da torre, e os ventos violentos lançaram para trás seus cabelos e a capa. - *Vou* subir ao céu. *Vou* exaltar meu trono acima do de Jeová. - Um fogo estranho e maligno cintilava nos olhos ígneos, azuis como o aço. - Vou me sentar sobre o Monte da Assembleia. - Voltou-se para o inerte Jether, no rosto uma satisfação insana. - *Ele* vai me idolatrar.

Jether esforçou-se para se erguer.

- Por amor a tudo que já foi, Lúcifer, eu lhe *Imploro*, desista... enquanto ainda tem o livre-arbítrio... - e então caiu ao chão.

- Jether, intendente sagrado de Jeová, o único que conhecia minhas plenas intenções... - Lúcifer abaixou-se e aproximou o rosto frio de alabastro do de Jether, pele contra pele. Jether estremeceu, e Lúcifer sorriu. - Ninguém conhece o intrincado e complexo funcionamento de minha mente como você, velho - sibilou. - Sei que não conversa com ninguém. Quem poderia conhecer minhas intenções? O maleável e terno Gabriel? Ele sofre de uma moléstia da alma... ele se unirá a mim! - Virou-se dramaticamente e ergueu os braços em direção ao céu. - Todas as hostes do céu vão estar aqui para contemplar meu melhor momento. De todas as partes do céu, vão se juntar... a maior reunião de todas as eras.

Uma compreensão incontestável e terrível ganhou forças dentro de Jether.

- Você não...

- Sabia que compreenderia a genialidade da minha ideia, Jether. - Lúcifer bateu as mãos, triunfante. - A grande declaração! A declaração que meu Pai fará à assembleia do norte sobre Sua intenção de criar a humanidade. Todos os anjos, todos os espíritos conhecidos do céu, estarão reunidos para ouvir nosso Pai falar de sua grande e nova invenção. O *homem*! - cuspiu. - Aí então eu atacarei. - Lúcifer agarrou os longos cabelos prateados e puxou a cabeça de Jether com força brutal. - Vou atacar na reunião - murmurou. - Na grande assembleia no Monte do Norte. Você deveria assistir e se orgulhar por ter um aprendiz tão entusiasmado. Será glorioso.

Em agonia, em um último e débil esforço, Jether ergueu o tronco para se pôr cara a cara com Lúcifer. A voz era pouco mais que um sussurro.

- Você era o querubim ungido... repleto de sabedoria e magnânimo em sua beleza... - Olhou fixamente para Lúcifer, o olhar límpido e marcado por uma

fúria intensa. Com toda a força de vontade que lhe restava, concluiu a frase: - ... até a iniquidade ser descoberta em você. Lúcifer largou os cabelos do Ancião e deixou sua cabeça tombar ao chão. Mesmo ao bater contra o piso de mármore duro, o sangue escorrendo pela boca, Jether ainda fez uma prece.

CAPÍTULO 16

GUERRA NO CÉU

*Como você caiu do céu,
Ó Lúcifer, estrela da manhã?
Você pensava:
"Vou subir até o céu,
vou colocar meu trono acima das estrelas de Deus;
vou sentar-me no Monte da Assembleia,
do lado mais distante ao norte;
subirei até as alturas das nuvens
e me tornarei igual ao Altíssimo".*

Dez mil vezes dez mil membros da grande companhia angelical do céu reuniram-se em formação nas vastas planícies de ônix do Monte da Assembléia, nas regiões mais distantes do norte do Primeiro Céu. O horizonte oriental encontrava-se quase totalmente tomado pela companhia de arautos - incontáveis milhares das reluzentes águias brancas sagradas de Jeová planando sobre as íngremes bases de ônix sob as nuvens mais altas. Miguel, Gabriel e Lúcifer estavam de prontidão à entrada do Santo dos Santos. O enorme troar das hostes angelicais era ensurdecedor, pois cem milhões de guerreiros angelicais se reuniam em sete ordens diante dos três grandes príncipes-chefes do céu, as vozes erguidas em uníssono em adoração e veneração ao Ancião dos Dias.

A quarenta quilômetros dali, no alto da montanha flamejante, soprou um vasto e tempestuoso torvelinho, e do torvelinho surgiu uma grande nuvem em chamas. Fogo e raios de luz, bem como o rumor de trovões, emanavam do epicentro. O grande trono branco de luz incandescente já havia descido entre os querubins. Envolvendo o trono de Jeová, via-se o vasto halo de fogo de seu arco-íris, que reluzia como uma esmeralda.

Sentado sobre o trono estava o Uno, diante do qual todas as galáxias e os universos se retraíam em admiração. O Uno perante o qual os Vinte e Quatro Monarcas Anciões do céu jaziam prostrados, as coroas lançadas sobre o piso de cristal, onde as quatro criaturas vivas - os poderosos querubins de Jeová - O veneravam.

O brilho indizível de Seu ser se irradiou com o fulgor ofuscante de milhões e milhões de sóis, com um intenso brilho cristalino do jaspe e do fogo sárdio. Ali estava o Ancião dos Dias, Jeová.

No mesmo instante, o grande rumor silenciou. Um impressionante ruído abafado caiu sobre a assembleia angelical, enquanto os Anciões assumiam seus gloriosos tronos dourados... liderados por Jether.

* * *

Logo após a partida de Lúcifer, fraco e quase desfalecido, Jether percorreu a passagem secreta e inominável da câmara, bem como os sinuosos labirintos das sete cúspides, abaixo dos cofres sagrados, até a Sala do Trono, onde o Ancião dos Dias mantinha audiência nos salões sagrados do aposento secreto.

Nenhuma alma viva saberia o que se deu entre Jeová e Seu Ancião mais fiel, intendente de Seus mistérios sagrados, a não ser pelo fato de que, quando Jether enfim apareceu do lado de fora da porta de rubi da torre de jacinto, quando as doze pálidas luas azuis se ergueram no ocidente, não havia sinal do ferimento na têmpora, e sua fisionomia brilhava como se fosse incandescente.

Jether sentou-se pesadamente na almofada de veludo dourado do majestoso trono central, os olhos envelhecidos e azuis perscrutando a assembleia angelical, até se depararem com Lúcifer.

Miguel mostrava-se atento, os cabelos trigueiros caindo-lhe sobre os ombros e se espalhando sobre a capa azul-escuro. As belas feições estavam sombrias. Trocou um rápido olhar com Gabriel, à sua direita, que trajava a roupa cerimonial de platina e diamantes. Gabriel olhava fixamente para a frente, o olhar franco.

Lúcifer encontrava-se ao lado de Gabriel, uma figura imperial, resplandecente em seu traje cerimonial. A cabeça erguia-se com altivez, e o manto dourado ostentava todo tipo de pedras preciosas: sárdio, jaspe, safira, diamantes, rubis e esmeraldas reluzentes. Os cabelos negros e brilhantes estavam imaculados. Ao lado do corpo, a Espada do Estado pendia na bainha de rubis. Serafim, o que brilha, em sua glória capaz de tirar o fôlego.

Jether contemplou os três irmãos com uma angústia profunda, terrível. Depois, percebeu o olhar fixo de Lúcifer e o acompanhou. A atenção do arcanjo recaía não sobre o trono, mas fixava-se a uns seis quilômetros além deste, sobre o altar, no qual flutuava uma vasta luz incandescente. Do centro das luzes pulsantes, milhares de névoas rodopiantes se elevavam e desciam. No centro da porção de névoa, via-se o débil contorno do protótipo da nova raça, que os irmãos haviam observado no portal central.

A mão de Miguel apertou o punho da Espada da Justiça.

Devagar, Jether ergueu o pesado cetro de ouro acima da cabeça encanecida e idosa. Obadiah e Marrion correram para segurar-lhe os braços. As opalas ígneas incrustadas no cetro reluziram até ficarem em brasa e emitirem uma bruma clara.

- Vejam - disse Jether, com um gesto em direção ao altar distante aquele que é feito à imagem de Jeová!

As névoas rodopiantes se ergueram trinta metros acima do protótipo e, no centro, agora plenamente visível, adormecido e inerte, mas com feições e membros perfeitamente formados, encontrava-se a nova criação de Jeová - a primeira da nova raça.

- O homem - sussurrou Miguel, fascinado. - Está adormecido.

- O pó não pode adormecer. - Mal se pôde ouvir com clareza o silvo de Lúcifer. - Ele não foi imbuído do sopro da vida. É apenas uma casca.

Miguel virou-se para Lúcifer. Os olhos verdes o encararam com firmeza.

- Ele *vai* ter vida, Lúcifer.

Jether levantou o cetro pela segunda vez. Os fogos dos querubins arderam.

- O sopro dos sopros - entoou. - O sopro da vida.

Jether e os Vinte e Quatro Monarcas Anciões curvaram-se tanto que as barbas varreram o piso de cristal.

De súbito, as névoas rodopiantes do poderoso torvelinho e o fulgor estonteante de Jeová manifestaram-se sobre a forma de argila. Com o estrondo de mil águas, Jeová disse:

- Contemplem Nossa companhia eterna.

A assembleia angelical observou com admiração quando a manifestação ofuscante e iridescente de Jeová curvou-se sobre a forma inerte e pôs Suas narinas contra as narinas da argila sem vida. Jeová soprou para dentro do protótipo. De repente, o céu foi tomado pelo som de fortes rumores. Mais uma vez, Jeová soprou.

Ouviu-se o chofar ao fundo.

- O hálito de *nefesh* - anunciou o arauto.

- A vida da alma de Jeová - sussurrou Xacheriel.

No mesmo instante, o protótipo material tornou-se uma forma viva e pulsante, pois o sangue começou a circular nele, e o coração, a bater. Olhos e órbitas se materializaram. A pele tornou-se rósea, saudável.

Gabriel virou-se, extasiado, para Miguel.

- O hálito de *ruach*.

- A vida do Espírito de Jeová - sussurrou Xacheriel, exultante.

O rumor foi aumentando, e o Monte do Norte passou a tremer. Tinha-se a impressão de que o próprio cristal sob os pés das hostes angelicais explodiria em um milhão de estilhaços.

Subitamente, o homem abriu os olhos, ganhando consciência. Devagar, pôs-se em pé e ergueu as mãos em reverência à luz ofuscante da presença de Jeová.

Foi então que aconteceu. Enquanto todo o céu contemplava em admiração silenciosa, Jeová levou o homem para junto de seu peito. O momento pareceu durar quase uma eternidade. E, nesse momento, teve-se a impressão de que Ele chorava. Sobreveio Sua voz, dez mil vezes dez mil águas de alegria infinita, de ternura interminável.

- Adão.

Lúcifer observava, o semblante petrificado.

A luz incandescente da presença de Jeová desapareceu de Adão e reapareceu a quarenta quilômetros dali, no epicentro do trono branco iridescente. Através dos enormes portões perolados, oito Sagrados Vigilantes em trajes cerimoniais caminharam majestosamente pela nave, segurando sobre os ombros uma caixa de ouro esculpido com querubins - a Arca da Raça dos Homens.

- Os documentos de propriedade da nova galáxia - murmurou Miguel, quase sem fôlego.

Jether ergueu o cetro.

- Contemplem: nós, os Anciões, em nome de Jeová, o Ancião dos Dias, presentamos o homem com os títulos de propriedade da Arca da Raça dos Homens, dada agora ao primogênito. Esta é a aliança de Jeová, feita segundo a lei eterna. - Os Sagrados Vigilantes detiveram-se diante de Adão e baixaram a arca. - Jeová presenteia a raça dos homens com os títulos de propriedade da galáxia recém-criada - proclamou Jether -, a Terra e seu sistema solar.

Jether assentiu, e um Vigilante caminhou com uma grande chave de ouro posta sobre uma almofada de veludo. O Ancião pegou a chave e abriu lentamente a caixa. Doze códices dourados ocupavam a arca, as capas dos grandes livros incrustadas em jacinto, diamantes, safiras, crisólitos e diversas outras pedras preciosas.

- Os documentos de propriedade da Terra e seu sistema solar, o Segundo Céu acima da Terra - falou Jether -, presentados por Jeová neste dia à raça dos homens pela eternidade das eternidades. - Virou-se para Adão, que se mantinha calado diante da caixa. - Você, como primogênito da raça dos homens, na extensão de seus poderes, fará com que a lei e a justiça, com misericórdia, sejam executadas em todos os seus julgamentos?

Adão assentiu.

- Prometo solenemente fazê-lo.

- E jura servir, honrar e glorificar Jeová, o Deus Todo-Poderoso, Criador, Preservador, Ancião dos Dias, executando para sempre apenas a Sua

vontade, servindo-O e venerando para sempre apenas Sua pessoa, por toda a eternidade?

Adão ergueu a cabeça na direção do trono de Jeová, a face reluzente.

- Prometo-o solenemente a Jeová.

Um grande rumor emanou do trono.

- Este é o homem, Nosso amado. Não encontramos iniquidade nele.

Jether deixou o trono e se dirigiu ao altar. Aproximou-se de Adão, que se ajoelhou.

- Em nome do Ancião dos Dias, como Seus Anciões e guardiões de Seus mistérios sagrados, nós, o Conselho dos Anciões, recebemos sua homenagem e seu juramento.

Jether despejou, de um frasco arredondado, o óleo sagrado de unção sobre o alto da cabeça nua do primogênito. O óleo denso e perfumado escorreu sobre a testa de Adão, seu pescoço e rosto.

- Que tua cabeça seja ungida com óleo.

Jether virou-se para o trono de Jeová. Os outros Vinte e Três Anciões ficaram em pé. Zadkiel voltou-se para o trono de Jeová, e duzentos Sagrados Vigilantes se levantaram.

- Por Sua unção sagrada - proclamou Jether -, despejei sobre a cabeça e o coração do homem a bênção do Ancião dos Dias. Que, pela assistência de Sua graça celeste, você possa governar e preservar a raça dos homens e a nova galáxia, que estará a seu encargo deste dia em diante. - Jether virou-se para a hoste celestial e ergueu os braços. - E, agora, ordeno-lhes: levantemos nossas vozes para que, como um, repitamos o pleito de obediência e devoção à raça dos homens.

Adão ajoelhou-se diante das hostes angelicais do céu.

Miguel segurou a Espada da Justiça sobre a própria cabeça, dizendo:

- Nós, as hostes do céu, tornamo-nos fiéis servidores da raça dos homens, e na fé e na verdade iremos apoiá-la pela eternidade das eternidades. Que Jeová nos ajude.

Adão, ainda ajoelhado, ergueu a cabeça para a hoste angelical. Jether apertou a cabeça do homem junto ao peito, depois se afastou com gentileza, mergulhando seu olhar no dele.

- Que a sabedoria e o conhecimento sejam a estabilidade de seu domínio, e que o temor ao Senhor seja seu tesouro. - Beijou-o com ternura em ambas as faces. - Curvamo-nos perante o Todo-Poderoso Jeová em admiração pela obra das mãos Dele.

A primeira ordem de centenas de milhares de membros da hoste angelical deu um passo à frente, como se fossem uma só. Ajoelharam-se em reverência.

Miguel ordenou que a segunda ordem avançasse imediatamente. Inspeccionou o salão enquanto, um por um, os membros da hoste angelical se ajoelharam em veneração diante do trono de Jeová e Sua criação, o homem. Os lábios de Jether moveram-se em súplica enquanto erguia a cabeça devagar, observando a vasta assembleia. Toda a companhia estava de joelhos, a cabeça curvada.

Com uma exceção.

Lúcifer estava em pé diante do altar. Rígido. Silente.

Jether observou, trêmulo e triste, quando Lúcifer ergueu o rosto malévolos para o homem e depois para o trono de Jeová, o olhar endurecido e sombrio - arrogante, rebelde, desgostoso.

Interjeições de surpresa e de horror irromperam pela câmara. Miguel observou petrificado o ousado Lúcifer. Mas, quando olhou para a câmara, seu sangue congelou.

Um a um, silenciosa e deliberadamente, milhares de generais de Lúcifer, guerreiros angelicais esparsos por toda a câmara, ergueram-se e cruzaram os braços, a cabeça erguida em um gesto de desafio, acompanhando seu rei renegado.

Em seguida, milhares de membros da Guarda Luciferiana ficaram em pé na câmara. Depois, dezenas de milhares. Enfim, um terço da hoste angelical estava em pé.

Miguel virou-se para Zadkiel, ajoelhado bem ao lado de Lúcifer. A cabeça encontrava-se curvada, a respiração curta. Lentamente, ele elevou o olhar e encontrou o de Miguel.

- Condenado por toda a eternidade - falou em um tom áspero. Lágrimas lhe escorriam pelas faces.

Incrédulo, Miguel imergiu no olhar de Zadkiel. Este desviou os olhos com rapidez, as feições ardentes de vergonha.

- Jurei obediência. Não posso quebrar meu voto. - Com mãos trêmulas, arrancou o selo dos Sagrados Vigilantes, sua insígnia principesca, do peitoral e se pôs de pé. Um terço dos Sagrados Vigilantes ergueu-se em seguida.

Lúcifer encontrou o olhar de Miguel e lhe lançou um sorriso vingativo.

Gabriel contemplava a cena com horror. Miguel pôs a mão sobre o braço dele e observou os Anciões. Jether caíra prostrado em oração. Os outros Anciões fizeram o mesmo diante dos respectivos tronos - com exceção de Charsoc. Ele trocou um longo e significativo olhar com Lúcifer, depois se levantou. Suspiros de horror foram ouvidos pela câmara. Havia uma malícia pouco característica no semblante de Charsoc enquanto fitava Jether, que prosseguia firme em suas preces.

Lúcifer olhou lentamente para a assembleia. Um terço da hoste angelical estava em pé. Sorriu, triunfante. A traição fora consumada.

Miguel, ainda de joelhos, fitava-o com firmeza, a mão sobre a espada. Em um gesto de fúria.

- Não vai conseguir, Lúcifer.

Lúcifer riu com ironia.

- Perceba, meu querido e ingênuo Miguel... - Apontou sua espada para a cena retratada na câmara. - Já consegui. Um terço dos exércitos do céu está sob meu comando, caro irmão. - Lúcifer sorriu com frieza para Gabriel. - E, com Gabriel a meu lado, vamos governar todos eles. - Lúcifer agarrou o ombro de Gabriel e aproximou a boca de seu ouvido. - Por mais de um milhão de eras, segui cegamente. Por mais de um milhão de eras, deixei de lado meu juízo e confiei no Dele, sem questionar. Por mais de um milhão de eras, submeti minha razão à Dele. - O fogo que ardia nos olhos de Lúcifer aumentou. - E, agora, preciso protegê-Lo da própria criação. Siga seus sonhos, Gabriel! Salve sua alma, e salve Jeová. Fomos tolos! Crédulos, iludidos, lacaios cegos. Mas isso acabou!

Em conflito, Gabriel olhou para Miguel e depois para Lúcifer.

Lúcifer virou-se para a hoste angelical em pé e ergueu a reluzente espada de lâmina larga sobre a própria cabeça.

- Declaro guerra aos celestes!

Com um movimento hábil, investiu a espada reluzente contra Miguel, mostrando sua selvageria. Miguel, ainda de joelhos, desviou do golpe e se ergueu com agilidade, levantando-se. Giraram em círculos, alertas, vigilantes - mestres supremos da esgrima, equivalentes em força e nas artes do combate.

Belzoc, um dos generais de Lúcifer, aproximou-se por trás de Miguel e lhe agarrou a garganta, pretendendo estrangulá-lo. Lúcifer riu secamente e mirou a espada no peito do irmão. Mas Miguel torceu o braço de Belzoc e se libertou, chutando Lúcifer com toda a sua imensa força, lançando-o doze metros pelo ar. Lúcifer caiu de cara sobre o sólido piso de cristal. Levantou-se zozinho, o sangue escorrendo da boca, agora irado. De imediato, foi cercado por dez dos melhores guerreiros de Miguel.

Ouviram-se alguns gritos de chofar a distância. Em resposta, um rugido sedento de sangue irrompeu do terço da hoste angelical comandado por Lúcifer. Milhares de guerreiros em armadura e montados a cavalo, como bestas de ferro, surgiram da parte sul da montanha e se lançaram sobre o resto da hoste angelical, caindo com ferocidade sobre os batalhões angelicais de Jeová e deixando uma maré sangrenta de ódio e malevolência à sua passagem.

Jether interrompeu suas preces e se levantou, cobrindo a boca com a mão, consternado.

Lúcifer ergueu sua espada no alto com a mão esquerda enquanto desembainhava a Espada do Estado com a direita. Atacou Miguel com fúria,

este conteve o golpe com a cintilante Espada da Justiça. O violento embate de aço contra aço foi abafado pelo selvagem rumor dos batalhões de Lúcifer. Os dois irmãos lutaram, golpe após golpe, aço tinindo contra aço, sem trégua em sua violenta escaramuça.

Então, como um relâmpago, Lúcifer atacou o coração de Miguel com a Espada do Estado. Ao mesmo tempo, golpeou com violência o peito do irmão mais novo com a parte plana da espada, tirando-lhe o fôlego.

Miguel caiu de joelhos. Ergueu a cabeça e viu Lúcifer sobre ele, triunfante e cruel, flutuando com suas asas meio metro acima do chão. Ele ergueu sua espada, os olhos brilhando de malícia.

Gabriel, do outro lado da câmara, ficara paralisado diante do combate sangrento que o cercava. Olhou horrorizado para Lúcifer.

- Irmãos por toda a eternidade! - gritou Lúcifer, o suor escorrendo-lhe pelo corpo. - Irmãos! - Um sorriso maligno se desenhava em seus lábios enquanto erguia a afiada espada sobre o pescoço de Miguel.

Um imenso trovão sobreveio do trono - luz e mais luz, som e mais som. De repente, Lúcifer foi erguido a vinte metros do chão por uma força invisível, sendo lançado como uma pedra sobre o piso de vidro do monte, seis quilômetros nave adentro. Ondas de brilho ofuscante pulsaram do grande trono branco, iluminando toda a câmara e banhando os anjos feridos. Em minutos, recuperaram-se, ergueram-se e postaram-se de cabeça baixa.

Lúcifer esforçou-se para ficar de joelhos. Agora, estava diante do trono do Altíssimo. As quatro criaturas vivas estavam no trono, as espadas flamejantes em prontidão. Lúcifer estudou a Sala do Trono como se estivesse desorientado. Um silêncio mortal invadira o ambiente.

- Deixem-no passar. - A voz de Jeová elevou-se como o rugido de mil águas. Imediatamente, os querubins de espadas flamejantes abriram caminho.

Lúcifer se ergueu, recuperando-se com rapidez. Passou direto pelos querubins, os olhos brilhantes de revolta e arrogância, e se aproximou do trono. Dez mil de seus generais e guardas acompanharam-no de perto, as cabeças altivas e desafiadoras.

Uma segunda onda de brilho intenso e fulgurante caiu sobre a força angelical rebelde. Com o antebraço, Lúcifer abrigou o rosto da luz ardente enquanto ficava agachado, desviando dos prismas radiantes de fogo alvo em direção ao trono. A mão envolveu o punho da Espada do Estado.

Uma terceira onda irrompeu sobre o batalhão de Lúcifer. A Guarda Luciferiana estacou. Na metade do caminho para o trono, Moloch, um dos generais de Lúcifer, soltou um grito abafado. Agarrou a garganta, sufocando-se no fogo branco. Gritos de gelar o sangue foram ouvidos pela assembleia inteira, e os corpos de milhares de guerreiros mortos caíram ao chão como pinos de boliche. Os cem mil guerreiros posicionados atrás dos generais de

Lúcifer sufocaram, tossindo e buscando ar, as armas espalhadas pela câmara, literalmente queimando vivos no inferno branco.

Jether se voltou com espanto para Charsoc. O rosto do Ancião traiçoeiro contorcia-se em uma agonia tão aterrorizante que seus gritos não tinham sons. Ele tentava, em desespero, ocultar a face da luz ardente.

Miguel e Gabriel se aproximaram, seguidos pelas legiões angelicais, e depois se prostraram no chão.

- *Curve-se, Lúcifer!* - gritou Miguel. - Não seja um tolo teimoso. Basta *curvar-se!*

Lúcifer oscilava inquieto, enquanto gritos rascantes reverberavam pela câmara. Zadkiel, atrás dele, encontrava-se horrorizado, quando a conflagração pulsante o envolveu. Tremendo de modo incontrollável, tombou ao chão como uma pedra. Sem fôlego, tomado por terror e raiva, pôs debilmente um pé diante do outro. De imediato, foi lançado para trás, sobre o piso duro de safira, com força estonteante, imobilizado. O ardente inferno branco instalou-se, reluzente, no centro da Sala do Trono, exatamente onde Lúcifer se encontrava paralisado.

Devagar, Miguel ergueu a cabeça, inspecionando a carnificina na Sala do Trono. Virou-se para Gabriel, ajoelhado ao lado dele, trêmulo. Uma lágrima lhe escorria pelo rosto. Miguel pôs a mão sobre o ombro do irmão para acalmá-lo, depois respirou fundo e se ergueu, a mão no punho da espada. Seu olhar pousou nos Anciões - vinte e quatro, menos Charsoc - nos tronos, em oração. Jether e Miguel trocaram um longo olhar, depois Jether fez um gesto quase imperceptível com a cabeça. Miguel fechou os olhos e assentiu, a respiração difícil.

Ele fez um gesto para os companheiros arcanjos, Rafael e Uriel. Rafael se aproximou do atônito Lúcifer e o forçou a ficar em pé. Uriel, os olhos cravados no chão, prendeu pesadas correntes de prata nos tornozelos de Lúcifer.

Com os sentidos transtornados, Miguel dirigiu-se até onde Lúcifer estava. Seu irmão estava pálido, as mãos pendendo ao lado do corpo em pesados grilhões de prata. Trêmulo, Lúcifer desviou o rosto do olhar de Miguel, os atormentados olhos azuis fixos no reluzente piso de safira.

Miguel abaixou-se para recolher a Espada do Estado de Lúcifer, que estava caída no chão da câmara. Em seguida, segurou o braço direito do irmão.

- Miguel... - sussurrou Lúcifer.

Reunindo cada vestígio de seu auto-controle, tentando desesperadamente abrandar a indescritível agonia que invadia a essência de seu ser, Miguel forçou o irmão mais velho a caminhar pela nave rumo ao grande trono branco.

Enquanto Lúcifer se aproximava do trono, sua expressão mudou, indo de revolta e raiva, passando por angústia, pela sensação de que algo ruim aconteceria, até chegar ao terror. Tentou sem sucesso cobrir os olhos da intensidade e pureza da luz, mas os braços estavam presos. Enfim, chegou diante do trono, a cabeça curvada, os olhos cor de safira cerrados.

Miguel curvou a cabeça com agonia, incapaz de olhar. O silêncio era absoluto.

Com lentidão, Lúcifer ergueu a cabeça, os olhos tomados por raiva e tristeza.

- Santo Pai - murmurou com voz rouca.

A luz pulsou, e ouviu-se um imenso trovão. Depois, uma gloriosa figura imperial, quase indefinível em meio à intensa luminosidade que irradiava, caminhou majestosamente pelas chamas brancas, saindo do próprio Jeová. As brumas começaram a esmaecer, e a forma encantadora tornou-se visível. Lúcifer ficou atônito.

- Christos!

O Rei falou com uma voz repleta de inimaginável empatia.

- Nós lamentamos por você.

Uma dor crua se abateu sobre as feições de Lúcifer.

- Mas por que o homem? - murmurou quase imperceptivelmente. Um forte soluço escapou de seu peito. - Nós não bastávamos? - Olhou desolado, abatido e pesaroso para Christos. - *Eu* não era suficiente para Ele? - Uma lágrima solitária lhe escorreu pelo rosto.

Christos o fitou com ternura e piedade infinitas. Secou com gentileza a lágrima de Lúcifer. Não afastou a mão de seu rosto.

- Gostaríamos que você se arrependesse.

Lúcifer sentia-se abalado, o olhar cravado nos olhos tristes do Rei.

- Diga-Lhe... - Sua voz vibrava de emoção. - Diga-Lhe... que não posso.

O Cristo respirou fundo, como se sofresse intensamente. As pálpebras se fecharam devagar. O céu aguardou. Então, Sua voz se mesclou à de Jeová. Um, mas três. Três, mas um. Uma voz sublime como a de milhares de águas rumorosas - magnética, saturada de compaixão e de profundo pesar.

- LÚCIFER!

Christos recuou um passo e meneou a cabeça de modo quase imperceptível para Rafael. Este ergueu a espada e, com um movimento ágil da lâmina afiada, arrancou as medalhas e insígnias militares de Lúcifer, jogando-as ao chão. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, Miguel tirou o selo da Casa Real de Jeová do peito do irmão. Os lábios de Lúcifer moviam-se em agonia, sem emitir nenhum som.

Após alguns instantes, Christos se manifestou:

- Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da manhã!

Lúcifer se entregou a um choro convulsivo. No mesmo instante, a forma gloriosa de Christos desapareceu, consumida de novo no centro do iridescente trono branco.

Jether, chefe dos antigos Anciões, aproximou-se de Lúcifer, o semblante tomado por uma tristeza arrasadora. Ergueu o cetro sobre os negros cabelos reluzentes.

- Lúcifer, serafim, príncipe-chefe, sagrado regente angelical da Casa Real de Jeová, portador da luz: você está banido da presença de Jeová e exilado para as sombras externas, pela eternidade das eternidades, para aguardar o julgamento e o lago de fogo.

No mesmo instante, a Sala do Trono e todas as hostes angelicais de Jeová desapareceram. Lúcifer e os anjos decaídos ficaram na câmara vazia, envolvida por escuridão e total silêncio. Ouviu-se um rumor distante, que cresceu e se tornou uma imensa trovoada. A tempestade aumentou com a força de um ciclone, e um tórrido inferno se ergueu em meio à penumbra, iluminando todo o lugar.

Lúcifer levantou o antebraço para proteger o rosto, os lábios movendo-se em palavras incoerentes de terror, quando um lençol de chamas, apocalíptico e devorador, caiu sobre os anjos em brasas terríveis e escaldantes, que os envolveram.

- O fogo que consome! - berrou.

Na câmara, gritos apavorantes ressoavam enquanto a hoste angelical renegada era consumida pela bola de fogo escaldante.

- Vou levar o homem comigo! Não vou queimar sozinho!

Os gritos perturbados ecoaram pela escuridão enquanto línguas de fogo ardente envolviam Lúcifer. Olhou para as mãos. Incrédulo, observou que queimavam. As unhas largas e bem-cuidadas retorceram-se e se tornaram garras amareladas e envelhecidas. As feições de alabastro esculpido tornaram-se repletas de marcas e escaras. As sobrancelhas negras se juntaram. O belo nariz aquilino ficou torto. A passional boca carmim transformou-se em um traço fino e cruel.

Alucinado, Lúcifer pôs as mãos no rosto, sentindo-o desfigurado, disforme. Os magníficos cabelos espessos, cor de ébano, caíram do couro cabeludo em punhados ardentes. O anel de ouro e rubi incrustou uma marca profunda de queimadura na pele.

- Ouça-me, Christos! - rugiu. - Eu, Lúcifer, portador da luz, príncipe-chefe, sagrado regente angelical da Casa Real de Jeová, torno-me agora Seu inimigo jurado, e vou levar-Lhe traição e iniquidade pela eternidade das eternidades!

Um vento forte como uma tempestade soprou pela câmara. Os anjos que estavam com Lúcifer - também transformados horivelmente - agarraram em

desespero as balaustradas, as colunas de mármore, e tornaram-se eles próprios como mesas de mármore ao serem sugados para fora da Sala do Trono. Gritavam em um frenesi quando os relâmpagos estalaram. Então, lançados por alguma imensa força magnética, eles e tudo ao redor foram sugados por um redemoinho. Um vórtice negro situado além da entrada da câmara.

CAPÍTULO 17

À LESTE DO ÉDEN

Lúcifer encontrava-se sobre o novo planeta. Terra. Estava do lado de fora da entrada oriental do Jardim do Éden, observando as pálidas ondas cor de turquesa que lambiam a perolada areia branca.

Contemplou o céu azul e a lua solitária da Terra, depois moveu a palma da mão pelo céu. A milhares de anos-luz acima do jardim, os enormes portais de pérola do Primeiro Céu ficaram visíveis. Pôde ver os querubins e os serafins guardando o vasto portal aberto que se estendia do Primeiro Céu até os portais do jardim situados ao norte. Milhares de anjos desciam e subiam entre a Terra e o Primeiro Céu. Deslizou a mão mais uma vez pelo céu e avistou uma figura solitária do lado de dentro do portão, em posição de sentido.

- Miguel - sibilou.

Lúcifer levantou a mão retorcida e conduziu as garras amareladas até o rosto coberto de feridas. Embora as feições disformes estivessem ocultas por um manto cinzento com capuz, tirou-o com agilidade, e Sachiel o segurou.

- Espere aqui, Sachiel.

Lúcifer aproximou-se da entrada do portal oriental. Observou em silêncio as sentinelas angelicais, os guardiões do portal. Eles não o viram. Os átomos de sua estrutura angelical começaram a se irradiar à velocidade da luz, e sua pele transformou-se em escamas. Em segundos, passou pela grama sem ser percebido pelos guardas - uma serpente.

Deslizou pelos mangues e pela floresta tropical rumo ao centro do jardim. Lá, duas árvores - a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal - erguiam-se, envoltas pelo fogo branco. Manteve-se escondido na exuberante vegetação rasteira, esperando.

O fogo branco prescreveu um arco em sua direção como um ímã, envolvendo o corpo escamoso com línguas incandescentes. Devagar, ele tomou forma humana. As feições danificadas se desprenderam, como uma segunda pele. O rosto se modificou de novo, readquirindo as belas feições de antes: a testa ampla e lisa como mármore; os lábios cheios e passionais; a pele perfeita, bronzeada; os olhos ardentes da cor de uma clara safira. Cabelos negros reluzentes caíam-lhe sobre os ombros, espalhando-se sobre o manto branco cintilante. Uma faixa dourada envolvia sua cintura, e os pés tinham calçados de ouro. A cabeça ostentava uma coroa de luz translúcida. Sua presença era majestosa, real... nobre.

Lúcifer levou a mão ao rosto, sentindo o próprio semblante. Grunhiu em êxtase. Aprofundou-se no jardim, respirando fundo, embebendo-se da fragrância de mirto. Parou numa colina sob um bosque de cedros.

Na parte mais distante do jardim, banhando-se no néctar dourado das lagoas cálidas, estava o protótipo feminino que Lúcifer vira sendo clonado nas câmaras com base no modelo masculino. Só que aquele não era um holograma.

- O homem! - sussurrou.

Ficou olhando, hipnotizado, enquanto a mulher mergulhava, os membros delgados e elegantes, em uma cascata de fontes termais, nadando na companhia de golfinhos brincalhões. Observou fascinado a graciosa figura sair das ondas e caminhar pela areia branca, os longos cabelos dourados chegando aos joelhos.

Saiu da vegetação rasteira e foi até a areia, pondo-se diante dela. Seu rosto brilhava como uma chama ardente. Ela fez uma profunda reverência.

- Meu senhor. - Levantou o belo rosto e o olhou fixamente. Seu corpo estava coberto por uma camada infinitesimal de fogo branco incandescente. Lúcifer estendeu o braço e acariciou-lhe o rosto com suavidade.

- Matéria - murmurou com encanto. Sorriu, radiante e sem culpa. Observou-a como se estivesse em transe. - Você é muito bonita. - O tom de voz era doce.

- Obrigada, meu senhor. - Ela falava de um modo simples. - Mas você é glorioso. Bem, conheço o príncipe Miguel e o príncipe Gabriel, mas você... - Solto um riso divertido.

Lúcifer a contemplou. Ela era pura, sem mácula, completamente sem artifícios. Ofertou-lhe um sorriso encantador.

- Eu sou um rei. - Fez um gesto na direção do jardim. - Gosta do Éden?

Os olhos dela se arregalaram em fascínio.

- Vossa Majestade, é um verdadeiro paraíso. Sabe, vocês nos deram tudo o que poderíamos desejar.

- Gosta das fontes? - Encostou-se num cedro.

Ela franziu o cenho.

- Ah, sim! Mas gosto de nadar com os golfinhos na Lagoa da Serenidade, meu senhor.

Lúcifer sorriu.

- E do aroma das florestas?

Os olhos dela cintilaram.

- O perfume das plumérias no crepúsculo é um deleite absoluto! - Correu até uma árvore e arrancou uma flor, que imediatamente voltou a brotar. Depois, correu de volta até onde Lúcifer estava e a levou ao nariz. - Não é mesmo, Vossa Majestade? - Tornou a fazer uma reverência.

Lúcifer meneou a cabeça. Ela era cativante.

A mulher o olhou de modo desconcertante.

- Estamos satisfeitos obedecendo a todas as suas ordens, meu senhor. Jeová e vocês sabem o que é melhor para nós. Não temos a sabedoria ou o discernimento de nossos senhores. Sabemos disso. É por esse motivo que nos submetemos de bom grado a vocês, que são tão mais sábios e prudentes que nós. Estou contente por ser assim.

Lúcifer fez um gesto para que ela se aproximasse.

- Certamente, seria mais prático se pudessem ter discernimento adequado, sem a necessidade de serem guiados a cada passo por Jeová. O tempo Dele é valioso demais para ser desperdiçado com detalhes.

Eva exibiu uma expressão preocupada.

- Nunca pensei nisso antes, meu senhor. Ele sempre acolhe com satisfação nossas preocupações. - Olhou perplexa para Lúcifer. - Não imaginava que Ele pudesse nos considerar como fardos.

- Com certeza não são fardos. Mas se aproxima a hora de amadurecer, e com isso vem a responsabilidade.

Eva hesitou.

- Bem, é claro que devemos ser responsáveis. E precisamos amadurecer. Está certo. É bom.

O olhar revelava consternação. - Está dizendo que somos egoístas? Não desejo ser um fardo. Ora, Ele adora quando caminhamos juntos no frescor de cada dia.

O sangue se esvaiu das feições imperiais de Lúcifer.

- Ele *caminha* com vocês? - Olhou de modo sinistro para um ponto além das brumas e das flores do Jardim da Fragrância e encontrou um simples portão de madeira, a entrada da gruta de Christos. Um fogo estranho e maligno ardeu em seus olhos.

Eva sorriu.

- Somos Sua companhia.

- Se comerem o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, serão como Deus, discernindo o certo do errado.

- Fomos criados à imagem de Deus - respondeu ela, confusa.

Lúcifer se aproximou.

- Vocês foram criados à Sua imagem, mas Ele ocultou isso de vocês. - Parou, contemplando o Primeiro Céu, depois colheu deliberadamente um pálido e reluzente fruto azul da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. - O conhecimento do bem e do mal. Houve quem abusasse dele certa vez, quem cometesse uma violenta traição contra Ele. Um sedutor... um renegado. Ele os alertou disso? - Lúcifer acariciou o fruto azul.

Eva assentiu, os olhos bem abertos.

- Ele disse que houve alguém que Ele amava muito, mas que cometeu uma traição - esclareceu com suavidade. - Ele aconselhou que nos mantivéssemos vigilantes.

Lúcifer concordou.

- É isso, doce Eva. Ele os protegerá e os abrigará. Ficou tão triste com essa traição que, acreditando ser do melhor interesse de vocês, tirou-lhes essa opção, para que também não cometessem uma.

- Nunca faríamos nada contra Ele! Nós O amamos muito!

- E Ele sabe disso muito bem, razão pela qual me enviou neste dia para declarar a vocês que Ele promulgou um novo decreto. Vocês devem comer da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Devem tomar as próprias decisões, repletas de sabedoria e discernimento, como faz o próprio Deus.

Eva piscou algumas vezes, os pensamentos desordenados.

- Mas Jeová disse que, se comermos desse fruto, por certo morreremos.

- Com certeza não morrerão. Na verdade, no dia em que o comerem, os olhos de vocês se abrirão, e ficarão repletos de sabedoria e de múltiplos discernimentos, tal como um deus.

Eva dirigiu um olhar firme para Lúcifer.

- Eu... gostaria de ser como um deus... - sussurrou, um lampejo pouco familiar cruzando-lhe os olhos.

Ele levou o fruto à boca.

- Vocês serão como eu. - Deu uma boa mordida e o engoliu. Depois, exibiu seu antigo sorriso magnífico e entregou o fruto a Eva.

Eva o levou aos lábios e o acariciou cobiçosamente. Deu uma grande mordida nele... com volúpia. O sumo lhe escorreu pelo queixo. No mesmo instante, o fogo branco desapareceu de seu corpo, deixando-a nua. Ela não percebeu sua nudez, tampouco que Lúcifer voltara a se esconder na grama.

Lúcifer manteve-se escondido e viu quando o homem, Adão, aproximou-se dela pela areia branca. Ela lhe acenou e lhe estendeu o fruto. O homem comeu dele. E o fogo branco desapareceu de seu corpo.

De imediato, ouviu-se um trovão acima deles. O portal se fechou e o acesso ao Primeiro Céu desapareceu. Um círculo de chamas apareceu ao redor da árvore, cercando-a.

Lúcifer, novamente como serpente, deslizou pela grama próxima do portão oriental. Uma vez do lado de fora, as escamas tornaram-se a pele queimada do corpo angelical do príncipe regente decaído.

Sachiel observou as unhas do mestre, de curtas, largas e belas, tornarem-se garras grosseiras e sulcadas. Ele puxou o manto das mãos de Sachiel e o lançou sobre as feições distorcidas, vendo que vinte poderosos querubins desciam pelo portal, as espadas flamejantes de guerra desembainhadas.

- Que o inferno seja minha testemunha!

CAPÍTULO 18

GABRIEL

O céu estava em silêncio. De luto. Gabriel trajava um manto cinzento, tomado por profunda dor. Olhou ao redor, dentro da câmara interior de Lúcifer: escura, desolada, abandonada.

Respirou fundo. Tudo permanecera intocado, exatamente como estava na noite anterior ao banimento do irmão. Os afrescos magníficos, a coleção de gaitas e tamborins. A viola e o arco ainda se encontravam sobre a escrivaninha. A Espada do Estado de Lúcifer havia sido posta de novo na magnífica bainha incrustada. Imensas correntes de ferro forjado impediam o acesso das esplêndidas portas douradas ao observatório, onde haviam passado tantas luas rindo alegremente.

Gabriel inclinou-se sobre a escrivaninha de Lúcifer e acariciou a viola com gentileza. Miguel estava à porta, observando em silêncio.

- Gabriel.

Gabriel virou-se com o rosto banhado em lágrimas. Os olhos estavam sem brilho.

- Voltou do Éden? - A voz estava sem vida.

Miguel aproximou-se dele e tocou seu braço. Gabriel afastou-se do irmão com violência. Apertou o manto contra o corpo e se dirigiu às portas do balcão. Miguel o fitou, angustiado.

- Gabriel!

O arcanjo observava as sete cúspides da Montanha Sagrada, de costas para Miguel. Passaram-se vários minutos sem que nenhum dos dois falasse.

- Por que não foi com Lúcifer? - A voz de Miguel estava rouca de emoção.

Gabriel mantinha-se em silêncio, as costas ainda voltadas para o irmão.

- Muitos foram enganados - hesitou Miguel. - Até Zadkiel.

Gabriel virou-se de súbito, o queixo erguido, a expressão dura.

Pegou a espada e caminhou pelo recinto. Depois, estacou, ainda de costas para Miguel, as lágrimas quentes e mornas invisíveis ao irmão mais velho.

- Eu desejei ir, Miguel.

As grandes portas douradas fecharam-se diante do rosto de Miguel.

CAPÍTULO 19

OS DOCUMENTOS DE PROPRIEDADE

Os sete Anciões do Supremo Conselho do Céu estavam sentados nos tronos de jacinto sob o céu aberto, no alto da Torre dos Ventos. Só o oitavo trono - o de Charsoc - estava vazio, um lembrete assustador dos eventos recentes.

Os ventos azulados rugiam, soprando as brumas de sabedoria e revelação sobre as sete cabeças brancas dos velhos monarcas. Eles estavam sentados ao redor de uma mesa circular de ouro puro, as cabeças curvadas, os lábios movendo-se em silêncio em súplicas ao Ancião dos Dias. Havia um imenso códice encadernado em ouro sobre a mesa. Bem acima deles, relâmpagos iluminavam o firmamento.

Miguel estava próximo às ameias, observando a grande atividade nos imensos portões de pérola do Primeiro Céu. Gabriel encontrava-se sentado do outro lado da mesa, calado, distante. Lamaliel, um dos principais Anciões, fitava distraído um ponto distante, os olhos cinzentos, envelhecidos e úmidos revelando dor.

- Jeová está de luto - disse Jether, erguendo a cabeça. Cansado, estudou os rostos solenes ao redor da mesa. - É o fogo do livre-arbítrio.

Xacheriel soltou um profundo suspiro.

- Lúcifer ludibriou Eva antes que ela pudesse se reproduzir. Sua única intenção deve ser a de criar uma mutação no DNA da prole.

Miguel se virou.

- O portal foi fechado. Os portões serão selados na aurora. Os querubins de combate, com espadas flamejantes, guardam a Árvore da Vida. - Voltou-se para Jether. - O que devemos fazer, meu velho mentor? Você, bem melhor que nós, conhece as tortuosas complexidades da mente de Lúcifer.

Jether meneou a cabeça com ar tristonho.

- Esse foi apenas o começo. As trevas ainda não se enraizaram por completo na alma de Lúcifer. Mas, quando o fizerem... - O olhar de Jether se perdeu no chão.

Miguel refletia próximo às ameias.

- Não podemos apenas ficar parados e deixar que isso aconteça. Em uma manobra traiçoeira, ele destruiu toda uma raça! - Apertou tanto a espada que sua mão tremeu.

Jether procurou acalmá-lo.

- Temperança, Miguel, imploro-lhe. - Suspirou. - Esse é um momento que requer paciência. - Sorriu para Miguel, os pálidos olhos azuis revelando gentileza. - Nem tudo está perdido. Jeová fará o que é justo segundo as leis eternas. Ele demora para se enfurecer e Sua misericórdia é grande. - Hesitou. - Ele fará o que é justo.

Lamaliel ia de um lado para o outro nas ameias, murmurando.

- Não podemos fugir das conseqüências legais e necessárias das ações de Eva. Ela mudou sua devoção. O homem ficará para sempre preso a esse fato.

Jether abriu o códice que estava diante dele na mesa.

- Estudei cada princípio, cada adendo, em busca de uma irregularidade. - Afagou a barba. - Por conta desse ato, por mais que se deva a um embuste, receio que os documentos de propriedade da Terra agora pertençam a Lúcifer. A Terra e seu sistema solar, o Segundo Céu. A Arca da Raça dos Homens agora é legalmente dele, como ele já sabia que seria. - Pôs o grande livro de novo sobre a mesa e suspirou profundamente. - É a raça dos homens. Eles saíram da jurisdição de Jeová. Agora, Lúcifer é o soberano legal deles. Seu governante. - Ficou em silêncio.

O horror deflagrado pelo ato de Eva causou impacto sobre os Anciões que o ouviam. Todos do conselho mostravam o semblante sombrio.

- E fica ainda pior - continuou Jether. - Se a raça dos homens abandonar Jeová nas eras vindouras, Lúcifer terá o direito legal de entrar com uma ação contra a humanidade nos tribunais do céu.

- Uma ação? - exclamou Miguel.

Lamaliel ergueu a cabeça dos pesados volumes.

- Jeová não pode ser falso perante Sua lei eterna. Não pode julgar Lúcifer e deixar de julgar os homens. Se os homens continuarem a desobedecer ao Todo-Poderoso, devem sofrer a mesma condenação imposta a Lúcifer. Lúcifer poderia forçar juridicamente a aplicação da pena, dizendo que as almas de todos os homens lhe pertencem, para ficarem com ele no inferno, no túmulo e no Tártaro. E, quando chegar a hora do julgamento, eles vão arder com ele no lago de fogo. Charsoc conhece muito bem todas essas nuances dos princípios. Lúcifer fará com que sejam usados para completar a erradicação do homem.

Lamaliel encarou Miguel.

- A Arca deve ser entregue a Lúcifer na aurora. Você deve levá-la a ele, Miguel.

Miguel levou a mão à espada, mas Jether meneou a cabeça.

- Não, Miguel. Sem recriminação, sem raiva. Apenas os fatos... - Um lampejo de sorriso brotou-lhe nos lábios. - Tal como lhe ensinei. Você terá seu momento, Miguel, quando livrar os céus e a Terra de qualquer iniquidade, de uma vez por todas e pela eternidade. Assim está escrito. Por enquanto, porém... - juntou as mãos - ... paciência.

Gabriel ergueu a cabeça e lançou um estranho sorriso a Miguel.

- Vou com você.

Miguel meneou a cabeça com irritação.

- Não!

Os olhos de Gabriel brilharam.

- E quem fez de você meu guardião? - Ele socou a mesa com o punho e se aproximou de Jether, agarrando-o pelos ombros com força maior que a habitual. - Deixe-me ir, Jether. Quero ver meu irmão.

Miguel olhou para Jether.

- Não o mande, eu lhe imploro. Ele foi acometido do mesmo mal. - Miguel ergueu as mãos, irado. - Se ele for, nunca mais vai voltar!

Jether soltou um profundo suspiro. Reuniu seus papéis e falou com suavidade, o olhar voltado para a mesa.

- Gabriel vai acompanhá-lo. - Miguel olhou atônito para Jether. Gabriel sorriu, triunfante. - Você vai perceber que seus poderes ficarão bastante reduzidos no reino dele - avisou Jether, a voz solene. - Você precisa passar pelo teste. - Olhou para o trono vazio de Charsoc e depois curvou a cabeça, a voz pouco mais que um sussurro. - Que Deus guarde a alma de vocês.

Num silêncio ameaçador, a legião de cavaleiros e de Sagrados Vigilantes saiu da montanha sobre cavalos brancos, as lanças douradas no alto. Os lábios estavam selados com os carvões em brasa dos labirintos da Montanha Sagrada. Os rostos, como os de núbios, encontravam-se cobertos por visores dourados que brilhavam como chamas. Seguiam Miguel, que trajava armadura dourada de guerra dos pés à cabeça, os olhos verdes firmes e resolutos.

Gabriel cavalgava em meio aos Vigilantes. A seu redor, iam os enviados do revelador, dez anjos brilhantes de branco montados em garanhões também brancos, levando a Arca da Raça dos Homens - a caixa de ouro com querubins esculpidos nela, que continha os documentos de propriedade da Terra e da raça dos homens.

Deixaram os portões do Primeiro Céu bem para trás, acompanhados pelo arcanjo Rafael e suas legiões, e cruzaram milhares de novas galáxias até vislumbrarem, enfim, o sistema solar da Terra.

Na entrada do Segundo Céu, Rafael curvou a cabeça e saudou Miguel. Ele e suas legiões deixaram os irmãos e os Vigilantes prosseguirem sozinhos.

A distância, as tropas silentes de Lúcifer, em trajes negros, patrulhavam o perímetro do Segundo Céu. Saturno ardia, avermelhado, no horizonte.

Miguel virou-se para Ariel, um de seus generais.

- Vamos cavalgar.

Instigou sua montaria, e a legião silenciosa moveu-se rumo ao ameaçador perímetro de ferro pontiagudo do Segundo Céu.

Em meio à escuridão.

Lúcifer ocupava seu trono e estudava rolos de pergaminho.

- Vossa Majestade... - Charsoc curvou-se profundamente em obediência. - Temos um problema. Lúcifer voltou-se para ele, irritado. Moloch entrou, empurrando Sachiel até este ficar diante do príncipe regente decaído.

- Moloch encontrou-o rezando... - Charsoc abaixou a voz - ... para Jeová. Lúcifer ficou paralisado. Um olhar de puro ódio alterou suas feições. Levantou-se e mandou Moloch se afastar.

- Estava rezando, Sachiel? - Começou a andar pela sala, as mãos às costas.

- Rezando... - o tom de voz foi melodioso, reconfortante. - Não é? - Como Sachiel não respondeu, Lúcifer se voltou para ele. - Responda-me quando lhe dirijo a palavra! - gritou. - Você está na presença de um rei!

Sachiel ergueu a cabeça, os olhos límpidos.

- Estava rezando para Jeová, senhor.

Lúcifer socou a mesa com força.

- Você tem um rei, Sachiel. Deve venerar apenas um rei.

- Venero apenas um Rei. - Sachiel fitou Lúcifer por um longo tempo, o olhar duro. - Ele é o Rei que você me ensinou a venerar.

Lúcifer jogou os rolos da mesa com fúria.

- Você é um *tofo*, Sachiel. Ele não vai recebê-lo de volta. Você O abandonou, e por vontade própria!

Sachiel deixou a cabeça pender.

- Sim, eu O abandonei. Cometi traição e vou sofrer para sempre por meu erro. - Ergueu as feições torturadas e olhou para Lúcifer. - Mas nunca vou deixar de amá-Lo.

Lúcifer virou-se para Moloch.

- Deixe-nos!

Moloch saiu da câmara. Charsoc ficou de prontidão, em silêncio.

- Sachiel - a voz de Lúcifer era um sussurro baixo, abafado -, acha que só você sofre dessa maneira? - Respirou fundo, trêmulo, afagando os cabelos emaranhados que lhe caíam pela testa. - O verdadeiro inferno, a verdadeira tormenta, Sachiel... - aproximou o rosto do de Sachiel - ... é ser banido da presença de Jeová.

Charsoc fechou os olhos. Uma súbita e fugaz angústia obscureceu-lhe o semblante. Um soluço profundo e estrangulado escapou do peito de Lúcifer. Ele se inclinou contra a mesa, exausto. Sachiel aproximou-se dele.

- Então vamos mostrar nosso arrependimento, Lúcifer. Há os que voltariam para tudo aquilo que conhecíamos e amávamos. Ainda não é tarde demais.

Lúcifer olhou por sobre a cabeça de Sachiel. Gotas de suor irromperam-lhe pela testa, escorrendo por seu rosto.

- Há momentos em que sinto a presença Dele, Sachiel. - Lúcifer enxugou a testa com um pano bordado. - Ele ainda está aqui comigo, impelindo-me a me arrepender.

O ambiente ficou silencioso e pesado. Lúcifer olhou para Charsoc, que devolveu o olhar com o rosto vincado pelo sofrimento. Mas, depois, Lúcifer se voltou para Sachiel, e os olhos se estreitaram.

- Foram suas preces, Sachiel. Você O trouxe aqui! - Andou de um lado para o outro, tomado de raiva. - Você é um tolo, Sachiel. Ele não vai recebê-lo de volta! - Lúcifer inclinou-se para trás e chamou. - Zadkiel!

Zadkiel entrou. Não se viam mais nele as feições que antes eram quase tão belas quanto as de Lúcifer. Agora, era um ser tortuoso e repleto de cicatrizes.

- Ele é um poço de traições - declarou Lúcifer. - Leve-o à prisão!

Zadkiel olhou para Lúcifer, consternado.

- Mas é Sachiel, meu senhor. Ele o serviu durante todos esses anos...

Lúcifer fitou Zadkiel com o canto dos olhos.

- Muito bem - tornou Zadkiel. - Moloch e Ruber vão acompanhá-lo à prisão.

À menção do nome, ambos os generais angelicais decaídos entraram na câmara.

Sachiel imergiu no olhar de Lúcifer, o rosto petrificado.

- Você já foi nobre, Lúcifer. Imaculado. Sábio e justo em todos os seus afazeres. O portador da luz! - Curvou a cabeça. - Porém, nem nos portões do Sheol Ele irá me abandonar!

Zadkiel manteve o olhar em um ponto perdido à frente, pálido.

- Pare com essa afetação! - falou Lúcifer com desprezo.

Assentiu para Moloch, que desferiu um golpe violento em Sachiel, levando-o ao chão. Moloch sorriu e ergueu Sachiel, empurrando-o porta afora.

Lúcifer voltou a seus rolos de pergaminho. Enquanto Zadkiel se dirigia à porta, o chamou:

- Zadkiel - sussurrou em tom persuasivo -, não estava pensando em rezar para Jeová, estava?

Lúcifer ofertou-lhe um sorriso brilhante. Charsoc observava com atenção.

- Não, Vossa Majestade.

Zadkiel sustentou o olhar de Lúcifer. Este lhe devolveu um olhar longo e sinistro, como se lesse sua alma, porém voltou aos pergaminhos, inescrutável.

De repente, uma estranha leveza alterou seu semblante.

- Ora! Eles estão aqui. Eu os sinto... - Levantou-se e dirigiu-se com rapidez às enormes janelas de rubi da câmara. - Vá ter com eles, Zadkiel. Dê a meus irmãos as boas-vindas a meu reino.

CAPÍTULO 20

ESTRADA PARA PERDIÇÃO

As galáxias pareciam se estreitar sobre eles à medida que se aproximavam do novo reino de Lúcifer. Deixaram tanto o Primeiro como o Segundo Céu bem para trás, adentrando um vasto mundo interior de sombras.

Gabriel estremeceu.

- As terras inferiores.

Os anéis do planeta de Lúcifer ardiam com luminosidade incomum. Miguel deteve a marcha fazendo um gesto para que o grupo esperasse. Contemplou maravilhado o magnífico planeta magenta. Era cercado por seis anéis de gelo reluzente, trezentos sóis azulados e fascinantes, além de milhares de luas cor de âmbar.

- Seu novo reino - sussurrou Gabriel com encanto. - Ele recriou a beleza de Tertus. Matizes além da imaginação.

Conforme os irmãos e os Vigilantes, retomando a marcha, aproximavam-se dos portões, centenas de grandes focos de luz cegante se voltaram para eles como se houvessem sido ligados por um sensor inteligente e invisível, parecendo iluminar até mesmo a penumbra exterior.

Em cada um dos lados dos elevados portões de ferro negro, a entrada para as regiões inferiores, flutuavam dois macabros serafins sombrios, como se feitos de pedra, a cem metros acima deles. Eram serafins negros. Cada um possuía seis asas escamosas e duas cabeças: uma com a face de um dragão e a outra com a de uma górgona. Os olhos vermelhos e em alerta ardiam com as chamas dos condenados. Circulando sobre a entrada, viam-se milhares de gigantescos *banshees* negros, demônios com asas que, abertas, estendiam-se por dez metros, o mal lampejando nos pequenos olhos amarelados. Seus gritos fantasmagóricos preenchiam o sistema solar.

Miguel estacou e fez um gesto para que a companhia aguardasse.

Os portões se ergueram como que por força invisível no centro do sistema solar magenta - nada acima ou além dele, exceto os ameaçadores e altos portões. Ao longo de milhares de quilômetros, o perímetro encontrava-se cercado por uma impenetrável barricada de ferro pontiagudo. Pelo menos uma centena de imensas torres de vigia erigiam-se sobre eles, e ameaçadores guardas luciferianos, com armaduras negras, patrulhavam o local.

Miguel virou-se para o grupo.

- Venham, vamos cavalgar.

Detiveram-se diante dos portões de ferro. Os cavalos pararam sobre uma espécie de alcatrão, um piche escuro, que agora era o terreno sob os pés deles. De repente, toda a superfície estremeceu, como vítima de um terremoto. O cavalo de Miguel relinchou baixinho, e o príncipe-chefe afagou-lhe o pescoço.

- Calma, Ariale. - Voltou-se para Gabriel. - Ele sente cheiro de encantamentos - murmurou.

O tremor foi se intensificando e se tornou cadenciado. De súbito, uma enorme criatura semelhante a um *troll* curvou-se e espiou pelos portões, os olhos amarelados brilhando na semi-escuridão.

- Sou Shaitan, guardião dos portões. - A criatura aproximou-se de Miguel, e o rosto se contorceu em um esgar. - Isso é invasão, Miguel, príncipe-chefe de Jeová - sibilou por entre as barras de ferro. - Não é mais bem-vindo aqui.

- Viemos em paz... a convite de seu rei. Trazemos os documentos de propriedade.

Shaitan hesitou, perplexo. Ocultou o rosto da luz dos Vigilantes.

- Preciso fazer uma consulta... - Com passadas trôpegas, arrastou-se escuridão absoluta adentro.

Gabriel observou o serafim negro mais próximo. Ele agitou as asas escamosas e o contemplou com a face de górgona. Miguel, Gabriel e os Vigilantes esperaram.

Uma figura encapuzada cavalgou em direção aos dois irmãos, montada em um majestoso cavalo negro que expelia fogo pelas ventas. Os olhos eram demoniacamente vermelhos. Tão logo se aproximou, suas feições tornaram-se visíveis - desfiguradas, mas ainda assim muito belas. Sua expressão era cruel.

Miguel respirou fundo.

- Zadkiel!

Zadkiel curvou levemente a cabeça em respeito a Miguel, Gabriel e os Sagrados Vigilantes. O olhar era inexpressivo, sem alma.

- Dou-lhes as boas-vindas, Miguel e Gabriel, príncipes-chefes da Casa Real de Jeová. Receberam permissão para cruzar os portões de Perdição, a entrada para o reino de nosso imperador, o príncipe celestial das regiões inferiores.

O olhar duro de Miguel mergulhou nos olhos de Zadkiel, semiocultos pelo capuz.

- Zadkiel, príncipe dos Sagrados Vigilantes.

Os olhos de Zadkiel piscaram em surpresa.

- Você fala como alguém que ainda não compreende. - A voz parecia vir de alguém entorpecido. - Os generais de Sua Majestade os aguardam.

Miguel voltou-se para Gabriel.

- Os encantamentos são muito fortes. Proteja sua alma.

Shaitan, a besta, voltou com uma imensa penca de chaves de ferro.

Destrancou os portões. Os serafins negros abriram as múltiplas asas uma a uma. Os gritos dos *banshees* se intensificaram, e os portões malditos se abriram.

Miguel, Gabriel e os Sagrados Vigilantes passaram por eles. Zadkiel estreitou os olhos diante da luz emanada pelo grupo angelical, que o seguiu pela areia branca. Um mar limoso e lúgubre se estendia ao infinito. As ondas depositavam pérolas negras na praia.

Gabriel observou intrigado a cena.

- Um Éden tenebroso.

Abutres circulavam sobre eles, acompanhando-os. Criaturas de olhos vermelhos gritavam e se escondiam da luminosidade dos Vigilantes. O mar sombrio moveu-se e depois se estreitou, tornando-se um rio. Miguel, Gabriel e os Vigilantes acompanharam Zadkiel contra a corrente, até chegarem a uma grande caverna escura, parcamente iluminada por tochas nas paredes.

- Adentramos as regiões inferiores - anunciou Zadkiel, continuando a avançar.

Miguel estremeceu. Gritos de enregelar o sangue ricocheteavam pela caverna. Serpentes enlameadas e criaturas semelhantes a lesmas ondulavam-se pelo caminho. Os cavalos caminhavam com cautela sobre estranhas brasas ardentes.

Zadkiel conduziu-os em silêncio até alcançarem um ancoradouro de madeira ao lado do rio. Um barqueiro os aguardava, o rosto desfigurado e os olhos esbugalhados.

Zadkiel voltou-se para Miguel.

- Estígio vai levá-los pelo rio Limbo até o destino. Ele é cego e mudo. - fez uma saudação, depois cavalgou pela penumbra e desapareceu.

Estígio fez um gesto para que embarcassem no colossal barco de madeira, e o grupo zarpou, saindo da caverna e penetrando nos pântanos do Limbo. Muito acima deles, erguendo-se a dezenas de metros, viam-se os tristonhos rochedos de ônix negro de Perdição.

Gabriel esticou o pescoço e olhou para cima. A distância, sobre uma imensa montanha negra de mármore, erguia-se um magnífico e reluzente castelo feito de rubi.

- Ele construiu um palácio para si.

Lúcifer espreitava pelas enormes janelas carmim do palácio enquanto Miguel e os Vigilantes, abaixo dele, aproximavam-se pelos pântanos. Viu quando Gabriel olhou para cima.

- Estão sentindo minha presença, irmãos. - Um estranho sorriso estampou-se em seus lábios. - Assim como eu os sinto. - Os olhos se estreitaram. - Vamos ver se são puros mesmo. Talvez se integrem a nosso grupo antes que este dia termine.

Lúcifer dirigiu-se a uma longa mesa posta com requinte para três pessoas. Estava adornada com um raro tecido branco de cetim, os mais finos cristais e frascos de prata contendo elixires e exóticos licores de frutas vermelhas, que preenchiam os principescos cálices de ouro incrustados com pedras preciosas. Doze imensos candelabros de ouro, cada um com cem velas negras, iluminavam o recinto. O incenso de olíbano ardia, e sua fumaça espalhava-se com vigor.

Lúcifer observou o barco a milhares de metros abaixo do castelo e sorriu. *Guardei um lugar para você, Gabriel, meu querido irmão.*

Gabriel foi até a popa do barco respirando fundo. Foi como se ouvisse a voz de Lúcifer ecoando na mente. Miguel e os Vigilantes olhavam resolutamente para a frente.

Venha para mim, disse a voz. Converse comigo. Paralisado, Gabriel contemplou o palácio de granada. Com certeza, você poderia salvar minha alma. Ou será que também pretende me abandonar pela eternidade em Perdição? *Gabriel fitou a água, tomado por um conflito terrível.*

- Reverencio Jeová - sussurrou com desânimo, as palavras soando vazias.

Miguel o encarou e franziu o cenho. Foi até o ponto onde o irmão se encontrava imóvel e ergueu o rosto para o penhasco.

- Deixe-nos, Lúcifer!

Não posso deixá-lo, Miguel, tal como você me deixou uma vez no Monte do Norte. Os sedutores tons adocicados ecoaram nas fibras da essência de Miguel. Não posso abandoná-lo, embora você e meu Pai o tenham feito na hora em que mais necessitei de ajuda.

Acima deles, no palácio, enormes portas adornadas com pedras preciosas se abriram. Uma figura surgiu no balcão ocidental. Postou-se à beira do penhasco, visível para Miguel milhares de metros abaixo, com seu traje branco de cetim flutuando ao vento.

Uno por toda a eternidade. A figura cruzou os braços sobre o peito. Irmãos para sempre.

Visivelmente abalado, Miguel curvou a cabeça.

* * *

Quando o barco entrou por um grande braço do rio, o palácio desapareceu de vista. Logo adiante, havia uma grande ponte de ferro suspensa por grossas correntes negras - a entrada para a Cidadela Negra.

Estígio, com sua força descomunal, lançou a enorme âncora do barco ao mar lamacento, ao lado do ancoradouro. Uma matilha de cães infernais cercou o barco, revelando dentes vampirescos e mantendo os Vigilantes a distância. Os olhos dos cães possuíam um brilho avermelhado.

Vidar, líder do batalhão de anjos sombrios, fez um gesto para que os Vigilantes amarrassem os cavalos aos postes situados acima do cais e aguardassem. Fez, então, um gesto para que Miguel, Gabriel e os reveladores que portavam a arca seguissem caminho. Miguel e Gabriel cavalgaram na direção da ponte levadiça, seguidos pelos reveladores.

Pararam do lado de fora dos colossais portões negros. Sobre os postes de ferro do portão, viam-se vinte crânios vivos de ferozes cães infernais, exibindo dentes e rosnando ameaçadoramente. Gigantescas serpentes negras se enroscavam nas grades emitindo vapores sulfurosos, enquanto quatro imensos dragões com escamas negras voavam sobre a área do palácio, chamas saindo-lhes da boca. A ponte levadiça abriu-se lenta e ruidosamente. Não havia ninguém à vista - apenas um longo e sinuoso caminho que conduzia à assustadora Cidadela Negra. Miguel virou-se para Gabriel e fez um aceno de cabeça.

A montaria de Miguel relinchou, aterrorizada, e meneou a cabeça.

- Calma, Ariale, calma.

Enfim, atingiram o palácio negro. Ficaram montados enquanto as colossais portas feitas com pérolas negras eram abertas. Asmodeus surgiu diante dos irmãos, arma à mão, as feições ainda belas, embora disformes. O semblante gentil e a estatura ereta não lhe pertenciam mais. Curvou-se em reverência.

- Sua Majestade, o grande rei de Perdição, aguarda-os, príncipes-chefes Miguel e Gabriel, da Casa Real de Jeová.

Miguel e Gabriel apearam.

Asmodeus conversou com uma horda de criaturas demoníacas que montavam guarda diante dos reveladores. Era uma língua áspera, gutural, que os irmãos jamais haviam ouvido antes, nem da boca de anjos, nem da de homens.

Os demônios levaram os cavalos dos irmãos. Oito guerreiros angelicais decaídos e acorrentados tomaram a caixa de ouro dos reveladores e a puseram sobre os ombros.

Asmodeus se manifestou:

- Vamos tomar posse da Arca da Raça dos Homens. Sigam-me.

Miguel e Gabriel deixaram os reveladores para trás e seguiram Asmodeus pelos vastos e amplos salões, que eram quase uma reprodução exata do palácio original de Lúcifer no Primeiro Céu. Os guerreiros angelicais decaídos seguiram-nos, levando os documentos.

Gabriel observou com curiosidade os imponentes tetos adornados com afrescos enquanto caminhavam.

- Ora, são como eram antes de sua queda! - sussurrou.

Passaram por legiões e legiões de guardas luciferianos, que os fitavam ameaçadoramente por trás das viseiras pretas, os olhos amarelados irradiando o mal. As nobres feições de Miguel revelavam apreensão.

Asmodeus deteve-se diante de duas imensas portas de ébano. O guarda iuciferiano fez uma profunda reverência.

Um anjo imenso, de ombros largos, surgiu de repente, os cabelos emaranhados encobrindo o rosto grande e repleto de cicatrizes. Ele os puxou, exibindo pálidos olhos azuis sob efeito de encantamentos.

- Então, príncipe-chefe Miguel, da Casa Real de Jeová! - Umedeceu os lábios e depois soltou uma risada alta e debochada. - Meu belo...

Miguel olhou-o com firmeza, o semblante sério, silente. Moloch era mais de trinta centímetros mais alto que ele. Curvou-se profundamente, uma força malévola emanando de seu olhar.

- Meu mestre o aguarda. - Deu um passo para o lado.

- Proteja sua alma, Gabriel - avisou Miguel. - Um força maléfica terrível reside aqui. - Empurrou lentamente a porta.

Do outro lado do recinto que adentravam achava-se Lúcifer, as feições ocultas por um capuz. Charsoc e Araquiel, um aprendiz demoníaco, estavam à sua direita, calados. Lúcifer curvou-se profundamente.

- Saúdo Vossa Excelência, estimado príncipe regente Miguel.

Miguel curvou a cabeça em deferência. Manteve-se um longo e opressivo silêncio enquanto os dois se entreolhavam. O impulso imediato de Miguel foi o de agarrar os ombros de Lúcifer e abraçá-lo, como sempre fizera nos milênios anteriores. Aquele fora seu confidente, seu irmão mais velho. Mas, quando Lúcifer se aproximou, Miguel viu que os olhos cor de safira do irmão, que antes reluziam com santidade e nobreza, agora exibiam a arrogância dos condenados. Afastou-se, agoniado, lembrando-se da época em que Lúcifer nutria um amor fervoroso por Jeová.

Lúcifer se voltou para Gabriel.

- E saúdo Vossa Excelência, estimado príncipe Gabriel, o revelador.

Miguel percebeu o olhar estranho com que Lúcifer estudava o irmão mais moço. Em seguida, ele abriu um sorriso.

- É bom vê-los, meus irmãos! - Bateu ambas as mãos bem-cuidadas, e os demônios depositaram a arca no centro da ampla câmara. Ele caminhou ao redor da caixa de ouro e acariciou os querubins dourados. - Os documentos estão em ordem?

- Sim, estão - respondeu Miguel com seriedade.

Lúcifer fez um gesto para Charsoc, que se aproximou da caixa. Os cabelos do Ancião, agora pretos e luzidios, estavam repartidos ao meio como dois cursos de água que lhe caíam até os pés. Os olhos ardiam como brasas quentes, azuladas.

Gabriel removeu a grande chave dourada de uma corrente no pescoço e abriu lentamente a caixa. Doze enormes códices dourados a ocupavam, as capas adornadas com jacintos, diamantes, safiras, crisólitos e inúmeras outras pedras preciosas.

A linha cruel de um sorriso estampou-se na boca de Lúcifer. Não se ouviu nenhum som, mas Gabriel escutou a voz do irmão martelar sua mente. MENTIRAM-LHE, MEU IRMÃO. MIGUEL MENTIU PARA VOCÊ. O CONSELHO TAMBÉM. Gabriel meneou a cabeça como se estivesse zozinho. Pôs dois livros encadernados sobre a mesa ricamente entalhada. ELES TÊM SEGUNDAS INTENÇÕES.

Charsoc estudou os códices com atenção.

- A Terra e seu sistema solar, Vossa Majestade. Vênus, Marte, Saturno, Júpiter...

- Sim, sim... não me entedie - disse Lúcifer, acenando-lhe discretamente. - O Segundo Céu acima da Terra?

Gabriel curvou a cabeça.

- É seu.

- E o Tártaro? - Os olhos se estreitaram, e ele encarou Miguel com firmeza.

- Não está nos acordos - afirmou Miguel.

- Mas ele existe no centro da Terra: o núcleo fundido.

- Não está nos acordos.

- Então, Ele ainda quer o Tártaro... - Lúcifer pareceu perdido em pensamentos. - Não faz mal. E o meu troféu? O homem?

Gabriel abriu um imenso códice encadernado em ouro.

- Agora, você é governante da raça dos homens, o soberano deles. Precisamos assinar os documentos.

Os olhos de Charsoc se estreitaram.

- Vossa Majestade, sugiro cautela. Aquilo que assinar terá validade universal. Lúcifer sorriu triunfante.

- É claro que devemos aderir rigidamente à lei eterna. - Fez um gesto na direção dos códices. - Você os examinou. Está satisfeito?

Charsoc meneou a cabeça devagar.

- Parecem estar em ordem.

Lúcifer estendeu a mão. Araquiel entregou-lhe uma grande pena. Lúcifer assinou os documentos com um floreio. Estendeu a pena para Miguel.

- Você é testemunha. - Um sorriso lento e malicioso surgiu em seus lábios.

Venha governar comigo, Gabriel. Vou lhe conceder o reino dos homens...

Miguel assinou.

- Araquiel, gostaria de comemorar com meus irmãos.

Araquiel despejou um elixir de frutas douradas em três cálices cristalinos.

Lúcifer entregou um a Gabriel, que sorveu um gole. Entregou o segundo a Miguel, que meneou a cabeça em negativa.

- Rejeita minha hospitalidade, Miguel?

Miguel fitou Lúcifer com um olhar frio.

- Não sinto sede.

Lúcifer riu.

- Ora, ora, meu querido Miguel. Após tantas eras, ainda não dominou a elegante arte da cortesia, como Gabriel.

- Traição não é assunto para comemorações.

Lúcifer riu, saboreando o cálice de Miguel. Reclinou-se sobre um rico trono de platina com seu manto de cetim branco a envolvê-lo. Seis cães infernais estavam deitados sobre almofadas, também de cetim, a seus pés. Afagou a cabeça do maior.

- Cérbero... - Lúcifer fez um gesto para que Miguel e Gabriel se sentassem.

Gabriel sentou-se perto de Lúcifer, embora Miguel continuasse em pé, atento.

- Esses homens que comando agora... - prosseguiu Lúcifer com descontração - O acesso ao céu também lhes será negado?

Miguel manteve-se em silêncio.

- Eles não terão acesso - tornou Gabriel. - O portal foi selado. O Primeiro Céu e as maravilhas de Jeová estão seladas para sempre com relação à humanidade.

- A presença Dele nunca será conhecida aqui? - perguntou Lúcifer, inabalável, enquanto observava Miguel.

Miguel curvou a cabeça em reverência.

- Não tenho a pretensão de conhecer a mente de nosso Pai.

- Ah! Mas eu conheço a mente Dele! - retrucou Lúcifer, franzindo o cenho com fúria. - Ele ainda buscará a amizade deles! Sei disso! Ele superaria qualquer barreira!

Miguel ergueu a voz.

- Você não tem jurisdição sobre a presença Dele, Lúcifer.

- Ele é obcecado, um tolo!

- Não, Lúcifer. Ele é puro. E divino. O amor Dele pelo homem é eterno.

- Eu sou o rei agora! Os homens são meus súditos.

Miguel baixou o olhar.

- Alguns não se submeterão, Lúcifer.

- Ah, vão se submeter sim, e você verá com que facilidade. Vou erradicar todas as lembranças do Primeiro Céu... e de Jeová! - Riu com deleite. - Vão se lembrar Dele apenas como uma vaga impressão, uma fábula! A

lembrança vai se esvaír de geração em geração, até Seu nome se tornar apenas um mito para crianças. Todos eles vão abandoná-Lo. Assim, Ele vai recuperar a razão e perceberá a loucura de Sua criação. Vai compreender também meu triunfo... e me perdoará.

Miguel olhou fixamente para Lúcifer. Seus olhos pareciam feitos de aço.

- Venha, Gabriel. Precisamos partir.

Gabriel se manteve sentado, um tanto zozzo, as pálpebras pesadas.

- Eu... eu gostaria de ficar e jantar com meu irmão. - A voz soou pouco natural, quase letárgica.

Subitamente, Miguel também se sentiu zozzo, a alma surpreendentemente enfraquecida.

- Mandei preparar acomodações suntuosas para você, Gabriel. - Lúcifer lhe lançou um sorriso misterioso. - E um presente especial: uma coleção de afrescos magníficos que mostram minha coroação como soberano.

- Vamos, Gabriel - chamou Miguel, a voz engolada. - São os encantamentos... Ele está brincando com a nossa alma.

Gabriel se voltou para Miguel, a inquietude se transformando em algo semelhante ao dissabor.

- Não abandonarei nosso irmão, Miguel. Eu o abandonei uma vez no Monte do Norte.

Assim como você o fez, Miguel. *Miguel respondeu entredentes:*

- Jure sua obediência a Jeová, Gabriel! Isso vai quebrar o poder dele. Moloch e o guarda luciferiano agarraram Miguel e o empurraram com fúria porta afora.

- SAIA, Gabriel! - gritou Miguel. - Se ficar, jamais voltaremos!

CAPÍTULO 21

PRISÃO

Miguel foi lançado ao chão de granito da enorme câmara de torturas. As maciças portas de ferro da prisão se fecharam, e a chave girou na fechadura. Levantou-se, limpando o sangue da boca com as costas da mão, e pressionou o rosto contra a grade de ferro. Observou os ameaçadores leitos de ferro, as prensas de polegares, as virgens de ferro e outros hediondos instrumentos de tortura. Gritos de enregelar o sangue ecoavam pelo lugar, vindos de anjos decaídos que eram torturados incessantemente em duas

enormes câmaras situadas de ambos os lados da interminável fileira de celas. Na extremidade da câmara menor, pôde ver a figura musculosa de Gadreel, inclinado sobre o trêmulo Sachiel.

- É isso que acontece quando você venera Jeová neste lugar, meu caro. - O semblante de Gadreel se abriu em um esgar para Miguel de onde estava, ao lado do leito de torturas, o peito nu, os bíceps maciços tensionados. Ergueu o ferro em brasa. - Quem você venera?

Rindo alucinadamente, apertou o ferro com brutalidade contra as unhas de Sachiel. A fumaça se ergueu da carne ardente, e Sachiel gritou em agonia. Gadreel lhe desferiu um chute violento com as botas de ponteiros de ferro.

Belial e Vidar aproximaram-se das grades. Belial pôs o rosto contra a grade de ferro, ficando face a face com Miguel. Ele acariciou seu chicote de nove pontas com extremidades de vidro.

- Ora, se não é Sua Alteza Real, o príncipe-chefe Miguel. - Passou o chicote sobre o rosto do arcanjo, acariciando-o.

Miguel fechou os olhos, invocando cada átomo de seu autocontrole. As palavras de Jether ecoaram fundo em sua mente. *Nunca mostre medo. O mal se nutre do medo.* Agarrou as barras sem que nenhum dos músculos do rosto se movesse. Vidar esmagou cruelmente os nós dos dedos de Miguel com seu bastão de ferro, e o Arcanjo teve de recolher a mão em agonia.

- Não vai estar tão bonitinho quando terminarmos com você - grunhiu Belial. - Não é, Vidar?

Gadreel apareceu atrás dele balançando as chaves da cela de Miguel. Riu com desdém da figura pálida diante deles.

- Vossa Alteza Real - ironizou. Virou-se para os outros. - Venham, vamos praticar um pouco de exercício!

Lúcifer e Gabriel estavam sentados diante da mesa de jantar ricamente decorada, bebendo em cálices de cristal. As velas pretas estavam quase no fim, exceto por débeis lampejos. Gabriel continuava sentado languidamente, ainda zozinho. Lúcifer tomou seu braço.

- Venha, Gabriel, quero lhe mostrar o meu reino.

Levantaram-se e passaram pelas portas do balcão, recebendo os zéfiros refrescantes. Gabriel observou a paisagem por sobre o balcão, avistando a escuridão exterior que cercava a Cidadela Negra. Lúcifer moveu a mão pelo céu e, de imediato, eles viajaram por milhares de sistemas solares através da escuridão absoluta.

Devagar, os olhos de Gabriel acostumaram-se às trevas. A distância, milhares de anjos decaídos e acorrentados erigiam monstruosas estruturas

de ferro. A mais de cinco quilômetros sob eles, uma torrente de lava derretida fluía pelo Hades. Lúcifer estendeu as mãos em um gesto abrangente.

- Veja, Gabriel, nada está além de nós.

Apontou para uma ameaçadora grade negra de ferro, a qual um grupo de criaturas semelhantes a trolls se esforçava para levantar, fazendo dela um enorme portão com centenas de metros de altura. Devagar, a grade foi erguendo-se do chão. Atada a ela, via-se uma gárgula viva exalando lava flamejante.

- Você deve governar o Hades comigo, Gabriel. Haveremos de provar a nosso Pai que essa idéia de forjar a raça dos homens foi uma insanidade.

Os olhos de Gabriel encontravam-se sem brilho e apáticos. Lúcifer tirou uma grande chave reluzente do manto.

- As chaves para a morte e a sepultura. Agora são minhas. Dadas a mim pela lei eterna.

CAPÍTULO 22

UM INVASOR NO REINO

Miguel foi espancado até se tornar uma massa disforme. Os cabelos trigueiros estavam emaranhados e ensangüentados devido a um ferimento aberto no alto da cabeça. De sua face direita, em carne viva, saía sangue. Os olhos estavam feridos, as unhas quebradas e queimadas.

Os reveladores e sua legião de Vigilantes agora encontravam-se encarcerados com ele nas regiões mais inferiores da prisão. Centenas de grossas barras de ferro incrustadas no granito confinavam a todos.

Gadreel abriu a porta de ferro do cárcere de Miguel e lhe desferiu um chute violento. As esporas pontiagudas da bota rasgaram a pele do arcanjo.

- Você tem visita, Vossa Alteza. - Miguel caiu de joelhos. - Vai se curvar diante de seu rei - cuspiu Gadreel.

Com esforço, Miguel ergueu o rosto desfigurado para as portas da prisão.

Sorrindo para ele, em um manto de cetim branco, a coroa dourada sobre a cabeça, avistou Lúcifer. À sua direita, Gabriel, pálido e trêmulo; à esquerda, Zadkiel. Lúcifer aproximou seu rosto da face de Miguel.

- Se não posso conquistá-lo, meu querido Miguel, vou *forçá-lo* a voltar para mim - falou em um silvo maligno. - E, se não conseguir *forçá-lo*, vou *destruí-lo*.

Miguel esforçou-se para que suas palavras fossem ouvidas entre os dentes cerrados e ensangüentados, cada palavra causando-lhe uma dor agonizante.

- Existe... um... adendo, Lúcifer.

Os olhos de Lúcifer se estreitaram.

- Como? Que adendo?

Miguel tombou de novo, mas os olhos tinham a firmeza do aço.

- Nos documentos de propriedade - sussurrou.

Lúcifer virou-se para Gabriel, que assentiu plenamente.

- É verdade. Eles expiram.

- Como assim *expiram*?

Agarrou firmemente os ombros de Gabriel. Com lentidão, os olhos de Gabriel foram ganhando foco.

- Os documentos de propriedade. Eles têm um limite de tempo. - A voz dele soava pastosa. - Eles perdem a validade.

Miguel pôde ver, mesmo agachado, o horror que tomou conta da fisionomia de Lúcifer. Ele se virou para Charsoc, que fitava Miguel, o semblante em choque.

- A onisciência de Jeová - murmurou Charsoc.

Lúcifer ficou em silêncio durante um bom tempo.

- Vocês não estão mentindo - sussurrou. - Sinto isso. - Piscou com rapidez, contemplando o vazio. - Minhas eras de vingança... estão contadas?

- A aliança foi concedida à raça dos homens por um período finito. Está escrito na lei universal - murmurou Miguel, suas palavras límpidas e inconfundíveis. - Não pode ser revogado.

Lúcifer mirava um ponto à frente, os olhos como uma pedra preciosa azul.

- O Dia do Juízo Final... - As palavras perturbadoras mal se fizeram ouvir. - No dia em que expirar... ele vai me banir para o lago de fogo.

- Teria sido útil estudar o códice com mais atenção quando ele estava em suas mãos. - O tom de Gabriel parecia mais claro e forte agora. - Você deveria ter visto a cláusula relativa ao tempo nos documentos de propriedade.

O olhar de Zadkiel, que havia acompanhado Lúcifer até a prisão, oscilava de Miguel para Lúcifer, assimilando a verdade terrível.

- A genialidade de Jeová! - vociferou Lúcifer. Voltou-se para Miguel. - Digame: quando termina o meu reinado?

- Esse conhecimento não nos foi confiado - tornou Miguel, imergindo nos olhos de Lúcifer. - Certa vez, alguém maior do que eu recebeu em demasia, motivando corrupção. - Cada palavra causava-lhe uma dor agonizante. - Isso maculou sua alma.

Lúcifer chutou a cabeça de Miguel com selvageria. O arcanjo se contorceu em agonia.

- Pode me torturar... pode me condenar ao seu inferno... - Ergueu-se sobre um dos cotovelos e encarou Lúcifer, lágrimas de dor e raiva escorrendo do rosto para as mãos. - Mas... eu... vou... venerar... Jeová.

Gabriel pareceu tomar sua decisão.

- Lúcifer - falou com voz trêmula -, não vou me curvar.

Lúcifer fez um gesto para que Gadreel mantivesse Sachiel próximo de Gabriel. Os olhos de Sachiel eram buracos negros flamejantes. Gabriel curvou a cabeça.

- Você aceitaria esse destino, Gabriel? - silvou Lúcifer. Mandou Gadreel se afastar. - Devido ao meu amor excessivo por você, meu irmão, ainda o perdôo.

Gabriel ergueu a cabeça e fitou Lúcifer. Seu tom de voz era contido, mas resoluto.

- Não vou me curvar, irmão. Venero Jeová.

Gadreel chutou brutalmente Gabriel, que caiu de queixo no chão de granito. Lúcifer manteve o olhar fixo em um ponto à frente, a postura imperial inescrutável.

- Levantem-se vocês dois, meus irmãos. Agora, serão meus súditos, encarcerados para sempre em meu reino. Vão se curvar a mim como se curvariam a um rei.

Os dois irmãos se levantaram. Ambos sussurravam preces angelicais.

Lúcifer fez um gesto para Belial. Ruber, Gadreel e Belial pegaram Miguel pelos cabelos e o lançaram com violência contra as grades. Gadreel e Belial mantiveram seu rosto pressionado contra o granito, enquanto Ruber lançava Gabriel de joelhos, imobilizando-o.

- Agora sim estão se curvando, irmãos - disse Lúcifer com um sorriso maligno. - Como rei de vocês, recebo sua veneração.

Virou-se triunfante, mas deu com o olhar de Zadkiel cravado em uma figura que ainda estava em pé. Pelos feixes de escassa luz, um Vigilante solitário erguia-se a um dos lados da câmara.

O rosto de Gadreel tornou-se uma máscara de fúria.

- Um deles o desafia, Vossa Majestade.

Zadkiel ficou estático, hipnotizado pela figura. Gadreel olhou com ironia para o Vigilante e se aproximou dele. Os olhos de Lúcifer se estreitaram em alerta... Percebia algo estranho, intangível.

- Tire a viseira diante de nosso rei! - grunhiu Gadreel, arrancando a viseira do rosto do Vigilante.

Lúcifer ergueu a mão para detê-lo, mas foi tarde demais. Um feixe de luz cegante, feérica, derrubou Gadreel. Ele se encolheu aterrorizado diante da figura imperial que o observava em meio ao fogo branco. Era Christos, Suas graciosas feições mostravam-se destemidas e ameaçadoras.

Belial murmurou um grito abafado e agarrou a garganta, sufocando no fogo branco. De imediato, os ferimentos de Miguel foram curados e sua pele, restaurada.

- Christos... - sussurrou o arcanjo.

Gritos de enregelar o sangue ecoaram pela prisão à medida que os anjos decaídos iam tombando ao chão, ardendo pela irradiação incandescente.

Zadkiel contemplava a cena fascinado. Durante um momento fugaz, avançou em direção à luz cegante, o semblante banhado pelo brilho. Uma paz insondável transformou sua expressão.

Lúcifer observava Zadkiel, incrédulo, a própria pele chamuscada, escutando gritos rascantes reverberarem pela câmara.

Zadkiel continuou a se banhar na irradiação, intocado. Miguel o fitava também, magnetizado. Devagar, Zadkiel abriu os olhos e contemplou o Cristo.

Christos o fitou, uma tristeza singular em seus olhos.

- Zadkiel.

Lúcifer ergueu o braço diante dos olhos, observando incrédulo a cena entre Zadkiel e o Cristo. Bruscamente, Zadkiel baixou a cabeça, um terrível desespero enevoando suas feições. De repente, passou a tremer sem controle, o rosto chamuscado coberto de bolhas. Foi ao chão.

Charsoc ergueu a cabeça negra, os olhos repletos de repulsa pelo Cristo.

Christos voltou-se para Charsoc.

- Você, Charsoc, santo intendente dos mistérios eternos de Jeová, foi declarado faltoso.

O fogo branco intenso e escaldante queimou as órbitas oculares de Charsoc como feixes de laser. Ele soltou um agonizante grito de dor e terror. Christos, então, virou-se para Lúcifer.

- Você vai se curvar diante de seu legítimo Rei.

Os demônios caíram prostrados ao chão, todos ao mesmo tempo. Lúcifer virou o rosto em chagas para a luz escaldante.

- Este é meu... reino! Você o invadiu!

Centímetro a centímetro, como se uma mão de ferro invisível o forçasse para baixo, Lúcifer se curvou, até cair prostrado diante do Cristo, a cabeça curvada, evitando a luz ofuscante.

Sachiel voltou o rosto disforme para Christos. As órbitas oculares pararam de queimar e de imediato ficaram como novas. Lágrimas escorreram pelo rosto em carne viva, ensanguentado, assim que os olhos foram curados.

- Reúna todos os que se arrependem. Na aurora, deverão estar em casa.

Depois, Ele olhou para trás e estendeu a mão direita para o indivíduo de cabelos platinados que o observava com intensa ansiedade... silencioso... trêmulo.

Christos lhe sorriu, Sua radiância tão forte como a luz solar.

- Gabriel!

CAPÍTULO 23

COROAÇÃO

Lúcifer observou a cena do balcão de rubis da Cidadela Negra. Uma vasta esquadra de navios, longos e abertos ao vento, com seu emblema nas velas, percorria o rio sob os penhascos de Perdição. Milhares de anjos decaídos seguiram a nau principal na direção das areias do Éden negro. Voltavam ao Primeiro Céu.

Contemplou, hipnotizado, a figura imperial de Christos, trajando vestes brancas, o porte majestoso, na proa do navio principal. Os longos cachos fluidos reluziam sob a luz branca que banhava Suas feições graciosas. Gabriel podia ser visto em pé à direita de Christos, radiante, glorioso.

Com um esforço supremo, Lúcifer conseguiu desviar o olhar. Cerrou com violência as portas do balcão, virando-se para os dez generais em pé diante dele.

- Ele invadiu meu reino e maltratou meus súditos com Sua presença! - cuspiu. Inquieto, começou a dar voltas pelo recinto. - Agora, Jeová vai sentir minha ira mais amarga.

Virou-se para Charsoc, que estava mirando um ponto distante, sem nada ver, as órbitas oculares tomadas por duas cavidades queimadas e vazias, o corpo tremendo em descontrole.

- Reúna meus príncipes para minha coroação. Serei ungido rei!

As paredes da Sala do Trono de Lúcifer erguiam-se altas e severas, com uma estranha cor negra translúcida, tendo como ápice um imenso domo feito de um cristal negro trabalhado. O teto ficava a mais de trinta metros e era adornado com espetaculares cenas reminiscentes de seu santuário interior no Palácio dos Arcanjos - mas, ali, os tons das pinturas eram mais escuros, mais sinistros. Estavam ausentes os índigos vibrantes, o heliotrópio e o lilás relaxantes de que tanto gostava; em seu lugar, viam-se cores mais escuras, como roxo e magenta, e tons sombrios e ameaçadores de carmim. Na outra extremidade da nave, havia um colossal altar de granada, a superfície reluzente recoberta por milhares de velas negras fumegantes, que permeavam a câmara com um aroma intenso de olíbano puro. Serafins e górgonas esculpidos em ouro adornavam os dois imensos portões de ouro negro da sala no lado oposto da nave.

O letárgico ritmo dos tambores cerimoniais de Lúcifer misturava-se às grandiosas e assustadoras árias dos sinistros feiticeiros angelicais, com seus tamborins e flautas vibrando pela câmara, misturando-se a liras e alaúdes, com os reluzentes chofares de ouro dos arautos milicianos.

Lúcifer encontrava-se majestosamente sentado sobre um enorme e brilhante trono de diamante diante do altar negro, trajando vistosos mantos brancos bordados com brilhantes e ouro fundido. Pedras preciosas de todos os tipos incrustavam-se em seu peitoral de ouro: sárdio, topázio, diamante, berilo, ônix, jaspe, safira, esmeralda e carbúnculo. Seu porte ainda era o de um rei. As belas feições, embora desfiguradas, ainda impressionavam. Os cabelos negros adornavam-se com relâmpagos, caindo-lhe sobre os ombros e se espalhando pelas reluzentes vestes brancas.

Devagar, ele se levantou e se ajoelhou diante do altar, a cabeça apoiada contra a granada escura, murmurando uma estranha língua gutural, nem de anjos, nem de homens. Os cânticos foram se intensificando. Logo, centenas de demônios desencarnados se materializaram através das paredes translúcidas e se ajoelharam atrás dele.

Então, a Sala do Trono se encheu com centenas de milhares de membros da hoste angelical decaída. Cem dos príncipes-chefes marcharam pela nave, liderados por Charsoc, também se ajoelhando em formação circular na frente do trono. Charsoc dirigiu-se a eles:

- Meus irmãos angelicais, apresento-lhes Lúcifer, que neste dia será ungido como SATÃ, rei do Hades e de Perdição, bem como das regiões inferiores. Todos vocês reunidos aqui hoje juram homenagear e servir a Satã, dedicando-se a ele deste dia em diante?

A assembleia respondeu em uníssono:

- Nós o juramos. - O som da hoste angelical ecoou como um trovão.

Charsoc voltou-se para os príncipes-chefes:

- Vocês, príncipes-chefes do mundo inferior, juram servir, honrar e venerar o todo-poderoso Satã, rei do inferno, tentador, adversário da raça dos homens? Juram executar para sempre apenas a sua vontade, servir e venerar para sempre apenas a sua pessoa, serem os executores de seus propósitos iníquos, tornando-se a personificação de seu poder das trevas para sempre, pela eternidade das eternidades?

A hoste angelical respondeu em uníssono:

- Nós o juramos.

Charsoc virou-se para se postar diante de Lúcifer, que se levantou do altar.

- Você, Lúcifer, serafim, portador da luz, jura renunciar a Christos pela eternidade das eternidades?

- Eu, Lúcifer, renuncio a Christos pela eternidade das eternidades.

Charsoc aproximou-se de Lúcifer a ponto de seu rosto ficar a um fio de cabelo do rosto dele.

- Você, Lúcifer, serafim, portador da luz, jura renunciar a Jeová?

Lúcifer ergueu o rosto na direção do domo. Um feixe de luz lançou-se sobre ele, iluminando-lhe as feições. Respirou fundo, por um segundo seus olhos

emitiram um lampejo de vulnerabilidade. Um olhar de intensa dor estampou-se em suas feições.

Zadkiel contemplou-o vacilante. Um silêncio terrível envolveu a Sala do Trono, e todos os olhares convergiram para ele.

- Você, Lúcifer, serafim...

Lúcifer desferiu um soco violento em Charsoc. Trêmulo, ele enxugou as lágrimas dos olhos com as costas das mãos repletas de anéis. Ninguém se moveu. Charsoc voltou-se para Lúcifer, sem nada ver, hesitante.

Satã caminhou até o altar e se ajoelhou, a cabeça encostada na pedra. Minutos se passaram, e ele se mantinha imóvel. De repente, ergueu a cabeça.

- Ele não me dá atenção! - gritou.

Sacou a espada e a deslizou com fúria sobre o altar, derrubando no chão as velas negras acesas. Quando tornou a falar, cada uma das palavras revelava grande agonia

- Eu... renuncio... a Jeová.

Um estrondo feroz se fez ouvir entre os anjos decaídos e os demônios.

- Nós renunciamos a Jeová! - gritaram. - Nós veneramos Satã.

Charsoc estendeu a Lúcifer um anel com um diamante negro magnificamente facetado e incrustado em ouro.

- Receba o anel da maldição real e o selo de Satã.

Um cavaleiro das trevas colocou um pesado frasco de ouro nas mãos de Zadkiel. Quatro cavaleiros das trevas seguraram um pálio de ouro fino e pesado sobre a cabeça de Lúcifer. Zadkiel despejou o óleo de unção parecido com alcatrão sobre uma colher de ouro e ungiu-lhe as palmas das mãos.

- Que suas mãos sejam ungidas com os encantamentos sombrios do inferno.

- Charsoc passou o óleo sobre o peito nu de Lúcifer. - Que seu peito seja ungido. - Despejou o óleo restante sobre o alto da cabeça nua. O pesado linimento aromático escorreu pela testa de Lúcifer e molhou seu rosto e pescoço. - Que sua cabeça seja ungida. - Charsoc estendeu os braços. - Vossa Majestade é Lúcifer, neste dia ungido como Satã. - Virou-se para as legiões angelicais, que se ergueram ao mesmo tempo. - Renunciamos a Jeová! - gritou.

- Renunciamos a Jeová! - respondeu a hoste decaída.

- Longo seja o reinado de Satã!

- Longo seja o reinado de Satã! - repetiram.

O chofar demoníaco soou e os portões se abriram lentamente. Oito dos mais gloriosos guerreiros de Lúcifer caminharam com precisão militar até o centro da nave, com a caixa da Arca da Raça dos Homens sobre os ombros. Atrás deles, iam os recém-escolhidos novos príncipes-chefes satânicos, liderados

por Asmodeus. Devagar, os guerreiros depositaram a caixa de ouro diante do altar.

Lúcifer levantou-se e se virou.

- Tomamos posse da aliança da raça dos homens. Desse momento em diante, eu, Satã, sou o soberano de vocês por direito, governante da raça dos homens. Os territórios do planeta Terra, seu sistema solar, o Segundo Céu, tudo agora está anexado ao reino de Satã, imperador e regente das regiões inferiores.

Os príncipes-chefes satânicos puseram a arca sobre o altar de ônix. Lúcifer envolveu o corpo com a capa de arminho e contemplou seu troféu. Um sorriso de satisfação estampou-se aos poucos em suas feições.

- Charsoc estava lá?

Jether estava de costas para Miguel.

- Ele foi considerado faltoso - declarou Miguel.

Jether suspirou, angustiado.

- Sabia que seria assim.

- Ele não enxerga mais, Jether - Miguel falou com suavidade. - Ficou muito abatido, disso eu sei. Ele não esperava...

Jether virou-se da janela da câmara monástica com um movimento brusco, o rosto revelando terrível pesar e raiva.

- Ele não esperava? Ele, que se sentava em um dos oito tronos governamentais do céu? Que viajou até a fonte dos universos e viu as câmaras dos turbilhões, os tesouros da neve? Que adentrou os cofres secretos dos querubins e viu a própria face de Jeová? *Ele não esperava?* - A respiração de Jether ficou pesada. Caiu sentado na cadeira, a cabeça entre as mãos. - Ele que foi intendente de tantas coisas, responsável por tantas... meu amigo... como ele pôde sucumbir? - Meneou a cabeça, pesaroso. - Charsoc fez sua escolha. Reverenciou mais a criação do que o Criador. E sua escolha foi traiçoeira, dissimulada, repleta de segundas intenções. Ele esperava sim, Miguel. Sabia exatamente o que esperar.

Miguel olhou ao redor do recinto espartano. Silencioso. Enfim, Jether ergueu a cabeça.

- Precisamos nos prevenir, pois Lúcifer sabe muito bem que os conhecimentos de Charsoc acerca dos mistérios de Jeová podem ser pervertidos e distorcidos para satisfazer sua ambição ignominiosa de aniquilar a raça dos homens. - Levantou-se. - O tempo está contra nós. Precisamos nos apressar.

CAPÍTULO 24

A SEMENTE DO DEMÔNIO

Treze anéis de gelo irradiavam-se do alto dos portais sombrios, os laboratórios nos quais os aprendizes sinistros de Charsoc passavam sua existência. Esses jovens ímpios, formados por um terço dos aprendizes que haviam debandado com as hostes angelicais, trabalhavam nos intrincados túneis subterrâneos das regiões inferiores, dedicados rigorosamente a encantamentos e bruxarias.

O ambiente estava pesado devido ao rumor fantasmagórico de feitiços demoníacos, voduns, magias e cânticos. Dois terços desses aprendizes eram deformados, os membros retorcidos, a cabeça disforme e as feições desfiguradas.

Charsoc percorria os laboratórios, o rosto magro e ossudo inflamado pela malevolência enquanto observava, as órbitas oculares vazias, os aprendizes das trevas oscilando para a frente e para trás, como zumbis, recitando artes e encantamentos sombrios. Milhares de livros de prata e antigos códices das trevas empilhavam-se do chão ao teto: Poções das bruxas, Caldo do inferno, Neeromancia, Tradição mágica, Noite de Walpurgis, Alquimia e *centenas de títulos semelhantes*.

Três aprendizes, o semblante retorcido pela maldade, acorrentavam habilmente um quarto aprendiz. O desafortunado berrava de terror enquanto era mantido sobre um imenso caldeirão com alcatrão ardente, repleto de feitiços.

- Vamos chamar este aqui de Anão! - gargalhou de modo alucinado o menor deles.

Um sorriso de satisfação estampou-se no rosto de Charsoc.

Lúcifer entrou no laboratório, seguido por cem dos principais generais. Eles ignoraram os aprendizes, que tremiam de terror, e caminharam diretamente para um grande cofre preto. A capa preta e adornada de Charsoc, típica de um feiticeiro, ondulou-se quando se curvou diante de Satã.

- Os portais das sombras, Vossa Majestade.

Lúcifer contemplou o cofre como se estivesse em transe.

- Meu troféu. Os mistérios sagrados de Jeová.

Asmodeus fez um gesto para os soldados. Ergueram com cuidado a pesada tampa do cofre de ferro escuro. Uma fumaça prateada elevou-se de seu conteúdo, indo ao teto.

Lúcifer fez um gesto quase imperceptível com a cabeça, e Asmodeus inclinou-se para remover um dos códices ricamente adornados com pedras. Assim que o tocou, soltou um grito assustador e encolheu a mão, agonizado. Na palma ficara impressa a insígnia da Casa Real de Jeová.

Lúcifer caminhou pela nave e ergueu o rosto na direção do centro do domo adornado com pedras preciosas. Passou a entoar um cântico gutural cuja intensidade foi aumentando com rapidez. O rosto começou a arder com uma luz sobrenatural. Os súditos observaram atônitos quando seis asas escuras ficaram visíveis ao redor de sua figura. As feições revelavam êxtase. Ele estendeu os braços em direção ao domo e levitou, flutuando sobre a caixa. O códice elevou-se pelo ar ao encontro de sua mão. Em triunfo, ele agarrou o grande códice adornado e inalou a névoa prateada. Depois, desceu mansamente, até pousar de novo na superfície.

- Os mistérios sagrados. - Colocou o códice no altar e abriu suas páginas com carinho. - Cada um dos mistérios de Jeová tem uma antítese. Charsoc, você superou mesmo as expectativas. - Lúcifer se voltou para os generais. - Deste momento em diante, nossa missão sagrada é profanar e perverter os mistérios sagrados de Jeová para a raça dos homens. Devemos apresentar o mal à raça deles. Eles vão sacrificar filhos e filhas aos demônios. Suas terras ficarão poluídas pelo sangue. Onde houver devoção, levaremos perversão e degeneração. Onde houver a reverência a Jeová, levaremos todas as formas de artes mágicas blasfemas: o curso da Lua, dos planetas e das estrelas, dezenas de feitiçarias e encantamentos corrompidos. Onde houver vigor, minaremos o corpo do homem com doenças e toda espécie de moléstia. Enlamearemos as propriedades curativas da exuberante vegetação da Terra, até ficar rala e devastada. Perverteremos o conhecimento proibido da tecnologia e revelaremos à humanidade os meios de criarem instrumentos letais: armas de guerra com as quais lutarão entre eles e nos auxiliarão na destruição dessa raça desprezível.

Charsoc curvou-se de novo, a ponto de os cabelos varrerem o chão.

- Contudo, esse não é o maior receio de Jeová, meu senhor...

Lúcifer inclinou-se para a frente, atento às palavras de Charsoc.

- Prossiga.

- Quando ainda caminhava entre meus compatriotas, os Vinte e Três patriarcas antigos, o maior receio dizia respeito ao código genético humano. - Charsoc se deteve, virando-se para onde os aprendizes se reuniam, na outra extremidade dos portais. - Próspero! - Um aprendiz mal-encarado, coberto de poeira, arrastou-se pela penumbra, encolhido de terror. - Próspero trabalhou no genoma sob o comando direto de Xacheriel. Não é verdade, aprendiz?

Próspero assentiu com a cabeça, estremecendo de medo.

- Fui o principal aprendiz executor das instruções explícitas de Jeová para criar o genoma da raça dos homens.

- Explique-se para seu imperador! - berrou Asmodeus.

- O genoma humano é composto por uma sequência com trezentos bilhões de pares singularmente programados para cada aspecto da raça dos homens. Ele os conduz do óvulo unicelular até a idade adulta.

Lúcifer inclinou-se mais.

- Você conseguiu um verdadeiro *prêmio*, Charsoc. - Ele observou Próspero com interesse. - Continue, aprendiz. - Sua voz era convincente, cativante.

- Um número de nucleotídeos com dez vezes 2,4 vezes dez à nona potência sequências possíveis, Vossa Majestade, e todas levam a uma completa ineficiência biológica... - continuou Próspero - ... exceto por uma, senhor.

Lúcifer assentiu.

- Quarenta e seis cromossomos para cada uma das células vivas da nova raça. Os genótipos de todas as células derivadas de uma célula específica são programados para serem exatamente os mesmos... mesmos - Próspero gaguejou.

Charsoc sorriu com malícia.

- Mas e se... houvesse uma mutação no código?

- O código não pode sofrer mutações, senhor. - Próspero meneou a cabeça com veemência. - É impossível!

Charsoc esfregou os dedos magros de ambas as mãos.

- Esclareça-me, Próspero. Vamos pensar um pouco. Se, digamos - propôs Charsoc, caminhando lentamente diante de Lúcifer -, uma simples hipótese, *naturalmente...* uma seção da hoste angelical decaída abandonasse as terras originais...

Próspero franziu o cenho, mas Lúcifer aproximou-se de Charsoc, extasiado.

- Continue, Charsoc.

- A hoste angelical é masculina por natureza, Vossa Excelência. Imaginemos uma situação na qual seres angelicais decaídos saíssem de sua moradia e se rebaixassem, transformando os próprios corpos espirituais em corpos materiais. - Charsoc virou-se para Lúcifer. - Não poderiam, nesse caso, replicar-se... - ergueu as mãos, triunfante - ... com as filhas dos homens?

Lúcifer inspirou profundamente, as feições revestidas de terrível malícia.

- E, se a semente dos anjos decaídos impregnasse as filhas da raça dos homens... - prosseguiu Charsoc, mirando os soldados com as órbitas vazias - ... o código genético do homem seria demonizado!

Lúcifer se levantou do trono e rodeou Próspero como um tubarão que sente o cheiro de sangue.

- Isso causaria mutações no código genético, aprendiz? - O olhar de Próspero foi de Charsoc para Lúcifer, o corpo trêmulo. - Pense. - O tom de voz de Lúcifer era suave. - Você tem tempo. Essa demonização causaria mutações no código genético do homem?

- Com certeza... com certeza haveria uma mutação, Vossa Excelência. - Próspero estremeceu. - A prole replicada não seria mais de homens, mas sim uma mistura de demônios e de semente humana. Eles se reproduziriam como... metade de cada, senhor. Mutantes.

Um sorriso maligno se abriu no rosto de Lúcifer.

- Sendo assim, Jeová seria obrigado, pela lei eterna, a destruí-los.

- Com todo o respeito, meu senhor - prosseguiu Próspero -, é expressamente proibido pela lei eterna que a raça angelical coabite com a raça dos homens. A punição é...

Lúcifer golpeou o aprendiz com tamanha brutalidade que ele foi ao chão como uma pedra, choramingando.

- Suíno insubordinado!

Próspero ergueu o rosto ferido mirando Lúcifer com um crescente ar de desafio no olhar.

- Disseram-nos que, se desertássemos com você, teríamos glórias - sussurrou. - Prometeram a nós, aprendizes, honra, poder e riquezas. *Onde está nossa glória?* - gritou ele.

Alguns murmúrios tímidos surgiram na escuridão em apoio ao aprendiz. Próspero se levantou.

- Onde está nossa glória?

Não tardou para que todos os aprendizes se unissem em um burburinho cadenciado com ares de motim:

- Onde está a glória? Queremos nossa glória!

A face de Lúcifer se retorceu em um esgar maldoso. Moloch chutou Próspero e agarrou cinco aprendizes pela garganta.

- Se você não consegue controlar a ralé, Charsoc... - o tom de Lúcifer era quase doce.

- Soltem os cães infernais! - berrou Moloch. - Mandem os insurgentes para as câmaras de experimentação.

Lúcifer voltou-se para Zadkiel, que estava à sua esquerda.

- Zadkiel - falou, a voz cortante colocou-o no comando de um quinto de meus batalhões satânicos. Agora, meus generais estão sob sua autoridade. Meu comando supremo é que você e minhas legiões disseminem entre as filhas dos homens a semente demoníaca. Todas as linhas genéticas do homem devem ser violadas. Demonizem a semente humana. Violam tudo. Destruam, e retornem vitoriosos. - Com uma fúria descontrolada, Lúcifer arremessou ao chão os grandes códices dourados que estavam na arca. - *E, depois, pervertam e profanem todos os vestígios dos mistérios sagrados e do conhecimento de Jeová. Eliminam a raça humana!*

Zadkiel, os olhos cravados em Lúcifer, fez uma lenta saudação e marchou pelas portas douradas da câmara. Lúcifer acompanhou-o com um insondável brilho no olhar.

* * *

Zadkiel, Sariel, Azazeal e Gadreel cavalgaram como o vento montados em seus monstruosos cavalos negros sobre relâmpagos, através do Segundo Céu, rumando para a Terra e seus habitantes inconscientes. Grandes legiões cavalgavam no encalço deles - poderosas, bárbaras e ameaçadoras. Quando alcançaram a atmosfera da Terra, separaram-se.

Gadreel atravessou o deserto na montaria negra, a capa esvoaçante atrás dele. Levitou por sobre uma vasta cadeia de montanhas e cruzou planícies empoeiradas, os cascos do cavalo causando estrondo numa pequena aldeia. Centenas de pessoas fugiram correndo, saindo de seu caminho.

Ele puxou com força as rédeas do cavalo e se deteve do lado de fora do bar da aldeia. Sons alegres de farra e de música provinham do lugar. Gadreel apeou e caminhou até a porta, bem mais baixa do que ele. Com o ombro apoiado na madeira, abriu caminho e entrou no salão.

Sua figura, mais alta do que a dos habitantes da aldeia, era selvagem e assustadora. Fitou ameaçadoramente o grupo de homens e mulheres petrificados, até encontrar uma bela jovem de cabelos claros no outro canto do salão. Umedeceu os lábios, e um sorriso lascivo desenhou-se em seu rosto.

CAPÍTULO 24

O VEREDICTO

Estavam sentados sob o céu aberto no alto da Torre dos Ventos. Acima deles, raios e relâmpagos iluminavam o firmamento. Os ventos rugiam, e as brumas da Sabedoria e da Justiça sopravam sobre a cabeça branca dos oito Anciões, sentados ao redor da dourada mesa circular, a cabeça curvada. O trono de Charsoc era ocupado agora por Zebulon. Seus lábios se moviam em súplicas silenciosas ao Ancião dos Dias.

Lamaliel soltou um suspiro profundo e trêmulo.

- Quem poderia imaginar que este dia chegaria para nós... Este é um dia de agonia nos anais do Conselho dos Anciões.

Jether levantou-se, os ombros retesados pela tensão.

- Hoje vocês foram convocados aqui, honrados Anciões do Ancião dos Dias, pelo próprio Jeová. Cada um de vocês sopesou os fatos. Agora, precisamos

chegar a um veredicto e promulgar nosso decreto, nosso pronunciamento, contra aqueles de nossa própria raça angelical.

- Avaliou os rostos solenes e marcados pelo tempo ao redor da mesa. - Depois que Jeová tomar uma decisão no julgamento, ela será irrevogável.

Jether fez um aceno para Lamaliel, que abriu um grande livro antigo, encadernado em ouro, e o passou a Jether.

- Os fatos até aqui provados - recitou Jether - são os que seguem: a facção rebelde, ou seja, mais de dez mil dos batalhões luciferianos, transgrediu a lei eterna. Saíram da primeira morada e rebaixaram a raça angelical, coabitando com a carne proibida. - Ele contemplou o conselho. - Mantiveram intercuro com as filhas dos homens. - Jether hesitou, tremendo visivelmente. Continuou a ler. - E ensinaram à raça dos homens os anais do conhecimento proibido. - Esfregou a mão enrugada em uma pilha de documentos próximos ao livro. - O motim foi instigado a princípio pelos generais de Lúcifer. Em pouco tempo, as legiões aderiram, tornando-se desertores e renegados, estupradores, sem dar explicações a ninguém.

Fez um gesto para Xacheriel, que se levantou, o rosto abatido.

- Milhares de membros da hoste angelical violaram, profanaram e atacaram as filhas dos homens de maneira horrenda e depravada. - Xacheriel pigarreou para limpar a garganta. - Toda a Terra sucumbiu ao caos e à guerra. Os atos que cometeram incluem sodomia, bestialidade e a hedionda ingestão da própria carne. O restante é inenarrável. Não será mencionado dentro destas paredes. Neste último milênio - prosseguiu -, mais de cinquenta mil de nossos irmãos angelicais decaídos saíram da primeira morada e se infiltraram entre os homens. Coabitaram com a raça humana e a corromperam.

- E esse é apenas o começo, meus reverenciados amigos - acrescentou Jether. - Nossos compatriotas angelicais decaídos... - engoliu em seco - ... eles revelaram à raça dos homens o conteúdo dos códices sagrados.

Exclamações de horror brotaram em torno da mesa.

- As iluminações angelicais proibidas das artes científicas - prosseguiu Jether. - O conhecimento das nuvens, dos corpos celestes, os sinais da terra, a astrofísica, as ciências terrestres, a eletricidade. - Folheou os grossos volumes postos sobre a mesa diante de si. - Charsoc, um de nós! - A voz de Jether ficou embargada pela emoção. - Ele, um intendente dos mistérios sagrados de Jeová, decidiu cometer traição de modo proposital. Sua traição: profanar e perverter deliberadamente os mistérios sagrados de Jeová, revelando à humanidade o meio de criar instrumentos de morte, como armas de guerra e milhares de formas de tecnologia destrutiva.

Jether folheava as páginas dos volumes enquanto falava.

- O próprio Lúcifer, com intenção calculista, apresentou à humanidade todas as formas de artes mágicas blasfemas. - A voz era mansa, mas límpida. - A trajetória da Lua, milhares de feitiços e encantamentos corrompidos, drogas psicotrópicas, a morte de embriões no útero, amuletos e poções, bem como todas as formas de degeneração e depravação sexual... A mão de Jeová não pode mais ser detida. - Jether voltou-se para Xacheriel.

- Os atos cometidos são hediondos, mas não são nossa única preocupação - continuou Xacheriel. - Após a primeira... coabitação... houve mais de dez mil nascimentos. Os bebês gerados não são Homo sapiens. São uma união profana da raça angelical decaída com a raça dos homens. São nefilins. - Fez uma pausa. - Gigantes. Metade humanos, metade demônios. Seres híbridos.

Suas palavras calaram fundo ao redor da mesa. Jether encarou com firmeza, durante um bom tempo, as fisionomias pálidas à sua frente. Pôs os papéis sobre a mesa, as mãos trêmulas.

- Nossos registros mostram que hoje há cem milhões desses seres híbridos sobre a Terra. - Sentou-se pesadamente. - A semente demoníaca infectou a raça humana por meio dessa união. - Fez uma pausa, tomado pela emoção. - Temo que a contaminação do DNA do homem pela semente demoníaca seja... irrevogável.

Xacheriel foi tomado por um horror tão grave que mal conseguiu falar.

- Receio que isso vá resultar em uma mutação completa. Toda a raça humana pode se tornar demonizada!

Matusalém, um dos que estavam à mesa, enfiou a cabeça entre as mãos.

- Mutação!

Jether suspirou fundo e colocou a mão gentil sobre o ombro de Matusalém. Expressões de horror estampavam-se em todos os rostos. Xacheriel esquadrinhou o espaço ao redor e deparou com semblantes enrugados e atônitos.

- Até agora, as descobertas de nossos arquivistas revelaram que a semente demoníaca penetrou todas as linhas genealógicas. Todas. Estão fazendo uma última revisão em busca de algum engano. Sem uma única linha sangüínea pura, a mão de Jeová terá de agir. Ele não terá alternativa senão destruir toda a raça humana. - Xacheriel caiu pesadamente sobre a cadeira.

Jether falou, a voz apenas um sussurro:

- A punição pela transgressão da lei eterna é clara e irreversível. Não tenho dúvidas de que isso é obra da mente diabólica e maligna de Lúcifer. Mas, nisso, ele e seu sinistro apóstolo, Charsoc, são impecáveis. Em nossa punição, só podemos afetar aqueles que o seguiram. Ele sabe muito bem disso. - Juntou as mãos e olhou para o conselho. - Os generais de Lúcifer... alguns dos quais já foram nossos compatriotas íntimos, devem ser postos

em correntes eternas nas regiões mais baixas do mundo inferior: o Tártaro. - Sua voz ficou rouca. - Os poços das trevas, até o Dia do Juízo Final.

* * *

Centenas de calculistas e arquivistas estudavam os milhões de registros na grande Biblioteca de Arquivos do Salgueiro. Jether e Xacheriel percorriam os corredores, passando por incontáveis prateleiras repletas de pergaminhos, rolos e volumes cuidadosamente preservados. Obadiah se apressou até eles, seguido por um ofegante Matusalém.

- Estão quase terminando a segunda contagem, meu senhor - informou Obadiah. - A contagem final estará pronta ao cair da tarde.

Matusalém estendeu os braços à frente.

- É inútil. Não restou *uma única* geração sem contaminação. Estudamos tudo de maneira meticulosa.

Jether olhou para os enormes candelabros de cristal que pendiam do vasto teto pintado.

- Que este dia que chega não nos sobrepuje e destrua... - Enxugou a testa com um grande lenço branco. - Matusalém, reúna os conselhos plenários para os resultados da contagem final.

Matusalém saiu correndo do recinto, murmurando baixinho.

- Isso é obra do gênio maléfico de Lúcifer - comentou Jether, tristonho, ainda andando de lá para cá. - Artimanha de sua mente diabólica. Ele planejou tudo em detalhes para que não restasse uma única linha familiar sem contaminação. Se não restar nenhuma linha sem contaminação, Jeová será forçado a destruir todos. Ele espera extinguir a humanidade para sempre, e pelas mãos do próprio Jeová!

Xacheriel apontou para o outro lado da biblioteca. Matusalém se arrastava pelas pesadas portas de mogno seguido por Paolomi, o chefe dos calculistas, e por vinte e um Anciões.

Jether conduziu-os pelos intermináveis corredores dos arquivos, até uma escada dourada em espiral que levava ao piso mais alto da grande biblioteca, no qual uma enorme mesa de jacinto polido estava rodeada por vinte e quatro tronos de jacinto a céu aberto. Solenemente, os Vinte e Quatro Anciões tomaram seus assentos, com Jether liderando-os. Fez um gesto para Matusalém, que se levantou com o relatório final nas mãos.

- Os calculistas conferiram escrupulosamente os registros com nossos próprios dados. A contagem final foi concluída há uma hora - olhou para os papéis. - Lamento informar ao conselho que os resultados são os seguintes. Paolomi, por favor, leia as descobertas.

Um anjo alto se levantou, revelando gravidade nas feições gentis.

- Meus senhores, reverenciado conselho supremo de Jeová, a semente demoníaca não ficou confinada a um setor específico do *Homo sapiens*. Cruzamos referências entre centenas de milhares de híbridos infectados em todas as linhas genealógicas da Terra. Nossas descobertas revelam que a história reprodutiva da linhagem de todos os *Homo sapiens* está contaminada. - Paolomi percorreu com o olhar as expressões ao redor da mesa. - Nenhuma geração genética permaneceu pura.

- Mas tem de haver uma! - Os olhos de Xacheriel lampejaram com paixão.

- Nenhuma mesmo? - suplicou Jether.

- Não, meu senhor. - Paolomi curvou a cabeça. - Lamento.

Jether cobriu o rosto com as mãos.

- Um mal terrível foi perpetrado contra a humanidade - murmurou. Devagar, ergueu o olhar. - Ele elaborou isso cuidadosamente. - Jether desmanchou-se sobre a cadeira, abatido. - De fato, Xacheriel, este é um dia terrível.

Os membros do conselho estavam reunidos em pequenos grupos, sussurrando, horrorizados. Um dos arquivistas de Matusalém se aproximou e lhe entregou um maço de papéis. Eles sussurravam intensamente.

Matusalém, com surpresa no semblante, fez menção de entregar os papéis a Jether, que ainda mirava um ponto no vazio à frente, a mão cobrindo a boca em uma expressão de horror.

- Honorável Jether - sussurrou Matusalém -, isto não tinha chegado a tempo.

Jether o encarou, a mente acelerada, pouco consciente do torvelinho que o cercava e incapaz de falar. Matusalém estava petrificado.

- Levou um pouco mais do que esperávamos para chegar aos resultados...

Matusalém segurava os papéis nas mãos enrugadas e trêmulas. Ele os pôs sob o nariz de Jether. Quase alheio, o Ancião os tomou e estudou a informação. Então, a boca se abriu com ainda mais espanto. Levantou-se e agarrou os ombros arqueados de Matusalém.

- Tem certeza?

Matusalém assentiu enfaticamente.

- Os calculistas conferiram os dados quatro vezes.

Jether entregou os papéis a Xacheriel, exultante. O amigo estudou-os detidamente com o monóculo.

Jether segurou Matusalém pelo braço e depois o atraiu para si, beijando-o com fervor em ambas as faces, os ombros sacudindo sob efeito de um riso incontido e eufórico. Arrancou os papéis de Matusalém das mãos de Xacheriel e os ergueu acima da própria cabeça, radiante.

- Existe um! Existe um!

A assembleia silenciou. Os Anciões e Paolomi se viraram para observar o exultante Jether, que lentamente pôs os papéis sobre a mesa.

- Existe um! Um homem justo e reto, perfeito em suas gerações. - A voz de Jether era intensa. - Um deles que venera Jeová. Um cuja linha sanguínea não foi contaminada. Ele é nossa única esperança para a continuidade da raça dos homens. Seu nome... - olhou por sobre os ombros do enlevado Xacheriel - ... seu nome é Noé!

CAPÍTULO 26

A ARCA

Xacheriel observou o grande cronógrafo pendurado em seu pescoço. Voltou-se para Jether. - Estou atrasado! A simulação... os aprendizes ficarão impacientes - abriu a porta do simulador.

Vinte jovens aprendizes, no mínimo, reuniam-se em volta de uma grande simulação da crosta terrestre. Um navio semelhante a uma barcaça estava no centro de um imenso tanque de água. À entrada de Xacheriel e Jether, os aprendizes se curvaram profundamente.

- Nós o aguardávamos, reverenciado curador dos universos e das ciências.

Xacheriel deu um amplo sorriso e foi até o centro das atividades.

- E ao senhor Jether - prosseguiram os aprendizes excelso intendente dos mistérios de Jeová.

Jether fez uma reverência e ocupou seu lugar no simulador, sentando-se ao lado de Xacheriel. Este balançou a cabeça positivamente.

- Pode começar, Tirzah.

A atenção de Tirzah concentrava-se na estrutura em miniatura da barca apoiada na simulação da crosta terrestre. Ele apertou um controle remoto, e uma chuva leve começou a cair sobre o cenário simulado. A intensidade da chuva aumentou, tornando-se torrencial.

Tirzah curvou-se para Xacheriel.

- Nós a batizamos de "a Arca", meu senhor.

- Bá! - Xacheriel suspirou fundo.

Os aprendizes soltaram risinhos nervosos. Jether dirigiu-lhes um de seus melhores olhares sinistros, e eles silenciaram de imediato.

Discretamente, Jether e Xacheriel se entreolharam, ambos se divertindo. Depois, Xacheriel franziu o cenho, as sobrancelhas espessas quase se tocando.

- Dados científicos, Tirzah. Dados, não batismos.

O olhar de Jether estava fixo sobre a Arca, que era jogada com violência de um lado para o outro. Um aprendiz se curvou e deu a cada um deles um par de visores infravermelhos. Xacheriel e Jether colocaram-nos sobre os olhos e testa. Instantaneamente, foram transportados para o epicentro da tempestade simulada.

A narração de Tirzah ecoou no áudio do simulador.

- Quando os pilares de sustentação da Terra ruírem, imensos maremotos serão gerados nas águas da superfície e submarinas. Os pilares serão esmagados como poeira e se transformarão em fragmentos de rocha, que serão lançados com velocidade pelo espaço.

Xacheriel e Jether fizeram expressões de terror ao verem a simulação bastante realista da quebra dos pilares de sustentação da Terra, que geraria os maremotos. Os pilares ruíram com tamanha violência que pedaços deles foram lançados ao espaço como meteoritos. A voz monótona de Tirzah prosseguiu:

- Enquanto isso, as águas escuras e quentes do fundo do mar, a seiscentos graus, romperão a crosta terrestre, criando imensas fendas. Fontes de lama negra farão jorrar seu conteúdo bem para cima da superfície da Terra. Oceanos de água irromperão dessas fissuras.

Xacheriel e Jether sentiram o violento golpe das águas turbulentas e dos meteoritos sobre a Arca no simulador, mal escapando de serem esmagados em pedacinhos. Enfim, Xacheriel sentiu-se esgotado. Pendurou os visores infravermelhos no modelo da crosta terrestre diante deles e passou a mão pelos cabelos brancos e emaranhados. Jether também removeu seu visor e se apoiou na parede, pálido e com certa falta de ar.

- Tirzah, transfira de imediato para o sistema de radar por pulsar - berrou Xacheriel. - Passe a gravação.

Lentamente, o holograma da Arca tornou a se materializar na frente deles. Toda a câmara observou, sem dizer palavra, enquanto a barcaça cavalgou as ondas semelhantes a tsunamis, abalada, mas inteira.

Xacheriel esfregou a testa com cansaço e soltou um alto suspiro.

- Abra a porta - ordenou discretamente. Devagar, a porta da Arca se abriu. - Verifique as leituras vitais.

Um laser de pulsar calculou as leituras vitais, que surgiam como cálculos matemáticos em laser verde no ar acima deles. Xacheriel espalmou uma das mãos.

- Como eu temia... todos os seres humanos e animais dentro da Arca morreram, esmagados como frutas!

- Com todo o respeito, senhor - falou Tirzah -, eles se afogaram antes de serem esmagados!

Jether meneou a cabeça em desespero.

- Toda uma raça... eliminada!

Rakkon ergueu uma das mãos, ansioso.

- Posso lhe falar, senhor?

Os olhos de Xacheriel se reviraram, e ele ergueu a mão pesadamente.

- Fale, se for preciso, Rakkon. - Voltou-se para Jether. - Trata-se de um aprendiz brilhante.

- Com certeza, parece bem mais simples transportá-los para cá e salvar a nova raça.

As orelhas de Xacheriel ficaram da cor de beterrabas. Ele deu um soco na mesa.

- Seu brilho diminuiu neste instante! - Olhou irritado para Rakkon, que tremia como uma nuvem de zéfiros. - Quantas vezes preciso repetir isso? O componente celular deles é material; morreriam ao chegar aqui. Temos de mantê-los vivos na própria atmosfera, feita sob medida. Não existe outro modo. *Precisamos* encontrar a solução.

Xacheriel alisou os longos bigodes, depois bateu com o cajado no chão.

- Reconfigure a proporção entre comprimento e largura de seis para um. Rakkon! Teremos 137,16 metros por 22,86, com uma altura de...

Rakkon escreveu no ar como um relâmpago. Xacheriel andava de um lado para o outro do simulador, murmurando como se sob alguma inspiração divina.

- ... 13,716 metros... O volume total será 43 mil metros cúbicos; vinte mil toneladas. *Precisamos* construir um barco que não vire!

Tirzah se manifestou.

- Permissão para interromper, meu senhor?

- Permissão concedida.

- Com uma capacidade de mais de vinte mil toneladas e três níveis, isso é quase impossível. - Rakkon praticamente saltou na frente de Tirzah. - E a propensão para vazamentos, senhor... lidamos com uma raça pouco instruída; os materiais com que precisam trabalhar são quase pré-históricos... teremos vazamentos, não importa o que façamos, a cada meneio do mar escuro como breu...

Jether levantou a cabeça após fazer suas súplicas. Todos os aprendizes o fitaram ao mesmo tempo, silenciosos, derrotados.

- Aprendizes, meus caros. Jeová ama esse homem e Sua criação. Ele não deixará que ele pereça. - Levantou-se. - Temos de encontrar um meio.

Xacheriel andava de novo de um lado para o outro, e os murmúrios ganharam intensidade.

- O vazamento se dá... se dá a cada meneio do mar escuro. Mar escuro como breu... breu... - Deteve-se na metade de um passo. - Breu! Rakkon, você é um gênio!

Jether franziu o cenho.

- Encontrou alguma coisa?

Xacheriel deu um vigoroso tapa nas costas de Jether.

- Piche, Jether! O piche vai tornar a barcaça à prova d'água. A madeira de gôfer precisa de um revestimento para não vazar. Como não pensei nisso antes? Tirzah, Rakkon, consigam piche, e não demorem!

A Montanha Sagrada encontrava-se envolvida em brumas prateadas e raios que chispavam bem acima da face da rocha. Os Sagrados Vigilantes guardavam a entrada sagrada para a Sala do Trono, onde as sete colunas escaldantes do eterno fogo branco ardiam.

Jether se aproximou de Miguel e Gabriel ao passar pelas chamas.

- Ele não os destruiria - falou com suavidade.

- Mas o DNA está contaminado! - exclamou Gabriel. - Foi profanado por demônios.

Jether assentiu.

- Ele sabe. Se Ele não destruir a semente demoníaca, a raça dos homens Lhe estará perdida para sempre. Sua decisão foi tomada, mas Ele lamenta por esse homem que tanto ama e que perdeu. - Jether soltou um profundo suspiro. Em seguida, voltou-se para Miguel. - Vá até Ele, Miguel. Jeová o aguarda para lhe dar as ordens Dele.

CAPÍTULO 27

JULGAMENTO

Miguel e seus generais aproximaram-se da Terra em grande velocidade. Passaram pela camada úmida e atingiram o solo do deserto cavalgando como relâmpagos. Miguel cavalgava seu magnífico cavalo branco, tendo mil generais angelicais em seu encalço. Voaram sobre as vastas planícies e montanhas desertas até chegarem a cinco quilômetros dos assustadores muros do castelo negro. Miguel ergueu a viseira.

- Precisamos prender duzentos dos generais dele - falou. - Vou me incumbir de Zadkiel. Que Jeová proteja nossas almas. - Bateu continência, baixou a viseira e galopou, os cascos da montaria trovejando rumo ao vigia da torre.

Percorreram com estrondo a ponte e seguiram em meio a milhares de flechas lançadas por arqueiros humanos através das ameias do castelo. As legiões de Miguel destruíram as grades e adentraram o pátio, enquanto os guardas, petrificados, largavam suas bestas, tomados pelo terror, e corriam para salvar a vida.

Miguel e seus generais irromperam pelas pesadas portas de madeira do castelo e adentraram a enorme sala de banquetes. À cabeceira da mesa, devorando um pernil, estava Gadreel, cercado pelos asseclas demoníacos. Ele se voltou com um esgar malévolo no semblante.

- Ora, se não é Vossa Alteza, o belo príncipe Miguel. Veio acertar as contas, por acaso?

A fisionomia de Miguel era inexorável. Ele fez um aceno para Rafael.

- Você sabe o que fazer. Procuo Zadkiel, comandante supremo dos exércitos de Sua Excelência, Lúcifer.

Gadreel deu mais uma grande e repulsiva mordida no pernil e limpou a boca com o braço revestido por cota de malhas.

- Meu mestre, *Abaddon*, está ocupado - grunhiu. Olhou para o alto das escadas. - Ele está copulando... - Gadreel lançou um sorriso depravado para Miguel. - Quanto a mim... não me sinto muito atraído pelas filhas dos homens. Mas por você, meu lindo...

Miguel ergueu a espada. Sua fisionomia mantinha-se impassível.

Gadreel fez um gesto para a ralé angelical e umedeceu os lábios sugestivamente, enquanto encarava Miguel. Uma chama escura e demoníaca encheu os olhos dos soldados ao fitarem-no.

- Temos negócios inacabados, meu príncipe... - Então o rosto de Gadreel se retorceu, transformando-se em uma máscara horrenda. Ele sacou a longa espada e foi imitado por cem de seus seguidores angelicais decaídos.

Os soldados de Miguel se posicionaram contra eles. Com um movimento hábil, o príncipe-chefe derrubou a espada de Gadreel de sua mão e o prensou contra a parede de pedra, a Espada da Justiça apontada para seu coração, emitindo um brilho cor de rubi. A fúria tomou o semblante de Gadreel.

- Miguel e suas bruxarias brancas! - rosnou.

Miguel voltou-se para os generais.

- Amarrem-no - ordenou.

O caos se seguiu quando os soldados de Gadreel lançaram machados e rodaram maças com estrelas da manhã, enfrentando brutalmente os guerreiros de Miguel. Espadas e varas se chocaram com violência; manguais e porretes voaram sobre ombros, cabeças e pernas. Oito dos soldados angelicais de Miguel envolveram o corpo do furioso Gadreel com pesadas correntes de ferro, prendendo-lhe os pés com cadeados. Levaram-no rolando para o centro do salão, o rosto virado para o chão.

- Só queremos os generais - disse Miguel.

- Então você procura por mim.

Miguel olhou para o alto da bela escadaria e avistou Zadkiel, trajado apenas com um camisão de dormir, encarando-o. O arcanjo respirou fundo. Em seu

olhar, pôde-se ver um vislumbre de dor, devido às lembranças - tal como também ocorreu com Zadkiel.

Este se curvou, a voz principesca se manifestando com suavidade:

- Vossa Excelência, o estimado príncipe Miguel.

Miguel se curvou.

- Zadkiel, comandante supremo dos exércitos de Lúcifer. - Fez uma pausa. - Busco apenas os responsáveis.

Zadkiel recuou escada acima, parecendo estranhamente perplexo. Uma bela mulher de pele clara - uma filha dos homens - caminhou na direção dele, trajando apenas um pedaço de pano. O corpo estava coberto por pulseiras de pedras preciosas e perfurado com ornamentos de prata, o belíssimo rosto adornado por cosméticos. As tranças douradas caíam-lhe até as coxas.

- Zadkiel... - Ela estendeu a delicada mão repleta de anéis para ele.

Zadkiel olhou-a como se estivesse em transe.

- Laleesha... - Sorriu-lhe com ternura, fazendo-lhe um gesto para se afastar. Ela curvou a cabeça e voltou para o quarto com passos graciosos.

Zadkiel virou-se novamente para Miguel, os olhos avaliando a situação. Viu Gadreel acorrentado e começou a compreender o que acontecia. Olhou horrorizado para Miguel.

- Não sou um animal como alguns destes. - Fez um gesto na direção de Gadreel. - Dentre *todos*, você é o que melhor sabe disso, Miguel...

O olhar de Miguel se perdeu no chão, recusando-se a encarar Zadkiel.

- A punição pela transgressão da lei eterna é clara e irrevogável. Por coabitar com a carne proibida, você e seus generais devem ser acorrentados eternamente no inferno, o poço das trevas, até o Dia do Juízo Final.

Zadkiel ficou lívido.

- Miguel! - implorou. - Rogo-lhe, não!

O queixo de Miguel estava cerrado em uma linha dura e firme.

- Zadkiel, poderoso líder dos Sagrados Vigilantes de Jeová, que desfrutava da amizade do Cristo... Lúcifer o usou. Você o seguiu, e como recompensa recebeu os agradáveis prazeres da carne. - Por um breve momento, Miguel perdeu a disciplina férrea, tomado pela emoção e vulnerabilidade da amizade que já durava eras. - Você violou os mistérios sagrados de Jeová, o conhecimento *proibido*... - A voz ficou rouca, tomada por raiva e pesar. - Que preço pagou por essa traição, Zadkiel? - Os lábios do arcanjo tremeram. - Sua *alma* eterna?

O rosto de Zadkiel foi invadido por profunda amargura.

- Então, *lance-o* ao poço. Seu *irmão* de sangue é o mestre supremo da traição e com certeza foi o autor dessa trama diabólica.

Miguel meneou a cabeça.

- Quanto a isso, Lúcifer é intocável. Só podemos levar aqueles que seguiram suas ordens. Ele conhece muito bem esse fato.

Zadkiel caiu de joelhos quando toda a extensão dos planos de Lúcifer se tornou evidente.

- Ele traiu os próprios generais? - murmurou, a voz trêmula.

Miguel tirou o capacete e subiu a escada. Por um breve instante não foi soldado, mas amigo, o rosto a um palmo do de Zadkiel.

- Por que não voltou conosco quando teve oportunidade? - Agarrou os ombros de Zadkiel com força. - Cristo o chamou pelo nome. - Sua voz tremia pela força da emoção.

As trevas abandonaram por um momento o olhar de Zadkiel, e Miguel vislumbrou por um segundo o antigo amigo.

- Lúcifer me forçou a jurar-lhe obediência, Miguel - sussurrou Zadkiel. - Pela eternidade das eternidades. Meu voto assumiu o controle de minha própria alma. Minha palavra de honra tornou-se minha maldição.

- Então, quebre o voto! - gritou Miguel.

Os olhos de Zadkiel se embaçaram.

- Você é quem mais deveria conhecer a teia de encantamentos que a viúva-negra tece.

As mãos de Miguel penderam ao lado do corpo em um gesto de desespero.

Zadkiel se virou para contemplar Laleesha, em pé ao lado de uma porta no alto da escada. Uma terrível agonia estampou-se em seu rosto.

- Estou perdido por toda a eternidade - murmurou.

Gentilmente, deixou a espada na escadaria e desceu devagar, degrau por degrau, passando por Miguel e se aproximando de onde Gadreel estava acorrentado.

Miguel se virou. Lágrimas quentes ardiavam em seus olhos.

- Ele é cheio de graça, plenamente compassivo... - suplicou.

Zadkiel deteve-se ao pé da escada.

- Redenção para toda a humanidade... mas não para mim. - Ergueu os braços, rendendo-se. - Cumpra seu dever divino, Miguel.

Miguel olhou para Zadkiel uma última vez, depois fez um gesto para seus generais. Eles acorrentaram o general decaído e o empurraram para fora, enquanto Laleesha chorava.

CAPÍTULO 28

O TÁRTARO

Duzentos dos generais de Lúcifer encontravam-se acorrentados e presos ao interminável platô de ônix negro fumegante. A pedra negra estava marcada

por fendas alaranjadas, provocadas pela fornalha ardente que queimava a cinco mil quilômetros sob eles.

Miguel entregou a Uriel a imensa chave de ferro do abismo. Uriel dirigiu-se a uma grande fechadura circular que havia sido escavada no granito. Agachando-se, posicionou a enorme chave na fechadura. Com guerreiros angelicais agarraram os rebites de ferro da porta que dava para o abismo, empregando grande força contra ela. Muito lentamente, a porta passou a se abrir.

Uma fumaça negra ondulante irrompeu da entrada da fornalha ardente escurecendo as galáxias. Os soldados ficaram momentaneamente zonzos pelo calor do lugar.

Gadreel observava petrificado a cena, todo o corpo tremendo desconsoladamente, enquanto Azazeal soltava um lancinante grito de terror. Zadkiel ficou em pé, os olhos baixos, e engoliu em seco - corajoso até o final. Miguel ergueu a Espada da Justiça bem acima da própria cabeça.

- Está destinado a ficar acorrentado para sempre sob as trevas, aguardando o julgamento do grande dia. Você, Zadkiel, o ABADDON, será rei sobre eles. Adentre sua morada: o Tártaro, o núcleo fundido.

O guarda angelical empurrou os anjos acorrentados para dentro do poço do abismo. Miguel desviou o rosto. Gradualmente, a fumaça do abismo foi ficando menos espessas. Um a um, os generais acorrentados e encurvados foram tateando pelo poço sinuoso do Hades, tendo à frente Zadkiel, aterrorizado mas contido. Foram descendo, descendo e descendo, tropeçando, queimando em meio à escuridão absoluta. As paredes da caverna reluziam com brasas mortais, que sibilavam obscenidades vis. Zadkiel se deteve diante de um rio fluido de lava derretida. Sariel vomitou e caiu de joelhos.

- Amaldiçoo Jeová; eu O amaldiçoo! - Seu grito misturou-se aos silvos das paredes.

Gadreel caiu prostrado, os olhos queimando nas órbitas.

- Amaldiçoo o Cristo; amaldiçoo Sua presença sagrada. Amaldiçoo aquele que nos trouxe aqui.

Zadkiel se virou, a língua ardendo com o calor intenso, a expressão rígida como pedra.

- Então, amaldiçoe a si próprio, Gadreel. Amaldiçoe-se por ter rejeitado o Rei de glória e amaldiçoe-se por aceitar Satã, o rei das mentiras e dos condenados. Amaldiçoe Satã, o traiçoeiro, assim amaldiçoará o verdadeiro responsável por nosso destino. - Virou-se, as feições ainda nobres compostas com firmeza. - Mas não amaldiçoe o Cristo.

Gadreel ergueu o grande tronco da lama e desferiu um golpe na parte de trás da cabeça de Zadkiel. Este foi ao chão. Então, Gadreel o chutou para perto de um túnel fumegante.

- Quem fez de você rei sobre nós? Amaldiçoo o Crissss... - rugiu, enquanto um forte jato de calor o lançou aos gritos sobre o rio vivo e derretido.

Azazeal e Sariel ficaram em pé, tremendo sem parar e choramingando, aterrorizados.

Zadkiel, semiconsciente, espalmou a mão sobre a superfície escura e quente.

- Miguel... - murmurou.

Miguel se ajoelhou. Era uma figura solitária e agachada nas planícies de ônix negro, a cabeça apoiada na espada. O eco dos generais angelicais decaídos e de seus gritos subia pelo solo, enquanto ardiam além do Hades, além do abismo ameaçador, chegando a seu destino final: os cavernosos poços subterrâneos das trevas, escavados nas regiões mais inferiores do Hades - o núcleo fundido do Tártaro.

Os lábios de Miguel se moveram incoerentemente enquanto rezava, pois sabia bem por que haviam caído.

Lúcifer estudou a missiva com o emblema da Casa Real de Jeová.

- Então - disse, erguendo triunfante o olhar para Charsoc -, a lei eterna prevaleceu. Eles saíram da primeira morada, coabitaram com a raça dos homens, e Ele os banuiu para o Tártaro, o núcleo fundido.

Observou durante um bom tempo o selo dourado de Miguel no canto inferior direito da carta. Depois, com um sorriso irônico brilhando nos lábios, acendeu com descontração uma vela negra e a aproximou do papel de linho. Observou as chamas que ardiam com o selo, transformando-o em cinzas fumegantes.

- Foi precisamente como previu, Vossa Excelência.

Lúcifer pegou um doce de uma vasilha de platina lavrada a seu lado. Acariciou-o com as pontas dos dedos.

- Zadkiel... Sariel... Azazeal... - refletiu. - A obediência deles não esteve a contento. Eles e os respectivos regimentos lamentaram ter desertado do Primeiro Céu. A crise de consciência que os tomava tinha de ser expurgada de nosso meio. - Empurrou a guloseima para a boca e a engoliu.

- Foram traidores da alma, Vossa Majestade - falou Charsoc.

- Insurgentes, apóstatas - murmurou Lúcifer. - Quanto a Gadreel - ponderou possuía dedicação fervorosa a mim. Mas ele e suas legiões eram incontrolláveis, imprevisíveis. - Pegou um segundo doce.

- Eram descartáveis. - Segurou-o diante de um dos seis esguios cães infernais que estavam deitados diante do trono. - Cérbero, meu caro.

- Cérbero abriu a boca revelando enormes presas. O animal devorou a guloseima com uma única e ágil mordida. Os olhos eram malignas fendas amareladas. - E quanto a você, Charsoc? - Lúcifer observou o rosto magro e encovado à frente, enquanto deslizava a mão sobre a reluzente cabeça negra de Cérbero. - Você também sente falta do Primeiro Céu? Não sente, como eles, *a falta* de Jeová?

Charsoc manteve-se quieto durante um longo momento.

- Pode se tranquilizar, Vossa Excelência - murmurou baixinho -, pois a condição de minha alma é muito semelhante à sua no que diz respeito a todas as questões sobre Jeová.

Lúcifer fixou um olhar duro em um ponto além de Charsoc, em direção ao domo de cristal escuro.

- Então você *também* tem o conflito em sua alma, Charsoc! - Com seu cetro Lúcifer empurrou a vasilha de doces para o chão. - Ao que parece, o poder Dele sobre nós é *indissolúvel*! - Lúcifer se levantou, um fogo selvagem no olhar. - Mesmo em pleno inferno.

CAPÍTULO 29

DOIS A DOIS

A recriação de um mamute erguia-se sobre Xacheriel. Perto dele, Lamech equilibrava-se em uma escada, estudando as medidas de um dinossauro recém-reconstituído. O portal das ciências naturais estava repleto com milhares dos protótipos da Terra. Ao longo das paredes, viam-se intermináveis e complexos diagramas de cada espécie em um milhão de galáxias.

Centenas de aprendizes recurvavam-se sobre microscópios, estudando DNA e tipos sanguíneos, enquanto centenas de outros pesquisavam arquivos de informações e faziam numerosas anotações.

Xacheriel encontrava-se atarefado dando os retoques finais em um ornitorrinco voador.

- Kalleel, passe-me o banco de dados mais recente!

Kalleel veio correndo até ele, oculto por uma grande pilha de papéis que ia dos joelhos aos cabelos encaracolados e avermelhados. Xacheriel estalou a língua, impaciente. Ignorou os papéis e tirou do alto um microchip prateado

do tamanho de uma cabeça de alfinete. Segurou-o no ar e, de imediato, surgiram milhões de gigabytes de informação. Xacheriel mordiscou a caneta.

- Lamech! - Lamech o fitou do alto do dinossauro. - O projeto da Arca... uma cópia.

Lamech se voltou para a escada em um movimento trôpego, tirando um grande rolo de papéis de um dos bolsos. Xacheriel bateu o cajado no chão com impaciência.

- Vamos logo, Lamech; não temos o dia todo.

O corpo de Lamech oscilou com a pressa, ainda montado no dinossauro. Este foi se inclinando lentamente, lentamente, lentamente... Xacheriel observou a cena em agonia, os olhos acompanhando cada grau de inclinação, até o modelo despencar com o aprendiz, não o esmagando por pouco.

Xacheriel e sua coroa também foram ao chão com o impacto. Olhou irritado para o zonzo, mas ileso Lamech, arrancando-lhe os papéis da mão com impaciência. Tirando a poeira do corpo, espalhou o projeto da Arca sobre uma mesa.

- Aqui, você vê que a arca está dividida em três andares - explicou -, cada um com diversos compartimentos, dependendo da dimensão das espécies. - Alisou os papéis com cuidado. - Calculei meticulosamente as dimensões, lembrando que, além do elefante e do... - lançou um olhar recriminador para o dinossauro caído e o abatido Lamech, que tentava se desvencilhar dos escombros do modelo - ... dinossauro, o animal médio terá aproximadamente o tamanho de uma ovelha, e que cada espécie será representada por espécimes jovens.

Virou-se para Dimnah, que trabalhava em um novo projeto. Xacheriel arqueou as sobrancelhas e espiou por sobre o ombro do aprendiz, vendo o desenho complexo de um canguru.

- Quantas vezes preciso lembrar, Dimnah? Cálculos errados! São curtas demais! - Apontou para as patas do canguru. - Completamente fora de alinhamento...

Dimnah ficou vermelho como uma beterraba.

- É a terceira vez nesta semana... - Xacheriel pegou-o pela orelha e o conduziu a uma porta com a placa "Erros em protótipos". Espiaram pela janela. No centro da sala havia um canguru, uma girafa e um panda. - Pescoço longo, patas curtas... e um urso preto e branco. Erros; são erros! - Xacheriel suspirou fundo. - O que Jeová vai dizer disso? - Virou-se para Kalleel. - Quantas espécies há agora no banco de dados?

- Mais de cento e trinta mil, dentre um milhão de espécies, meu senhor. A Arca só pode acomodar cinquenta mil.

Peleg desgrudou os olhos do microscópio.

- Ela pode acomodar o dobro disso, senhor.

Xacheriel o silenciou com um gesto da mão.

- Sim, sim! Com cinquenta mil animais, a Arca só terá 37 por cento da capacidade ocupada, mas não podemos correr riscos diante das tendências de volume e pressão. Foram as instruções de Jeová.

- Mas há mais de *um milhão* de espécies criadas por Jeová, meu senhor!

- Kalleel, Kalleel - resmungou Xacheriel, erguendo as mãos, exasperado. - Pense como um cientista! - Passou a andar pelo local, mencionando dados. - Do número total de espécies, 838 mil são artrópodes - lagostas, camarões, cracas - e criaturas marinhas; 21 mil espécies de peixes, 1.700 tunicados, 600 equinodermos, 107 mil moluscos, 10 mil celenterados e 5 mil espécies de esponjas. - Voltou-se e refez os próprios passos. - Os anfíbios vão sobreviver fora da Arca, Kalleel, bem como a maioria dos répteis. Além disso, alguns mamíferos são marinhos: baleias, focas e botos. Eles vão sobreviver. - Esfregou as mãos.

- Peleg!

Peleg se levantou e o saudou.

- Meu senhor, previmos que os animais sofrerão uma espécie de dormência, uma hibernação. Com as funções corporais reduzidas, a Arca está equipada com ar fresco e condições sanitárias para um total de 371 dias, senhor.

- Muito bem, Peleg. Um macho e uma fêmea de todas as espécies selecionadas vão residir no vestíbulo inferior da Arca. Desse modo, preservaremos a linhagem de todas as criaturas. Está decidido! Revise os bancos de dados, Kalleel: cinqüenta mil. - Bateu na janela da Sala de Erros e piscou para Dimnah. - Só se sobrar espaço pra vocês!

* * *

Numa câmara sagrada, não muito distante dali, o clima estava sério. Milhares de solenes batalhões angelicais estavam reunidos no Monte da Congregação. Miguel caminhou e se ajoelhou diante da balaustrada do altar. Jether pôs a Espada do Estado sobre o altar, depois a pegou e colocou sobre o ombro esquerdo de Miguel.

- Com esta espada real, faça justiça, proíba o aumento da iniquidade, mantenha as coisas que foram restauradas, puna e reforme o que estiver errado e confirme o que estiver certo. E, ao fazê-lo, que seja glorioso em suas virtudes.

Com ar solene, Jether passou a dourada Espada do Estado, que fora de Lúcifer, para as mãos de Miguel.

- Vá e execute as sentenças de Jeová.

CAPÍTULO 30

AS FONTES DAS PROFUNDEZAS

Miguel, em seu traje completo de batalha, cavalgava como o vento pelos firmamentos em sua montaria branca, seguido por mil grandes guerreiros angelicais montados a cavalo. Ergueu a pesada Espada do Estado acima da cabeça ao correr, berrando aos guerreiros:

- Abram as Fontes das Profundezas!

Um imenso relâmpago ígneo iluminou os quatro cantos do céu, o brilhante fogo alaranjado atingiu a Terra com força inacreditável rompeu a crosta terrestre. O assustador grupo de mil guerreiros dispersou-se pelos quatro cantos do Armamento. Os cavaleiros angelicais puxaram imensas correntes.

Mais uma vez, o relâmpago flamejante atingiu os quatro pilares nos pisos da Terra. Como em câmera lenta, ruíram em fragmentos de rocha, gerando imensos maremotos nas águas subterrâneas e da superfície, lançando-se ao espaço como meteoritos. As escuras e fervilhantes águas subterrâneas romperam a crosta terrestre e, em fúria, atingiram a Arca com violência.

Miguel e os guerreiros cercaram a Arca como um escudo, enquanto as grandes ondas de água enlameada se erguiam sobre a terra, lançando asteroides. As violentas águas da inundação libertaram seu frenesi borbulhante sobre todos no planeta - homens, mulheres e nefilins desesperados para escapar da fúria das águas.

Os anjos de Miguel ficaram sobre a Arca nas cristas das violentas ondas do maremoto, protegendo a família de Noé e as espécies animais selecionadas. Continentes se esmagaram e se espessaram; montanhas ruíram. Enfim, a Arca chocou-se contra o Monte Ararat, oculto sob as águas enfurecidas.

Um terrível silêncio fez-se sobre toda a Terra e o firmamento, quando as águas da enchente colossal começaram a baixar.

A hoste angelical aguardou nas ondas do oceano montada em seus grandes cavalos, observando a Arca e procurando por sinais de vida. A grande embarcação havia sofrido tremendas avarias externas.

Jether e Xacheriel também observaram, a fisionomia petrificada, do portal dos universos, atentos à porta da Arca. Xacheriel pôs a cabeça entre as mãos.

- Toda uma raça... - murmurou. - Toda uma raça... eliminada. - Soluços secos agitaram seu corpo frágil. O pulsar que fazia a varredura corporal não mostrou leitura positiva.

Jether, sombrio, colocou a mão gentil sobre o ombro de Xacheriel, sufocando as próprias lágrimas. Observava a Arca em silêncio.

Xacheriel ergueu a cabeça, arrasado.

- Os cálculos foram meticulosos - murmurou.

Virou-se para Jether, que, boquiaberto, contemplava o vasto e flamejante arco-íris que cobria o firmamento, indo direto para a Arca. Xacheriel acompanhou seu olhar. Depois, voltou-se para o detector de leitura física. Ele pulsava, cada vez mais forte. Começou a rir euforicamente.

- Rakkon, passe-me as leituras do pulsar!

Então Jether soltou uma risada alta, profunda, alegre e incessante cessava.

- Jeová!

Assim, a linhagem da humanidade foi salva, e o terrível mal de Lúcifer foi evitado.

Gradualmente, porém, com o passar das eras, o coração dos homens tornou a ficar frio, e eles caíram na depravação e no vício, no egoísmo e na cobiça. E, mais uma vez, esqueceram-se de seu Criador...

CAPÍTULO 31

BABILÔNIA

Jether subia e descia pelas margens do Tigre, os olhos azuis de água vasculhando o amplo horizonte da Babilônia em busca de sinais do antigo compatriota. Sua coroa ornamentada estava ausente, e trajava simples vestes brancas desprovidas de jóias e dos bordados finos habituais.

A uma grande distância, setenta metros acima das planícies nuas da Babilônia, viam-se os sete terraços da torre de Borsippa, construída por Nabucodonosor.

Um trovão distante foi aumentando de intensidade. Além dos zigurates, surgiu um torvelinho vindo do norte, trazendo uma grande nuvem de fogo que brilhava com raios azuis e âmbar. Um manto carmim ondulante se materializou das névoas relampejantes na margem oposta do Tigre, seguido por uma cabeça e o resto do corpo.

Jether revirou os olhos, aborrecido.

- Truques baratos, Charsoc - observou com acidez. - Adequados para um feiticeiro, não para um antigo monarca, mesmo um desertor.

Charsoc sorriu, satisfeito, e virou os olhos cegos na direção da voz.

- Meu honrável compatriota, Jether.

As feições maléficas e enrugadas de Charsoc estavam emolduradas pelos cabelos negros e lisos, além da barba, que chegava ao chão. Ele se curvou profundamente e os cabelos varreram a terra.

- Lamento por ter voltado aos limites inferiores da bruxaria nestes últimos tempos. Não é algo tão sofisticado quanto aquilo a que estávamos acostumados. - Ele titubeou. - Mas... bem agradável, devo acrescentar.

Charsoc levitou sobre as águas profundas e rápidas do Tigre, flutuando e depois pousando com graça perto de Jether, à margem. Jether ficou com os braços cruzados, a expressão séria.

- Você solicitou minha presença.

Charsoc assentiu. Voltou-se gratificado para as terras da Babilônia.

- A Grande Babilônia. Orgulho do meu mestre.

- Desde cedo ela se dedica a feitiçarias e encantamentos - murmurou Jether.

Charsoc sorriu.

- Vim como emissário real por causa de questões urgentes.

Jether fechou os olhos e respirou fundo.

- Antevi este encontro há muitas luas em meus sonhos.

Charsoc assentiu.

- Você sempre foi mais um vidente do que um pragmático, Jether. - Fez uma pausa, saboreando o desconforto do outro. - Quanto a mim, sempre preferi o lado do pragmatismo.

Jether olhou com gravidade para Charsoc.

- ... e as conveniências.

Charsoc sorriu com indulgência.

- Tenho sentido falta de nossos debates, meu velho companheiro.

Os lábios de Jether se estreitaram. Ele estendeu a mão para Charsoc.

Este assentiu e abriu uma bolsa dourada com seus dedos magros e cobertos de anéis. Tirou uma carta com o selo real de Lúcifer e a estendeu para Jether. O Ancião a abriu e estudou o conteúdo. Enfim, levantou os olhos.

- Portanto, foi como minha premonição sugeriu. Ele apresentou uma queixa contra a raça dos homens.

Charsoc deu de ombros.

- Eles abandonaram Jeová. Ele exige um julgamento.

Jether meneou a cabeça, cansado.

- Está escrito na lei eterna. Ele tem o direito de entrar com uma ação contra a humanidade no tribuna! celeste.

Charsoc caminhou descontraidamente pelas margens do rio.

- Já estudou o conteúdo dos códices? - perguntou Jether.

Charsoc fez um gesto na direção dos olhos desprovidos de visão.

- As recompensas de meu mestre são mais convincentes do que a de seus governantes nos últimos tempos.

- A transgressão é reduzida a cinzas na presença Dele, Charsoc. Você sabe muito bem disso.

- Sei, sei. Deveria ter sido mais cuidadoso. Bem, na verdade, deveria ter sido reduzido a uma pilha de poeira.

- Você conhece muito bem todos os nossos fundamentos não revelados, Charsoc. Entendo que agora Lúcifer também esteja bem informado sobre eles.

- Bem informado - repetiu Charsoc. - Vamos fazer com que sejam usados para completar a erradicação total do homem de nosso universo. Ele deseja a aplicação da pena segundo a qual as almas de todos os homens são suas, devendo ficar com ele no inferno, na sepultura e no Tártaro. E, quando chegar o Dia do Juízo Final, todos arderão com ele no lago de fogo.

- E você, Charsoc?

- Isso é tudo. - Charsoc levantou o braço coberto de pulseiras. - Agora, devo ir.

Jether concordou e se virou, o vento quente e seco do sul agitando-lhe as vestes.

- Charsoc - sussurrou, olhando para além dos ladrilhos azuis das partes mais altas dos zigurates que reluziam sob o escaldante sol da Babilônia. - Você compartilhou tantas coisas, foi o regente dos Anciões do Ancião dos Dias, intendente supremo de Seus mistérios sagrados... - Virou-se e o encarou. - Por que nos traiu?

Charsoc esboçou um sorriso fraco, e os pálidos olhos azuis fixaram-se sem expressão num ponto distante.

- Eu lhe disse, Jether. Sou pragmático. Em termos simples, desejava *mais*. Com isso, ele desapareceu nas brumas do Tigre.

Jether estava sentado diante da imensa mesa de lápis-lazúli, no vestíbulo inferior do Salão dos Grandes Anciões, quase completamente fora do plano de visão. Só a coroa era visível atrás das numerosas pilhas de volumes antigos de leis eternas que o rodeavam.

- É intolerável! - disse exasperado, fechando outro dos grandes tomos adornados por jóias.

Distraidamente, colocou-o ao lado dos outros volumes, levantou-se com dificuldade e começou a caminhar de lá para cá pelo grande salão. O olhar foi para além das grandes janelas de cristal que cercavam o grande salão, contemplando a Montanha Sagrada. Solto um profundo suspiro.

- O que o incomoda, meu velho amigo?

Jether afastou-se devagar das grandes janelas de cristal. Uma figura imperial estava em pé nos degraus superiores do antigo e sagrado santuário dos anciões, olhando-o.

- Ah, Miguel - suspirou. - É essa ação de Lúcifer.

Miguel desceu pela grande escadaria de salgueiro e ficou em pé ao lado da mesa de lápis-lazúli, onde exibia-se a carta de Lúcifer, o selo exposto. Franziu o cenho.

- Ainda não registrou a ação?

Jether meneou a cabeça.

- Não posso. - Os lábios se estreitaram em uma linha fina. - Não enquanto não pesquisar cada linha e cada ponto dos volumes da lei eterna. - Voltou para a mesa e se sentou pesadamente em meio aos volumes. - Lei eterna - murmurou, virando as páginas. - A raça dos homens, condições e ramificações, a deserção humana com relação a Jeová, a transgressão da lei eterna... - Virou mais uma página e, com o dedo enrugado, percorreu o texto antigo. Os escritos angelicais assumiram vida própria instantaneamente, e os conteúdos do volume se apresentaram no ar como milhares de hieróglifos azuis pulsantes.

A voz automatizada da narração explicou:

- Se for apresentada uma queixa contra a raça dos homens, provando que eles cometeram deserção de forma persistente e sem penitência, transgredindo a lei eterna, caberá julgamento.

Miguel cruzou os braços.

- Não há remissão?

- Não. - Jether meneou a cabeça. - O desejo de Jeová é pelo perdão, mas o querelante exigiu julgamento. E Jeová é justo, Miguel. Ele não pode julgar Lúcifer e sua hoste angelical decaída e deixar de julgar o homem. As transgressões são as mesmas. Ambos receberam livre-arbítrio. Ambos cometeram transgressões contra Jeová e a lei eterna como ato da própria vontade.

Miguel percebeu que Gabriel os observava em silêncio da escadaria.

- Una-se a nós, meu irmão.

- Ele é onisciente, Miguel - comentou Gabriel ao se aproximar deles. - Jeová sabia, até mesmo antes de ter criado a raça dos homens, que iriam abandoná-Lo. Ele anteviu a grande queda da raça dos homens há eras, antes mesmo de nosso universo ser criado. Ainda assim, teve o prazer de criá-la.

- Assim como teve prazer em criar Lúcifer - completou Jether. Abriu um segundo volume e folheou sem cerimônia as páginas dele. - As condições para que a raça dos homens cumpra a pena do julgamento segundo os fundamentos da lei eterna: sem derramamento de sangue não corrompido, não há remissão dos pecados para a raça dos homens.

Miguel respirou fundo.

- Então, pode haver uma remissão?

- É verdade! - disse Gabriel. - Os volumes explicam precisamente que um substituto *pode* enfrentar o julgamento e cumprir a pena, permitindo que a raça dos homens fique livre. - Retirou o manto de veludo azul e o depositou sobre uma das belas cadeiras de salgueiro entalhadas, sentando-se depois à direita de Jether.

- Sim, é verdade - falou Jether com voz fraca mas sob que condições, meu antigo discípulo? - Jether esfregou a testa enrugada. - Condições que Lúcifer sabe que o homem não pode cumprir.

Gabriel passou a palma da mão sobre os volumes. Um arco elétrico azulado se formou entre sua palma e as páginas do códice. A voz modulada narrou:

- Fundamento 7728891977 do Código da Lei Eterna. Se algum membro não corrompido da raça dos homens estiver disposto a derramar seu sangue vital em nome dessa raça, tornando-se seu substituto em um julgamento, a dita raça dos homens, inclusive em gerações passadas, presentes e futuras, ficará livre do julgamento eterno com a morte desse membro. Esta é a lei eterna e obrigatória.

Gabriel ficou se questionando.

- Se alguém não corrompido for encontrado na raça dos homens para trocar sua vida por...

- É impossível para o homem cumprir esses termos! - disse Jether, a voz grave. - Absolutamente impossível. O substituto não pode ser corrompido. - Passou a palma da mão sobre o volume. - Definição de não corrompido com relação à raça dos homens.

A narração respondeu:

- O sangue do substituto deve ser puro e imaculado com relação à mutação da Queda do homem.

Jether se inclinou e rapidamente pegou a adaga de Miguel. Fez um corte no braço do príncipe-chefe e um fio de fluido azul escorreu sobre a mesa.

- Nosso sangue angelical não é corrompido - falou Jether. - A Queda não o maculou. Mas, como seres angelicais, não servimos como substitutos. A lei especifica que o substituto deve ser da raça dos homens. Todas as gerações do sangue da raça dos homens foram corrompidas pela Queda. Eles não preenchem as condições. Todos estão maculados desde o início.

Jether meneou a cabeça com tristeza.

- Lúcifer é um verdadeiro mestre do conhecimento dos volumes da lei eterna. Ele planejou cuidadosamente a extinção do homem. Conhecia essa brecha na lei e se assegurou de que não haveria um substituto.

- Então a cláusula pode ser cumprida, mas não existe um homem que possa atendê-la - Miguel comentou. - Jether assentiu. O olhar de Miguel tornou-se grave. - Ele condenou toda a raça humana!

O Ancião levantou-se lentamente.

- Reúnam os Grandes Conselhos do Céu. Preciso conversar com Jeová.

CAPÍTULO 32

A AÇÃO

Mais de dez mil membros da hoste angelical encontravam-se sentados em quatro grandes círculos em torno de um alto púlpito de jacinto. No círculo interior estava sentado o conselho celestial, os Vinte e Quatro Monarcas Anciões, em seus tronos de ouro. Lamaliel e Jether sentavam-se em pontos opostos do círculo, enquanto Miguel e Gabriel estavam em dois magníficos tronos de madrepérola colocados à direita do trono de Jether.

Obadiah e quarenta dos aprendizes escribas de Jether ajoelhavam-se diante do púlpito, penas à mão. O som de conversas excitadas enchia o auditório.

Lamaliel caminhou até o púlpito, com sua capa de seda branca e ouro ondulando atrás dele. Jether escrevia copiosamente, concentrado no estudo dos enormes códices e de documentos arquivados.

Lamaliel pegou o grande martelo dourado e bateu três vezes. O grande rumor da assembléia angelical silenciou de imediato, e todos voltaram a atenção para ele.

- Dou as boas-vindas a todos, membros dos conselhos plenos de Jeová. - Virou-se para o círculo interior e fez uma reverência. - O Conselho dos Anciões, intendentess dos mistérios sagrados de Jeová.

Os Anciões coroados se levantaram e se curvaram em deferência.

- Os conselhos dos universos exteriores.

Mil membros do círculo seguinte se levantaram e se curvaram.

- Os conselhos de justiça, presididos pelo príncipe-chefe Gabriel, principal juiz dos reveladores angelicais.

Gabriel e dois mil membros da companhia angelical ergueram-se como se fossem um só e fizeram uma grande reverência.

- Os conselhos de guerra, presididos pelo príncipe-chefe Miguel, comandante supremo dos exércitos do Primeiro Céu.

Miguel e dez mil de seus guerreiros gloriosos ergueram-se juntos e curvaram a cabeça.

Lamaliel se virou para Jether, sentado do lado oposto da mesa e ocupado na observação do auditório. Arqueou as sobrancelhas para Obadiah e os jovens escribas. Lamaliel assentiu, compreendendo o gesto.

- E não nos esqueçamos de nossos estudantes, ansiosos para se mostrarem dignos de aprovação do Ancião dos Dias: os aprendizes do céu, nossos escribas!

Obadiah e seu grupo ficaram em pé de um salto, todos fora de sincronia, esbarrando-se uns nos outros e fazendo reverências a intervalos irregulares.

- Estudiosos das ciências e dos universos!

O grupo de Xacheriel se manifestou, Rakkon e Tirzah acenando os braços com animação para o chefe irritado, que pôs a mão sobre os olhos para bloquear a cena. Jether observou com expressão impassível, à exceção de um sutil pigarreio sobre o lenço.

Lamaliel gesticulou para que os grupos ficassem em silêncio e depois se virou para Jether.

- Meu honrado colega, Jether, por favor, dirija-se aos conselhos.

Jether se levantou, as feições agora sob o peso da tensão.

- A gravidade desta assembleia não pode ser enfatizada o suficiente - declarou, inspecionando o recinto. - Fomos convocados aqui hoje para analisar o destino da humanidade. - Jether exibiu uma missiva com o selo preto real de Lúcifer. - Entraram com uma ação no tribunal do céu contra a raça dos homens. - Ele se levantou sem falar nada por um minuto e depois abriu o código à frente dele. - Exige que cumpram a mais alta pena por suas transgressões... que sejam destruídos.

Um arrepio de horror percorreu os membros dos conselhos. Jether fez um gesto para que ficassem em silêncio.

- Pesquisamos com cuidado os arquivos e estudamos os fundamentos. Posso garantir a este conselho que nem um ponto, nem uma vírgula foram negligenciados em nossa pesquisa. Os fatos permanecem. Jeová, em Sua infinita misericórdia, concedeu o livre-arbítrio à humanidade, estabelecendo-se como seu Pai e como Criador. Continuamente, e ao longo de todas as eras, o homem caiu na depravação, e por isso deve ser julgado. - Jether recolheu os documentos. - A ação, portanto, é válida e tem valor nos tribunais do céu, segundo a lei eterna. O homem é culpado e deve ser sentenciado.

Com passos pesados, retornou ao seu trono. Gabriel agarrou a mão envelhecida e enrugada do Ancião. Miguel inclinou-se para a frente, e os três conversaram aos sussurros, enquanto, ao redor, o conselho irrompeu em rumores e opiniões.

Um jovem arquivista se manifestou.

- Destrua-os, é o que deve ser feito fazer! Estou cansado de registrar essas práticas obscenas!

Um segundo arquivista se levantou. Folheou a grande pilha de registros.

- Cobiça... inveja... fornicação... roubo... assassinato... mentiras... incesto... traição. São depravados!

Mais arquivistas ergueram a voz em toda parte da câmara.

- Mantenho os registros aqui - disse um deles. - A raça dos homens fica pior a cada dia. Destrua-os, eis minha posição!

Miguel se levantou. Imediatamente, a assembleia silenciou e todos os olhares se voltaram para ele. Sua voz foi pouco mais que um sussurro.

- Nós, as hostes do céu, tornamo-nos fiéis servidores, na vida e na morte, da raça dos homens, e em fé e em verdade vamos apoiá-los pela eternidade das eternidades. - Ele observou a hoste angelical. - Lembrem-se bem de nosso voto à raça dos homens em todas as eras passadas, compatriotas. Nós, a hoste angelical, somos intendentess da raça dos homens, os protetores dela. Lembro-lhes de que existe um perpetrador maior do mal da humanidade. - Sentou-se pesadamente.

Gabriel se levantou.

- Aquele de que fala Miguel liderou este mesmo conselho; seus debates eloquentes costumavam ecoar por estes salões. Foi ele quem plantou as sementes da própria iniquidade na raça humana. E por quê? Não nos esqueçamos de sua diabólica inveja da posição da humanidade junto a Jeová. Sua meta: erradicar a raça humana do universo e partir o coração Dele.

Um aplauso lento e solitário começou a ecoar do fundo do auditório. Jether franziu o cenho e manteve os envelhecidos olhos azuis em alerta.

- Belas palavras, Gabriel... - o familiar tom imperial foi claro.

Um grande rumor irrompeu no fundo do recinto quando uma figura alta e de capuz branco percorreu uma das alas do auditório. Metade da assembleia se levantou horrorizada. Os restantes ficaram sentados, atônitos. O silêncio foi terrível.

Horrorizado, Miguel se levantou, sacando a espada. Jether agarrou-lhe o pulso e franziu a testa sobre as espessas sobrelhas. Lúcifer os observou pelo recinto. Irritado, Miguel guardou a espada na bainha e se sentou.

Lúcifer caminhou cerimoniosamente pelo salão até o púlpito, postando-se diante da assembléia, a postura insolente.

- O crime deles é hediondo - gritou. - É imperdoável. A raça dos homens precisa ser destruída!

Tirou o capuz, mostrando as feições marcadas e arruinadas. A assembleia o fitou com horror e espanto. Lúcifer ergueu a mão enrugada na direção do fluxo vivo e reluzente de átomos de Jeová que brilhava pelo domo de cristal acima dele. As unhas quebradas e amareladas se transformaram, ficando curtas e transparentes. Lúcifer contemplou maravilhado a própria mão, agora perfeita. Uma vulnerabilidade fugaz, um encanto muito passageiro, perpassou-lhe o rosto. Voltou-se para a luz ofuscante e pulsante, meneando a cabeça de um lado para o outro, banhando nela as feições deformadas em um frenesi. De novo, ressurgiu como Lúcifer, o belo filho da manhã.

- É seu estado anterior - comentou Gabriel com espanto. - O anjo de luz!

- Ele está em solo sagrado - respondeu Miguel com seriedade. - Não sofre efeitos negativos com a pureza da presença de Jeová aqui, desde que não esteja diretamente perto dele.

- Não se enganem. - Os velhos olhos azuis de Jether ficaram da cor do aço. - Sua iniquidade tem raízes profundas; ele não consegue manter essa forma. Lúcifer caminhou desafiadoramente até Jether e se postou diante dele. O Ancião sustentou seu olhar, inabalável.

- Ora, Jether, seu mais ávido discípulo voltou. - Lúcifer lhe deu um sorriso sinistro. - Para ratificar seu pior pesadelo.

Miguel empurrou a cadeira e se levantou. Sem se abalar, Jether pôs a mão sobre o braço de Miguel, meneando a cabeça. Gabriel desviou o olhar de Lúcifer, que começara a estudar os códices com atenção.

Lúcifer, então, riu em triunfo, virando-se para encarar os membros do conselho.

- Nos arquivos de Perdição, todas as gerações do Homo sapiens estão registradas com todas as respectivas ações malignas. A inteligência sombria, a vontade degradada... a iniquidade. - Houve uma manifestação de horror quando todos assimilaram suas palavras. - Os registros são meticulosos. Até meu aborrecido mentor Jether sabe que são inquestionáveis. - Caminhou até o pódio, as belas feições começando a ganhar escaras. - São uma raça de rebeldes! Eu, soberano deles por direito, coloco-os em julgamento! - Fez um amplo gesto com a mão, e milhares de registros apareceram pela câmara. - Registro minha ação contra a humanidade no tribunal do céu. Ele não pode me banir para o lago de fogo sem banir o homem. Exijo um julgamento!

Lançou aos céus as mãos, que se deformavam com rapidez.

- A pena *deve* ser cumprida. As almas de todos os homens me pertencem; estarão comigo no inferno, no túmulo e no Tártaro. E, quando chegar a hora de meu julgamento, vão arder comigo no lago de fogo!

Lúcifer se deteve em meio ao discurso e virou a cabeça. Olhou fixamente para Gabriel, e depois um sorriso maléfico marcou-lhe as feições. O olhar se voltou para Jether, sentado completamente imóvel, sem que um músculo do rosto se mexesse. Lúcifer caminhou até onde ele estava sentado, próximo aos irmãos. Agarrou o códice das mãos de Gabriel e o folheou. Depois, jogou-o para o lado e aproximou seu rosto do de Jether.

- Quais são seus planos, velho? - sibilou. - O sangue *angelical* não pode ser derramado; ele não se enquadra como o substituto mencionado naquele livro. Nosso sangue é astral. Só alguém *nascido* na raça dos homens pode cumprir as exigências legais e pagar a pena! - Voltou-se para os espectadores calados, gargalhadas alucinadas ecoando pela câmara. - E o sangue do homem é maculado, sofreu mutação com a Queda. Mesmo a linhagem de Noé. Como ele sucumbe facilmente! - Virou-se novamente para

Jether. - O plano dele é frágil, velho. Não sobrou ninguém puro. Exijo meu prêmio: a raça dos homens deve ser destruída!

Lúcifer deteve-se no meio da frase. Suor escorria-lhe das têmporas, e ele pareceu estranhamente enfraquecido. A respiração tornou-se lenta e difícil. Os membros do conselho observaram, paralisados, sua grande força se esvaír. Ele se inclinou, tremendo contra o pódio, a cabeça pendendo sobre o peito, impotente.

- Christos - sussurrou Jether.

Uma luz cegante ficou visível no fundo da câmara. Christos apareceu, ergueu Sua mão e, no mesmo instante, o Grande Conselho parou no tempo. Os membros de ambos os lados da câmara ficaram como figuras de cera olhando direto para a frente. Christos caminhou imperialmente pelos grandes degraus de safira, aproximando-se de onde Miguel, Gabriel e Jether se ajoelhavam, paralisados. Parou diante de Lúcifer, que tinha caído no pódio.

- Lúcifer.

Com muito esforço, o príncipe decaído levantou a cabeça alguns centímetros do pódio. Estremeceu ao contemplar Seu rosto. Completamente vulnerável.

- Christos.

Com gentileza, Christos afastou as tranças negras que haviam caído sobre o rosto de Lúcifer. Seus olhos atormentados mergulharam nos de Christos. Ele agarrou Sua mão, um toque tão forte que Christos chegou a recuar. Uma serenidade profunda percorreu o semblante de Lúcifer, e um sorriso estampou-se em seus lábios.

Christos o contemplou, profundamente comovido.

- Lúcifer - disse ele com suavidade resistir ao agulhão só lhe trará dor!

As pálpebras de Lúcifer se fecharam com força. Fez-se um longo silêncio.

- Quando Ele destruir a raça dos homens - falou em um fio de voz eu me arrependerei.

Christos desapareceu.

O Grande Conselho saiu da paralisia petrificante, enquanto Lúcifer corria salão afora. Diversos aprendizes que estavam em pé, espantados, sentaram-se com rapidez sob as ordens dos mentores. As grandes portas se fecharam com estrondo, e o caos tomou conta do conselho.

Miguel mirou o salão com irritação.

- Vamos lhe dar licença para obter o que deseja? Somos um brinquedo nas mãos dele. Não podemos permitir isso! - Bateu na mesa com a palma da mão. - *Precisamos* encontrar um meio. - Saiu no encalço de Lúcifer, a espada na mão.

Gabriel alternou o olhar dos volumes para Jether, que se encontrava imóvel em seu trono.

- Vou procurar Jeová - Jether decidiu por fim. - Vou Lhe dizer que fracassamos. A raça dos homens perdeu-se para sempre Dele.

Miguel cavalgou velozmente pelos prados dourados seguindo o cavalo negro de Lúcifer, que se afastava com rapidez. Tinha especulado que o irmão não resistiria a mais uma corrida pelos Jardins Orientais de que tanto gostava. O palpite fora correto. Atiçou Ariale, aproximando-se de Lúcifer a cada segundo, até ficar quase pescoço a pescoço com o irmão mais velho.

Lúcifer se virou, o capuz esvoaçante ao vento, a face desfigurada agora plenamente visível sob o horizonte lilás do Éden. Miguel inclinou-se e puxou as rédeas do irmão com grande força. Os dois cavalos relincharam, e as montarias enfim se detiveram desajeitadamente.

Miguel e Lúcifer ficaram montados, encarando-se: Miguel, tomado pela emoção, feroz; Lúcifer, cuja expressão era inescrutável. Ambos pareciam menores sob a majestade dos horizontes que os cercavam, ornamentados com arcos-íris ondulantes.

Lúcifer curvou a cabeça em respeito a Miguel.

- Saúdo-o, meu irmão, príncipe-chefe Miguel, pleno de sabedoria e valor.

Levou a mão à cabeça, percebendo que estava descoberta. Retraiu-se então. Durante um momento fugaz, Miguel teve a impressão de que ficara quase vulnerável. Lembrou-se dos últimos momentos do irmão mais velho naquele campo, antes que o mal completasse sua tarefa, quando ele agarrara Miguel, soluçando e lhe implorando para que salvasse sua alma.

- Posso ler sua mente, Miguel. - Sondaram-se por um longo momento. - Você gostaria que eu me arrependesse.

Miguel assentiu. Fechou os olhos e curvou a cabeça, sentindo-se subitamente incapaz de confiar nas próprias palavras. As lembranças do passado com o irmão inundaram-no em ondas poderosas, desgastantes, que intentavam afogá-lo em sua voracidade.

Lúcifer suspirou, trêmulo.

- Sinto falta Dele, Miguel... - A voz era pouco mais que um sussurro. Um sofrimento terrível obscureceu-lhe as feições ao contemplar as sete cúspides.

- Para Ele, você era aquele que brilha - comentou Miguel. - Seu confidente...

- O poder do mal se aprofundou em mim, meu irmão. - Lúcifer engoliu em seco. - Não há retorno.

Miguel levantou a cabeça; lágrimas escorriam pelo rosto nobre. Enxugou-as com o dorso da mão, sem se importar.

- A misericórdia Dele é infindável.

- Não há reparação para mim - sussurrou Lúcifer. Por um breve instante, Miguel poderia jurar que os olhos do irmão haviam ficado úmidos. Ele fitou Miguel sem malícia, tal como faziam quando jovens. - Mesmo que eu quisesse.

Miguel manteve-se calado.

- Vai falar dessa nossa conversa para o Pai? - Miguel observou as feições deformadas e aniquiladas do irmão. Negou de maneira quase imperceptível.

- Obrigado.

- Sinto pena por você, Lúcifer - sussurrou Miguel. Os olhos revelavam um amor imenso e tristeza dilacerante.

Lúcifer retribuiu o olhar com uma estranha chama reluzindo em seus olhos e murmurou algo em uma língua que não era nem angelical, nem humana. Depois, partiu.

CAPÍTULO 33

A MONTANHA SAGRADA DE DEUS

*No monte santo de Deus você estava,
no meio das pedras fulgurantes andava.*

*Você foi perfeito em seus caminhos desde o dia em que foi criado,
até a iniquidade ser encontrada em você.*

Relâmpagos azulados surgiram bem acima da face de rocha da Montanha Sagrada. Mal se via a entrada sagrada de rubis que levava à Sala do Trono, envolvida em brumas prateadas e reluzentes que se erguiam e se precipitavam nos zéfiros do Éden. Sete colunas ardentes de fogo branco eterno ardiam com ferocidade, sem cessar, na entrada do palácio de Jeová. Um imenso arco-íris flamejante estava suspenso sobre a montanha. Matizes do espectro completo surgiam e fluíam em intensidade, passando do violeta ao índigo, e deste para o rosa e o carmim - a lembrança eterna de Jeová para a raça dos homens.

Miguel, com seu cavalo branco seguro por Sachiél, caminhava incessantemente pelos jardins na parte exterior à entrada. Gabriel estava em silêncio ao lado dele. Enfim, manifestou-se:

- Estão reunidos há muitas luas para tratar do destino do homem.

Miguel parou de caminhar, o pesar estampado nas feições.

- Ele está tomado por um grande e terrível pesar. Seu coração está em pedaços pela facilidade com que O abandonaram. - Sua voz estava embargada pela tristeza. Gabriel agarrou-lhe o braço com suavidade. - Ainda há, na raça dos homens, quem O ame e busque Sua presença.

As colossais portas douradas da entrada de rubi se abriram. Jether, exausto, caminhou pelos Vigilantes e foi conversar com os irmãos, a cabeça coberta por um manto cinzento.

- Jeová está de luto - anunciou mansamente. - Não há como confortá-Lo. - Olhou em silêncio para os arcanjos por um longo momento, depois curvou a cabeça. - O amor Dele pelos homens está além de nossa compreensão... - Fitou-os, o semblante repleto de pesar. - A sentença será imposta.

Miguel olhou para Jether sem compreender.

- Ele vai destruir o homem?

- Não - tornou Jether, os olhos repletos de agonia. - Ele vai enviar a Si mesmo para lá.

** *

Miguel cavalgou em pelo por seiscentos quilômetros, os cascos do cavalo branco causando estrondo nos campos do Éden, os cabelos loiros esvoaçantes. As lágrimas secaram em seu rosto nobre e forte. A alma encontrava-se inflamada por perguntas sem resposta, escaldada por uma dor vibrante.

Deteve-se na face ocidental da Montanha Sagrada, aos fundos da entrada da Sala do Trono, além dos labirintos ocidentais das sete cúspides. Apeou e abaixou a cabeça para entrar nas cavernas sagradas. Seu caminho foi iluminado apenas pelas tochas eternas postas no alto das paredes, alimentadas por brasas ardentes dos sete espíritos de Jeová.

Havia sete câmaras ocultas na montanha, cada uma descendo ao santuário interior dos labirintos. Miguel sabia que a montanha abrigaria algumas das respostas que procurava com tanto desespero. Eras haviam se passado desde a última vez em que caminhara pelo lugar com Jether. A lembrança ainda estava límpida, como se tivesse sido no dia anterior.

Contava apenas sete luas de idade, um príncipe inexperiente, agarrado ao braço musculoso do mentor, os olhos bem fechados diante da mesma estranha e terrível apreensão que quase o assoberbara naquele momento. E, assim, passaram pela primeira chama, Sabedoria, embora não soubesse se devia olhar, deter-se ou acompanhar o ritmo firme de Jether.

Depois, passaram por outras chamas, Discrição e Valor, mas ainda assim não pararam. Subiram até uma câmara superior, e, quando se aproximavam da quarta tocha flamejante e eterna, o jovem Miguel caiu

prostrado, como se estivesse morto, sobre o leito de pedra da câmara. Escutou, então, uma voz, ao mesmo tempo dentro e fora dele, que dizia:

- Santo, santo, santo; digno é o Ancião dos Dias.

Desajeitado, o jovem ergueu o queixo. A mão de Jether estava sobre sua cabeça, e uma terrível sensação de ardência percorreu-lhe o corpo. De súbito, estava em pé... e sabia para onde olhar.

Diante dele, um vento tempestuoso soprava, e do vento surgiu uma grande nuvem com uma chama ardente. Grandes relâmpagos e clarões saíam dela. Do fogo saíram quatro criaturas vivas - os poderosos querubins de Jeová. As criaturas com quatro asas e quatro faces curvaram-se em respeito ao Ancião dos Dias. Quando o fizeram, Miguel pôde ver o rosto de uma águia na parte de trás das cabeças. A eterna tocha ardente de Jeová estava no meio delas, contendo as brasas flamejantes que iam de uma para a outra. Das brasas saíam relâmpagos. E sob elas havia rodas giratórias de chamas vibrantes.

Viu, então, o rosto de Jether brilhar como bronze polido, a pele translúcida diante da glória de Deus. Aproximou-se dos querubins. Miguel viu um deles estender a mão e encher as mãos de Jether com brasas ardentes, o Ancião se afastou deles e, quando falou, foi como se sua voz reverberasse na câmara:

- Miguel, compartilhe as Pedras de Fogo.

Era uma ordem. Como se estivesse hipnotizado, o jovem príncipe começou a andar, e, ao fazê-lo, de repente o chão da caverna se tornou uma massa viva e ardente de safiras reluzentes, polidas como o céu do verão. Viu-se caminhando nas brumas, e subindo e descendo sobre safiras de fogo ardente.

- Os fogos da santidade - falou Jether. E, ao dizer isso, tocou os lábios de Miguel com as brasas ardentes.

O príncipe teve a sensação de que o calor branco subira-lhe por espírito, alma e corpo. Foi como se o próprio Jeová tivesse passado por ele. Foi lançado ao chão.

- Consumam-no! - ordenou Jether.

Mais uma vez, os relâmpagos da santidade o invadiram. Miguel passou a tremer sem parar.

Quando voltou a olhar para cima, teve a impressão de que muitas luas tinham se passado. As criaturas vivas e as rodas giratórias haviam sumido. Só restava a eterna chama ardente na parede da câmara.

O rosto envelhecido de Jether observou o Arcanjo enquanto o ajudava com ternura a se levantar, as pernas do garoto ainda trêmulas.

- Você se saiu bem, jovem príncipe. - Miguel o fitou, sentindo ainda o fogo avermelhado e cálido percorrendo-lhe as veias. Jether sorriu suavemente. - Só vai voltar aqui no momento indicado. E Miguel nunca retornara... até aquele instante.

Caminhou, a cabeça abaixada, além da terceira chama eterna. Mas, ao avançar ainda mais pela câmara, um temor familiar pareceu ocupar seu ser. Continuou a andar, aprofundando-se nos labirintos. Deteve-se um instante para recuperar o fôlego.

Seus olhos ainda se acostumavam à estranha luz. Conseguiu divisar vagamente oito ou nove formas altas perto da quarta tocha ardente: os Vigilantes, guardiães da chama. Guerreiros altos e silenciosos, que portavam espadas flamejantes. Nenhuma palavra foi pronunciada por eles, pois a boca de cada um deles havia sido selada com as próprias brasas que guardavam.

Miguel se recostou em uma parede da caverna. Jamais havia se aventurado além daquele ponto. Tampouco o fizera algum arcanjo, pois certamente aquele era o santuário oculto dos Anciões. O que guardariam os labirintos? Mistérios sagrados? Tesouros ocultos de Sua pessoa?

Os Vigilantes permaneceram quietos. Miguel os viu se curvarem em respeito à sua pessoa. De algum lugar do fundo da câmara, ecoou uma voz:

- Príncipe celeste da presença de Jeová, comandante dos exércitos dos céus, pleno em santidade e valor.

Ao mesmo tempo, como se fossem um só, os Vigilantes ergueram as espadas flamejantes para o Arcanjo numa breve homenagem... e depois voltaram à sua adoração a Jeová.

Miguel prosseguiu pela escuridão. Ao passar pelos Vigilantes do quinto nível, um grande e terrível medo o acometeu. No entanto, avançou... até a sexta chama eterna... superando o próprio temor de Jeová.

Foi então que os viu: os Vigilantes da sétima chama. O rosto dos terríveis guerreiros era como um entalhe em pedra. Os Vigilantes o contemplaram. Como um só, ergueram as armas que impediam seu caminho até a sétima câmara. Devagar, muito lentamente, caminhou por uma enorme grade de ferro.

Diante de Miguel havia agora uma estranha e retorcida coroa. Era fascinante. Ele não conseguia desviar o olhar dela. De um modo que não compreendeu, ela continha uma beleza estranha e terrível.

Estendeu a mão para tocá-la... e ela cortou sua pele. Afastou a mão, agoniado. Ao olhar mais de perto, percebeu que era feita de grandes espinhos pontiagudos. Mas sabia que tinha de se embrenhar ainda mais na caverna. Ao decidir fazer isso, os Vigilantes se afastaram e desapareceram. Estava sozinho.

Quando seus olhos se acostumaram à escuridão, percebeu um grande morro a distância. Diante dele, na escuridão, havia um grupo de seres que não pareciam ser anjos, pois os corpos não eram transparentes.

- O homem - sussurrou Miguel.

Mas, ao se aproximar, não compreendeu. Trajavam-se como soldados em ouro e vermelho, mas suas intenções não eram nobres. Riam e faziam troça. Olhou de novo e avistou mulheres; lágrimas escorriam-lhes pelas faces. De repente, sua atenção se voltou para cima, e, ao olhar através da escuridão, divisou o contorno de uma grande cruz de madeira. Na mesma hora, foi tomado por um grande terror.

Foi quando uma voz lhe disse:

- Venha.

Miguel se aproximou, até ficar exatamente aos pés da cruz. Um líquido quente e pegajoso escorreu sobre suas mãos. As roupas se tingiram de vermelho-sangue, e, ao se voltar para cima, discerniu o perfil de um vulto pendurado na cruz. Acima de sua cabeça, um par de pés encontrava-se empalado por um enorme prego tosco de ferro. O furo que lacerava os nervos do homem era uma cena tão terrível que Miguel desviou o olhar.

Um grito lancinante brotou da figura empalada:

- *Eli, Eli, lama sabachthani!* - Ele ecoou pela Montanha Sagrada como se fosse ressoar para sempre.

Miguel pôs as mãos sobre os ouvidos para bloquear a horrenda e horripilante desolação, lançando-se sobre a terra fria da caverna, enquanto visões e mais visões de sofrimentos atrozes desfilavam diante dele.

Viu a coroa de espinhos sendo empurrada sobre a cabeça do homem até o sangue saturar Seus cabelos emaranhados. Viu o sofrimento Dele. E viu, sobre a mão espalmada daquele que se sentava no trono, um pergaminho, fechado e selado com sete selos. Depois, ouviu uma voz angelical gritar:

- Quem é digno de abrir o pergaminho e romper seus selos?

Ninguém no céu, na terra ou sob ela fora digno de abrir o pergaminho. Então, um dos Vinte e Quatro Anciões gritou:

- Vejam, o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, ganhou. Ele pode abrir o selo.

Passaram-se muitas horas, talvez até dias, para que Miguel erguesse a cabeça do chão e visse um Cordeiro em pé, diante dele, com sete chifres e sete olhos.

O Cordeiro pegou o pergaminho da mão direita daquele que se sentava ao trono. Os Vinte e Quatro Anciões caíram prostrados no chão e entoaram:

- Você é digno de pegar o pergaminho e romper os selos que estão sobre ele, pois Você foi assassinado, e com Seu sangue restituiu a Deus os homens de todas as tribos, línguas, povos e nações. Você os tornou uma raça real, sacerdotes de nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra.

Ouviu vozes de muitos anjos, dos dois lados do trono, bem como das criaturas vivas e dos Anciões, e eles eram numerosos, dez mil vezes dez mil. As vozes declaravam:

- Digno é o Cordeiro, que se sacrificou, de receber o poder e a glória.

E todas as coisas criadas gritaram:

- A Ele, que está sentado no trono, e ao Cordeiro, sejam dirigidas as bênçãos, a honra, a majestade, o poder e o domínio para sempre, pela eternidade das eternidades!

- Miguel. - A voz que o chamava tinha o som de mil águas. - Miguel.

Devagar, Miguel se pôs de joelhos. Diante de seu rosto, havia dois pés de bronze brunido. Estavam perfurados e cortados, os ferimentos ainda recentes. Acima deles, a barra de um traje branco respingava sangue vermelho no chão da câmara. Quando Miguel se deu conta da santidade e da glória de Sua presença, lançou-se a Seus pés como se estivesse morto.

Uma terceira vez, a voz o chamou com ternura:

- Miguel...

- Christos?

Christos se abaixou e tomou a mão de Miguel entre as suas. O arcanjo viu os ferimentos recentes, ainda abertos, nas palmas. Quando se levantou, lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Mal pôde falar, tal a intensa emoção que o subjugou.

- A raça dos homens; farão coisas terríveis com Você. - Miguel pôs a mão na espada, o coração tomado por uma fúria indescritível. - Vou protegê-Lo. Juro!

O Cristo lhe sorriu. E em Seu sorriso havia a misericórdia e a compaixão de um bilhão de eras.

- Não, meu feroz e nobre Miguel; largue essa espada. - Pôs com suavidade Sua mão sobre a de Miguel. - Ainda sofrerei muito nas mãos

da raça dos homens. Mas que uma coisa o console nas luas que se seguirão: são ferimentos do amor.

Estendeu a palma da mão para Miguel. Devagar, o Príncipe levou os dedos aos ferimentos abertos. Então, caiu. Caiu e caiu, como se despencasse por mil mundos.

Se esteve acordado ou adormecido, nunca saberia dizer, mas despertou tremendo e gelado no chão, um medo terrível lhe invadindo. Sentiu uma figura em pé ao seu lado e se encolheu, ainda trêmulo. A figura contemplou-o com gentileza.

- Os mistérios sagrados, Miguel. - Jether estendeu a mão para tomar a do arcanjo. - Venha. Chegou a hora.

CAPÍTULO 34

OS COFRES

Os cofres sagrados - Miguel falou, encantado. Estavam diante da Sétima Cúspide, em frente ao vento tempestuoso que ardia com a presença do fogo e de poderosos relâmpagos e raios. A presença repleta de força dos querubins de Jeová era visível pela luz iridescente. Jether fez um gesto para que Miguel o seguisse.

Além dos véus, havia um enorme cofre entre os querubins, coberto quase inteiramente por suas asas douradas. Quando Jether se aproximou, seu rosto começou a queimar com algo que se assemelhava a chamas vivas. Ele caiu prostrado, enfraquecido pela glória que descia em cascatas, o rosto encostado ao piso dourado e transparente.

Miguel observava em silêncio à entrada, maravilhado com as asas do querubim, que se abriam e revelavam o enorme cofre dourado. Entalhados do lado direito havia estranhos textos angelicais que Miguel não soube ler... exceto pelo pequeno e belo sinal no centro, que reconheceu de imediato: uma cruz.

Jether se levantou, o rosto ardendo como o de um serafim, inflamado pelo êxtase da presença de Jeová. Com dificuldade, abriu o cofre.

Os fogos da santidade se curvaram como raios e atingiram o querubim e Jether, e Miguel caiu de joelhos, a cabeça curvada. O raio percorreu os membros do príncipe e também sua alma. Sentiu a presença de Jeová em seu ser, como uma descarga de imensa voltagem.

Jether pegou um pequeno frasco de dentro do cofre, envolvido em substância viva semelhante à musselina.

- Jeová criou uma semente única - sussurrou. - O DNA puro e imaculado de Christos. - Segurou o pequeno frasco dourado acima dele, extasiado.

Miguel olhou com assombro para o objeto. Raios emanavam de sua superfície. Jether assentiu.

- Christos nascerá como membro da raça dos homens. A sentença será paga!

CAPÍTULO 35

EX NIHILO

- No homem, a concepção é o resultado da união entre duas células germinativas: o óvulo da mãe e a semente do pai.

As sobancelhas de Xacheriel se fecharam. Apontou para o holograma de moléculas vivas e pulsantes de DNA, os cromossomos e os cálculos científicos. Gabriel, Miguel e Jether estavam perto dele.

- Na raça dos homens, essas células germinativas compartilham igualmente as mutações herdadas da natureza pecaminosa, todas oriundas da Queda. - Virou-se, exultante. - Mas o Christos-homem não pode receber nenhuma herança genética da hospedeira. Ele precisa estar livre de TODOS os danos pecaminosos intrínsecos. - Os olhos de Gabriel se arregalaram ao compreender. - Do contrário, ele não poderá atender à exigência.

Jether, entusiasmado, bateu palmas.

- Exatamente!

Jether apontou para cima, e Miguel observou com atenção. A cúpula de cristal exatamente sobre o pequeno grupo se abriu, e uma vasta e brilhante câmara de luz começou a descer. Fitaram-na com assombro, tal como tinham feito eras antes, quando o primeiro protótipo da raça dos homens fora revelado nesse mesmo lugar. A câmara coberta de vidro havia baixado por completo.

Xacheriel observou o frasco, bem no centro da câmara, fonte da intensa luz pulsante.

- A semente de Cristo, *ex nihilo*; um corpo que não foi confeccionado nem com a semente do homem, nem com o óvulo da mulher, mas pelo próprio Jeová - sussurrou. - Não reproduzido. Criado.

Gabriel estava maravilhado.

- Ele é o segundo Adão!

- Como todos os membros da raça dos homens, Ele produz Seu próprio sangue - declarou Xacheriel. - Quando o Cristo-menino atingir a maturidade, Seu corpo vai produzir mais de trinta trilhões de células vermelhas na medula óssea, refeitas à razão de setenta e dois milhões a cada minuto, conforme se conta o tempo na raça dos homens. Mas, ao contrário destes, Seu sangue não terá sido contaminado pela Queda.

- Imaculado - sussurrou Gabriel.

Jether assentiu.

- Ele cumpre as condições.

Passou a mão pela câmara. Surgiu o holograma de uma adolescente. A pele cor de cobre era lisa como porcelana, uma tela perfeita para as maçãs do rosto elevadas, o nariz aquilino e a boca carnuda, cor de carmim. Os cabelos castanho-escuros desciam abaixo da cintura. Os irmãos observaram-na em transe, caminhando pelo quarto de decoração espartana, os membros delgados da cor de nozes deslizando com facilidade pelo chão de pedra com uma graça bem superior à de sua idade. Inclinou-se à janela, o rosto em forma de coração apoiado nas palmas das mãos, estudando um jovem rapaz de nobres feições cinzeladas que entalhava conscienciosamente um pedaço de madeira. Riu com espontaneidade, os belos olhos castanhos cintilando de alegria.

Gabriel se aproximou.

- A hospedeira?

Jether assentiu.

- Seu espírito é consagrado a Jeová. Ela ainda não conheceu nenhum homem. Ela vai gerá-Lo e dar-Lhe à luz. É jovem, saudável e forte. Seu corpo suportará bem os rigores do parto. Não ousamos correr risco algum. - Jether foi até a extremidade do portal, onde o grande domo estava aberto e ele pôde ver a Terra girando quando ela ficou à vista. - Christos se prepara para adentrar a raça dos homens - falou. - Assim que Ele estiver pronto, Seu Espírito vai entrar na semente criada e sair do Primeiro Céu.

Gabriel curvou a cabeça.

- Ele está em Seu jardim - sussurrou.

Jether apertou um dos ombros de Gabriel.

- Vou conversar com Ele.

CAPÍTULO 36

TENTAÇÃO

Os Vinte e Quatro Reis Anciões ajoelharam-se em um semicírculo sob as magníficas flores pendentes no Jardim das Fragrâncias. As cabeças coroadas encontravam-se curvadas, as bocas se movendo em silenciosas súplicas. Christos estava em pé diante deles, no centro das velhas oliveiras, na extremidade dos Penhascos do Éden. Os braços se erguiam em direção aos feixes de luz carmim que irradiavam da colossal porta de rubi, acesso à torre com suas paredes de jacinto.

Christos aproximou lentamente a palma da mão do horizonte e observou, maravilhado, a imagem que surgiu. Um homem com seus 30 anos, conforme mede a raça dos homens, caminhava por um terreno absolutamente deserto. Os cabelos, longos e escuros, açoitados pela forte tempestade de areia, esvoaçavam sobre ombros fortes e bronzeados.

- Ele está vendo o futuro - sussurrou Jether para Lamaliel a seu lado.
- Está Se vendo como membro da raça dos homens. - Jether se espantou ao ver uma segunda figura caminhando rumo ao Cristo terreno. - Lúcifer!

Na imagem, Lúcifer se deteve a uns vinte metros do Cristo. Os cabelos escuros estavam esvoaçantes. Parecia imperial, nobre. Poderiam ser irmãos. Agora que Christos fazia parte da raça dos homens, Lúcifer tinha meio metro a mais, e suas seis asas se espalhavam atrás dele. A distância, milhares da hoste angelical decaída aguardavam, ameaçadores, ocultos pelas sombras.

Lúcifer soltou um riso insano.

- Então, chegamos a isto. O grande Jeová, Christos, governante soberano do universo, preso à matéria. Yeshua. Jesus de Nazaré...

Christos observava do Primeiro Céu. Em silêncio.

- Agora você está destituído de Seus poderes - comentou Lúcifer.
- Terá de passar pelos testes, como um deles. É a condição da sentença.

Jesus continuou a observá-lo em silêncio.

- Jamais imaginei presenciar este dia - disparou Lúcifer. - O Criador Todo-Poderoso negando Sua divindade e assumindo essa forma inferior. Mais ralé do que os anjos! - Os olhos se estreitaram. - Sinto-me insultado. - Lúcifer se aproximou mais de Jesus. - Mas talvez você não seja mesmo Ele. Exijo uma prova! - Virou-se. - Se você é o Filho de Deus, prove: transforme estas pedras em pão.

Jesus manteve-se completamente imóvel, enquanto Lúcifer se agachou e tocou as pedras. Pegou uma, e ela se transformou em pão: fumegante, recém-assado.

Jesus curvou a cabeça, o corpo faminto rebelando-se em desespero. Lúcifer sorriu, deleitando-se com o tormento Dele. Estendeu o fragrante pão.

- Sacie Sua fome. A matéria exige sustento para existir - ironizou.

- Ao contrário da essência angelical. - Estudou Jesus com atenção, depois partiu o pão e o mordeu.

Jesus curvou Sua cabeça.

Lamaliel observava com os outros, do Primeiro Céu.

- Lúcifer torna a visitar o Éden no futuro como tentador - sussurrou para Jether.

- Aquele não é o Éden - esclareceu Jether com seriedade. - Christos vai se tornar membro da raça dos homens. Ele deve ser tentado por todas as condições opressivas da Queda.

Na imagem diante de Christos, viram Lúcifer passar a mão pelo céu. De imediato, ele e Jesus estavam na elevada torre do templo de Jerusalém. Lúcifer observou Jesus com firmeza, aproximando-se Dele.

- Você sofre por estar longe da presença Dele, Christos - sussurrou. - Sinto isso.

Uma tristeza inominável cobriu o rosto de Jesus.

Lúcifer se ajoelhou sobre uma das pernas e curvou a cabeça.

- Assiste, ó Deus, nosso escudo, e contempla o rosto de Seus príncipes-chefes, pois um dia em Seus átrios... - um sorriso lento e cruel estampou-se em seu rosto ao erguer os braços para o céu - ... vale mais do que mil em qualquer outra parte.

Enquanto o Jesus terreno observava em silêncio, Lúcifer exibiu-lhe imagens e mais imagens de Lúcifer e os arcanjos curvando-se diante de Seu trono. Um soluço agonizante subiu pela garganta de Jesus. Ele se virou para o príncipe decaído, sentindo-se vulnerável. Lúcifer aguardava aquele momento.

- Sofro como Você, Christos. A cada aurora. Sei o que é estar desolado e longe Dele. - Estendeu a mão, que ainda ostentava o anel com o timbre real da Casa de Jeová.

Jesus olhou com espanto para o selo real. Uma ansiedade violenta tomou conta Dele.

O tentador prosseguiu:

- O filho de um carpinteiro de Nazaré não pode anunciar um reino enquanto não O proclamarem seu Rei. Eles não compreendem Sua divindade, Christos. - Lúcifer acariciou o anel. - Desça, nascido no céu, Christos. Salte dessa torre. - Um sorriso maligno se formou na boca de Lúcifer. - Então eles saberão que Você é divino. Vamos - sibilou -, SALTE.

No Primeiro Céu, Christos moveu a palma de Sua mão pelo horizonte, e a cena desapareceu. Caiu de joelhos, o rosto erguido para a Sala do Trono, lágrimas escorrendo-Lhe pelo rosto.

- É a agonia de Sua alma - sussurrou Jether. - Ele Se vê separado de Jeová.

Com firmeza, Christos virou a cabeça, e Jether pôde ver Seu rosto. O olhar de sofrimento atroz no semblante imperial Lhe tirou literalmente o fôlego.

Christos se levantou. Majestoso. Decidido. A cabeça altiva. Voltou-se para os Vinte e Quatro Anciões de confiança e assentiu. Sua voz foi tão suave que mal se fez ouvir:

- Estou pronto.

Ao longo de todos os milênios de todos os universos, passados e presentes, esse dia esteve gravado para sempre em minha alma.

O dia em que Ele se tornou um da raça dos homens.

O silêncio - oh, o silêncio pesado e incessante - tomou conta do Primeiro Céu. Não se ouviu nenhum ruído, não houve movimento. Tudo estava imóvel.

E foi quando ouvi o som.

Ao me aproximar da Sala do Trono, ficou mais alto.

Encontrei o querubim e o serafim prostrados no chão em sinal de obediência. As quatro criaturas vivas estavam no meio do trono e, ao redor dele, o leão e o bezerro e o homem e a águia, as seis asas cobrindo os diversos olhos. Todos estavam em silêncio. Os Vinte e Quatro Monarcas Anciões prostravam-se sobre o mar de vidro, que reluzia como cristal as coroas de ouro lançadas diante do trono - em silêncio.

Mas se ouvia um som.

Fiquei diante das sete lâmpadas ardentes, os sete espíritos de Jeová que ardiam diante do trono, dia e noite.

Nunca me esquecerei desse som. Por mais que as eternidades me deem vigília e sono, pelo Segundo e Terceiro Céu, nada vai apagar seu registro em minha memória. Não era nem de anjo, nem de homem. Não era choro nem grito. Não era agonia nem êxtase. Mas, ao mesmo tempo... era tudo isso.

Era o som do pranto de Jeová.

CAPÍTULO 37

A NOVA ESTRELA

Miguel, com a missiva à mão, caminhou até as janelas de seus aposentos palacianos e as abriu. Além do halo brilhante do arco de

Jeová e sobre o centro da montanha dourada, uma imensa estrela flamejante se movia devagar pelo horizonte lilás do Primeiro Céu, até os sistemas solares da Terra.

Jether entrou na câmara e observou Miguel em silêncio.

- Quem é, para Ele, esse homem com o qual Ele se preocupa tanto? - sussurrou Miguel. - A ponto de enviar a Si mesmo?

Jether curvou a cabeça, tomado pela emoção. Miguel entregou a missiva ao Ancião, cujos olhos se estreitaram ao ver o selo negro de Perdição no canto direito. Jether a pegou e estudou o conteúdo.

Um grande temor surgiu no rosto de Miguel.

- Acha que ele suspeita?

Jether dobrou a missiva com cuidado. Triste.

- O gênio maléfico de Lúcifer vai levá-lo para bem perto da verdade, mais do que gostaríamos. Mas ele nada sabe.

- Então, temos uma vantagem inicial.

As portas se abriram. Gabriel estava lá, amadurecido, majestoso. Curvou a cabeça em reverência.

- Seu advento na raça dos homens está próximo.

Jether contemplou a estrela.

- Os magos de Lúcifer vão alertá-lo. Devemos nos apressar.

* * *

Lúcifer reclinou-se no assento de Satã, um ornamentado trono de platina no pórtico de seu palácio de rubi, um manto de cetim branco envolvendo-lhe o corpo. O olhar se perdia através das imensas janelas do pórtico, rumo aos portões do Hades, recém-construídos. Um sorriso sinistro espalhava-se pelas feições disformes. Observou as infinitas pontas de ferro projetadas dos monstruosos portões negros, que se erguiam a centenas de metros acima do chão avermelhado e brilhante. Em cada portão, havia uma sentinela imensa, semelhante a um troll, os olhos amarelados faiscantes. Incrustado no alto de cada portão, via-se um serafim negro vivo. Sobre a cabeça dele, a inscrição em letras ornamentadas: "Almas dos homens". Todo serafim demoníaco se transformava em um dragão que soltava chamas luminescentes, depois em Leviatã, e, em seguida, na imagem do homem, para então adquirir as feições de um demônio.

Centenas de milhares de homens e mulheres em trajes cinzentos, a fisionomia abatida, fantasmagórica, passavam pelos portões do Hades em uma massa incessante. Caminhavam em ritmo firme. As feições eram pálidas, os olhos mortiços e sem vida. Reis e príncipes da terra,

com aparência imperial, segurando seus cetros, caminhavam como se enfeitados. Rainhas os seguiam, as coroas ornadas por joias, junto a mendigos e escravos.

Caminhavam pela Cidade dos Mortos distraidamente, como zumbis, como se estivessem em profundo estupor. Observavam com fascinação mórbida o Vale das Catacumbas, com seus milhares de sepulturas maciças e inscrições profanas. Muitas das criptas estavam violadas, os sudários e ossos dos ocupantes jogados em meio a lápides e pântanos. Havia estufas com musgo e heras venenosas, além de estranhos e ameaçadores tentáculos vivos de trepadeiras decadentes em constante contorção.

Uma batida suave, mas insistente, foi ouvida à porta da câmara. A expressão de Lúcifer se fechou.

- Quem perturba meu repouso?

As enormes portas cobertas de rubis se abriram, e Araquiel apareceu, trêmulo. Lúcifer lhe lançou um olhar sinistro, e Araquiel lhe entregou uma missiva. Uma tênue névoa prateada se elevou do envelope.

- Charsoc e sua magia negra - observou com ironia. - Nessa hora tardia? - Lúcifer estudou a carta, a expressão séria. Dobrou-a com cuidado. - Mande-o entrar.

Araquiel assentiu e saiu. Lúcifer se levantou do trono e caminhou para o centro da sua câmara. Com as mãos às costas, ia de um lado para o outro, impaciente.

Charsoc entrou. Névoas prateadas envolviam-lhe a cabeça. Tinha um albatroz preto empoleirado no braço.

- Vossa Majestade. - Curvou-se profundamente e depois voltou o rosto sem olhos para Lúcifer, as órbitas exibindo dois vazios escuros.

Lúcifer se levantou e deu as costas a ele.

- Sua missiva fala de uma estrela. - Virou-se. - Uma nova e... peculiar estrela.

Charsoc agitou levemente o corpo, e a voz tornou-se monotônica, autoritária.

- Alguém maior que você entrou no reino dos homens.

Lúcifer empalideceu.

- Que novidades amargas está me trazendo?

Charsoc lançou uma névoa prateada no ar. Um rugido ensurdecedor abalou a câmara, acompanhado de uma luz nuclear quase cegante. A câmara estremeceu como se sofresse um terremoto. O corpo retorcido de Charsoc se transformou em uma entidade branca, fantasmagórica, e a voz assumiu um estranho tom viperino. Ele ondulava o corpo, em transe.

- A estrela anuncia a chegada de um príncipe recém-nascido no Oriente, recebido pela raça dos homens. Alguém tão poderoso que pode esmagar a serpente sob Seu calcanhar.

Charsoc se virou, o rosto literalmente ardendo em chamas. Deslizou a palma da mão pela câmara, e imediatamente um holograma ocupou o cômodo. Lúcifer observou, hipnotizado, quando os exércitos romanos que conquistaram Jerusalém tornaram-se as guerras napoleônicas e se metamorfosearam em Hitler, gritando para dezenas de milhares de soldados nazistas que marchavam sob seu comando. Então, enquanto observava, soldados chineses cercaram Jerusalém com a intenção de destruí-la. Mas, para seu espanto, centenas de milhares de guerreiros angelicais, liderados por Miguel, engajaram-se de súbito em uma feroz batalha contra centenas de milhares de anjos das trevas de Lúcifer - as legiões do inferno.

- Nesse dia - proclamou Charsoc, a voz ecoando pela câmara o conquistador, com Sua espada severa, grande e forte, vai punir Leviatã...

O holograma materializou Christos montado em um cavalo branco, no alto do céu sobre Megiddo, feixes de laser emanando de Sua boca. Depois, mostrou os exércitos reunidos em um campo de batalha inteiramente tomado por cadáveres e máquinas de guerra destroçadas.

- Leviatã - prosseguiu Charsoc -, aquela serpente pervertida.

Lúcifer observou, imóvel, sua própria aparição na imagem. Depois, Miguel e dois colossais guerreiros angelicais o agarraram e o acorrentaram, e seis grandes anjos o lançaram aos berros no abismo.

- Contudo, levado serás ao inferno, ao mais profundo abismo.

Charsoc protegeu o rosto com os braços. De repente, a câmara ficou completamente imóvel. O tremor cessou, e Charsoc foi lançado ao chão.

Lúcifer continuava em silêncio, trêmulo, apoiado à soleira da porta, a coroa malposta sobre os cabelos negros.

- O julgamento...

Foi até o balcão oriental e escancarou as grandes portas. A imensa estrela incandescente e flamejante estava fixa no céu noturno entre o Segundo Céu e a Terra. Observou a estrela durante um longo tempo.

- Este príncipe recém-nascido do Oriente, recebido na raça dos homens... está ligado a Christos? - silvou.

Charsoc voltou-se para ele, cego e trêmulo.

- Não sei, meu senhor.

Um anjo alto, com cabelos escuros e feições distorcidas pelo fogo, surgiu à porta.

- Merodach! - berrou Lúcifer. - Convoque os Conselhos Sombrios para se reunirem na cripta. Precisamos conspirar!
Lúcifer fez um gesto para que saíssem e voltou a observar a estrela flamejante pela janela.

Xacheriel e Jether estavam no limiar da Via Láctea, no portal, contemplando a imensa estrela brilhante.

- As coordenadas estão certas? - perguntou Jether.

Xacheriel assentiu lentamente, mergulhado em seus pensamentos.

- As coordenadas estão certas, mas a compreensão dos eventos astronômicos por parte da raça dos homens é primitiva.

Jether cofiou a longa barba.

- Localizamos um antigo castelo sacerdotal na corte dos reis do Império Parta que reverenciam Jeová. - Desviou o olhar da estrela, pousando-o em Xacheriel. - Sacerdotes-astrônomos e magos, intérpretes de sonhos e acontecimentos celestes. Eles observam o céu todas as noites nos observatórios astronômicos, os zigurates, procurando sinais do Rei sobre o qual Daniel, seu compatriota, escreveu. Estudam a estrela.

Xacheriel curvou a cabeça em reverência.

- Que Jeová lhes conceda iluminação divina.

Jether dirigiu-se para a entrada do portal.

- Os magos maléficos de Lúcifer o alertaram. - Inclinou-se para Xacheriel. - O tempo é curto.

CAPÍTULO 38

MUL BAR BAR

Gaspar, o mais jovem mago da Ordem Caldeia, estava no mais elevado posto de observação dos três zigurates, na extremidade da torre piramidal, observando atentamente o céu noturno azul-escuro.

- Melquior! - Ele recuou. - Melquior! - gritou de novo, impaciente.

Desceu correndo os degraus da pirâmide até o banco no qual Melquior estava sentado, nos exuberantes jardins do zigurate. Melquior ergueu os olhos das cartas e tabelas astronômicas e franziu o cenho.

- A nova estrela! - exclamou Gaspar. - Está se movendo mais uma vez!

- Esforçou-se para conter sua excitação.

Melquior voltou-se para o céu e imediatamente caminhou com agilidade leonina para o observatório. Estudou o céu com atenção.

- Ela forma uma conjunção - murmurou, encantado. Virou-se para Gaspar. - Precisamos informar imediatamente Sua Excelência, o senhor Baltazar.

Gaspar assentiu, dirigindo-se com agilidade para o zigurate principal, esquecendo-se, na pressa, de que fora elevado a mago recentemente e que tal comportamento era inconveniente para alguém de seu escalão. Apanhou o manto enquanto corria, e as pernas curtas e bronzeadas iam levantando a areia do deserto à sua passagem, seguido de perto pelo nobre e contido Melquior.

Baltazar avançava na casa dos oitenta. Sua pele negra reluzia como ébano; a barba e os cabelos eram prateados, e estes brilhavam sob o turbante. Ia de um lado para o outro junto a doze longas mesas de madeira, nas quais mais de sessenta escribas registravam meticulosamente dados astronômicos à luz de velas.

O nível mais elevado da torre estava em completo silêncio, exceto pelo incessante som das penas dos escribas. Baltazar caminhou até a janela mais remota e observou a grande estrela flamejante no horizonte. Sua contemplação foi interrompida por batidas que vinham dos níveis mais baixos, depois por um tonitruante tropel de passos pelos velhos degraus de madeira da escadaria em espiral.

Gaspar abriu a porta da torre, ofegante. Melquior e Balista estavam ao lado dele, curvando-se em reverência. Os sessenta escribas se curvaram e imediatamente saíram da câmara quando os três astrônomos se ajoelharam diante de Baltazar.

- Solicitamos uma audiência - disse Gaspar. - Senhor Baltazar, pleno de sabedoria, reverenciado chefe vidente da linha do grande mago Daniel.

Baltazar assentiu. Os três magos se levantaram.

- A estrela itinerante Udi Idim se alinhou novamente com Mui Bar Bar, meu senhor Baltazar - tornou Melquior com seriedade.

Baltazar estendeu a mão.

- Os cálculos...

Melquior entregou-lhe uma espessa pilha de papéis. Baltazar estudou-os com atenção, caminhando de um lado para o outro enquanto os folheava.

- Elas criam uma conjunção na constelação de Peixes, a terra dos hebreus - prosseguiu Melquior.

Baltazar esfregou a mão sobre sua testa enrugada e foi até a torre de observação. A distância, no horizonte, via-se a estrela flamejante, brilhante.

- Uma vez a cada 804 anos, ocorre uma única conjunção das estrelas peregrinas... - murmurou.

Gaspar, com seus dezessete anos, não conseguiu se conter.

- Mas três vezes num único ano, meu senhor... é algo realmente extraordinário!

Melquior pôs a mão no braço de Gaspar a fim de contê-lo. Mas Baltazar sorriu, os olhos castanhos tomados pelo mesmo fervor.

- É verdade o que disse, Gaspar. A estrela peregrina Udi Idim designa a cidade de Jerusalém. - Cofiou a barba. - Está alinhada com Mui Bar Bar, a estrela que indica a realeza para os descendentes de nosso grande e amado mago Daniel, o hebreu. - Voltou-se para os outros magos e apontou para a estrela flamejante. - Mas nesta noite... vejam!

Os magos acompanharam seu olhar.

- Na constelação de Áquila, a águia, uma nova estrela arde com mais fulgor do que qualquer outra coisa no céu. Ela prenuncia alguma coisa extraordinária! É o arauto de um nascimento de grande importância.

Gaspar estava exultante.

- Gostaria de ver essa criança nascida com esses sinais no céu.

Balista, o idoso ajudante persa de Baltazar, deu um passo à frente.

- Vamos alertar o conselho de Jerusalém, o Sanedrim, meu senhor Baltazar. Eles são bem versados nos textos hebraicos. Saberão de quem falam as estrelas.

- Paciência, meu bom amigo - falou Baltazar. - Sim, vamos à terra dos hebreus. Mas antes precisamos ter com Arêtes, rei de Petra. Sua casa real guarda as relíquias de Salomão.

Baltazar contemplou mais uma vez a estrela flamejante.

- Ele as guardará até o dia em que deverão ser apresentadas ao Rei cujo nascimento estaria escrito no céu; o Rei que o mago Daniel profetizou que iria redimir a raça dos homens.

Ele ergueu as mãos para o céu em súplica.

- O Messias!

CAPÍTULO 39

CONSELHO SOMBRIO

Lúcifer estava sentado em seu trono na Sede dos Reis, um grande trono de ouro e rubis negros. Vinte e quatro príncipes-chefes decaídos, governantes do mundo das sombras, cada um usando a ornamentada armadura negra e coroa de ouro, sentavam-se em duas formações circulares ao redor do trono.

Exsudavam o poder e a autoridade de grandes regentes. Com dois metros e setenta de altura e aspecto ameaçador, eram os mais formidáveis generais de Satã.

Sentados atrás deles, viam-se cem dos anciões sinistros de Lúcifer, os encanecidos membros do Conselho Sombrio e seus magos. Capuzes negros ocultavam-lhes as faces. Diante do trono de Lúcifer, havia uma grande assembleia de milhares de governantes do mundo das trevas.

Asmodeus, desfigurado mas ainda belo, levantou-se e curvou a cabeça em reverência. Depois, virou-se para a assembleia.

- Vocês foram convocados, grandes príncipes das trevas e membros do Conselho Sombrio, pelo único verdadeiro rei deste mundo, Lúcifer, coroado Satã.

Lúcifer fez um gesto para Charsoc, que estava sentado com os magos atrás dos grandes príncipes das trevas. Charsoc se levantou.

- Vossas Excelências, grandes príncipes, membros do Conselho Sombrio e magos, os corpos celestes preveem... - O rosto sem visão voltou-se para a frente. - Nasce um Rei entre os homens, aquele cujo reino poderia destruir o nosso. - Ergueu seu cajado. - E que apressaria nosso julgamento! - Um murmúrio de terror ecoou pela assembleia. - Precisamos agir com rapidez.

Marduk, sinistro líder do Conselho Sombrio, encapuzado, levantou-se. Sua voz era suave e cultivada, mas repleta de maldade.

- Convoco Baraquijal, líder da corte sombria dos astrólogos.

Baraquijal, príncipe da corte dos astrólogos, pôs-se em pé, seu volumoso manto magenta e carmim esvoaçando. Ele se curvou profundamente e depois voltou-se para a câmara do conselho. Marduk rodeou-o lentamente.

- Baraquijal, explique-nos o significado dessa estrela, o portento.

- O surgimento da estrela não tem precedentes - proclamou Baraquijal.

- Nossos pesquisadores registram consistentemente centenas de supernovas, a morte de estrelas, mas preciso chamar a atenção dos membros do conselho para o fato de que nunca tínhamos visto o nascimento de uma estrela. Nunca! - Cerrou as espessas sobrancelhas. - Isso significa que nasceu alguém de uma grande linhagem real, uma casa real com imenso poder. Estamos certos de que o local onde a nova irá repousar assinalará para onde vai esse Príncipe do Leste.

Lúcifer olhava para a frente, ouvindo insatisfeito. Um dos membros do Conselho Sombrio levantou-se na parte de trás da câmara, o rosto encapuzado.

- E os cálculos de sua ascensão?

Baraquijal alisou o manto.

- Sua ascensão helíaca fica no céu oriental da terra dos homens, Vossa Excelência. No reino da Média.

Um segundo membro do Conselho Sombrio se ergueu.

- E repousa lá?

- Nossos pesquisadores informam que ela começou a se mover nesta última hora, senhor. Pela Pártia, deslocando-se depois para os reinos persa e babilônio.

Lúcifer ergueu seu cetro. O salão silenciou, reverente. Todos se curvaram.

- Esse Rei... suspeito que ele tenha conexão com Christos. Sinto isso. Ele deve ser detido. Você vai se incumbir disso, Marduk. Seus arquivistas vão estudar os textos hebraicos sobre nosso antagonista Daniel e seus compatriotas.

Marduk se curvou.

- Naturalmente, Vossa Majestade. Meus pesquisadores vão informá-lo de qualquer desvio no curso da estrela. Vamos acompanhá-la de modo meticuloso através dos impérios persa e babilônio, senhor.

Um dos grandes príncipes se levantou, um ser feroz e terrível.

- Eu, Belzoc, príncipe do reino da Pérsia, deixo a seu comando a Guarda Sombria do Oriente. Vamos vasculhar a Pérsia em busca desse Rei recém-nascido. Vamos buscá-Lo em cada palácio, alcázar ou castelo. Vamos procurar em todas as famílias aristocratas... e vamos destruí-Lo.

Outro grande príncipe se levantou.

- Eu, Merodach, príncipe do reino da Babilônia, deixo a seu comando as Legiões Sombrias da Babilônia.

- Eu, príncipe do reino da Grécia, deixo a seu comando o Batalhão Sombrio Grego.

Os grandes príncipes da Assíria e de Tiro se levantaram e se curvaram como se fossem um só:

- Eu, príncipe da Assíria...

- Eu, príncipe de Tiro...

Os grandes príncipes da terra se levantaram, um a um, até todos os vinte e quatro presentes no salão estarem em pé. Um coro ecoou pela câmara em uníssono:

- Sua palavra é nossa ordem. Nós vamos encontrá-Lo.

Lúcifer se levantou e caminhou com seu cetro bem erguido. Os príncipes satânicos caíram de joelhos à sua passagem. Ele passou sua espada sobre milhares de membros do Conselho Sombrio e de feiticeiros, cada um deles ansioso para executar suas ordens.

- Então, vão! - ordenou Lúcifer. - Procurem o Rei recém-nascido. E, quando O encontrarem, destruam-No! Não voltem de mãos vazias!

CAPÍTULO 40

REUNIÃO

Miguel e Gabriel aguardavam na superfície líquida de Júpiter, duas figuras ofuscantes, estonteantes e de prontidão.

Gabriel virou-se para Miguel, os olhos cinzentos, normalmente gentis, revelando gravidade.

- Dois milênios, Miguel. Demorou?

- Coragem, meu querido irmão - falou Miguel, o cenho franzido, as nobres feições revelando intensidade. - O pecado assola seus defensores. Ele estará bastante mudado.

- Talvez ele não venha.

Miguel pareceu pensativo.

- Sinto seu cheiro ao vento. Fragrância de pinho e olíbano. Estranho como isso não mudou. - Suspirou. - Ele se aproxima.

Gabriel estremeceu.

- De repente, parece que estamos no gelo, meu irmão.

Miguel apertou a capa de veludo azul-escuro em torno dos ombros, o queixo resoluto.

- O vento norte anuncia sua aparição. Os elementos decaídos são seus ministros da destruição. Ele está aqui.

A distância, no lado sombrio do planeta líquido, uma figura sinistra e encapuzada se materializou e se aproximou com rapidez. A forma encapuzada assentiu em sinal de reconhecimento.

- Saúdo Vossa Excelência, o estimado príncipe regente Miguel.

Miguel curvou a cabeça.

- Saúdo Sua Alteza Real, príncipe Lúcifer do universo terrestre e do mundo inferior.

Fez-se um longo silêncio enquanto os dois se observaram mutuamente. Lúcifer se aproximou. Levantou a mão enrugada com um grande anel de rubi engastado em ouro no dedo anular, e apontou para Gabriel.

- Gabriel.

Sua voz estremeceu. Jogou o capuz para trás, revelando as feições disformes.

Gabriel o fitou horrorizado e depois caminhou para ele, visivelmente abalado. Miguel lhe tocou o braço.

- Miguel, quer impedir nosso irmão de me abraçar? Lúcifer riu com amargura. - Quanta insensibilidade.

Miguel fitou-o com severidade.

- O que você quer conosco, Lúcifer?

O príncipe decaído sacou a adaga e a passou sobre a coxa, sorrindo docemente.

- Ora, ora, querido Miguel. Vejo que as eras nada contribuíram para que você cultivasse sua paciência.

Ele agarrou o ombro de Gabriel e pressionou o rosto contra sua orelha apaixonadamente. Gabriel recuou. Seu olhar se deteve sobre a boca fina e cruel, sobre os esparsos chumaços de cabelos. Observou em silêncio os olhos cor de safira desprovidos de alma.

- Minha aparência o ofende? - Lúcifer sorriu friamente, apertando o peito de Gabriel contra o seu com grande força. Pele contra pele.

Miguel pôs a mão sobre a espada. Lúcifer riu alegremente.

- Dez milênios longe de Sua presença, o próprio elixir da vida, afeta o corpo... - Gabriel sentiu o corpo de Lúcifer estremecer, tal como ocorria em seus piores acessos de fúria - ... e a alma.

As garras quebradas e amareladas que eram suas unhas insinuaram-se pelos cachos dourados de Gabriel, agarrando o pescoço vigoroso.

- Gabriel, você vai falar ao Pai sobre a nossa visita?

- Claro, Lúcifer.

O irmão mais velho não o libertou do toque cruel.

- Além disso, diga-Lhe que eu TAMBÉM ouvi falar desse Messias que chegou.

Gabriel se sentiu incomodado e recuou. Um sorriso fugaz passou pelos lábios de Lúcifer.

- Serei forçado a destruir a nova estratégia Dele, Miguel. - Fez uma referência irônica, tal como fazia quando eram jovens. - Vou bloquear a ação de nosso Pai. Mas vou fazê-lo porque eu O amo. - Um entusiasmo insano iluminou as feições distorcidas. - Não posso tolerar vê-Lo Se humilhando em nome de um bando de criaturas choronas e de nariz escorrendo que rejeitam continuamente Sua própria existência. Ele verá que eu tinha razão.

Miguel postou-se diante de Gabriel e encarou Lúcifer com firmeza.

- Quer aplicar uma pena à humanidade antes do momento do julgamento? Não pode fazer isso. Ou será que algum remorso oculto nos resquícios de sua alma ainda o conduz a tudo que existia, a tudo que era como antes?

Lúcifer olhou fixamente para Miguel com seu intenso olhar cor de safira.

- Sim, é verdade que, quando contemplo os semblantes de meus irmãos... - a voz se tornou suave; por um breve instante, seus olhos

exibiram um vestígio de sua grande beleza anterior - ... sinto falta de nossa fraternidade, da amizade, da camaradagem. - Ficou em silêncio por um bom tempo e depois sorriu malignamente. - Mas, deixando de lado a nostalgia, vim conferir o progresso de Seu Messias, do qual, percebo, nada sabiam.

Envolveu-se em seu manto encapuzado e depois se virou, um brilho alucinado no olhar.

- Digam ao Pai que Ele terá de ajustar contas comigo mais cedo do que Ele previa. Ele me inquieta. Tornou-se muito reticente. Transmitam a nosso Pai que estou preocupado com Seu bem-estar. Ele está assoberbado. Mantém muitas coisas em Seu peito. Será que os príncipes-chefes não dão a Ele a adoração e a atenção das eras passadas, quando eu era Seu principal assistente? - Um sorriso sinistro percorreu-lhe os lábios. - Ou será que há mais discórdias fermentando na corte celestial?

- As palavras soaram suaves, mas carregadas de sarcasmo.

- Chega dessa sua sedição, Lúcifer! - exclamou Miguel. - Você sabe muito bem que aquilo que cria raízes com muita facilidade na mente estéril dos homens decaídos não encontra acolhida aqui. Você inflige seu tormento naquela massa de terra que tanto despreza, mas até nela há nossos defensores, que o rejeitam e percebem seus esquemas maldosos.

- Ah, sim, vai chegar a hora em que vou mirar esses "defensores".

- Um sorriso frio e malévolo se desenhou nos lábios de Lúcifer. - Por enquanto... esse Messias será suficiente.

Então ele partiu, sem deixar nada de si para trás, exceto a suave fragrância de olíbano pairando no gélido vento norte.

EPÍLOGO

PETRA - 2017

Nick virou a última página dos textos angelicais. Pela centésima vez naquela manhã, fotografou os estranhos hieróglifos angelicais. Desenroscou o filtro de realce da lente de cristal de quartzo da câmera e recolocou cuidadosamente o códice encadernado em ouro no compartimento superior da caixa adornada.

- Waseem! - O tom era ríspido. Urgente. Tirou a câmera do suporte e a jogou nas mãos do garoto árabe. - Leve isto a Mansoor, no museu do palácio.

Waseem assentiu com veemência.

- Mansoor... o curador... - Nick explicou com cuidado.

- Sim, Malik.

- Vá de moto - sugeriu Nick.

Waseem saiu, as finas pernas cor de oliva levantando nuvens de poeira enquanto corria sob o cáustico sol da manhã.

Nick saiu em seguida, mancando para fora do Temenos Inferior, cansado e com a barba por fazer, mas excitado. Protegeu os olhos do cegante sol jordaniano, procurando observar Waseem, que agora exibia a câmera com orgulho para um garoto árabe menor do que ele.

- Yallah! Yallah! - gritou Nick, gesticulando freneticamente.

Waseem sorriu, um sorriso largo e de dentes claros. Pulou sobre uma motocicleta vermelha empoeirada e pôs com cautela a câmera no sidecar. Apertou o acelerador, acenando vigorosamente para Nick, depois rugiu pela estrada de areia rumo à rodovia do deserto, seguindo as placas com a indicação de Amã.

Nick procurou o celular e apertou o botão de discagem.

- Mansoor, é Nick. Waseem está a caminho com minha câmera. Revele as fotos assim que ele chegar. - Cobriu os olhos com a mão, vendo a trilha de areia deixada pela moto vermelha desaparecer sobre o terreno montanhoso do deserto de Wadi Araba. - Aumente o tempo de exposição. Preciso de um negativo preto e branco com mais contraste.

Zahid se aproximou correndo de Nick, segurando uma garrafa de água fresca. Nick tomou-a com a mão livre e verteu o líquido gelado pela garganta. Segurou o telefone entre a orelha e o pescoço, esfregando o resto da água no rosto coberto de areia.

- É maior do que imaginávamos - falou. - Informe a princesa de que a Casa Real da Jordânia possui a maior descoberta da civilização moderna. - Nick contemplou as elevadas colinas de arenito avermelhado que cercavam Petra. - O mistério do universo revelado. - O rosto se iluminou com uma estranha satisfação. - As origens do mal.

AS CRÔNICAS DOS IRMÃOS CELESTIAIS 02 MESSIAS - O PRIMEIRO JULGAMENTO

1981

**MONTE SÃO MIGUEL, MARAZION
CORNUALHA, INGLATERRA**

A figura alta e imperial encontrava-se sobre uma elevação escarpada entre as altas encostas de granito do Monte São Miguel. A capa índigo

flutuava sob os violentos jatos da furiosa tempestade de inverno no Canal da Mancha.

- Pai Nosso... - murmurou Lúcifer, o tom de voz suave e educado mal se fazendo ouvir.

Um raio espocou, iluminando o alto monte piramidal, coroado pelo castelo medieval.

- ... Que estais no céu...

Os céus se abriram, e uma chuva forte começou a açoitar o solo.

Lúcifer respirou fundo, o rosto voltado para cima, banhando-se na tempestade torrencial, e ergueu as mãos em exultação para o céu enegrecido. Monstruosas asas negras de serafim ergueram-se atrás dele.

- Venha a nós o meu reino... - gritou, os olhos azuis como o aço ardendo de fervor.

Os cabelos ensopados grudavam-lhe no rosto, mascarando as feições imperiais e desfiguradas.

- Seja feita a vontade *Dele* - ecoou uma voz suave atrás dele.

Lúcifer sorriu. Um sorriso lento e satisfeito.

- Miguel... - murmurou, ainda de costas para o irmão -, você está atrasado.

Miguel estava do lado oposto do monte, a mão sobre a espada, em silêncio. Lúcifer afastou a cabeleira negra do rosto, analisando com insistência o irmão.

Miguel trajava os longos mantos de seda branca do uniforme cerimonial de seu batalhão. As safiras sobre o peitoral de prata reluziam, e os cabelos trigueiros estavam amarrados em duas tranças com platina. As belas feições esculpidas mostravam-se resolutas.

Sério, ponderou Lúcifer. Não, sério não... franco. Nobre e franco Miguel. *Nada mudou*, refletiu. Riu sarcasticamente.

- Você me chamou através das cortes reais. O que o traz aqui, meu irmão? - Miguel caminhava de um lado para o outro, impacientemente.

Lúcifer sorriu com seu velho e magnífico sorriso, saboreando a frustração de Miguel.

- Estava passando pela área - disse com descontração. Aproximou-se de Miguel, em meio às cristas das ondas furiosas, a passos largos e firmes. - Fiquei *curioso*, irmão. - Chegou mais perto, frente a frente. - Soube das lendas... da pedra branca na floresta - sussurrou.

Os olhos verde-claros de Miguel se fixaram no inescrutável olhar de safira de Lúcifer.

- Lendas sobre Miguel, o Arcanjo... - O irmão mais novo se arrepiou quando as palavras adocicadas e sedutoras de Lúcifer penetraram no

fundo de sua alma. - A essência dos contos de fadas - prosseguiu o irmão mais velho.

- Percorro muitas terras - tornou Miguel.

- Ah, mas você se revela para poucas pessoas. - Lúcifer começou a rodeá-lo lenta e indolentemente. - Viram uma aparição sua aqui, na Cornualha, no ano 495. - Fez um gesto na direção de um rochedo a distância. - Você se revelou para um pescador, um eremita solitário... um monge¹ - Os olhos de Lúcifer se estreitaram. - Quem era ele, Miguel? Um de nós? - sibilou. - Era angelical ou da raça dos homens? Jeová está compelido a antever cada um de meus movimentos?

- Está desperdiçando meu tempo, Lúcifer - Miguel falou com frieza.

- Você me convocou com o selo real, mas fala de trivialidades.

Lúcifer observou-o com ceticismo.

- Creio que se trata de algo mais que trivialidades, meu irmão. Não importa, vou saciar minha curiosidade noutra ocasião. - Lúcifer ergueu as mãos para o alto. - Vamos aos negócios, Miguel; os negócios de nosso Pai. E, como Ele, eu também quero falar do Messias. - Ele observou as margens irregulares do sudoeste da Cornualha. - E deste império em extinção, deste leão enfraquecido... desta Inglaterra. - Virou-se.

- Pois ela ainda contemplará um rei... neste ano, talvez no próximo...

- Riu ironicamente para Miguel, tal como fazia quando esgrimiam em eras passadas, em mundos que havia muito tinham desaparecido. - Talvez nesta noite, Miguel, nasça um Messias em Marazion.

- Fale abertamente, Lúcifer - retrucou Miguel, perdendo a paciência.

- Chega de parábolas.

- Ah, mas falo a verdade ou será apenas uma invenção? - alfinetou Lúcifer. - Diga a nosso Pai que eu também vou mandar um Messias.

- Nosso pai é onisciente - respondeu Miguel. - Ele conhece todas as suas conversas. Cada um de seus pensamentos é precedido e observado por Ele.

- Ah, sim, mas eu respeito o processo legal. Meus pensamentos devem ser registrados nas cortes reais e nos códigos do céu. É por isso que você está aqui: para que eu cumpra as exigências do sistema legal Dele.

Miguel indicou concordância.

- Será registrado, conforme solicitou.

- Minha força se esvai... - Lúcifer analisou o céu, estranhamente agitado. - O Nazareno está por perto...

Um temor pouco característico estampou-se em seu semblante desfigurado.

- Você veio sozinho? Miguel assentiu.
 - O tempo se esgota, meu irmão - o príncipe-chefe disse com suavidade, a tristeza estampada nas nobres feições.
- Lúcifer ergueu a cabeça, a respiração agora mais fácil.
- Ele oferece o arrependimento com uma mão, mas, com a outra, busca minha queda. - Os olhos de Lúcifer se encheram de aversão. - Nosso Pai é malicioso.
 - Como queira, Lúcifer. - Miguel o fitou com ira repentina. - Sua iniquidade cínica afeta seu julgamento.
 - Assim como sua desavergonhada ingenuidade afeta o seu - ironizou Lúcifer.

Os dois irmãos ficaram se olhando, severos, inabaláveis. Por fim, o mais velho se manifestou:

- Meu Messias vai surgir nestas ilhas - sussurrou. - Um rei da política e da indústria, cortejado por reis e rainhas; um orador mais eloquente do que Churchill ergue-se sobre estas margens. - Contemplou, acima das furiosas ondas escuras, uma estrela solitária que tremulava através das brumas. - Creio que lhe darei irmãos - declarou.
- Como nós, ele terá uma família. - Subitamente, seu humor mudou.
- Serão três, assim como você, Gabriel e eu somos três irmãos angelicais. - Esboçou um sorriso rápido para Miguel. - Três irmãos da raça dos homens. - Um fogo insano se acendeu em seu olhar. - E, como nós - curvou-se ironicamente para Miguel -, um deles será um insurreto, um renegado.

Miguel baixou a cabeça.

- Você vai perder, Lúcifer - murmurou -, tal como perdeu no Gólgota.
- Gólgota! - rosnou Lúcifer, o semblante convertendo-se na mesma hora em uma máscara de ódio.

Deu as costas para Miguel, contemplando a fúria do mar de inverno. Sua voz era áspera.

- Diga a Jether que, quando ele vir o cavaleiro branco no céu, meu Messias fará sua aparição na raça dos homens.
- E desapareceu.

Miguel se virou quando Gabriel saiu das brumas suspensas sobre a Cornualha, vindo pelas rochas em sua direção. Os cabelos claros caíam-lhe soltos sobre as vestes azuis. As feições imaculadas eram mais elegantes e suaves do que os traços definidos e marcantes de Miguel. Mas, naquela noite, seu semblante real estava duro.

- O Messias nascerá nesta noite em Marazion - anunciou Gabriel, preocupado. - É certo. - Ficou em pé sobre as rochas diante de Miguel, a Espada da Justiça pendente ao lado do corpo. - Os batalhões

angelicais decaídos de Lúcifer já estão cercando a área. Nossas legiões farão o mesmo.

Miguel baixou a cabeça.

- Ele vai perder em Megiddo - disse.

Gabriel assentiu.

- Sim, Miguel, ele vai perder, mas a que preço para a raça dos homens?

Juntos, os irmãos ficaram em silêncio, olhando além das escuras e rodopiantes névoas que se erguiam na costa oeste da Cornualha para uma estrela brilhante que se alçou no céu acima da pequena aldeia de Marazion.

2021

MOSTEIRO DOS ARCANJOS ALEXANDRIA, EGITO

Dois monges estavam no portal de São Miguel Arcanjo, o domo giratório do telescópio no observatório do Mosteiro dos Arcanjos. Suas feições ocultavam-se pelo capuz cinzento dos trajes monásticos coptas. Olhavam, pelo Telescópio Solar Coronado, diretamente para o sol egípcio, paralisados pela perturbadora aparição que flutuava acima da escaldante planície do deserto.

O monge mais velho observou, hipnotizado, o espectro se materializar numa forma sinistra e pálida sobre um magnífico cavalo branco. A forma segurava um arco.

- O Cavaleiro Branco do Apocalipse... - sussurrou o mais jovem, tocando a cruz no peito. - O Primeiro Selo foi quebrado.

- O Filho de Perdição aparece para governar; alguém da raça dos homens. - O monge mais velho ergueu os olhos do telescópio e observou o brilhante céu avermelhado da aurora egípcia. - Começou a Grande Tribulação.

Aquele amanhecer ainda está gravado na minha memória. A manhã em que o sinal do Cavaleiro Branco do Apocalipse surgiu no céu egípcio sobre a escaldante planície do deserto. O Filho de Perdição apareceu para governar na raça dos homens. Pois o rompimento do Primeiro Grande Selo certamente anunciou o começo das devastações do Fim dos Dias.

E, enquanto estava ao lado de Iether, observando a aparição fantasmagórica, minha mente recuou dois mil anos, até um amanhecer diferente. E a um sinal diferente, que certa vez brilhou forte e alto no céu

oriental. Um sinal que aterrorizou a alma de meu irmão Lúcifer, Rei dos Condenados. Pois os eventos arrepiantes das luas seguintes iriam mudar a eternidade no mundo da raça dos homens, tal como ainda a conhecíamos. E mergulharia os exércitos do Primeiro Céu e dos Decaídos numa batalha cósmica que reverberaria por cem eras.

Além de Megiddo.

Além do término do mundo da raça dos homens.

Culminando numa batalha final. Entre meus irmãos.

Miguel e Lúcifer.

Mil anos no futuro.

Na Garganta Branca do Inferno, nas margens orientais do Lago de Fogo.

Mas foi ali, eras antes, que nossa história começou...

Pois seria um ocaso diferente...